

CONTOS 8 FANTASTICOS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CONTOS 8 FANTASTICOS



CONTOS FANTÁSTICOS 08

SPLEENS– Charles Baudelaire



SPLEEN (LXXV)

Pluviôse⁽¹⁾, contra toda a cidade irritada,
De sua urna verte um frio tenebroso
Sobre os que moram sós no cemitério ao lado,
E entorna a morte no subúrbio nebuloso.

Meu gato em busca de onde estar aconchegado
Agita inquieto o corpo flácido e asqueroso;
A alma de um velho poeta erra pelo telhado,
Com lúgubre voz de um fantasma brumoso.

O bordão se lamenta, e a tibia acha de lenha
Acompanha em falsete a pêndula roufenha,
Enquanto num baralho, entre ácidos odores,
Herança de uma velha hidrópica e entrevada,
Um valete e uma dama, em sinistra jogada,
Vão lembrando entre si seus defuntos amores.

SPLEEN (LXXVI)

Eu tenho mais recordações do que há em mil anos.
Uma cômoda imensa atulhada de planos,
Versos, cartas de amor, romances, escrituras,
Com grossos cachos de cabelo entre as faturas,

Guarda menos segredos que o meu coração.
É uma pirâmide, um fantástico porão,
E jazigo não há que mais mortos possua.
- Eu sou um cemitério odiado pela lua,

Onde, como remorsos, vermes atrevidos
Andam sempre a irritar meus mortos mais queridos.
Sou como um camarim onde há rosas fanadas,
Em meio a um turbilhão de modas já passadas,

Onde os tristes pastéis de um Boucher^{2} desbotado
Ainda aspiram o odor de um frasco destampado.
Nada iguala o arrastar-se dos trôpegos dias,
Quando, sob o rigor das brancas invernias,

O tédio, taciturno exílio da vontade,
Assume as proporções da própria eternidade.
- Doravante hás de ser, ó pobre e humano escombros!
Um granito açoitado por ondas de assombro,

A dormir nos confins de um Saara brumoso;
Uma esfinge que o mundo ignora, descuidoso,
Esquecida no mapa, e cujo áspero humor
Canta apenas aos raios do sol a se pôr.

SPLEEN (LXXVII)

Sou como o rei sombrio de um país chuvoso,
Rico, mas incapaz, moço e no entanto idoso,
Que, desprezando do vassalo a cortesia,
Entre seus cães e os outros bichos se entedia.

Nada o pode alegrar, nem caça, nem falcão,
Nem seu povo a morrer defronte do balcão.
Do jogral favorito a estrofe irreverente
Não mais desfranze o cenho deste cruel doente.

Em tumba se transforma o seu florido leito,
E as aias, que acham todo príncipe perfeito,
Não sabem mais que traje erótico vestir
Para fazer este esqueleto enfim sorrir.

O sábio que ouro lhe fabrica desconhece
Como extirpar-lhe ao ser a parte que apodrece,
E nem nos tais banhos de sangue dos romanos,
De que se lembram na velhice os soberanos,

Pôde dar vida a esta carcaça, onde, em filetes,
Em vez de sangue flui a verde água do Letes^{3}.

SPLEEN (LXXVIII)

Quando o céu plúmbeo e baixo pesa como tampa
Sobre o espírito exposto aos tédios e aos açoites,
E, ungindo toda a curva do horizonte, estampa
Um dia mais escuro e triste do que as noites;

Quando a terra se torna em calabouço horrendo,
Onde a Esperança, qual morcego espavorido,
As asas tímidas nos muros vai batendo
E a cabeça roçando o teto apodrecido;

Os sinos dobram, de repente, furibundos
E lançam contra o céu um uivo horripilante,
Como os espíritos sem pátria e vagabundos
Que se põem a gemer com vez recalcitrante.

- Sem música ou tambor, desfila lentamente
Em minha alma uma esguia e fúnebre carreta;
Chora a Esperança, e a Angústia, atroz e prepotente,
Enterra-me no crânio uma bandeira preta.

AVATAR – Théophile Gautier



Ninguém podia compreender qual a doença que ia consumindo lentamente Otávio de Saville. Não se encontrava acamado, conduzia vida regular, nunca um lamento lhe saiu dos lábios; entretanto, definhava a olhos vistos. Examinado pelos médicos, que a solicitude dos parentes o obrigavam a consultar, não acusava nenhum sofrimento determinado, e a ciência não descobria sintoma algum grave. Mas a vida afastava-se dele, fugindo por umas dessas frestas invisíveis, de que, segundo Terêncio, o homem está repleto.

Às vezes, uma singular síncope o tornava branco e frio qual mármore. Durante um minuto ou dois, passava por morto, mas logo se reanimava, e Otávio parecia estar despertando de um pesadelo. Fizera uma estação de águas, viajara, mas nem mesmo sob o belo sol de Nápoles obtivera melhores resultados, pois, onde os "lazzaroni" seminus se bronzeavam, Otávio sentira-se gelar.

Voltara, portanto, ao seu apartamento da Rua São Lázaro, e retomara, aparentemente, seus velhos hábitos. Aquele apartamento de solteiro, mobiliado com elegância, com todo conforto, parecia sofrer a influência e o pensamento de quem ali habitava, pois também era triste, apesar do luxo que nele reinava. João, o velho servo de Otávio, qual uma sombra, na ponta dos pés, porque, impressionado pela melancolia do patrão, perdera sua habitual loquacidade. Estatuetas, troféus de caça, máscaras artísticas. armas, pendiam das paredes. Uma carta mal começada. livros abertos, permaneciam pelas mesas. Embora habitado. o apartamento parecia deserto. A vida estava ausente dali e os raros visitantes tinham a impressão de receber no rosto um sopro de ar gélido, do que sai das sepulturas quando se abrem.

Nessa lúgubre morada, onde jamais uma mulher jovem pusera pé, Otávio se encontrava mais à vontade do que em qualquer outra parte: o silêncio, o abandono, a tristeza, convinham-lhe. Fugia ao tumultuar das festas, cessara de lutar contra aquela misteriosa dor e deixara o tempo correr, entregando a Deus a solução do seu caso.

Todavia, antes de assim enlanguescer, Otávio tinha sido o que se chama um belo rapaz: espessos cabelos negros, crespos e brilhantes nas têmporas, olhos longos e aveludados, de azul profundo, encimados por sobrancelhas recurvas, davam a impressão de pertencerem a algum oriental; tez olivastrea, mãos finas e delicadas, pés pequenos e arqueados. Trajava-se bem, sabia explorar seus dotes naturais, e

recepções.

E por que esse moço, belo e rico, tendo tudo para ser feliz, ia definhando lentamente?

Porque os médicos não atinavam a causa de sua moléstia, porque a alma não fora ainda seccionada. nos laboratórios anatômicos de Paris.

Estava nesse ponto, quando resolveu procurar um médico famoso, recém-chegado das índias, gozando da fama de operar curas. miraculosas. Otávio, porém, parecia temer esse encontro com o doutor Baltasar Cherbonneau, que sua mãe, tão aflita, lhe recomendara.

Quando o médico chegou, o jovem estava estendido no divã, debaixo de um cobertor, tendo ao lado a mesinha repleta de vidros de remédios. Não fora pela sua palidez e a atonia profunda do olhar, seu aspecto seria de uma pessoa sadia.

Embora já indiferente a tudo, a presença do médico o chocou. Baltasar Cherbonneau dava a impressão de uma figura fugida de um conto fantástico de Hoffmann. Rosto bastante escuro, que terminava, ao alto, num crânio enorme, cuja calvície tornava ainda mais vasto, liso e brilhante como marfim. Os raros cabelos, grisalhos, estavam ajeitados em mechas, junto às orelhas e na nuca. Porém o que mais atraia a atenção eram seus olhos. Naquele rosto magro e ossudo, pele de pergaminho, onde a ciência havia impresso sua marca, eles resplandiam. como duas estrelas azuis, límpidos, frescos, cheios de mocidade. Seu traje era o mais clássico dos médicos: casaco comprido, calças negras, camisa branca, ande, no peitilho, reluzia um enorme diamante. Sua magreza era impressionante, dando-lhe um aspecto de um faquir, ossudo, comprido. Passava por dandy ou gentleman rider.

— Então, meu senhor? - disse o médico, após um silêncio, que lhe serviu para uma rápida inspeção - já vi que o senhor não é um caso de patologia vulgar, não tem nenhuma dessas moléstias que os médicos curam ou pioram e, depois de examiná-lo, fique certo de que não lhe darei nenhum papel rabiscado, desses que os farmacêuticos tanto gostam de aviar.

Otávio sorriu debilmente, mas o médico prosseguiu:

— Dê-me a mão.

Quando Cherbonneau tomou nas suas mãos ossudas, que pareciam garras, a mão delicada e úmida do moço, este sentiu uma ansiosa emoção, pois lhe parecia que o outro lhe arrancasse a alma, com aquela pressão.

— Meu caro senhor, - sentenciou o médico, abando, dando a mão do

jovem - suas condições são muito mais graves do que está pensando, e a ciência, ao menos a europeia, nada pode fazer. O senhor não possui mais vontade de viver, sua alma se destaca lentamente do corpo. Caso raro e curioso: se eu não me opuser, o senhor acabará morrendo, sem qualquer lesão interna ou externa. Fez bem em chamar-me, porque o espírito está preso à matéria por um fio. Mas, saberemos dar-lhe um belo nó.

E o médico esfregou alegremente as mãos, com um grotesco sorriso.

— Senhor Cherbonneau, não sei se irá curar-me, nem tenho desejo que assim o faça, mas devo confessar que de relance a causa do misterioso estado em que me encontro. A vida para mim não passa de uma pantomima, que eu represento ainda para não afligir mais minha Pobre mãe, pois já me sinto fora da esfera humana.

— O senhor está com uma impossibilidade de viver. Que dor lhe dilacera o fígado? De que alta ambição tombou? É muito moço para essas coisas... Alguma mulher o enganou? *Love's labours lost*, que quer dizer, se me não engano, penas de amor perdidas...

— Precisamente... - e Otávio empalideceu ao ralar. - Mas não espere nada de romanesco, doutor, é uma aventura comum, tão vulgar, que até sinto acanhamento em confessar a um homem tão viajado e vivido... Pois bem, doutor, eu estou morrendo de amor...

“Encontrava-me em Florença, em 184... em fins do verão, a melhor estação para se ver Florença. Eu possuía tempo, dinheiro, boas cartas de recomendação, e era um rapaz bem humorado, que desejava divertir-se. Visitei todos os museus e pontos pitorescos da cidade, diverti-me a valer, passei um mês dos mais felizes de minha vida, mas minha ventura não podia durar. Um dia, uma rica e nobre carruagem passou por mim. Era uma caleça aberta, com criados de libré e brasão impresso aos lados. Nela estava uma dama trajada de verde, mas de um verde prateado, uma loura esplendorosa, dessas cuja beleza é até um insulto, tanto estava segura de si. Seu rosto tinha, como auréola, um chapeuzinho da mais fina palha florentina e a sua única joia era um bracelete de ouro, marchetado de turquesas.

Testa cândida e pura, cílios que lembravam miniaturas medievais, boca divinal, e seus olhos azuis tinham estranhas mutações. Tudo nela me encantou, fazendo-me esquecer os amores passados. Uma nova vida começou para mim, depois daquele fatal encontro.

Soube, mais tarde, que era a condessa Prascóvia Labinski, lituana de ilustre linhagem, riquíssima, cujo marido fazia dois anos que combatia no Cáucaso. Graças a minhas influências, consegui ser recebido por

ela, e, se sua maravilhosa beleza me encantara, mais ainda me seduziu seu espírito. Não lhe confessei meu amor, pois em sua presença eu ficava inibido até de pensar. Vinte vezes tomei essa resolução, porém, uma incrível timidez me impedia as palavras. Saía de sua casa, murmurando-lhe o nome, baixinho, e experimentava um singular prazer em pronunciar-lhe as sílabas repetidamente. E traçava aquele nome adorado em tudo quanto era papel que me surgisse à frente. Deixei de ler, de escrever, de ir a festas, não mais me importavam as cartas que recebia de França.

Contentava-me em amar, sem nada pedir, sem a menor sombra de esperança, pois a virtude da condessa era inatacável.

Um dia, porém, não mais podendo conter o desejo de rever a minha visita habitual.

Encontrei-a a sós, reclinada no canapé. Nunca me pareceu tão linda como naquele langoroso abandono.

Acenou-me uma poltrona a seu lado. Sentei-me, e reinou entre nós, por alguns momentos, um desses silêncios que se tornam tão penosos em certas circunstâncias. Meu cérebro estava em chamas, ondas de fogo me subiam do coração à boca e meu amor me gritava: "Não perca esta suprema ocasião!" Não sei que teria dito, quando a condessa, talvez adivinhando a causa de minha perturbação, estendeu para mim sua linda mão, como para fechar-me a boca, e disse:

— Não diga uma palavra, Otávio. O senhor me ama, sinto-o, mas não o culpo, porque o amor é involuntário. Outras mulheres, mais severas, poderiam ofender-se, mas eu o lamento, porque não posso corresponder-lhe, e dói-me vê-lo sofrer. A maldição, o capricho que me fez vir para cá. Pensei, a princípio, que minha indiferença poderia fazê-lo desistir, mas o verdadeiro amor não recua nunca. Eu devo, porém, proteger meu nome e do meu marido, o conde Labinski, a quem adoro, e que é louco por mim.

Uma torrente de lágrimas brotou-me dos olhos, ante essa declaração, tão franca, nobre e leal. Prascóvia, comovida, passou o lenço pelos meus olhos.

— Não chore, está proibido de chorar. Faça de conta que morri, viaje, pratique o bem, viva, console-se na arte, em outro amor... Pode continuar a visitar-me, que será sempre bem recebido, mas creio que será melhor afastar-se de mim, a distância deve ser o remédio mais adequado. Penso que, daqui a dois anos... poderemos encontrar-nos sem perigo.

No dia seguinte, deixei Florença, mas nem as viagens nem o estudo e tampouco o tempo tiveram a força de diminuir-me os sofrimentos, e

sinto-me morrer. Não me impeça, doutor!

— Nunca mais viu a condessa? - perguntou o médico, cujos olhos brilhavam singularmente.

— Não, mas ela se encontra aqui, em Paris...

E, ao responder, apresentou um cartão de visita, onde se lia: "*A condessa Prascóvia Labinski recebe às quintas-feiras*".

Dois anos haviam transcorrido desde que a condessa Labinski sustara nos lábios de Otávio a declaração de amor que ela não devia ouvir. O rapaz, caído do alto de seu sonho de amor, afastara-se, levando consigo a devoradora mágoa, e nunca mais dera notícias de si a Prascóvia. Mais de uma vez, porém, a condessa pensara, com tristeza, em seu pobre admirador. Tê-la-ia esquecido? Sua alma bem formada sofria em pensar que alguém era infeliz por sua causa.

Prascóvia e Olaf amavam-se desde a infância e, ao voltar ele da guerra, o amor entre ambos aumentara. Nada poderia perturbar sua felicidade. O conde era esbelto, elegante, e, sob uma aparência delicada, ocultava músculos de aço. Sua presença, em grande uniforme, nas festas, provocava a inveja dos homens e a admiração das mulheres. Era realmente um rival contra quem nada poderia fazer Otávio de Saville. Desde sua chegada a Paris, a condessa enviara aquele cartão e, ao ver que ele não aparecia, dizia entre si, com mal contido prazer: "Ele ainda me ama!" Apesar disso, era uma mulher angelicamente pura e casta como a neve dos mais excelsos cumes do Himalaia.

— Sua história prova-me que qualquer esperança de sua parte seria quimérica, pois a condessa jamais correspondera ao seu amor, - sentenciou o médico. - Mas existem poderes ocultos que a ciência moderna desconhece, e dos quais se conserva a tradição nesses estranhos países chamados bárbaros por uma ignorante civilização. Aqueles sábios, que possuem visões estranhas e que seguem de êxtase em êxtase as ondulações que deixam as eras desaparecidas sobre o oceano da eternidade, percorrem o infinito em todas as direções, assistem à criação dos universos, à gênese dos deuses e às suas metamorfoses. São tidos por loucos, mas são quase deuses!

Otávio ouvia, perplexo. Que conexão poderia haver entre os sábios hindus e sua paixão pela condessa? O doutor lia-lhe o pensamento, e prosseguiu:

— Paciência, meu caro senhor. Vai ver que não me entrego a digressões inúteis. Farto de interrogar cadáveres, que não me respondiam, nas frias pedras do necrotério, concebi um projeto, tão

ousado quanto o de Prometeu, que escalou o céu para roubar o fogo: o pensamento de chegar até à alma, surpreendê-la, analisa-la e seccioná-la. Abandonei a ciência materialista, cuja vacuidade eu sentira. Tentei o hipnotismo, catalepsia, sonambulismo, tudo foi por mim observado. Estudei os arcanos gregos, hebraicos, egípcios, mas meu sonho científico não estava concretizado. A alma me fugia sempre: entre mim e ela, permanecia um véu tênue de carne, que eu era incapaz de remover. parti para a índia, buscando encontrar a chave do enigma. Aprendi o sânscrito, conversei com os brâmanes, decifrei as esculturas simbólicas e os emblemas dos deuses híbridos e exuberantes como a própria natureza da índia. Meditei sobre o círculo de Brama, de Visnu, a cobra de Siva, e todas essas figuras monstruosas me diziam, em sua linguagem de pedra: "Não somos mais que formas, o espírito agita a matéria". E, após tantos anos de pesquisas, encontrei, junto a um velho e santo sacerdote, Brama-Logum, o que eu tanto procurava: conseguir destacar a alma do corpo! Visnu, o deus das dez encarnações, revelara-lhe a palavra misteriosa, que lhe guiara as várias formas, em seus, Avatares. E agora, meu caro senhor, se assim me aprouvesse, após fazer os gestos rituais, eu pronunciasse aquela palavra, a alma iria habitar o corpo do homem ou do animal que eu lhe designasse. Só eu possuo, no mundo, este segredo!

— Que está dizendo, doutor? - exclamou Otávio, assustado.

— Quero dizer que a condessa Prascóvia seria demasiado sábia se conseguisse reconhecer a alma de Otávio de Saville rio corpo de Olaf Labinski...

O doutor Baltasar Cherbonneau estava em seu misterioso e exótico consultório, sempre imerso em suas lucubrações - Nos cantos, viam-se os mais fantásticos ídolos de todas as religiões, e obras de pintores famosos, representando os nove AvaWes cumpridos por Visnu, em peixe, tartaruga, porco, leão de cabeça humana, anão brâmane, rã, herói combatendo gigantes, menino prodígio, em que certos sonhadores veem um Cristo hindu, e, no meio da Via-Láctea, esperando sua última encarnação em cavalo branco alado, cujos coices irão provocar o fim do universo.

O conde Olaf Labinski ouvira falar nos milagres operados pelo médico, e sua curiosidade semi incrédula despertara. As raças eslavas possuem uma tendência inata para o sobrenatural. Quando ele penetrou no gabinete, sentiu sufocar-se de calor, todo o sangue lhe afluiu às têmporas, os ouvidos zumbiram, mas bastou o médico traçar umas fórmulas mágicas no espaço e a temperatura se tornou agradável.

— Está melhor, agora, senhor conde? Seus pulmões, habituados às brisas do Báltico, devem sofrer, neste ambiente calidíssimo, mas no

qual eu tremo de frio. Certamente, o senhor já ouviu falar em meus jogos de prestidigitação e deseja pôr à prova minha habilidade...

— Não, senhor, minha curiosidade não é assim tão frívola; respeito a ciência.

— Não sou um cientista, no sentido que aqui dão a essa palavra. Apenas, estudei as potências ocultas, espireito a alma. O espírito é tudo, a matéria não existe, o universo talvez não passe de um sonho de Deus. O senhor já deve ter ouvido falar no espelho mágico, onde Mefistófeles fez o doutor Fausto ver a imagem de Helena. Queira curvar-se sobre essa inocente taça de água, e pense intensamente na pessoa que deseja ver. Viva ou morta, próxima ou distante, ela atenderá ao seu apelo, do outro lado do mundo ou da profundidade da História!

O conde inclinou-se sobre a taça, e logo viu a água turvar-se e um círculo, irisado por todas as cores do prisma, se espalhou pelas orlas do vaso, emoldurando o quadro que se esboçava sob a nuvem alvacentas. Logo a névoa se dissipou. Uma jovem senhora, de olhos verde-mar e cabelos de ouro, sentada ao piano, que, em trajes de casa, passava suas mãos distraídas por sobre o teclado, desenha-se na água, que se tornara transparente; era Prascóvia Labinski, que, ignara de tudo, atendia à apaixonada invocação do marido.

— E, agora, passemos para algo mais curioso - disse o médico, apanhando a mão do conde e pousando-a numa das varetas de aço que estavam sobre a mesa.

Mal tocou o metal carregado de fulgurante magnetismo, caiu como se fora atingido por um raio. Baltasar Cherbouneau recebeu-o nos braços, levantou-o qual uma pluma e colocou-o num divã. Em seguida, chamou o criado e disse:

— Mande entrar o Senhor Otávio de Saville.

Quando Otávio - viu o conde Olaf Labinski estendido, imóvel, pensou logo num assassinio, e emudeceu de horror, mas, após um exame mais atento, percebeu que o homem apenas estava adormecido.

Otávio, perturbado pela estranheza das coisas, nada respondia; continuava a fitar Olaf, que jazia com sua nobre figura, qual uma efígie desses cavaleiros que se vêem nas sepulturas góticas. Sentia um vago remorso só em pensar que em breve iria furtar-lhe o corpo. O médico, ao vê-lo assim pensativo, sorriu com desdém, e preveniu-o:

— Se não estiver firme em sua convicção, posso reanimar o conde, mas, pense bem, ocasião como esta talvez nunca mais se apresente. Todavia, por muito que seu amor me comova e por mais vivo que seja

meu desejo de realizar uma experiência nunca tentada na Europa, não devo ocultar-lhe que essa permuta de almas tem seus perigos. Interrogue bem seu coração. Está disposto a arriscar francamente sua vida nesta suprema cartada?

— Estou pronto - foi a simples resposta.

— Está bem, rapaz - exclamou o médico, esfregando as mãos mornas e secas, com grande rapidez, à maneira dos selvagens quando acendem o fogo. - Essa paixão, que nada faz recuar, agrada-me. Ali, meu velho Brama-Logum. Você vai ver, do fundo dos céus da Índia, que não me ensinou em vão a palavra mágica! Sente-se nessa poltrona, à minha frente, e confie em mim. Olhos nos olhos, mãos nas mãos... O encantamento já está agindo... as noções do tempo e do espaço desaparecem, a consciência do eu se evola, as pálpebras se fecham, os músculos não recebem mais ordens do cérebro, relaxam-se; o pensamento se embota, todos os delicados fios que prendem a alma se soltam. Brama, em seu ovo de ouro, onde sonhou durante dez mil anos, não estava mais separado das coisas exteriores. Saturemo-lo de eflúvios, inundemo-lo de raios... - e o médico, ao murmurar essas frases, não parava de traçar círculos mágicos, de seus dedos brotavam faíscas luminosas, que iam atingir - testa e o coração do paciente, em redor do qual se formava, aos poucos, uma áurea visível e fosforescente.

Isto feito, envergou com solenidade um roupão de linho, lavou as mãos em água perfumada, apanhou de diferentes caixas certos pós, com que traço, nas faces e na testa do moço, sinais hieráticos, cingiu nos braços o cordão brâmane, leu alguns poemas sagrados, abriu totalmente as bocas dos aquecedores e logo a atmosfera se tornou tórrida, insuportável.

— É necessário que estas duas centelhas de fogo divino, que agora irão encontrar-se nuas e despojadas de seu invólucro mortal por alguns segundos, não venham a empalidecer-se e apagar-se em nossa atmosfera glacial - murmurou o médico, olhando para o termômetro, que marcava 1209 Fahrenheit.

Entre aqueles dois corpos mortos, Cherbonneau, em suas brancas vestes, parecia o sacerdote daquelas religiões sanguinárias, que atiravam corpos humanos nas fogueiras de seus deuses. Aproximou-se do conde Olaf, que jazia imóvel, e pronunciou a inefável sílaba, que depois repetiu sobre Otávio, imerso em sono profundo. Ninguém reconheceria naquela figura hoffmaniana, que exercitava aquele sinistro ritual, o médico de pouco antes.

Aconteceram, então, coisas estranhas. Otávio de Saville e Olaf Labinski foram tomados, simultaneamente, uma convulsão quase

agônica: seus rostos se decompuseram, leve espuma subiu-lhes aos lábios, a tez se lhes cobriu de mortal palidez, ao passo que duas chamazinhas azuis e tênues cintilavam, trêmulas, sobre suas cabeças. A um gesto fulmíneo do médico, que traçava o caminho que elas deviam seguir, no ar, as duas faúlhas fosforescentes moveram-se, deixando atrás de si um sulco luminoso, indo para suas novas moradas; a alma de Otávio ocupou o corpo do conde e, a deste, o corpo de Olaf. O avatar fora cumprido!

Um leve rubor indicava que a vida já reentrara naquelas figuras de argila, tornadas exânicas por alguns segundos e das quais o Anjo Negro não tardaria a apossar-se, sem o poder do médico, cujas pupilas flamejavam de triunfo.

— Médicos e cientistas de todas as eras, um humilde faquir sabe mil vezes mais que vocês! Que importa o cadáver, quando se governa o espírito? Agora, despertemo-los.

E, após um singular bailado, sacudindo os dedos a todo instante, o estranho personagem fez Otávio Labinski (assim chamaremos, doravante, o jovem francês) despertar e sentar-se. Otávio passou as mãos pelos olhos e olhou em redor de si, atonitamente, pois sua consciência ainda estava adormecida. Quando recobrou a lucidez, a primeira coisa que viu foi seu próprio corpo sobre um divã. Lançou um grito, e aquela voz, que não era mais a sua, aterrorizou-o.

— Então, que lhe parece sua nova residência? - interrogou Cherbonneau, depois de gozar bastante com o espanto do moço. - Não deseja mais morrer? Agora, as portas do palácio Labinski estão abertas para o senhor.

— Doutor... o senhor possui o poder de um Deus. Ou de um demônio...

— Oh, não tenha medo, não lhe farei assinar nenhum pacto infernal! Nada mais simples, o que aqui ocorreu. O Verbo, que criou a luz, pode mudar uma alma de lugar.

— Como pagar este inestimável serviço, doutor?

— Nada me deve. Seu caso me interessava. Revelou-me o verdadeiro amor. Ande, levante-se, caminhe, veja SC seu invólucro não o embarça!

Otávio Labinski obedeceu, deu alguns passos. Embora a alma fosse outra, o corpo do conde conservava o impulso de seus hábitos antigos e o hóspede recente entregou-se àquelas recordações físicas, gostando de tomar o porte, o andar, os gestos do proprietário expulso.

— Se não tivesse eu mesmo efetuado essa troca de almas, não acreditaria - comentou o médico, cheio de orgulho. - Mas, é quase meia-noite, vá para junto de Prascóvia Labinski, antes que ela o censure pela demora. Não comece sua vida conjugal com discussões, seria de mau augúrio.

Otávio Labinski reconheceu a justeza das ponderações e retirou-se logo. Aos pés da escadaria de entrada, estava uma riquíssima carruagem. Otávio entrou e deu ordem ao cocheiro para seguir rumo ao palácio.

Aquela imponente mansão impressionou-o, a princípio, pois mil pensamentos lhe turbilhonavam na mente. E não era para menos, pois ignorava os labirintos internos e os hábitos do conde. Ao chegar ao salão, puxou o cordão de uma campainha; surgiu uma camareira, que lhe disse:

— A Senhora está à sua espera.

Olaf de Saville (assim ficará sendo chamado, agora) saiu qual um fantasma dos limbos do profundo sono, tendo a impressão de haver sofrido um doloroso pesadelo. Os espetáculos estranhos a que assistira, antes de adormecer, aquele recinto abafado, repleto de figuras estranhas e tétricas, tudo o assustava. A sua frente, porém, se encontrava Baltasar Cherbonneau, sorrindo, bonachão.

— Está satisfeito, o senhor conde, com minhas experiências? Agora, acreditará que o magnetismo não é um jogo de prestidigitação, como dizem os cientistas!

Olaf de Saville acenou afirmativamente e apressou-se em sair. Estranhou, na verdade, a voz do cocheiro, que não tinha sotaque húngaro. Seu espírito ainda se debatia nas estranhas cenas a que presenciara e caiu numa espécie de modorra, despertando somente quando o carro parou. Isso o trouxe novamente a si. Baixou o vidro, olhou para fora e viu uma rua desconhecida, uma casa que não era a sua.

- Onde me trouxe? Este não é o palácio Labinski!

Perdão, senhor, - murmurou o cocheiro - não entendi bem.

— Imbecil, você deve estar bêbado ou louco! - berrou Olaf de Saville, empurrando o homem.

— Bêbado ou louco deve estar o senhor - retrucou o cocheiro.

— Cale-se, animal, bandido! Saia daqui, antes que suje minhas mãos no sangue ignóbil de um lacaios! É trata seu amo, o Senhor de Labinski?

Aos primeiros gritos, acorrera a criadagem, e um dos fâmulos adiantou-se e disse:

— Já que o senhor pretende ser o Conde Labinski, olhe para cima e veja-o descer as escadas.

Um suor frio banhou as têmporas de Olaf de Saville. Jovem elegante, de rosto oval, olhos negros, nariz e os bigodes louros, o qual não era outro senão um espectro modelado pelo diabo, dirigiu-se a ele numa atitude fria e altiva.

— Senhor, pare de insultar os criados. Se deseja falar o conde Labinski ele o receberá do meio-dia às duas. A condessa recebe, às quintas-feiras, as pessoas que tiveram a honra de ser-lhe apresentadas.

Dito isto o falso conde retirou-se tranquilamente, ao - que Olaf de Saville era levado para dentro da casa, desmaiado.

Quando recuperou os sentidos, jazia numa cama que não era a dele, num quarto desconhecido, e junto a si estava Um criado estranho, que lhe segurava a cabeça e dava-lhe - Para cheirar.

— O senhor está melhor? - perguntou julgando estar falando com Otávio.

— Sim, mas deixe-me só.

O criado acendeu a luz dos candelabros e saiu. Olaf de Saville foi até o espelho, onde viu a imagem de alguém de cabelos negros e bastos, olhos de um azul escuro, suave.

Pálido, melancólico, ornado por uma barbicha, que olhava para ele com ar espantado. A princípio, pensou que fosse brincadeira de algum amigo. Passou a mão por trás de si mas nada encontrou. Notou que suas mãos eram mais compridas e que, no anular direito, havia um anel com um brasão baronal. Nunca tinha visto aquela joia. Pôs a mão no bolso e encontrou alguns cartões de visita, com este nome: Otávio de Saville. Uma completa transformação se operara nele, sem que o soubesse. Algum mago, ou demônio, roubara-lhe a personalidade, deixando-lhe somente a alma. E o pior é que não poderia fazer valer seus direitos de conde Labinski, pois passaria por louco ou impostor, sua própria esposa o repeliria. Uma ideia atroz picou-lhe o coração!

— Mas esse conde fictício, a estas horas, em forma de vampiro, habita meu palácio, está pondo seu pé de cabra no recinto sagrado de Prascóvia, e esta lhe sorri e se entrega a ele.

O sangue subia-lhe à cabeça, qual fogo ardente; gritava, mordida os punhos, vagava pelo quarto como fera enjaulada. Estava prestes a enlouquecer. Afinal, adquiriu a calma e mergulhou a cabeça n'água,

dizendo a si mesmo que aquilo talvez não passasse de uma brincadeira de mau gosto daquele feiticeiro negro. Atirou-se à cama e mergulhou num sono pesado, opaco, semelhante à morte.

O conde abriu os olhos e lançou em torno de si um olhar indagador. Viu um quarto bem mobiliado, onde abundavam cortinas e bibelôs, mas que em nada se parecia com o do palácio em que vivera até então. João aproximou-se.

— O senhor vai levantar-se? - perguntou o servo, apresentando ao amo o traje que Otávio costumava usar pela manhã.

Embora lhe repugnasse vestir a roupa de um estranho, o conde vestiu-a e, a outra pergunta de João, respondeu que desejava o almoço à hora de sempre. Depois, abriu a correspondência, revistou as gavetas, e convenceu-se de que Otávio de Saville existia mesmo, que não era nenhum fantasma. Recebeu a visita do Senhor. Alfredo Humbert, que, após achá-lo algo abatido, convidou-o para uma ceia, à noite. A tristeza do conde ia aumentando gradativamente. João, o criado, tomara-o pelo patrão, os amigos de Otávio também, mas faltava a derradeira prova. A porta abriu-se, e entrou uma senhora de cabelos grisalhos, muito da com o retrato que se via numa das paredes da sala de estar.

— Como vai o meu querido filho? - perguntou ela, sentando-se no divã. - João disse-me que você ontem chegou muito tarde, num estado de debilidade que até assustava. Cuidado, meu filho, sabe quanto o amo, apesar do desgosto que me dá em não querer confiar-me suas penas.

— Não se impressione, mamãe, estou bem melhor, hoje.

A boa senhora, tranquilizada, levantou-se e saiu, pois sabia quanto seu filho amava ficar só.

— Eis-me, então definitivamente, Otávio de Saville! desabafou o conde, quando a Senhora de Saville se retirou. - Ninguém reconheceu minha alma neste invólucro. Mas saberei fugir desta túnica de Nesso! E porque não posso voltar ao meu palácio. Vamos ver o que há nesta carteira...

Ao abrir a carteira, encontrada no bolso, seu espanto argumentou. Como se encontrava ali o retrato de sua esposa? Aquela Prascôvia, tão religiosamente amada, teria descido de seu pedestal para entregar-se a outro? Sentia que a luz da - estava prestes a deixá-lo-ei, louco de dor e desespero. foi lendo algumas frases que constavam de várias M" que acompanhavam o retrato, de traços incertos, talvez desenhado de memória.

Jamais ela me amará... li a sentença de morte em meigo olhar... Que infeliz sou eu...

Não posso dormir só em pensar em Prascóvia... Se adormeço, ela me surge, em sonhos, mais bela que nunca... Ouço espectro invisíveis oficiando a missa fúnebre de meu coração morto. Ela no paraíso e eu no inferno... Oh, como é aquele estrangeiro. Que sublime vida anterior houve nele para Deus recompensá-lo desta forma?

Inútil seria ler mais. Estava claro que Prascóvia se conservara fiel. Otávio de Saville devia ter feito algum pacto com o demônio, para roubar-lhe o amor de Prascóvia dessa maneira. A lembrança do demo sugeriu-lhe uma visita ao doutor Baltasar Cherboneau.

O estranho médico estava, como sempre, sentado, de pernas cruzadas, sobre o tapete, segurando um pé, embebido em suas meditações, alheio às coisas deste mundo. Ao ouvir passos, levantou a cabeça.

— Oh, é o senhor, meu caro Otávio? Bom sinal quando o doente vem visitar o médico.

— Sabe muito bem que não sou Otávio, mas sim o conde Olaf Labinski, porque ontem, nesta mesma sala, o senhor roubou-me o corpo, mediante suas exóticas bruxarias! - retrucou o conde, cego de raiva.

O médico prorrompeu numa gargalhada convulsa, depois disse, secamente:

— Estou vendo que preciso mudar de tratamento, pois a sua melancolia está-se transformando em loucura.

— Não sei o que me contém que o não estrangule, médico do inferno!

Cherboneau, sorrindo, tocou-lhe o braço com uma varinha. Olaf de Saville recebeu tamanho choque que lhe pareceu ter partido o braço.

— Oh, nós temos meios de reduzir à impotência os doentes recalcitrantes - disse o médico, lançando no moço um olhar gelado como as duchas que domam os loucos. - Vá para casa e tome um banho para acalmar sua super-excitação.

O conde, atordoado pelo choque elétrico, foi procurar o doutor B., em Passy.

— Encontro-me presa de forte alucinação - disse-lhe. — Quando olho para o espelho, meu rosto me parece com traços diferentes... tenho a impressão de não ser mais eu Mesmo.

— Em que aspecto se vê? O engano pode ser dos olhos ou do cérebro.

— Vejo-me com cabelos negros, olhos azuis, rosto pálido e barba negra.

— É o que o senhor é na realidade.

— Então, que devo fazer? Não estou louco, tenho certeza. Sou o conde Olaf Labinski. mas, desde ontem, me chamam Otávio de Saville.

— É exatamente o que penso. O senhor é Saville e julga-se Labinski. Venha passar quinze dias em minha clínica. Os banhos, o repouso, o convívio com a natureza, dissiparão esses fluidos. .

O conde agradeceu e prometeu voltar. Não sabia mais que pensar de seu caso. Ao reentrar em seu quarto, viu casualmente o convite da condessa Labinski.

— Com este talismã, - murmurou - poderei vê-la amanhã.

Enquanto o conde vivia as torturas do inferno, Otávio de Labinski se encontrava no paraíso terrestre. Seguiu-se e penetrou no recesso de sua deusa. Junto à janela, num delicioso abandono, cabelos soltos pelos ombros, radiante de viço e beleza, esperava-o Prascóvia Labinski, numa visão de sonho! Naquela displicência, era ainda mais bela do que em Florença. Se Otávio não estivesse já louco de amor, teria ensandecido ali. A angústia saía-lhe à garganta, emudecendo-o. Mas reagiu e adiantavam-se, a passos resolutos.

— Ah, é você, Olaf? Veio muito tarde, esta noite! Exclamou ela, sem voltar-se, pois a camareira estava ajeitando-lhe as tranças.

— Otávio Labinski apanhou a mão suave como uma flor, que ela lhe estendia, e imprimiu-lhe um beijo ardente, onde todo o fervor de sua alma.

Não sabemos que instinto de divino pudor, que irracional intuição lhe brotou do coração, mas a mulher retirou logo a mão, entre pejada e indignada. Os lábios de Otávio haviam produzido a sensação de ferro em brasa. Entretanto, logo reagiu e sorriu de sua própria puerilidade.

— Você não me responde, caro Olaf. Sabe que já faz mais de seis horas que o não vejo? — disse — Nunca me abandonou tanto assim. Pensou em mim, ao menos?

— Sempre - respondeu o moço (e era verdade). Oh, não! Eu sei quando você pensa de mim. Esta noite, por exemplo, quando eu estava ao piano, percebi sua alma voejar perto de mim. Por isso, não minta, pois eu adivinho seus pensamentos.

Prascóvia, com certeza, referia-se ao instante em que Olaf lhe evocara a imagem, no laboratório do médico. Após a saída da camareira, Otávio Labinski ali permaneceu, seguindo os movimentos de

Prascóvia, com olhos acesos. Perturbada, abrasada por aquele olhar, ela envolveu-se em um peignoir, de onde se via somente sua encantadora cabeça, ainda desnorreada pela expressão que lia nos olhos do marido, que, ela lembrava, sempre tinham sido calmos, suaves, inocentes como os dos anjos. Agora, uma paixão terrestre incendiava aquelas pupilas. E mil hipóteses lhe atravessaram o pensamento. Seria ela, agora, para Olaf, nada mais que uma mulher vulgar, uma cortesã, desejada apenas pela sua beleza? A sublime harmonia de suas almas ter-se-ia rompido? A corrupção de Paris teria afetado aquele coração, que fora sempre tão casto? Um misterioso pavor a possuía, como se estivesse ante um perigoso desconhecido. Levantou-se, agitada, nervosa, e correu para seu quarto. Otávio Labinski seguiu-a e cingiu-lhe a cintura, tal como vira Otelo fazer com Desdêmona. Mas, quando chegaram à porta, Prascóvia virou-se, parou um instante, lançou no moço um olhar de terror, depois entrou e fechou violentamente, a chave.

— O olhar de Otávio! - murmurou, caindo, semi-desfalecida, numa poltrona.

Quando se reanimou, disse entre si: "Como pude ver aquele olhar nos olhos de meu marido? No entanto, eu o vi, havia neles aquela chama sombria e desesperada... Teria Otávio morrido? Seria um último adeus de sua alma, antes de deixar este mundo? Olaf, Olaf, perdoe-me se cedi loucamente a vãos temores! Mas, se o recebesse esta noite, estaria certa de entregar-me a outro. "

Deitou-se, mas a noite toda foi presa de pesadelos, de sentimentos de angústia, e somente ao amanhecer conseguiu adormecer. Sempre aqueles olhos ardentes a lançar-lhe jactos de fogo. O conde Olaf também lhe apareceu, mas era um sonho absurdo, o marido estava revestido de uma forma estranha.

Não tentaremos descrever a desilusão de Otávio ao dar com a cara na porta. Sua suprema esperança desmoronava-se! Recorrera às potências infernais, arriscando sua vida neste mundo e a própria salvação eterna no outro, para conquistar uma mulher, que, afinal, lhe fugia das mãos. Fora repellido como amante e agora o era, também, como marido. A soleira do quarto nupcial, ela lhe aparecera qual um anjo fulminando o espírito do mal.

Todavia, não podia permanecer a noite inteira ali, naquela ridícula condição. Procurou o quarto do conde e caiu no leito, esgotado de tantas emoções que sofrera durante o dia, amaldiçoando o doutor Baltasar Cherbonneau.

Acordou bem disposto. O criado ajudou-o a vestir-se. E foi a passos tranquilos que Otávio Labinski seguiu o camareiro, pois não sabia onde ficava a sala de refeições.

Admirou, de passagem, as armas e os quadros, as várias manifestações de luxo e esplendor que reinavam no suntuoso palácio. A mesa estava posta à moda russa. Flores, riquíssima baixela, e dois criados de libré, aos lados, imóveis quais estátuas.

Mal sentara, quando ouviu um passo leve deslizar pelo tapete. Um breve roçar de sedas fê-lo voltar a cabeça para trás. Era a condessa Labinski, que entrava. Após um sinal amistoso, ela sentou-se também. Vestia um penteador de tafetá quadriculado, em verde e branco, mas seus cabelos de ouro, enrolados em vistosas tranças, davam-lhe o aspecto nobre de uma escultura grega. Parecia um pouco pálida e uma auréola mal perceptível lhe circundava os lindos olhos, incutindo-lhe um ar lânguido e cansado. Sua beleza, porém, assim, era mais penetrante, tinha algo de humano, a deusa se tornava mulher. Otávio moderou o ardor de suas pupilas, disfarçou seu mudo êxtase com a máscara da indiferença.

A condessa, sacudindo levemente os ombros, como que desejando repelir um último calafrio de febre, fixou os belos olhos naquele homem que julgava seu marido, e, com voz harmoniosa e meiga, plena de carícias, disse-lhe uma frase em polonês. Em Florença, ela. Lhe falara sempre CM francês ou italiano. A ideia de aprender o idioma de Mckiewicz nunca lhe ocorrera. O pobre enamorado ficou

— Sim, - respondeu o verdadeiro Saville - está louco de amor! Positivamente, condessa Prascóvia, você é demasiado bela!

Duas horas depois dessa cena, o falso conde recebeu uma carta, com o sinete de Otávio de Saville. Continha poucas linhas, que denotavam grande nervosismo de parte de quem as escrevera:

— Lida por qualquer outra pessoa, esta carta poderia parecer vinda do manicômio, mas o senhor me compreende.

Circunstâncias jamais vistas no mundo obrigam-me a escrever a mim mesmo. De que tenebrosas maquinações eu tenha sido vítima, ignoro-o, mas o senhor deve saber. E este segredo, se o senhor não for um covarde, vai perguntar-lhe na ponta do cano de minha pistola. Um de nós dois deve morrer, amanhã. Este vasto mundo é pequeno para conter-nos a ambos. Eu matarei meu corpo, habitado pelo seu espírito impostor, ou o senhor matará o seu, onde minha alma se revolta por estar ali presa. Não tente fazer-me passar por louco, pois, onde eu o

encontrar, o insultarei. As minhas testemunhas irão entender-se consigo, quanto à hora, o local e as condições.

Tal desafio deixou Olaf de Saville perplexo. Repugnava-lhe bater-se contra si mesmo; ante ser insultado publicamente, resolveu aceitar o duelo. Mas, onde ir buscar suas testemunhas? Apanhou dois cartões de visita, ao acaso. Eram todos de nobres estrangeiros, o que atestava a vida nômade de Olaf, que tinha amigos em todos os países.

Apanhou dois, sem escolher. Eram do Marquês de Sepúlveda e do conde Zamoieczki.

Ambos aceitaram a missão.

De sua parte, o falso Otávio também esbarrava com dificuldades, mas, usando a mesma tática do rival, escolheu Alfredo Humbert e Gustavo Raimbaud, embora estes estranhassem tal atitude num homem que fazia um ano que vivia recluso.

Quando tudo ficou estabelecido, era quase meia-noite. Otávio bateu de leve à porta do quarto da esposa, que recusou recebê-lo, aconselhando-o a voltar depois de reaprender a língua - polonesa.

Na manhã seguinte, o doutor Cherbonneau - veio buscá-lo, em companhia das testemunhas. Subiram ambos num carro, enquanto o conde e o marques seguiam num cupê.

— Então, meu caro Otávio, a aventura virou tragédia? - disse o médico - Eu devia ter deixado o conde dormir uma semana, em meu divã. Mas, sempre nos esquecemos de algo... E agora, conte-me como a condessa Prascóvia recebeu seu apaixonado de Florença, em sua transfiguração.

— Creio que me reconheceu, apesar da metamorfose, ou seu anjo da guarda lhe murmurou algo ao ouvido. Encontrei-a casta e pura como a neve polar. Sinto-me ainda mais infeliz de quando a visitei pela primeira vez.

— Quem poderá assinalar os limites da alma? - murmurou o médico, pensativo - Ainda mais quando ela se conserva incontaminada pelo barro humano, tal qual saiu das mãos de Deus, na luz, na contemplação do amor. Sim, ela o reconheceu, seu instinto a protege. Tenho pena de si, pobre Otávio, pois seu mal é realmente sem cura. Se estivéssemos na Idade Média, eu lhe aconselharia o claustro.

— Já pensei nisso.

Tinham chegado. Aquela hora matutina, o bosque apresentava um aspecto pitoresco, mas a poesia da natureza, em toda a beleza do seu

despertar, pouco impressionou os dois adversários e suas testemunhas. A vista do doutor Cherbonneau causou desagradável impressão no conde Labinski, que soube, porém, dominar-se.

Mediram as espadas e designaram os lugares dos combatentes, que, em mangas de camisa, puseram-se em posição de guarda, ponta contra ponta.

— Vamos, senhores! - gritaram as testemunhas.

O duelo começou, mas suas condições eram sobremaneira estranhas para os adversários, que tinham à sua frente, cada qual, o próprio corpo. Surgiram vários ataques de parte a parte, bem contidos. O conde, graças à sua educação, era ótimo esgrimista, mas não contava com um braço firme para obedecer-lhe. Otávio, ao contrário, no corpo, do conde, sentia um vigor que jamais possuía.

Olaf lançava golpes ousados, porém Otávio, mais frio e mais calmo, inutilizava-lhe os esforços. A cólera começava a apoderar-se do conde, que desejava, a todo custo, matar aquele corpo impostor, mesmo ao preço de permanecer para sempre Otávio de Saville.

Sem meditar no perigo, tentou, num só golpe, atravessar o corpo e a alma do rival, mas este conseguiu desarmá-lo, atirando-lhe a espada distante.

A vida do marido de Prascóvia ficou à mercê de Otávio, que, longe de aproveitar-se da oportunidade, também lançou fora sua espada, e, fazendo um sinal às testemunhas, foi até o conde, que ficara atônito, e levou-o para dentro da mata.

— Por que não me matou? - indagou o conde lá sabe muito bem que o sol não deve projetar nossas duas sombras na arena e que a terra deverá tragar um de nós.

— Ouça-me com paciência - retrucou Otávio - Sua felicidade está em minhas mãos. Eu posso guardar para sempre este corpo, que lhe pertence. Se recommencarmos a luta, eu o matarei. O conde Olaf Labinski é mais forte do que Otávio de Saville, que o senhor encarna. Sentirei muito em matá-lo, só em pensar a dor que causaria a minha mãe. Além disso, já deve saber que, durante três anos, morri de amores pela condessa Labinski, sem esperança alguma.

— Sim, eu sei... - respondeu Olaf, mordendo os lábios de ódio.

— Pois bem, para chegar até ela, recorri ao doutor Cherbonneau, que realizou, por mim, uma obra prodigiosa, um milagre de estarrecer todos os taumaturgos do mundo. Após adormecer a ambos, trocou-nos as almas. Milagre inútil! Prascóvia não me ama. No corpo do esposo, reconheceu a alma do amante.

Otávio falava com tamanho poder de convicção, e de suas palavras transparecia tanta mágoa, que o conde ficou comovido e acreditou no que dizia.

— Sou um homem enamorado, mas nunca um ladrão - acrescentou o moço - já que aquilo que mais desejo na terra não pode pertencer-me, não sei por que continuar de posse do que é seu. Vamos, dê-me o braço, mostremo-nos reconciliados, agradeçamos às testemunhas, levemos conosco o médico e retornemos ao laboratório mágico de onde saímos transfigurados. O velho brâmane saberá bem desmanchar o que fez.

Sustentando ainda seu papel de conde Labinski, Otávio disse às testemunhas:

— Senhores, meu adversário e eu nos reconciliamos. Nada para esclarecer bem as ideias como cruzar espadas.

Durante o percurso do Boís de Boulogne para a casa do médico, Otávio perguntou a este:

— Caro doutor, vou pôr à prova mais uma vez sua ciência. Precisa reintegrar nossas almas em seus respectivos domicílios naturais. Não lhe será difícil, dado seu poder sobrenatural.

— A operação, desta vez, será mais fácil - concordou Cherbonneau. - Os imperceptíveis filamentos que ligam a alma ao corpo ainda não tiveram tempo de se reajustarem. O senhor conde saberá perdoar a um pobre cientista, que não resistiu ao desejo de realizar uma difícil experiência. Considerem esta metamorfose apenas como um sonho e talvez, mais tarde, vocês me agradecerão por haverem sentido a estranha sensação de terem sido alma de dois corpos. A metamorfose é uma ciência antiga, mas, antes de praticá-la, as almas devem beber da taça do esquecimento, pois nem todos podem, como Pitágoras, se recordarem de haver assistido à guerra de Tróia.

— O benefício de restituir-me a individualidade equivale ao dano de haver-me expropriado dela — respondeu gentilmente o conde — Não quero que o Senhor de Saville leve a mal estas palavras, porém.

Otávio sorriu, mas pensava em suas esperanças frustradas, na sua derrota, e sentia que os liames da vida se lhe haviam novamente partido. Não desejava infligir a sua boa mãe a desolação de seu suicídio e procurava um meio de morrer tacitamente. Alma obscuramente sublime, sabia somente amar ou morrer.

Ao chegarem, o médico conduziu ambos para o recinto onde fora efetuada a primeira transformação. Girou o disco da máquina elétrica, agitou as varetas, abriu as bocas do aquecedor, para aumentar a

temperatura, leu algumas linhas dos exóticos papiros e, dali a minutos, disse aos dois jovens:

— Senhores, estou pronto! Podemos começar?

Enquanto procedia aos preparativos, perturbadoras reflexões assaltavam o cérebro do conde.

— Quando eu adormecer, que fará de minha alma, esse velho macaco? Não será um novo ardil? Contudo, a situação não pudera ser pior do que esta. Otávio podia ter-me morto, e ninguém o acusaria. Pensemos em Prascóvia, e nada de falsos temores. Tentemos a única solução para reconquistar minha esposa.

E tal como já havia feito Otávio, Olaf também segurou a vareta que Cherbonneau lhe apresentava. Fulminados pelos condutores metálicos repletos de fluidos magnéticos, os dois caíram num torpor tão profundo que qualquer um os tomaria por mortos. O médico cumpriu o ritual, pronunciou as poderosas sílabas e, logo, duas pequenas centelhas surgiram sobre os dois corpos imóveis, numa luz tremeluzente.

Ele reconduziu à sua primitiva morada a alma de Olaf Labinski, a qual obedeceu, com um rápido voo, ao sinal do magnetizador. Mas, a alma de Otávio de Saville ia-se afastando lentamente do corpo do conde e, ao invés de retornar ao seu próprio, subia, subia, jubilosa de sentir-se livre, relutando em volver à sua prisão. Baltasar Cherbonneau ficou tomado de infinita piedade por aquela Psique, que se debatia, palpitava hesitante, e perguntou a si mesmo se seria mesmo um benefício deixá-la neste vale de lágrimas.

Durante aquele minuto, a alma subia sempre e quando o médico, recordando-se de seu dever, repetiu, com acento misterioso, a palavra mágica e projetou um gesto de comando, a débil luz trêmula já estava fora de sua esfera de ação. Transpôs o vidro superior da janela e desapareceu.

Charbonneau cessou os esforços agora já inúteis e acordou Olaf. Este, ao ver-se num espelho, em seu verdadeiro invólucro, lançou um grito de alegria. Mal olhou para os despojos de Otávio e saiu correndo, após apertar a mão do médico.

O velho encontrou-se a sós com o cadáver de Otávio.

— Diabos, abri a gaiola e o pássaro fugiu! Deve estar, agora, tão distante deste mundo que nem o próprio Brama Loguni o apanharia. E aqui estou eu, com um cadáver nas mãos ... Poderia dissolvê-lo num banho corrosivo, mas, depois ...

E, aqui, uma ideia luminosa brilhou no espírito do médico. Apanhou uma pena e escreveu, velozmente, algumas linhas numa folha de

papel, que guardou na gaveta da mesa. Eis o que escrevera:

— Não tendo parentes, nem colaterais, lego todos meus haveres ao Senhor Otávio de Saville, a quem me liga particular afeição, deixando-lhe apenas a obrigação de pagar a quantia de cem mil francos ao hospital brâmane de Ceilão, para animais velhos, cansados ou enfermos, de passar rima renda vitalícia de mil e duzentos francos ao meu servo hindu e ao meu camareiro inglês e de remeter à Biblioteca Mazarina meu manuscrito das leis de Manu.

Este testamento, feito por um vivo a favor de um morto, parece uma das mais bizarras coisas de nossa história, mas logo ela se tornará clara.

O médico tocou o corpo de Otávio de Saville, que o calor da vida ainda não abandonara. Viu, no espelho, seu rosto velho e rugoso, com ar de supremo desdém, e, fazendo em si mesmo o gesto de quem atira fora uma roupa velha, murmurou a fórmula de Brama Logun. Incontinenti, o corpo do doutor Baltasar caiu fulminado no tapete e o de Otávio se levantou, forte, ágil, vivaz.

Otávio Cherbonneau permaneceu algum tempo contemplando seus magros restos mortais, ressequidos, ossudos, lívidos, que, não mais escorados pela alma poderosa onde estiveram até então, exibiam os sinais de uma extrema senilidade e tomaram logo o aspecto cadavérico.

— Adeus, pobre farrapo humano, mísero invólucro que arrastei, durante setenta anos, por todas as partes do mundo. Você prestou-me bons serviços e deixo-o com alguma tristeza. Mas, neste jovem envoltório, que minha ciência saberá tornar robusto, ainda poderei trabalhar, estudar, ler mais palavras do grande livro, sem que a morte o feche à página mais atraente, dizendo: Basta!

Depois desta oração fúnebre, dirigida a si próprio, Otávio Cherbonneau saiu tranquilamente, para ir tomar posse de sua nova residência.

No dia seguinte, revestido de sua nova -aparência, acompanhou seu antigo corpo ao cemitério, viu-se enterrar, ouviu, com ar compungido, muito bem simulado, os discursos que foram pronunciados à beira de sua cova, e nos quais se deplorava a irreparável perda que sofrera a ciência. Depois, voltou para a Rua São Lázaro, e esperou a abertura do testamento escrito a seu próprio favor.

Nos vespertinos, entre os faits divers, lia-se:

— O doutor Baltasar Cherbonneau, bastante conhecido pela sua longa permanência na Índia, seus conhecimentos filológicos, suas curas maravilhosas, foi encontrado morto, ontem, em seu gabinete. O exame minucioso do cadáver eliminou inteiramente qualquer suspeita de crime. O Senhor Cherbonneau sucumbiu, sem dúvida, devido a excessivos trabalhos intellectuais, ou, talvez, por causa de alguma audaz experiência. Dizem que um testamento ológrafo, descoberto na escrivaninha do médico, deixou à Biblioteca Mazarina preciosos manuscritos e constitui seu herdeiro universal um jovem pertencente a respeitável família: O Senhor O. de S.".

O JOGO DA RATAZANA E O DRAGÃO – Cordwainer Smith



A Mesa

A explosão luminosa era uma maneira diabólica de se ganhar a vida. Ao fechar a porta atrás de si, Underhill estava furioso. Não fazia grande sentido usar um uniforme e parecer um soldado se as pessoas não davam valor ao que fazia.

Sentou-se na cadeira, recostou a cabeça e puxou o capacete por cima da testa.

Enquanto esperava que o dispositivo amplificador aquecesse, lembrou-se da rapariga que encontrara no corredor exterior. Ela olhou para o dispositivo e depois para ele, com desdém.

– Miau – foi tudo o que a rapariga disse. Porém, Underhill sentiu-se atingido em cheio.

O que pensava que ele era – um palerma, um preguiçoso, uma nulidade fardada? Será que não sabia que por cada meia hora de explosão luminosa, ficava no mínimo dois meses no hospital a recuperar?

Naquela altura, o dispositivo já estava quente. Sentiu o quadriculado do espaço em seu redor, sentiu-se no meio de uma imensa grelha, uma grelha cúbica, cheia de nada. Lá fora, no vazio, podia sentir o terror doloroso e oco do próprio espaço; sentia também a terrível ansiedade que a sua mente encontrava de cada vez que se cruzava com o mais pequeno vestígio de poeira inerte.

Enquanto descontraía, a solidez reconfortante do Sol, a rotação regular dos planetas familiares e da Lua soaram dentro de si. O nosso sistema solar era tão encantador e simples como um relógio de cuco antigo, repleto de tique-taques familiares e sons tranquilizadores.

As pequenas e estranhas luas de Marte balouçavam-se em redor do seu planeta como pequenos ratos frenéticos, no entanto, a sua regularidade era uma confirmação de que tudo estava bem. Muito por cima do plano da eclíptica, sentia meia tonelada de poeira a deslizar mais ou menos no exterior da zona de viagens humanas.

Ali não havia nada contra o que lutar, nada que desafiasse a mente, que rasgasse a alma viva e a separasse do corpo com as raízes a pingar um eflúvio que era tão palpável como o sangue.

Nunca nada se movia no Sistema Solar. Ele podia usar o dispositivo de explosão eternamente e nunca ser mais do que uma espécie de astrônomo telepata, um homem que conseguia sentir a proteção calorosa e agradável do Sol a queimar e latejar contra a sua mente viva.

Woodley entrou.

– É o mesmo velho mundo cadenciado – disse Underhill. – Não há nada a relatar. Não admira que não tenham desenvolvido o dispositivo amplificador até terem começado a viajar entre planos. Aqui em baixo, com o Sol quente a andar à nossa volta, é tudo tão bom e calmo. Conseguimos sentir tudo a girar e a virar. É agradável, preciso e compacto. É mais ou menos como ficar em casa.

Woodley soltou um grunhido. Não era muito dado a rasgos de fantasia.

Sem se deixar deter, Underhill continuou.

– Deve ter sido bastante bom ser um Ancião. Questiono-me por que será que queimaram o mundo deles com a guerra. Eles não tinham acesso à viagem entre planos. Não tinham de sair de casa para ganhar a vida no meio das estrelas. Não tinham de se desviar das Ratazanas ou jogar o Jogo. Não podiam ter inventado a explosão luminosa porque não tinham necessidade de a ter, pois não, Woodley?

Woodley soltou um grunhido.

– Hmm–hmm.

Woodley tinha vinte e seis anos e faltava-lhe um ano para se poder reformar. Já tinha escolhido uma quinta e tudo. Tinha passado dez anos de trabalho árduo com as explosões luminosas, trabalhando ao lado dos melhores. Manteve a sua sanidade mental não pensando muito acerca do trabalho que fazia, correspondendo às exigências da função sempre que era necessário e não pensando mais nos seus deveres até que a próxima emergência surgisse.

Woodley nunca fez questão de se tornar popular por entre os Parceiros. Nenhum dos Parceiros gostava muito dele. Alguns até guardavam ressentimentos contra ele. Suspeitava-se que em certas ocasiões tivera pensamentos feios a respeito dos Parceiros, mas uma vez que nunca nenhum dos Parceiros pensava na forma articulada de uma queixa, os restantes agentes de explosão e os Chefes da Instrumentalidade deixavam-no em paz.

Underhill continuava pleno de admiração pelo seu trabalho. E continuou a tagarelar alegremente:

– O que nos acontece quando fazemos uma viagem entre planos? Achas que é mais ou menos como morrer? Alguma vez viste alguém a quem tenham arrancado a alma?

– Arrancar a alma é apenas uma força de expressão – respondeu Woodley. – Depois destes anos todos, já ninguém sabe se temos alma ou não.

– Mas em certa ocasião eu vi uma. Vi como era o Dogwood quando ele se despedaçou. Havia qualquer coisa engraçada. Parecia molhada e talvez pegajosa como se estivesse a sangrar e a sair do corpo dele – sabes o que fizeram ao Dogwood? Levaram-no para longe, para aquela parte do hospital onde eu e tu nunca fomos – mesmo lá para cima, para aquela parte onde estão os outros, para onde os outros têm de ir se continuarem vivos depois das Ratazanas do Exterior Longínquo os terem apanhado.

Woodley sentou-se e acendeu um cachimbo antigo. Estava a queimar uma coisa a que chamavam tabaco. Era um hábito bastante desagradável, mas fazia-o parecer muito arrojado e aventureiro.

– Escuta uma coisa, jovem. Não precisas de te preocupar com essas coisas. As explosões luminosas estão a melhorar continuamente. Os Parceiros estão a melhorar. Já os vi a explodir com duas Ratazanas que estavam a quarenta e seis milhões de milhas de distância uma da outra em apenas um milésimo de segundo e meio. Enquanto as pessoas tinham de tentar trabalhar sozinhas com os dispositivos amplificadores, havia sempre a possibilidade de, com um mínimo de quatrocentos milésimos de segundo para que a mente humana compusesse uma explosão luminosa, não conseguirem atingir as Ratazanas com velocidade suficiente para proteger as naves que se encontram em viagem entre planos. Os Parceiros vieram alterar isto. Assim que se encontram preparados, são mais rápidos que as Ratazanas. E sempre serão. Sei que não é fácil – deixar que um Parceiro partilhe a nossa mente...

– Para eles também não é fácil – disse Underhill.

– Não te preocupes com eles. Eles não são humanos. Deixa que se cuidem sozinhos. Já vi mais agentes de explosão a enlouquecer por andarem sempre de roda dos Parceiros do que aqueles que alguma vez vi serem apanhados pelas Ratazanas. Quantos conheces realmente que se tenham deixado apanhar pelas Ratazanas?

Underhill olhou para os dedos, que brilhavam em tons de verde e roxo sob a luz vívida que o dispositivo amplificador ligado emitia e

começou a contar as naves. O polegar representava Andrómeda, perdida com tripulação e passageiros, o indicador e o dedo médio eram para as Naves Libertação 43 e 56, encontradas com todos os dispositivos queimados e todos os homens, mulheres e crianças a bordo mortos ou loucos. O dedo anelar, o mínimo e o polegar da outra mão representavam as primeiras três naves de batalha que seriam perdidas para as Ratazanas – perdidas à medida que as pessoas percebiam que havia ali qualquer coisa *por baixo do próprio espaço* que estava vivo, era inconstante e malévolo.

A entreplanos era mais ou menos engraçada. Parecia, parecia...

Não se parecia com grande coisa.

Talvez com o formigueiro de um pequeno choque elétrico. Como a dor de um dente ao morder pela primeira vez. Como um raio de luz ligeiramente doloroso apontado aos olhos.

No entanto, nesse momento, uma nave de quarenta mil toneladas que se erguia livremente por cima da Terra desapareceu de um modo ou de outro para uma realidade de duas dimensões e apareceu a meio ano-luz ou a cinquenta anos-luz de distância.

Em dado instante, estava sentado na Sala de Combate, com o dispositivo amplificador a postos e o familiar Sistema Solar a pulsar no interior da sua cabeça. Por um segundo ou um ano (subjetivamente, nunca conseguia dizer quanto tempo se passava), o pequeno e engraçado raio de luz trespassava-o e lá estava ele, perdido no Exterior Longínquo, no terrível espaço aberto entre as estrelas, onde as próprias estrelas se assemelhavam a borbulhas na sua mente telepática e os planetas estavam demasiado afastados para serem pressentidos ou lidos.

Algures naquele espaço exterior, aguardava-os uma morte horrenda, morte e terror de um tipo que o Homem nunca encontrara até que saiu para o próprio espaço interestelar. Aparentemente a luz do Sol mantinha os Dragões afastados.

Dragões. Era o que as pessoas lhes chamavam. Para as pessoas comuns não existia nada, nada a não ser o calafrio da viagem entre planos e o golpe pesado da morte repentina ou a nota espasmódica e negra da loucura a penetrar nas suas mentes.

Mas para os telepatas, os Dragões existiam.

Na fração de segundo que se passava entre a percepção dos telepatas de que existia uma entidade hostil no vazio negro e oco do espaço e o impacto de um golpe psíquico feroz e ruinoso, desferido contra todos os seres vivos que viajavam na nave, os telepatas identificavam criaturas de algum modo semelhantes aos Dragões que existiam no

folclore antigo dos humanos; bestas mais espertas que as bestas, demónios mais palpáveis que os demónios, vórtices esfomeados de vida e ódio, compostos através de meios desconhecidos a partir da ténue e frágil matéria que se encontrava por entre as estrelas.

Foi necessário que uma nave sobrevivesse para trazer as notícias – uma nave que, por mero acaso, tinha um telepata com um feixe de luz a postos e que o virou em direção à poeira inocente, de modo que, no panorama da sua mente o Dragão se dissolveu no vazio e os restantes passageiros, que não eram telepatas, foram às suas vidas sem saberem que a morte imediata de todos acabara de ser evitada.

Daí em diante, tornou-se fácil – ou quase.

As naves que se deslocavam entre planos levavam sempre telepatas.

Os telepatas possuíam uma sensibilidade desenvolvida a um nível extraordinário quando usavam os dispositivos amplificadores, que eram amplificadores telepáticos adaptados para a mente dos mamíferos. Por sua vez, os dispositivos eram eletronicamente orientados para conduzem pequenas bombas de luz. Era a luz o elemento fulcral.

A luz despedaçava os Dragões, permitia que as naves voltassem à sua forma tridimensional, em pequenos saltos, enquanto se moviam de estrela em estrela.

As probabilidades mudaram subitamente de cem para um contra a humanidade para sessenta para quarenta a favor dela.

Isto não era o suficiente. Os telepatas foram treinados para se tornarem ultrassensíveis, para se aperceberem da presença dos Dragões em menos de um milésimo de segundo.

Mas descobriu-se então que os Dragões conseguiam percorrer um milhão de milhas em pouco menos de dois milésimos de segundo e que este tempo não era o suficiente para a mente humana ativar os raios de luz.

Ainda tentaram envolver permanentemente as naves em raios de luz.

Esta defesa esgotou-se.

À medida que a humanidade descobria mais sobre os Dragões, também aparentemente os Dragões descobriam mais sobre a humanidade. De algum modo, eles conseguiam tornar o seu corpo mais achatado e atacar rapidamente através de trajetórias muito planas.

Era necessário recorrer à luz intensa, uma luz com a energia da luz solar. Apenas as bombas de luz podiam fornecer esta intensidade.

Foi assim que surgiu a prática da explosão luminosa. A explosão

luminosa consistia na detonação de mini bombas foto-nucleares, ultra-vívidas, que convertiam alguns gramas de um isótopo de magnésio em radiação pura visível.

As probabilidades continuavam a descer, a favor da humanidade, no entanto continuavam a perder-se naves.

A situação tornou-se tão má que as pessoas nem sequer queriam encontrar as naves, porque as equipes de resgate sabiam o que iam encontrar. Era triste levar de volta para a Terra trezentos corpos prontos para serem enterrados e mais duzentos ou trezentos enlouquecidos, sem salvação possível, apenas para serem acordados, alimentados, limpos e colocados a dormir, depois novamente acordados e alimentados até que as suas vidas se esgotassem.

Os telepatas tentaram entrar na mente dos loucos que tinham sido alvo dos Dragões, mas não encontraram nelas nada além de vívidas colunas de terror feroz que jorravam do próprio *id* primitivo, da fonte vulcânica da vida.

Foi então que surgiram os Parceiros. O Homem e o Parceiro faziam juntos aquilo que o Homem não podia fazer sozinho. O Homem possuía o intelecto. O Parceiro possuía a velocidade.

Os Parceiros deslocavam-se nas suas minúsculas naves, não maiores que bolas de futebol, no exterior das naves espaciais.

Faziam as mesmas viagens entre planos que as naves. Navegavam ao lado delas nas suas cápsulas de menos de três quilos, prontas a atacar.

As minúsculas naves dos Parceiros eram velozes. Cada uma levava uma dúzia de minibombas, que não eram maiores do que dedais.

Os agentes atiravam os Parceiros – atiravam-nos literalmente – através da determinação telepática, em direção aos Dragões.

O que para a mente humana pareciam ser Dragões, apareciam sob a forma de gigantescas Ratazanas nas mentes dos Parceiros.

Lá fora, no nada sem fundo que era o espaço, as mentes dos Parceiros respondiam a um instinto tão velho como a vida. Os Parceiros atacavam, batendo com uma velocidade superior à do Homem, passando de ataque em ataque até as Ratazanas, ou eles próprios, serem destruídos. Na maior parte das ocasiões, eram os Parceiros quem ganhava.

Com a segurança dos pulos interestelares das naves, o comércio aumentou imensamente, a população de todas as colónias cresceu e a procura de Parceiros treinados também subiu.

Underhill e Woodley eram parte de uma terceira geração de agentes de explosão luminosa, no entanto, para eles, a sua profissão parecia

ter existido desde sempre. Interiorizar na mente o espaço através dos dispositivos amplificadores, adicionar os Parceiros à mente e prepará-la para a tensão de uma luta da qual tudo dependia – era demasiado para que as sinapses humanas o pudessem suportar durante muito tempo.

Underhill precisava dos seus dois meses de descanso depois de cada meia hora de luta. Woodley precisava da reforma depois de dez anos de serviço. Eram ambos jovens. Eram bons. Mas tinham os seus limites.

Tantas coisas dependiam da escolha dos Parceiros, assim como na pura sorte de quem atraía quem.

A Mistura

O Pai Moontree e a pequena menina chamada West entraram na sala.

Eram os outros dois agentes de explosão. O complemento humano da Sala de Combate estava agora inteiro.

O Pai Moontree era um homem de quarenta e cinco anos, rosto vermelho, que tinha vivido a pacífica vida de um agricultor até completar quarenta anos. Só nessa altura, tardiamente, as autoridades descobriram que era telepata e concordaram em deixar que, apesar do avançado da idade, entrasse na carreira de agente de explosão. Saía-se muito bem, mas era fantasticamente velho para aquele tipo de trabalho.

O Pai Moontree olhou para o sombrio Woodley e para o pensativo Underhill.

– Como estão os jovens hoje? Preparados para uma boa luta?

– O Pai quer sempre uma luta – disse a menina chamada West com uma risada. Era uma menina tão pequena. O seu riso era agudo e infantil. Parecia ser a última pessoa no mundo que alguém esperava ver a trabalhar naquela atividade dura e perigosa que era a explosão luminosa.

Underhill divertira-se em certa ocasião quando encontrou um dos Parceiros mais indolentes a sair todo contente por ter estado com a mente da menina chamada West.

Normalmente os Parceiros não se preocupavam muito com a mente humana com que eram emparelhados para o trabalho. De qualquer maneira, os Parceiros pareciam aceitar que as mentes humanas eram complexas e poluídas além do que era concebível.

Nenhum Parceiro questionava a superioridade da mente humana, embora fossem muito poucos os que se deixavam impressionar com tal superioridade.

Os Parceiros gostavam de pessoas. Estavam dispostos a lutar ao lado delas. Estavam até dispostos a morrer por elas. Mas quando um Parceiro gostava de um indivíduo da maneira como, por exemplo, o Capitão Wow ou a Lady May gostavam de Underhill, esse afeto não tinha nada que ver com o intelecto. Era uma questão de temperamento, de sensibilidade.

Underhill sabia perfeitamente que o Capitão Wow encarava a sua inteligência, a de Underhill, como patética. Ele gostava da estrutura emocional amigável de Underhill, a boa disposição e o brilho de divertimento perverso que passava por entre os padrões inconscientes de pensamento do rapaz e a alegria com que Underhill encarava o perigo. As palavras, os livros de história, as ideias, a ciência – Underhill conseguia pressentir tudo isto na sua própria mente, refletidas na mente do Capitão Wow, como grandes disparates.

A menina West olhou para Underhill.

– Aposto que puseste cola nas pedras.

– Não pus nada!

Underhill sentiu as orelhas ficarem vermelhas de vergonha.

Durante o noviciado, tinha tentado fazer batota no sorteio porque gostava particularmente de um Parceiro, uma adorável jovem mãe chamada Murr. Era tão mais fácil operar ao lado de Murr e ela era tão afetuosa com ele que Underhill até se esqueceu que a explosão luminosa era um trabalho árduo e que não fazia parte das instruções divertir-se com o seu Parceiro. Tinham sido ambos nomeados e preparados para entrarem juntos numa batalha mortal.

Uma batota tinha sido suficiente. Acabara por ser descoberto e tornara-se no motivo de chacota durante anos.

O Pai Moontree pegou no copo de imitação de pele e agitou os dados de pedra que determinavam os seus Parceiros para aquela viagem. Por direitos de antiguidade, foi o primeiro a saber quem lhe saía em sorteio.

Fez uma careta. Tinha-lhe saído uma personagem velha e gananciosa, um macho rude e velho cuja mente estava repleta de babosos pensamentos sobre comida, autênticos oceanos cheios de peixes meio estragados. Em certa ocasião, o Pai Moontree disse que até arrotara a óleo de fígado de bacalhau durante semanas depois de lhe ter saído em sorteio o dito glutão, tal era a força das imagens telepáticas de peixe que ele transferiu para a sua mente. Porém, o glutão era tão

sedento por comida como pelo perigo. Contava com sessenta e três Dragões mortos, mais do que qualquer outro Parceiro em funções e valia literalmente o seu peso em ouro.

A seguir chegou a vez da pequena menina West. Saiu-lhe o Capitão Wow. Quando viu quem lhe saíra, sorriu.

– *Gosto dele* – disse. – É tão divertido lutar com ele. A sensação de o ter na minha mente é tão agradável e aconchegante.

– Aconchegante, o diabo – disse Woodley. – Eu também já estive na mente dele. Ele tem a mente mais lúbrica desta nave, sem exceções.

– Que homem desagradável – disse a menina. Disse-o de forma declarativa, sem vergonha.

Underhill olhou para ela e estremeceu.

Não entendia como podia ela aceitar o Capitão Wow com tanta desconfiança. A mente dele era de fato *lúbrica*. Quando o Capitão Wow ficava entusiasmado no meio de uma batalha, misturavam-se nas mentes de Underhill e do Capitão imagens de Dragões, Ratazanas mortíferas, voluptuosas camas, cheiro de peixe e o choque do espaço. As consciências de ambos unidas pelos dispositivos amplificadores tornavam-se num compósito fantástico de ser humano e gato Persa.

Era esse o problema em trabalhar com gatos, pensou Underhill.

Era uma pena que mais nenhum ser servisse para Parceiro. Os gatos eram bons a partir do momento em que se entrava telepaticamente em contato com eles. Eram suficientemente inteligentes para corresponder às necessidades da luta, mas os seus motivos e desejos eram com toda a certeza diferentes daqueles dos humanos. Eram suficientemente sociáveis enquanto os humanos pensassem em imagens tangíveis, mas as suas mentes fechavam-se e adormeciam quando se recitava Shakespeare ou Colegrove, ou então quando se tentava explicar a noção de espaço.

Era mais ou menos engraçado perceber que os Parceiros, criaturas tão sombrias e maduras ali no espaço eram os mesmos animais engraçados que as pessoas domesticavam há milhares de anos, na Terra. Já se tinha colocado em situações embaraçosas mais do que uma vez quando estava no solo e cumprimentava gatos perfeitamente normais, não telepatas, porque se esquecera que naquele instante eles não eram Parceiros.

Pegou no copo e agitou o seu dado de pedra.

Teve sorte – saiu-lhe a Lady May.

A Lady May era o Parceiro mais atencioso que alguma vez conhecera. Nela, a linhagem mental Persa fora tão delicadamente criada que

tinha atingido um dos seus pontos mais altos de desenvolvimento. Era mais complexa do que qualquer mulher humana, mas a complexidade era composta por emoções, memória, esperança e experiência com discernimento – experiência obtida sem o benefício das palavras. A primeira vez que entrou em contato com a mente dela, ficou espantado com a sua clareza. Com ela, recordava-se da sua existência enquanto gatinha. Recordava-se de cada experiência de acasalamento que ela tivera. Viu numa galeria parcialmente identificável todos os restantes agentes com quem ela fora emparelhada para lutar. E viu a sua própria imagem, radiosa, alegre e desejável. Julgou até ter captado a aresta de um desejo...

Um pensamento muito lisonjeador e terno: *Que pena ele não ser um gato.*

Woodley ficou com o último dado. Ficou com aquilo que merecia – um gato macho, taciturno, assustadiço e velho que não tinha nem uma ponta da coragem do Capitão Wow. O Parceiro de Woodley era o gato mais animalesco da nave, um tipo baixo e embrutecido com uma mente bronca. Nem mesmo a telepatia conseguira refinar a sua personalidade. As orelhas dele estavam meias roídas, resultado das primeiras batalhas que travara. Era um lutador serviçal, nada mais.

Woodley soltou um grunhido.

Underhill olhou para ele com estranheza. Saberia Woodley fazer alguma coisa além de grunhir?

O Pai Moontree olhou para os outros três.

– Mais vale irem buscar os vossos Parceiros agora. Vou informar o Perscrutador que estamos preparados para o Exterior Longínquo.

O Acordo

Underhill colocou a combinação que abria a gaiola de Lady May. Acordou-a com meiguice e pegou nela. Ela arqueou as costas luxuriosamente, estendeu as garras, começou a ronronar, pensou melhor e em vez disso lambeu-lhe o pulso. Ele não tinha o dispositivo amplificador, por isso as mentes de ambos estavam fechadas, mas pelo ângulo do bigode dela e pelo movimento das orelhas, Underhill percebeu uma espécie de gratificação que ela sentia ao constatar que era ele o seu Parceiro.

Falou com ela em linguagem humana, embora a linguagem não tivesse qualquer significado para um gato quando o dispositivo amplificador não estava colocado.

– É uma grande pena, enviar uma pequena e doce criatura como tu aos rodopios pelo vazio gelado para caçar Ratazanas que são maiores e mais mortíferas que todos nós juntos. Não pediste para entrar neste tipo de lutas, pois não?

Como resposta, ela lambeu-lhe a mão, ronronou, acariciou o rosto de Underhill com a longa e fofa cauda e depois virou-se de frente para ele, com os olhos dourados a brilhar.

Ficaram a olhar um para o outro durante um instante, o homem agachado, o gato ereto, apoiado nas patas traseiras, com as garras da frente a enterrarem-se nos joelhos dele. Olhos humanos e felinos olhavam através de uma imensidão que nenhuma palavra conseguia descrever, mas que o afeto explicava num único olhar.

– Está na hora de entrar – disse ele.

Ela caminhou docilmente para a sua nave esferóide. Entrou. Ele certificou-se de que o dispositivo amplificador em miniatura estava firme e confortavelmente colocado na base do seu cérebro. Certificou-se também de que as garras estavam cobertas para que ela não pudesse arranhar-se com o entusiasmo da batalha.

Perguntou-lhe suavemente:

– Preparada?

Para lhe responder, Lady May arqueou as costas tanto quanto o arnês permitia e ronronou suavemente dentro dos confins da nave que a aprisionava.

Ele fechou a tampa e observou o selo a espalhar-se em redor da linha de junção. Estaria selada dentro do seu projétil durante algumas horas até que um operário com um pequeno arco de corte a viesse desencarcerar, depois de ter cumprido o seu dever.

Ele pegou no projétil e colocou-o no tubo de ejeção. Fechou a porta do tubo, girou a fechadura, sentou-se na sua cadeira e colocou o dispositivo amplificador.

Premiu o botão mais uma vez.

Estava sentado numa sala pequena, *pequena, pequena, quente, quente*, com os corpos de outras três pessoas a mover-se em seu redor, as luzes palpáveis do teto a brilharem pesadamente contra as pálpebras fechadas.

A sala desapareceu à medida que o dispositivo amplificador aquecia.

As outras pessoas deixaram de ser pessoas e transformaram-se em pequenos e brilhantes montículos de fogo, brasas, lume vermelho escuro, com a consciência da vida a arder como se fossem velhos carvões carmesim numa fogueira campestre.

À medida que o dispositivo aquecia um pouco mais, Underhill sentiu a Terra mesmo por baixo de si, sentiu a nave a deslizar, sentiu a rotação da Lua enquanto se afastava para o lado mais longínquo do mundo, sentiu os planetas e a bondade quente e clemente do Sol, que mantinha os Dragões tão afastados do solo nativo da humanidade. Chegou finalmente à consciência plena.

Estava telepaticamente desperto para uma extensão de milhões de milhas. Sentiu a poeira em que já reparara antes a pairar bem no alto por cima da eclíptica. Com um frémito de calor e ternura, sentiu a consciência de Lady May penetrar na sua. A consciência dela era tão meiga e calorosa e no entanto tão acutilante ao sabor da sua mente como se fosse um óleo aromatizado.

Transmitia-lhe uma sensação relaxante e reconfortante. Conseguia sentir o agrado com que ela o acolhia. Quase não chegava a ser um pensamento, era apenas uma emoção pura de acolhimento. Mais uma vez, eram finalmente um só.

Num pequeno canto da mente dele, tão pequeno como o brinquedo mais minúsculo que alguma vez vira durante a sua infância, ainda estava consciente da sala, da nave e do Pai Moontree a pegar no telefone e a falar para o capitão do Perscrutador que comandava a nave.

A sua mente telepática captou a ideia muito antes que os seus ouvidos pudessem enquadrar as palavras. O próprio som seguiu a ideia da mesma maneira que um trovão no oceano segue o relâmpago para o interior, a partir do mar alto.

– A Sala de Combate está preparada. Estamos prontos para iniciar a viagem entre planos, senhor.

O Jogo

Underhill ficava sempre um pouco exasperado com a maneira como Lady May experienciava as coisas antes dele.

Estava preparado para a rápida e acre emoção de viajar entre planos, mas apanhou o relatório dela antes que os seus próprios nervos pudessem registar o que acontecera.

A Terra tinha ficado tão afastada que ele andou alguns milésimos de segundo à procura, antes de conseguir encontrar o Sol, no canto superior direito traseiro da sua mente telepática.

Aquele era um bom salto, pensou. Desta forma ia conseguir lá chegar em quatro ou cinco pulos.

Algumas centenas de milhas no exterior da nave, Lady May dirigiu-lhe um pensamento:

– Ó caloroso, ó homem gigantesco! Ó corajoso, ó amistoso, ó Parceiro terno e enorme! Que maravilhoso estar contigo, tão bom contigo, bom, bom, quente, quente, está na altura de lutar, na altura de ir, que bom estar contigo...

Underhill sabia que ela não estava a pensar palavras, que a sua mente pegava no claro e amistoso tagarelar do intelecto felino dela e as traduzia em imagens que o seu próprio pensamento pudesse registar e entender.

Nenhum deles estava absorto no jogo dos cumprimentos mútuos.

Ele procurou muito para lá do alcance da percepção dela para ver se havia alguma coisa perto da nave. Que engraçado como era possível fazer duas coisas ao mesmo tempo. Podia perscrutar o espaço com a mente munida do dispositivo amplificador e ao mesmo tempo apanhar um pensamento errante dela, um pensamento adorável e afetuoso sobre um filho que tinha tido com um rosto dourado e o peito coberto de pêlo branco, suave e incrivelmente aveludado.

Enquanto ainda procurava, recebeu o aviso dela.

E saltamos mais uma vez!

Assim foi. A nave saltara para um segundo plano. As estrelas incomensuravelmente afastadas. Mesmo as estrelas mais próximas estavam na orla do contato.

Aquilo era a terra dos Dragões por excelência, aquele tipo de espaço aberto, amaldiçoado e vazio. Underhill chegou mais longe, mais depressa, pressentindo e procurando o perigo, preparado para atirar Lady May para o perigo assim que o encontrasse.

O terror acendeu-se na sua mente, tão acutilante, tão claro, que o atingiu como um forte puxão físico.

A menina pequena chamada West tinha encontrado qualquer coisa – algo imenso, comprido, preto, agudo, ganancioso, horrendo. Atirou o Capitão Wow na sua direção.

Underhill tentou manter a sua mente límpida.

– Cuidado! – Gritou telepaticamente para os restantes, tentando desviar Lady May.

Num dos campos da batalha, sentiu a raiva luxuriante do Capitão Wow à medida que o grande gato Persa detonava luzes e ele se aproximava do rasto de poeira que ameaçava a nave e as pessoas que nela seguiam.

As luzes quase acertaram no alvo.

A poeira achatou-se sozinha, mudando da forma de uma raia para a forma de uma lança.

Não se passaram nem três milésimos de segundo.

O Pai Moontree estava a dizer palavras humanas e falava numa voz que se movia como melaço num pesado frasco de vidro:

– C–A–P–I–T–Ã–O.

Underhill sabia que a frase completa seria – Capitão, mexa-se depressa!

A batalha seria travada e acabada antes que o Pai Moontree acabasse de falar.

Agora, fracções de milésimos de segundo mais tarde, era Lady May quem estava diretamente na linha. Era neste momento que a capacidade e rapidez dos Parceiros entravam em ação. Ela conseguia reagir mais depressa do que ele. Conseguia ver a ameaça como uma gigantesca Ratazana a vir mesmo na direção deles. Conseguia disparar as bombas de luz com um discernimento que podia faltar a Underhill. Ele estava ligado à mente dela, mas não a conseguia acompanhar.

A sua consciência absorveu o ferimento dilacerante infligido pelo inimigo alienígena. Não se assemelhava a nenhuma ferida terrena – era uma dor louca e rude que começava como um ponto quente junto ao umbigo de Underhill. Começou a contorcer-se na cadeira.

Na verdade, ainda nem tinha tido tempo para mexer um único músculo quando Lady May contra atacou o inimigo de ambos. Cinco bombas da luz igualmente espaçadas brilharam através das cem mil milhas que os separavam.

A dor na mente e corpo do rapaz desapareceram. Sentiu um instante de exaltação feroz e terrível a percorrer a mente de Lady May enquanto acabava com a sua presa. Era sempre um motivo de desilusão para os gatos descobrir que os inimigos que pressentiam como gigantesas Ratazanas do espaço se desvaneciam no momento da destruição.

Depois ele sentiu a dor, a mágoa e o medo a atravessar os corpos de ambos à medida que a batalha começou e acabou, mais rapidamente que um pestanejar de olhos. No mesmo instante, surgiu a dor aguda e ácida da viagem entre planos.

A nave saltou mais uma vez.

Conseguia ouvir Woodley a pensar na direção dele.

– Não tens que te preocupar mais. Este filho da mãe e eu vamos

assumir o controle durante um instante.

Novamente a dor aguda, o salto.

Não fazia ideia de onde estava até que as luzes da plataforma de aterragem de Caledonia brilharam por baixo dele.

Com um cansaço que estava quase para lá dos limites do pensamento, voltou a recostar a cabeça e a estabelecer a comunicação com o dispositivo amplificador, fixando com suavidade e rigor o projétil de Lady May no seu tubo de lançamento.

Ela estava quase morta de cansaço, mas ele sentia o bater do seu coração, ouvia-a a arfar e apanhou uma aresta de agradecimento que lhe chegava através da mente dela.

O Resultado

Colocaram-no no hospital em Caledonia. O médico era amistoso mas firme.

– Você foi de fato tocado pelo Dragão. Foi o contato mais próximo que alguma vez vi. É tudo tão rápido que ainda vamos demorar algum tempo a conhecer cientificamente o que aconteceu, mas presumo que se o contato tivesse demorado mais algumas décimas de milésimos de segundo, você estaria pronto para ir para o asilo dos loucos. Que tipo de gato tinha a combater à sua frente?

Underhill sentiu as palavras a saírem-lhe lentamente da boca. As palavras davam tanto trabalho, quando comparadas com a alegria e velocidade do pensamento, que era rápido, preciso e claro, de mente para mente!

A sua boca moveu-se lentamente enquanto articulava as palavras.

– Não chame aos nossos Parceiros gatos. O termo correto para nos dirigirmos a eles é Parceiros. Eles lutam por nós na equipe. Devia saber que lhes chamamos Parceiros, não gatos. Como está o meu?

– Não sei – respondeu o médico pesaroso. – Mas vamos procurar saber para lhe dizer. Entretanto, meu velho, é melhor ter calma. A única coisa que o pode ajudar é o descanso. Consegue adormecer sozinho, ou gostaria que lhe déssemos algum tipo de sedativo?

– Consigo dormir – disse Underhill. – Só quero saber como está Lady May.

A enfermeira juntou-se a eles. Era um pouco antagónica.

– Não quer antes saber como estão as outras pessoas?

– Elas estão bem – disse Underhill. – Já o sabia antes de aqui ter chegado.

Coçou os braços, fez uma careta e sorriu-lhes. Percebia que estavam a descontrair e começavam agora a tratá-lo como uma pessoa e não como um paciente.

– Eu estou bem – disse. – Avisem-me apenas quando puder ver o meu Parceiro.

Sentiu-se atingido por um novo pensamento. Olhou de modo esgazeado para o médico.

– Eles não a mandaram embora juntamente com a nave, pois não?

– Vou descobrir imediatamente – disse o médico. Depois deu a Underhill um reconfortante apertão no ombro e saiu do quarto.

A enfermeira levantou o guardanapo que tapava um copo de sumo fresco de frutas.

Underhill tentou sorrir-lhe. Não parecia haver nada de errado com a rapariga.

Desejou que ela se fosse embora. Inicialmente começara por se mostrar amistosa, mas agora estava novamente distante. Era uma maçada ser telepata, pensou. Uma pessoa estava sempre a tentar chegar até aos outros, mesmo quando não estabelecia contato.

Subitamente ela virou-se para ele.

– Vocês agentes! Vocês e os vossos malditos gatos!

No preciso instante em que ela se preparou para sair, ele entrou na mente dela. Viu a sua própria imagem refletida como um herói radioso, vestido com o suave uniforme de camurça, com o dispositivo amplificador a brilhar como uma coroa cheia de antigas joias reais no cimo da cabeça. Viu o seu próprio rosto, bonito e másculo, a brilhar da mente dela. Viu-se muito ao longe e viu também como ela o odiava.

Ela odiava-o nos mais secretos confins da sua mente. Odiava-o porque ele era – achava ela – arrogante, estranho, rico, melhor e mais bonito que as pessoas como ela.

Underhill afastou a imagem dela da sua cabeça e, enquanto enterrava o rosto na almofada, recebeu uma imagem de Lady May.

– Ela é um gato – pensou. – É tudo o que ela é... um *gato*!

Mas não era assim que a sua mente a via – mais rápida que qualquer sonho de velocidade, astuta, esperta, incredivelmente graciosa, linda, muda e pouco exigente.

Onde poderia ele encontrar uma mulher que se lhe comparasse?

Cordwainer Smith (1913–1966), pseudônimo de Paul Linebarger, era escritor, professor universitário e militar especialista em assuntos do Extremo Oriente. Escreveu livros sobre guerra psicológica, com base na sua experiência militar, e a sua obra na ficção científica, apesar de não ser vasta, expandiu as fronteiras do gênero e é hoje considerada como uma das mais originais criações da literatura especulativa.

OS CORVOS – Arthur Rimbaud



Senhor, quando os campos são frios
E nos povoados desnudos
Os longos ângelus são mudos...
Sobre os arvoredos vazios
Fazei descer dos céus preciosos
Os caros corvos deliciosos.
Hoste estranha de gritos secos
Ventos frios varrem nossos ninhos!

Vós, ao longo dos rios maninhos,
Sobre os calvários e seus becos,
Sobre as fossas, sobre os canais,
Dispersai-vos e ali restais.
Aos milhares, nos campos ermos,
Onde há mortos recém-sepultos,
Girai, no inverno, vossos vultos
Para cada um de nós vos vermos,
Sede a consciência que nos leva,
Ó funerais aves das trevas!

Mas, anjos do ar, no alto da fronde,
Mastros sem fim que os céus encantam,
Deixai os pássaros que cantam
Aos que no breu do bosque esconde,
Lá, onde o escuro é mais escuro,
Uma derrota sem futuro.

NUMA NOITE DE OUTONO – Wladyslaw S. Reymont

O caminho de terra, molhado e empapado pela chuva insistente, era um rio de lama que fluía através do negro campo árido; por ele caminhava um camponês bêbedo.

Era já noite, uma fria e chuvosa noite de Novembro. O lamacento mundo chorava com a incessante e penetrante chuva; os campos esfarrapados, na escuridão quase total, brilhavam apenas com a capa de água que os cobria. Os barrancos e sulcos distinguiam-se graças ao brilho da água: as árvores desfolhadas inclinavam-se inertes sobre o caminho, tiritando de frio e de humidade. Um silêncio de morte repousava nos campos saturados de água.

O camponês caminhava depressa; dando guinadas, tropeçava, maldizia, mas seguia para diante. De súbito, deteve-se, e com ébria e enrouquecida voz entoou: Ai, bela, minha bela, todo o mundo é uma família; mas quando a morte te der o puxão esquece-te da salvação!

– Ai, ai!

Porém, o eco não duplicou a voz do canto, que foi amortecendo na humidade do ar até se perder nas trevas. Uma sombra humana deslizava um pouco atrás do camponês, e quando este se deteve por um instante, afastou-se do caminho, submergindo-se na sombra ainda mais profunda das árvores que o ladeavam.

O camponês continuava a caminhar depressa, mas tropeçou numa pedra ou na raiz duma árvore e caiu no lodo como um pesado tronco.

Durante algum tempo nada se ouviu a não ser o monótono e incessante cair da chuva e o oscilante e nervoso murmúrio das árvores. Depois a sombra aproximou-se até inclinar-se sobre o bêbedo.

– Patrão! Patrão! – instou em voz baixa.

O camponês afastou o sono; tentou levantar-se, mas as pernas e as mãos inchadas escorregavam na lama sem poder encontrar um ponto de apoio; por fim, quase inconsciente, esqueceu a intenção, acomodou-se o melhor que pôde e murmurou entre sonhos: – Aqui está-se bem, sem frio. Sim, vou ficar aqui a descansar.

– Não, não. Levante-se. A água vai cobri-lo. Vai-se afogar...

– Maldita! Tem cuidado porque te dou uma arrochada, vais ver! – gritou com fúria o bêbedo.

– Patrão!

– Não me acordes, mulher! Olha que é para teu bem!

O camponês julgava estar a beber com um judeu.

– Borracho como um porco!... Deitado na lama!...

– Sim, estou bêbedo, e depois? Não te disse, judeu? Dá-me aguardente e não álcool puro; vou-te arrancar os bigodes, filho duma cadela, vais ver... Cala-te mulher... Se o patrão descansa é porque esse é o seu gosto, e pronto. Nem é assunto teu, não és mais que uma mulher... Cala-te, mulher... Descansa o patrão, trabalham os moços... As bestas farão o trabalho por... Descansa, patrão... descansa...

Mas a mulher não deixou que ele continuasse deitado na lama, e tanto o sacudiu que o fez voltar a si, e, com a sua ajuda, ele levantou-se.

– Marcyha – murmurou ao ver-lhe o rosto. – Marcyha! – repetiu instintivamente; acomodou o gorro na cabeça e dando terríveis bordos começou a caminhar como se fugisse de alguma coisa; pouco depois, o ruído dos seus passos dissipou-se no imenso redobre da chuva.

Marcyha ficou atrás, a uma distância considerável. Caminhava devagar, pois os socos de pau resvalavam do lodo e enchiam-se constantemente de água, que tinha de retirar a cada momento. Também a roupa andrajosa, carregada de água, dificultava a caminhada. Apertava contra o peito uma criança envolvida num xaile, que chorava baixinho. Com os olhos fitos na noite cada vez mais profunda, arrastava-se quase morta e meio inconsciente.

– Meu Jesus, Jesus misericordioso! – murmurou, e a esmagadora tristeza brotou nos seus olhos com a amargura das lágrimas. Quanto, mas quanto havia chorado! ...

Havia chorado pelas pessoas, pelo mundo, pela sua desgraçada sorte, pela sua orfandade. Era uma órfã, sem lar. Sim, uma órfã que ia caminhando por toda a terra como essas nuvens cinzentas que se arrastavam pesadamente pelo céu, como esse húmido vento que uivava sobre o campo e desaparecia sem deixar marcas, como essa horrível noite de Novembro... Porém, ninguém se apiedava dela: nem tinha quem a socorresse, alguém a quem queixar-se ... Desterrou-a o destino arrojando-a para a perdição, e como defesa tinha apenas as suas lágrimas e a sua dor, como um cachorro que ainda cego afastaram da cadela para o atirar para o fundo de um fosso, deixando-o defender-se da morte com os seus uivos lastimosos.

– Ai, Jesus, Jesus! – queixava-se de vez em quando.

A noite começou a penetrá-la de terror, enquanto procurava uma qualquer luz. Porém, ao redor apenas crescia a escuridão profunda, impenetrável. As aldeias pareciam mortas sob a sombra e o silêncio. Nem mesmo os cães ladravam. Não se ouviam rumores de carroças. As vozes humanas tinham-se perdido não sei onde. Apenas reinava o silêncio, cortado pelo monótono murmúrio da chuva.

O menino começou a chorar lastimosamente.

– Quietos, pobrezinho... Quietos, não chores... – sentou-se debaixo de uma árvore; levou a boca do menino ao seu vazio peito e ficou afundada em silêncio, com o ouvido atento ao som longínquo, apenas perceptível, que chegava misturado com a chuva.

– O moinho! Claro que é o moinho! – sussurrou, apurando os ouvidos.

Animada pela esperança, levantou-se e tornou a caminhar com mais brio; depois, a incerteza, fê-la tremer.

– Pietrus! Pietrus! – moveu os lábios. – Não me mandará embora! Não é possível que faça isso! – e com repentina ternura apertou o menino com mais força contra o peito. – Petruchna!

Pouco a pouco, o seu espírito lacerado pelo sofrimento foi invadido por uma melancólica doçura. Volviam a ela as recordações da sua antiga Primavera, que assomavam através das lágrimas do infortúnio. Renasciam as claras imagens do passado, e em cada uma delas a personagem principal era ele, Petruchna!

O menino, transido e faminto, começou outra vez a chorar.

– Calado! – resmungou, levantando a mão como para bater-lhe.

– Não, como poderia fazê-lo? Se é o filho dele... – pensou com ansiedade, e começou a beijar apaixonadamente o molhado rosto do menino.

O murmúrio ouvia-se claramente, e dele emergia o bater surdo da roda do moinho.

A chuva amainou um pouco. O vento corria entre os ossudos ramos dos álamos que se erguiam aos lados do caminho, fazia-os oscilar pesadamente, e com o seu múltiplo sopro ressoava ao cruzá-lo. Do bosque, que se levantava junto ao caminho como uma negra e lúgubre parede, revooou uma voz triste e mansa, algo assim como um gemido das árvores nas trevas ou como um choro sufocado pela noite e a chuva. Enormes nuvens que juntavam os seus corpos começaram a correr velozmente sob o céu desfalecido.

O espanto cruzou voando sobre a terra; um medo poderoso que fez estremecer a alma de Marcycha. Dirigiu um assustado olhar em redor,

baixou o lenço para a testa e com todas as suas forças correu para os cada vez mais próximos estrondos do moinho.

A crescente fúria do vento seguia-a, açoitava-lhe as costas inclinando-a para a terra, cortava-lhe o caminho chicoteando-lhe a cara com as águas dos charcos, lançava contra ela pequenos ramos, silvava agudamente nos seus ouvidos. E era tanta a força que a obrigava a parar para ganhar alento.

No entanto, esporeada pelo terror, continuava a correr. As filas de álamos balançavam sobre a sua cabeça, sussurravam ao redor, e ela sentia sobre si os seus poderosos troncos, os seus ramos nus, semelhantes a garras, que se estendiam para segurar-lhe os braços, arrancar-lhes as roupas, ferir o seu rosto e agarrá-la. E isso a fazia correr através do espanto.

Recobrou a calma ao chegar ao dique que levava ao moinho, de tão pouca altura este que os seus telhados se achavam ao nível do dique e das águas que brilhavam lugubrememente na escuridão; uma espessura de negros amieiros rodeava-o por todos os lados, uma espessura impenetrável através da qual rugia e borbulhava a água que caía das rodas.

O enorme e negro edifício estremecia com o seu rítmico bater. Atravessou com cuidado a borda do dique e entrou no moinho. Mal cruzou o umbral deixou-se cair sobre um saco de farinha, esgotada pelo esforço.

O enorme interior do moinho enevoava-se com o fino pó branco que o triturado trigo soltava. Uma candeia que pendia do teto empurrava dificilmente a sua débil luz avermelhada para alumiar apenas as paredes e os vultos das engrenagens.

Tudo tremia, tudo se movia envolvido em pó farinhoso; tremia o resvaladiço solo, as paredes brancas, o teto de que pendiam enfarinhadas teias de aranha; tremiam as compridas e brancas arcas, e atrás delas, num fundo cinzento, moviam-se automaticamente as enormes e negras rodas pelas quais corria com estrondo um grosso e verde jorro de água; a sua desgrenhada e espumosa cabeça caía sobre as agudas estacas com tanta força que até os alicerces tremiam e a terra gemia.

Nada se ouvia a não ser o estrepitoso girar das rodas hidráulicas; apenas por vezes ressoava do primeiro andar o som estridente da sineta cuja voz fazia sair as pessoas correndo apressadamente da casa do moleiro, que se encontrava num canto do moinho.

Marcycha aproximou-se, sentou-se atrás da peneira que servia para limpar o cereal e esperou pacientemente. Tinha medo de entrar,

embora ouvisse claramente a voz de Pietrus e das outras pessoas.

Abandonou-a a coragem: aproximou o ouvido da delgada parede e escutou. A cada momento alguém saía correndo da habitação, e atrás, uma onda de risos, de luz e de calor invadia a sala das máquinas.

No quarto pequeno havia um calor de forno, na grande chaminé ardia a turfa lançando uma chama azul. Um grupo de homens rústicos estava sentado em redor do fogo. O cheiro a tabaco, a turfa e a peixe frito, enchia o quarto.

Pietrus estava recostado na cama, sobre um montão de peles, e troçava do camponês bêbedo que no meio da casa cambaleava sonolento.

– Vai para casa, Mateusz, porque senão a velha dá-te pauladas como...

– Pauladas? A mim, pauladas? A mim, ao patrão? Não; pelo contrário... Mete-me debaixo dos cobertores, serve-me uma vodka com comida abundante, ou talvez alguma coisa ainda melhor...

– Mete-te é na pocilga por te teres embebedado assim!

– Sim, estou bêbedo! E o caso é que eu lhe disse: judeu, dá-me aguardente! Porém, o canalha não fez caso e deu-me álcool puro... Hei-de arrancar-lhe a cabeça, valha-me Deus, que lha arranco... Se o patrão mandou servir aguardente, a obrigação era obedecer-lhe. E já que não o fizeste, hei-de agarrar-te por esses bigodes amarelos e atirar-te à água.

– Michal! Sai do cesto! – gritou o moleiro ao ouvir a sineta.

Um mocetão jovem levantou-se da lareira e saiu apressadamente, deixando a porta aberta.

Marcycha esgueirou-se por ela e deteve-se no limiar.

– Louvado seja... – sussurrou baixinho.

O moleiro levantou-se da cama e gritou, furioso:

– Que queres? Sai daqui, cadela!

A rapariga cambaleou; lançou um olhar impreciso aos homens, deixou o menino na cama do moleiro e fugiu a correr.

– Um presente para ti, Pietr – murmurou maliciosamente alguém.

– Que grande sarilho! – acrescentou outro, quando a criança começou a chorar.

– Quem na Primavera mete a pata, do castigo no Inverno não escapa...

– Agarre alguém esse miúdo, senão ainda se afoga por aí...

– Bem. Queres mamar, ou quê?

Alguém levantou o menino e o aproximou do lume; todos o contemplaram...

– Terá uns dois meses, não mais...

– Parece-se contigo, Pietr. Tem mesmo o nariz do papá...

– Serve-te de ajudante, e já...

– Ou põe-lo a trabalhar como moço em qualquer casa daí. Assim te cairá mais algum dinheiro...

– Põe-lhe em cada costado um quarto de farinha; o garoto alimentar-se-á melhor que um bezerro.

– Grita com gana. Podias fazer dele um organista, Pietr, e isso seria bom porque é uma honra; além disso, bom dinheiro cobram pelas bodas e pelos enterros.

– Sim, Pietr. Já que provaste o mel, come agora a cera.

– Porém a mãe também é elegante, dessas que usam socos novos que valerão uns seis «checos». A saia custará mais de um zloty e meio. E quanto ao focinho... Parece uma cala... Numa palavra; é uma mulher valente, com certeza.

– Basta que a laves e penteeis um pouco e ficará pronta para acender os braseiros nas casas dos judeus.

Faziam chacota de Pietr sem compaixão, enquanto ele continuava sentado na cama sem saber que fazer. Sufocava-se de raiva e de vergonha, mas não podia mover-se nem afastar os olhos, pois o atraía o branco rosto do menino a quem os homens tiraram os cueiros, que puseram no grosso assento da chaminé, aquecendo-os até que saiu vapor dos trapitos molhados.

De repente, Pietr levantou-se de um salto e saiu a correr para o vestíbulo. Ao cabo de alguns instantes ouviram-se pancadas e gritos selváticos.

– Com certeza que falam de amor – observou um dos camponeses.

– Quem é ela?

– Marcycha, a filha de Jantek e de Wola. Expulsaram-na do emprego e de casa... Tinha de ir para algum lado, não?

– Oh, oh! Pietrek é um carrasco com as raparigas.

– Tão carrasco como velhaco, e canalha dos piores...

– Deixa-me ouvir – gritou alguém.

– Pietrus, Pietrus! Não me batas mais! – suplicava Marcycha, arrastando-se aos pés dele. É teu filho, lembra-te... Expulsaram-me do trabalho... Expulsaram-me de casa... Aonde havia eu de ir, uma

pobre órfã? Petruchna! Ai, Jesus misericordioso! Ajuda-me, Jesus! ... Jesus, Maria! – gritou em voz desgarradora. Pietr tinha-lhe dado no peito um pontapé tão forte que ela caiu pesadamente.

Pouco depois tudo ficou calmo. Apenas se ouviu abrir a porta exterior, um breve forcejar e depois, nada, exceto as pancadas da roda do moinho.

– E se a mata?

– Não acontecerá nada. Abandonou o filho. Nada mais.

– Cadela. Deixou o filho e foi-se embora...

A criança voltou a chorar cada vez mais intensamente.

Alguém agarrou num pedaço de açúcar que havia na mesa do moleiro, envolveu-o num trapo, esmagou-o com o tacão, submergiu-o um instante em água e pô-lo na boca do menino; este começou a chupar com avidez.

Entretanto, Mateusz, que dormitava na cama, despertou e disse: – Eu levo o menino. No fim de contas, é como um órfão...

– Faz o que quiseres. Tu não tens filhos. Mas a velha bate-te de todas as maneiras...

– A mim? Não. Não me baterá. Resmungará um pouco, isso sim. É uma boa mulher... Vem, orfãozinho... Vais com o patrão... Vem, orfãozinho... – e com uma decisão de bêbedo, levantou-se, abriu o capote forrado de pele de cordeiro, enfiou o molhado gorro de pele de carneiro na cabeça e inclinou-se para a criança...

– Vem cá, miúdo, vem cá... Não tens mãe nem pai, e a partir de agora serás meu.

– É varão, não?

– Claro que é varão...

– Então, poderá ser pastor... Terás um moço, patrão...

– Mas antes tens de conseguir uma ama ou separar a vaca do bezerro para que o alimente.

Sem fazer caso das troças, envolveu o menino nos trapos já secos, cobriu-o com o gabão, e com forte e uniforme passo saiu do quarto procurando a saída.

Já lá fora, talvez sob a influência do ar, orientou-se com rapidez e dirigiu-se para o dique. Com dificuldade subiu até à borda. O vento forte açoitava-lhe a cara, empurrando-o para o caminho resvaladiço.

Deixou atrás as represas, dobrou à esquerda e encaminhou-se para a aldeia.

Caminhava com os pés afundados na água, pois o vento empurrava a água para fora das lagoas com tal força que saltava o dique e açoitava as pernas de Mateusz em ondas.

– Não chores, miúdo. Vou dar-te leite, faço-te um berço de verga... Vais gostar de estar comigo, orfãozinho, vais gostar... não te faltará nada... Terás os teus trapinhos... Compro-te uma navalha na feira... Irás com o gado ou atrás dos gansos... Não chores, miúdo... – murmurava, e cuidadosamente, como melhor podia, com as mãos hirtas de frio, segurava a criança dentro do gabão.

De repente calou-se, pois começara a dar-lhe o soluço, e o agudo e frio vento não o deixava pronunciar palavra. Mais além do dique, o caminho atravessava as turfeiras e os grandes açudes. Os velhos e desgarrados vidoeiros inclinavam-se sobre o caminho e gemiam lastimosamente, açoitados pelo vendaval. A lama chegava-lhes até os joelhos. A chuva parou por completo e agora só o vento frio se levantava na lama. Tinha tanto sono que marchava à beira da inconsciência.

Só o vento frio o despertava um pouco, de vez em quando.

A aldeia estava já perto.

Agora cambaleava menos, porém, por causa do sono, ignorava para onde ia. Caminhava como um autómato; de quando em quando, apalpava maquinalmente o gabão... O menino... As pernas enredavam-se-lhe, o frio entrava nele até aos ossos, porque o abrigo desabotoado no peito e molhado não o protegia bastante do vento... Por fim, soltou a dobra e esfregou as mãos contra os braços, e com a sua ébria e sonolenta voz entoou: Ai, bela, minha bela, todo o mundo é uma família; mas quando a morte te der o puxão esquece-te da salvação!

– Ai, ai!

Respondeu-lhe da lama o leve e sufocado grito da criança e uns próximos... apressados passos...

Mas ele não ouviu nada. Continuou entre sonhos o seu caminho e na noite profunda se foi perdendo na distância a sombra imprecisa do seu corpo.

EM LEGÍTIMA DEFESA – Daniel Defoe

Certo fidalgo, senhor de uma avultada fortuna, casou com uma dama, também de bons cabedais, de quem teve um filho e uma filha apenas, após o que anos passados, ela se finou. Em breve contraiu segundas núpcias; e a segunda esposa, posto que de mais baixa condição e menores haveres que a primeira, tomou a peito aborrecer e maltratar os filhos que ele tivera da outra mulher, o que fez a desarmonia da família, tanto no que respeita às crianças como no que toca ao próprio pai.

O primeiro resultado de tal comportamento da madrasta no seio da família foi o filho, mal principiou a sentir-se homem, ter pedido ao pai que o deixasse viajar por terras estranhas. A madrasta, conquanto desejasse ver-se livre dele, como ele precisava de uma soma considerável para se manter no estrangeiro, opôs-se violentamente, fazendo com que o pai o não deixasse partir, depois de lhe ter dado autorização para isso.

Tão arreliado ficou o rapaz que, depois de haver renovado o seu pedido ao pai, com todo o respeito, quer directamente quer por intermédio de alguns parentes, sem ter conseguido o seu intento, encorajado algum tanto por um tio, irmão da sua mãe, primeira mulher do pai, resolveu partir de casa sem licença; e se assim o pensou melhor o fez.

Por que parte do mundo viajou não me lembro; parece que o pai se manteve em contato com ele por algum tempo e em condições de lhe fazer chegar às mãos uma razoável pensão, para sua manutenção, a qual o rapaz mandava receber por meio de cartas de crédito, regularmente pagas; mas, algum tempo depois, governando a casa a madrasta, uma dessas cartas foi recusada e, depois de protestada, devolvida sem aceite; após o que, não mandou mais nenhuma nem nunca mais escreveu, e o pai nunca mais ouviu falar dele durante quatro anos, pouco mais ou menos.

Desse longo silêncio tirou a madrasta vários benefícios; primeiro começou por querer convencer o marido de que, tendo o rapaz necessariamente morrido, os bens dele deviam ser dispostos a favor do

mais velho dos filhos dela (pois ela tinha vários filhos). O pai opôs-se firmemente a essa proposta, mas a mulher continuou a acoressá-lo com importunações; e eram dois os argumentos contra ele, isto é, como quem diz, contra o filho.

Primeiro, se ele tivesse morrido, não havia lugar para objecções, pois o filho dela era o herdeiro legítimo.

Segundo, se ele não tivesse morrido, o seu comportamento para com o pai, a quem não escrevia há muito, era indesculpável, e este devia estar ressentido com isso, e proceder como se o filho tivesse morrido: que nada tão legitimamente o podia desobrigar e que, portanto, ele, seu pai, devia proceder como se ele, seu filho, fosse morto, e tratá-lo em conformidade, porque quem procedia assim para com o próprio pai como morto devia ser considerado quanto às suas relações filiais e ser tratado como merecia.

O pai, no entanto, opôs-se por muito tempo, alegando não poder decidir em consciência; que muita coisa podia ter acontecido no mundo que impedisse o filho de escrever; que podia ter sido feito prisioneiro dos turcos e levado como cativo; que podia achar-se entre os persas ou os árabes (o que parecia ser o caso), e assim não poder enviar novas suas, e que não se conformaria em deserdá-lo antes de verificar se tinha ou não razão para o fazer ou se o filho o tinha ou não ofendido.

Esta resposta, conquanto justa, estava longe de calar as queixas da mulher, queixas tamanhas que não dava descanso ao marido, fazendo a inquietação de toda a família; causava um grande mal-estar e, numa palavra, compelia os filhos a fazerem o mesmo; e o fidalgo via-se tão consumido que uma ou duas vezes esteve a ponto de anuir, mas o coração repontou e ele voltou atrás com a sua palavra, recusando.

Como quer que fosse, o facto de o ter levado tão longe, constituiu um encorajamento para ela prosseguir com as suas impaciências e solicitações. Por fim, ele acabou por aceitar um ajuste provisório, pelo qual, se não ouvisse falar do filho durante um certo lapso de tempo, consentiria numa nova distribuição dos bens.

A mulher não ficou satisfeita com este ajuste condicional, mas, vendo-se incapaz de obter qualquer outro, sentiu-se forçada a aceitá-lo tal como ele se lhe apresentava; como muitas vezes lhe disse, estava, no entanto, pouco satisfeita com o prazo por ele fixado em quatro anos, como atrás ficou dito.

De tanto ouvir falar na mesma coisa, ele acabou por se enfurecer, respondendo que ela se devia dar por muito satisfeita, pois o tempo era escasso em relação às circunstâncias em que o filho se podia encontrar.

O certo é que ela tanto o atormentou que acabou por persuadi-lo a reduzir o prazo para um ano; mas, antes de tal consentir, disse-lhe, um dia, num ataque de cólera, que esperava, mais tarde ou mais cedo, que o espectro do filho lhe aparecesse a ele e lhe dissesse que estava morto e que convinha que ele fizesse justiça aos seus demais filhos, pois ele nunca mais voltaria para reclamar os seus bens.

Quando, por fim, ele acabou, contra vontade, por consentir na redução do prazo para um ano, disse-lhe esperar que o espectro do filho, posto que o não tivesse por morto, lhe aparecesse a ela, e lhe dissesse estar vivo, antes de o prazo findar. «Por que não hão de as almas injuriadas dos vivos,» disse ele, «andar por esse mundo como as dos mortos?».

Aconteceu que uma tarde, depois disto, estando numa áspera quezília por causa do mesmo assunto, certa mão surgiu, subitamente, num postigo, como se tentasse abri-lo. Como todos os postigos de ferro usados nesse tempo abrissem para fora, embora se fechassem e prendessem por dentro, a mão parecia procurar, debalde, abrir o postigo. O fidalgo não deu por isso, mas a mulher, que viu, ergueu-se repentinamente, como que assustada e, esquecendo a briga, levantou as mãos para o céu. «Valha-me Deus!» Disse ela. «Há ladrões no jardim.»

O marido correu imediatamente para a porta da sala onde se encontravam e, abrindo-a, espreitou para fora. «Não está ninguém no jardim,» disse ele; dizendo o que, fechou de novo a porta e voltou para o seu lugar. «Tenho a certeza,» replicou ela, «que vi um homem ali.

– Então, era o diabo,» disse ele, «pois estou certo de que não há ninguém no jardim.

– Eu ia jurar,» tornou ela, «que vi um homem meter a mão para abrir o postigo, mas, achando-o preso, e, suponho eu,» acrescentou, «vendo-nos aqui, fugiu.

– É impossível ter fugido,» replicou ele, «não corri eu para a porta imediatamente?

Além disso, sabes bem que os muros que cercam o jardim não o deixavam fugir.

– Suplico-te,» exclamou ela colericamente, «não estou embriagada nem muito menos a sonhar, sei muito bem reconhecer um homem, e não estava escuro, o sol ainda não se pôs de todo.

– Estás apenas assustada com alguma sombra,» disse ele (e cheio de maldade) «coisas destas só costumam acontecer às pessoas que não têm a consciência tranquila; quem sabe se era o diabo.

– Não, não! ... Eu não me assusto facilmente,» disse ela, «se era o diabo, era o diabo no espectro do teu filho, que deve ter vindo dizer-te que estás no inferno e por isso deves dar os teus bens ao mais velho dos teus filhos bastardos, já que desprezas o legítimo herdeiro.

– Se fosse o meu filho,» disse ele, «é que vinha dizer-nos estar vivo, isso te garanto eu, e perguntar como podes ser tão diabólica que o queiras deserdar;» e dizendo isto: «Alexandre!» exclamou em voz alta, por duas vezes, erguendo-se impetuosamente da cadeira, «se estás vivo, aparece, e faz com que eu deixe de ser insultado todos os dias por causa da tua morte.»

Estas palavras não eram ditas quando o postigo onde a dama tinha visto a mão se abriu por si mesmo e Alexandre em pessoa, fitando a mãe com um irado semblante, gritou: «Estou aqui!... » desaparecendo no mesmo momento.

A dama, até aí tão senhora de si, soltou um espantoso grito que alarmou toda a casa; a criada dela correu à sala para ver o que tinha acontecido, mas a ama tombara desmaiada num cadeirão.

Não caíra por terra, porque, estando ali uma grande cadeira, se apoiara a um dos braços dela, onde imediatamente a ampararam; só muito depois, no entanto, recuperou os sentidos.

O marido tinha corrido imediatamente para a porta do salão, e, abrindo-a, saiu para o jardim, onde não viu ninguém; depois dirigiu-se a outra porta praticada directamente sobre o jardim e em seguida a outras duas que conduziam para fora dele, uma ao pátio da cavalaria e outra ao campo que se estendia para além da cerca; todas estavam bem fechadas e trancadas; vendo a um canto o jardineiro em companhia de um rapaz que arrastava um cilindro de pedra, perguntou-lhes se ninguém ali tinha estado, ao que eles responderam muitas vezes que não, que só eles ali se encontravam, cilindrando o passeio junto da casa.

Depois disso, voltou para dentro, sentou-se outra vez, e não disse palavra por muito tempo; as mulheres e os criados andavam numa azafama, fazendo quanto podiam para reanimar a senhora

Algum tempo depois, ela veio a si o bastante para poder falar; e as primeiras palavras que proferiu foram: «Va... lha-me Deus! Que foi isto?

– Nada,» disse o marido. «Naturalmente foi o Alexandre.

Ao ouvir isto, acometeu-a um ataque e pôs-se a soltar gritos e ais cada vez mais medonhos.

O marido, sem saber que é que a tinha levado àquilo, procurou aplaca-la, dizendo-lhe que não era nada; mas nada conseguiu, tendo-

se visto obrigado a conduzi-la à cama e a mandar chamar o físico; durante alguns dias esteve muito mal.

Fosse como fosse, graças a isto, durante um certo tempo, não voltou a referir-se a conveniência de deserdar o enteado.

Mas o tempo, que endurece o espírito em coisas ainda piores, foi lentamente consumindo a lembrança do ocorrido, e ela acabou por fazer reviver a mesma questão outra vez, posto que, de princípio, com menos ardor do que antes.

No entanto, o marido usou para com ela de uma certa má vontade também, e sempre que a questão vinha à baila, tapava-lhe a boca ou dizia-lhe que, se ela pronunciasse mais alguma palavra sobre o caso, ele pediria outra vez ao Alexandre que abrisse o postigo.

Isto agravou muito as coisas; e, se é certo tê-la atemorizado durante algum tempo, a verdade é que, por fim, o exaspero dela era tamanho que lhe disse estar certa de que ele tinha pacto com o diabo, a quem se vendera apenas com o intuito de lhe meter medo.

O marido pôs-se a brincar com ela, dizendo que qualquer esposo se sentiria grato para com o diabo que lhe calasse a mulher turbulenta e que se considerava muito feliz por ter encontrado maneira de o conseguir, embora isso lhe custasse.

Tão exasperada ela ficou que o ameaçou, caso voltasse a fazer uso das suas artes diabólicas, de o denunciar como feiticeiro e homem de tratos com o demónio; coisa bem fácil de provar, disse, pois a verdade é que ele tinha conjurado o diabo de propósito para a intimidar.

A disputa acabou nessa noite com palavras ruins e explosões de mau génio, mas ele nunca pensou que a mulher pusesse em prática a sua ameaça: de modo que, no dia seguinte, tudo esquecera e estava de tão bom humor como se nada tivesse ocorrido.

A mulher, porém, apareceu-lhe pesarosa e mui atormentada, toda ressentida, ameaçando-o com o que resolvera fazer.

Como quer que fosse, ele pouco pensou que ela tentasse pôr em prática a maldade que tinha em mente, e propôs-lhe conversarem amistosamente; ela, todavia, repeliu-o com desdém, dizendo estar disposta a levar por diante o que dissera, pois não queria viver com um homem que mandava o diabo entrar em sua própria casa, sempre que lhe apetecia, com intenção de a matar.

O marido procurou apazigua-la com boas palavras, replicando-lhe a ela falar sério; numa palavra, o caso tornou-se grave, pois a verdade é que a dama se dirigiu à justiça, onde declarou, sob juramento, que o

marido tinha pacto com o demônio e que a vida dela corria perigo, obtendo assim um mandato de captura contra ele.

Resumindo: trouxe para casa a dita ordem de captura, mostrou-a ao marido, e disse-lhe que a não tinha confiado à autoridade por lhe querer conceder a liberdade de se apresentar voluntariamente ao juiz de paz, esperando que lhe participasse quando estava pronto para isso, pois ela o estava também, tendo tenção de pedir a alguns amigos seus que a acompanhassem.

Grande foi a surpresa dele, pois nunca pensara que ela tivesse falado a sério, e pôs-se a apaziguá-la o melhor que sabia; mas ela viu que o tinha assustado deveras, o que era verdade, pois, posto que aquilo nada tivesse em si de condenável, era óbvio que seria um escândalo, e contrariava-o a ideia de se dar em espetáculo; eis por que usou para com ela de todos os rogos de que era capaz, pedindo-lhe que não fizesse tal coisa.

Quanto mais ele se humilhava, porém, maior era o triunfo dela. A insolência foi tanta que, por ela lhe disse que justiça seria feita, como o advertira, que era certa de o fazer castigar se continuasse obstinado e que não estava disposta sujeitar-se a encantamentos e feitiçarias, pois a verdade era ignorar até onde ele seria capaz ir.

Para abreviar a história: tão grande ascendente ganhou sobre ele, que o marido acabou por propor que o caso fosse presente a pessoas imparciais, amigos das duas partes, os quais, convocados umas poucas de vezes, nunca chegaram a qualquer conclusão. Os amigos dele diziam que aquilo não tinha importância e que ele não devia intimidar-se; o ato de ele chamar pelo filho e alguém abrir o postigo e gritar: «Estou aqui», não era prova de feitiçaria e insistiam em que ela nada podia fazer contra ele.

Os amigos dela comportavam-se altivamente, por ela instigados; alegando que ela estava pronta a jurar que ele a tinha ameaçado com o fantasma do filho; porque ele fizera aparecer um espectro, chamando pelo rapaz, evidentemente já falecido, e o fantasma aparecera imediatamente; que ele não poderia ter pedido ao diabo que lhe apresentasse o filho se ele próprio não tivesse pacto com o demônio e se não falasse com os espíritos, e que isto era de graves consequências para ela.

Perante tudo isto, o fidalgo carecia de coragem para resistir, sendo grande o seu receio de um escândalo: eis por que parecia dolorosamente perplexo, sem saber que fazer.

Quando ela percebeu que ele já estava suficientemente humilde,

disse-lhe que, se lhe queria fazer justiça (como quem diz, dispor da herança a favor do filho dela), ela estava pronta a renunciar a tudo o mais, com a condição de ele lhe prometer não a tornar a assustar com o diabo.

Esta parte da proposta exasperou-o de novo, e lançou-lhe em rosto que aquilo não passava de uma calúnia, que estava pronto a afrontá-la e que ela podia provocar a sua própria desgraça.

Assim quebrou o acordo e ela outra vez o começou a ameaçar. Como quer que fosse, persuadiu-o, finalmente, a condescender, entregando-lhe ele um documento escrito pelo seu próprio punho, feito na presença de alguns amigos dela, no qual prometia cumprir o desejo da mulher, se o filho não chegasse nem desse novas dentro de quatro meses.

A dama ficou satisfeita com isto e voltaram a ser amigos como dantes, tendo-lhe ele confiado o dito documento; mas, quando lhe entregou, na presença de duas testemunhas, tomou a liberdade de lhe dizer, numa espécie de discurso, grave e solene: «Escuta,» disse ele, «tanto me atormentaste com o teu impaciente génio que fizeste com que eu assinasse este contrato contrário à justiça, à moral, e à razão; no entanto, embora dependente dele, estou certo de que nunca o executarei.»

Uma das testemunhas disse: «Porquê, senhor? Então isto não serve para nada. Se estais resolvido a não cumprir o contrato, para que o assinais? Para que prometeis o que não tendes a intenção de fazer? Isto apenas servirá para acender nova disputa quando o prazo expirar.

– Porque, no meu foro íntimo,» disse ele, «estou convencido de que o meu filho está vivo.

– Vamos, vamos,» disse a mulher para o fidalgo que discutia com o marido, «deixai-o assinar o contrato e eu me encarregarei de o obrigar a cumpri-lo.

– Está bem,» disse o marido, «terás o contrato, mas depois hás-de me deixar em paz: estou convencido de que nunca me pedirás para o cumprir; e, no entanto, não sou um feiticeiro,» acrescentou ele, «como tu maldosamente insinuaste.»

A dama replicou que podia provar que ele tinha pacto com o diabo, pois bastava que chamasse pelo nome do filho para surgir uma alma penada: e pôs-se a contar a história da mão e do postigo. «Vamos,» disse o fidalgo para o amigo, «dai-me a pena: em toda a minha vida nunca tive pactos senão com um diabo, e esse diabo está aqui sentado,» virando-se para a mulher; «e acabo de fechar com ela um contrato que mulher alguma, a não ser o diabo, seria capaz de obrigar

o próprio marido a assinar, e eu assino-o. Mas também vos garanto, dai-me a pena, que nem ela nem todos os diabos do inferno serão capazes de me fazer cumprir; lembrai-vos do que vos acabo de dizer.»

Ela começou a protestar, preparando-se uma nova disputa, mas os fidalgos entrepuseram-se e o marido, assinando o escrito, pôs fim à quezília por aquela vez.

Ao fim dos quatro meses, ela exigiu o cumprimento do contrato, tendo sido designado um dia para isso, e os dois amigos que tinham servido de testemunhas foram convidados para jantar nessa ocasião, crendo que o marido cumpriria as cláusulas do contrato; e, de acordo com isso, os escritos foram todos apresentados e lidos por inteiro, bem como alguns velhos contratos, assinados no ato do casamento pelos curadores, que foram exibidos para serem cancelados de maneira a ela ficar quite na mesma parte da herança, no que dizia respeito ao filho. O marido foi convidado ou por modos pacíficos ou à força, talvez por estar de humor, antes por modos pacíficos, a executar as cláusulas do contrato, deserdando o filho, sendo-lhe dito que, se na verdade ele tivesse morrido, isso não o prejudicaria, e, se estivesse vivo, o facto de lhe não dar novas suas por um tão longo espaço de tempo era prova de desobediência e grossaria.

Além disso, alegaram que, se ele viesse a aparecer depois disto, o pai (cuja riqueza muito tinha prosperado) podia dar-lhe outros bens como justa satisfação pela perda que ele teria de sofrer na parte dos bens paternos.

Perante tais considerações, o pobre pusilânime marido estava quase a anuir, ou, pelo menos, quer tivesse anuído ou não, as coisas iam-se fazer de acordo com o que tinha sido causa daquela reunião.

Quando acabaram de discorrer acerca de todas estas particularidades e, como acima ficou dito, lidas as novas cláusulas, ela ou o marido pegou nos velhos documentos para os cancelar; creio que a história diz que, indo a mulher, não o marido, rasgar os selos, se ouviu, subitamente, um ruído no salão onde estavam, exatamente como se alguém tivesse penetrado pela porta que comunicava com o átrio e entrasse na sala, a caminho da porta do jardim, que estava fechada.

Todos se mostraram surpreendidos, pois isto foi perfeitamente notório, mas nada viram. A dama empalideceu, cheia de pavor; no entanto, como nada descortinara, reanimou-se um pouco, mas para começar, de novo, a implicar com o marido.

– Quê?» disse ela. «Tramaste nova conspiração para que os diabos tornassem a aparecer?»

O marido permaneceu sereno, posto que, no seu foro íntimo, não pouco surpreendido também.

Um dos dois fidalgos disse-lhe: «Que quer isto dizer?

– Garanto-vos, senhor,» disse ele, «que sei tanto do que se trata como vós. «Então, que será?» disse o outro fidalgo. «Não faço a mais pequena ideia,» replicou o marido. «Não percebo absolutamente nada destas coisas.

– Não ouvistes dizer nada do vosso filho?» perguntou o fidalgo. «Nem uma só palavra,» respondeu o pai; «não, nem a mais pequena palavra durante estes últimos cinco anos.

– Haveis-lhe mandado dizer alguma coisa,» voltou o fidalgo, «acerca deste contrato?

– Nem uma palavra,» disse ele; «não sabia para onde escrever-lhe.

– Senhor,» disse o fidalgo, «tenho ouvido falar muito de aparições, mas nunca vi nenhuma na minha vida nem nunca acreditei que houvesse qualquer verdade nisso; com efeito, contínuo sem nada ver agora mesmo; mas não há dúvida de que passou algum corpo, algum espírito ou coisa que o valha por esta sala: ouvi distintamente. Estou certo de que há aqui qualquer coisa invisível, tão certo como se a visse.

– Ainda mais,» disse a outra testemunha, «eu senti o ar deslocar-se quando passou por mim. Dizei-me, peço-vos,» disse ele, voltando-se para o marido, «estais vendo alguma coisa?

– Não, pela minha honra,» replicou ele, «absolutamente nada.

– Contaram-me,» disse a primeira testemunha «e li algures que uma aparição pode ser visível para umas pessoas e invisível para outras, embora todas juntas na mesma sala».

Como quer que fosse, o marido protestou solenemente, perante todos os presentes, que nada tinha visto. «Peço-vos, senhor,» disse a primeira testemunha, «haveis visto alguma coisa já noutra ocasião, haveis ouvido ruídos ou vozes ou haveis tido algum sonho acerca disto?

– É certo,» disse ele, «que tenho sonhado muitas vezes que meu filho está vivo e que falo com ele, e uma vez que lhe perguntei por que era tão desobediente e me desprezava tanto que me deixasse sem notícias durante tanto tempo, sabendo, como sabia, que eu o podia deserdar.

– Muito bem, e que respondeu ele?

– Nunca os meus sonhos duraram tanto que ele me pudesse responder; acabei sempre por acordar.

– E que pensais de tudo isso?» disse a testemunha; «pensais que ele tenha morrido?

– Não, nunca,» disse o pai, «penso, no fundo da minha consciência, que ele está vivo, tão vivo como eu próprio, e eis-me prestes a praticar um acto tão iníquo como homem algum ainda praticou.

– Na verdade,» disse a segunda testemunha «isto principia a incomodar-me; não sei que hei-de pensar destas coisas; não me quero intrometer mais neste assunto, pois me desagrada compelir um homem a praticar um ato contrário à sua consciência».

Ao ouvir isto, a mulher, que, como eu disse, se reanimara algum tanto e se sentia particularmente animada por nada ter visto, ergueu-se repentinamente. «A que propósito vêm todos estes discursos?» disse ela. «Pois ainda não está tudo regularizado? Que é que nós aqui viemos fazer?

– Além disso,» disse a primeira testemunha, «penso que não nos encontramos aqui para discutir o que se passa, mas para dar cumprimento às cláusulas do contrato. Por que estamos nós assustados?

– Não estou assustada,» disse a mulher. «Eu não; vamos,» disse ela para o marido, altivamente «assina o documento; era capaz de cancelar as escrituras antigas, mesmo que estivessem quarenta diabos dentro da sala.» E, dizendo isto, pegou num dos documentos, pronta a rasgar o selo.

Naquele instante o tal postigo abriu-se de novo, posto que estivesse fechado por dentro, exatamente como da outra vez, e viu-se a sombra de um corpo, que parecia estar fora no jardim, com a cabeça metida no postigo, o rosto voltado para a sala, fitando diretamente a dama, com um severo e irado semblante. «Alto!» disse o espectro, como se se dirigisse a ela, e imediatamente o postigo se fechou, desaparecendo o fantasma.

Impossível descrever o estado de desalento em que esta segunda aparição lançou toda aquela gente; a dama, que até aí se tinha mostrado tão corajosa, capaz de rasgar os selos, mesmo que quarenta demónios entrassem na sala, soltou um grito semelhante ao de uma mulher com um ataque, deixando cair os documentos das mãos; as duas testemunhas estavam extraordinariamente assustadas, embora não tanto como os demais; mas uma delas pegou na sentença que ambas tinham assinado e onde o marido era compelido a cumprir o contrato dispondo dos bens do filho. «Atrevo-me a afirmar,» disse ele, «quer se trate de um bom quer de um mau espírito, que é seu desejo que isto não se cancele;» não dito o que, riscou o nome da sentença, no que foi seguido pela outra testemunha, e ambas se ergueram dos

seus lugares dizendo que nada mais tinham a fazer ali.

O mais inesperado de tudo, porém, foi o próprio marido ter desfalecido de susto, não obstante tudo ser a seu favor, como era evidente.

Isto pôs ponto final a toda aquela questão, não só naquele momento, mas para sempre, como depois vim a saber.

A história tem muitas outras particularidades, longas de mais para que eu vos enfade com elas: mas duas há que não posso omitir, a saber:

- 1) Que dentro de cinco meses, pouco mais ou menos, a contar desta segunda aparição, o rapaz voltou das Índias Orientais, para onde embarcara em Lisboa, num navio português, havia quatro anos.
- 2) Que tendo sido particularmente interrogado acerca de todas estas coisas e em especial sobre se tivera tido algum conhecimento delas, ou se alguma aparição, vozes, ou qualquer intimação lhe tinham dado a conhecer o que ocorrera em Inglaterra, ele afirmou repetidamente que de nada tivera notícia, salvo uma vez ter sonhado que o pai lhe escrevera uma carta colérica, ameaçando-o, caso não voltasse para casa, de deserdá-lo, não lhe deixando um único xelim. Mas acrescentava que nunca tinha recebido em sua vida carta alguma do pai ou de qualquer outra pessoa.

LA MÈRE BAUCHE – Anthony Trollope

O vale dos Pirenéus, onde estão situadas as termas de Vernet, é tão pouco conhecido dos ingleses como de quaisquer outros viajantes. Os turistas, em busca ao mesmo tempo de bons hotéis e de sítios pitorescos, raramente se aventuram até aos Pirenéus Orientais. Raro ultrapassam Luchon: e com razão assim findam as suas peregrinações no mais belo recanto destas montanhas. Ao verem-se, em geral, enganados, espoliados, desencaminhados por guias, estalajadeiros e alquiladores, naquele local tão delicioso por tantas outras razões, perdem a vontade de ir mais além. Nem os inválidos de lugares distantes frequentam Vernet. Gente de bom tom vai para Eaux Bonnes e para Luchon e os que realmente estão doentes para Barèges e Cauterets. É aí que se nos deparam muitos parisienses e filhas e esposas dos ricos comerciantes de Bordéus com uma mistura, então nada para desprezar, de ingleses e inglesas. Mas os Pirenéus Orientais continuam ainda sem frequência.

E provavelmente assim se conservarão; embora se encontrem aí deliciosos vales – de entre todos é o vale de Vernet talvez o mais delicioso – a verdade é que essa região não pode competir com o cenário de montanhas de outros pontos da Europa, estimadas pelos turistas. Em Port de Venasquez e na Brèche de Roland, nos Pirenéus Ocidentais, ou antes, para falar com mais propriedade, nas regiões das próximas vizinhanças da entrada daquelas famosas montanhas em Espanha, qualquer pessoa pode estabelecer confrontos com a Suíça, o Norte da Itália, o Tirol e a Irlanda, sem que esse confronto corra o risco de ser injurioso para a paisagem que tem diante dos olhos. Mas isto dificilmente acontecerá com as montanhas do Oriente. Os picos não se encontram aí tão estreitamente reunidos em grupos pitorescos; as gargantas dos vales, embora bastante densas, não se fecham umas contra as outras, coroadas de rochas abruptas, sendo tão escassas em majestade como em beleza. Eis por que, consequência natural de tudo isto, os hotéis não são tão bons como era mister que fossem.

Uma montanha há, porém, entre elas com direito a reclamar um lugar ao lado do Pic du Midi ou da Maledetta. Ninguém tem o direito de desdenhar do severo e velho Canigou, imenso e solitário, solene e grandioso, lá postado entre as duas estradas que de Perpignan

conduzem a Espanha, uma por Prades e a outra por Le Boulon.

Abaixo do Canigou, para oeste, ficam as termas de Vernet num fechado e estreito vate, como disse atrás, o mais doce rincão destes Pirenéus Orientais, pelo menos em meu juízo.

Havia anos que estas termas eram quase inteiramente frequentadas pelos habitantes das povoações não muito afastadas, como Perpignan, Narbonne, Carcassonne e Béziers, não sendo, por isso mesmo, afamadas, luxuosas ou dispendiosas; todavia, aqueles que acreditavam nelas, criam nelas com verdadeira fé; era facto homens e mulheres que chegavam cansados pelo trabalho, esgotados e exaustos pelos prazeres, regressarem sãos e fortes, uma vez mais em condições de afrontarem a vida com todas as suas calamidades. Não me parece que as coisas hajam mudado nos últimos tempos, posto que a roda dos seus fanáticos tenha aumentado algum tanto.

Naquele tempo a mais notável e ilustre individualidade do lugar de Vernet era La Mère Bauche. Que houvera um Pére Bauche de todos era sabido, e por isso mesmo é que existia um Fils Bauche, na companhia da mãe, mas que tal Pére Bauche existira de todos parecia olvidado. Em Vernet nunca usufruíra nomeada. La Mère Bauche era filha da terra, mas a sua vida de casada decorrera longe dali, onde ela apenas voltara, após uma prematura viuvez, para se tornar proprietária e gerente, ou, por outras palavras, o coração e a alma do Hotel Bauche, de Vernet.

Este hotel era um grande e algo tosco estabelecimento destinado à acomodação dos doentes que a Vernet vinham tratar da saúde. Fora diretamente edificado sobre uma das nascentes termas, que permitia que as águas jorrassem logo das entranhas da terra para as banheiras. Tinha acomodações para setenta hóspedes, estando sempre cheio durante os meses de verão e do outono. No inverno e na primavera bastantes por ali apareciam também, porque os preços de Madame Bauche eram acessíveis e as acomodações razoáveis.

Quanto a isto, e, na verdade, quanto a tudo o mais, Madame Bauche passava por ser uma mulher séria. Lá tinha os seus preços, que considerações de espécie alguma seriam capazes de modificar, e os seus almoços, jantares, banhos e camas, conscienciosamente mantidos, estavam em relação com os preços. Tais traços no carácter de uma hoteleira não podiam deixar também de ser altamente louvados, tendo a sua natural retribuição na frequência do público. No entanto, outros seus traços haviam que, embora ocasionais, eram motivo de queixa para alguns na conduta de Madame Bauche.

Em primeiro lugar faltava-lhe aquele agradável sorriso de urbanidade que deve ser timbre do gerente de qualquer estabelecimento que

recebe hóspedes.

Habitualmente era severa e calada para com os hóspedes, autocrática, autoritária e algumas vezes contraditória para com os seus, e inteiramente irracional e quezilenta sempre que qualquer alteração lhe era proposta, por um dia que fosse, ou quando qualquer rumor de desagrado lhe chegava aos ouvidos.

Efetivamente, quanto às queixas contra o estabelecimento era de uma completa intolerância. A esse respeito só tinha uma resposta. Aquele ou aquela que mostrasse razão de queixa estava autorizado a deixar a casa quando lhe aprouvesse. Havia sempre gente pronta para ocupar os seus lugares. Só a modicidade dos seus preços lhe permitia proceder assim, e isso era-lhe muito agradável.

Os banhos eram a horas diversas, consoante o conselho médico, mas em geral de manhã, das cinco às sete. O déjeuner, ou o café-da-manhã, era às nove; o jantar, às quatro. Depois destas horas não se forneciam no Hotel Bauche refeições nem bebidas de espécie alguma. Existia um café na povoação onde os cavalheiros e as damas poderiam tomar o seu café ou o seu copo de eau sucré; nada disto, contudo, se podia tomar no estabelecimento balnear. Não havia suborno nem argumentos que tornassem possível tomar-se qualquer refeição no hotel fora das horas regulamentares. O hóspede que penetrasse na salle à manger dez minutos depois de soar o último toque seria olhado por Madame Bauche, sempre postada à cabeceira da sua mesa, com o maior azedume. Caso alguém aparecesse meia hora mais tarde, apenas receberia por quinhão o que restasse após todos os outros hóspedes se terem servido. Mas, servido que fosse o último prato, seria absolutamente escusado fosse a quem fosse entrar na sala.

O aspecto de Madame Bauche na época desta história não era dos mais lisonjeiros.

Devia andar pelos sessenta anos, era muito corpulenta e tinha o pescoço curto. Os cabelos grisalhos, sempre penteados à hora do jantar, durante o resto do dia fugiam-lhe da touca, em desordem. Tinha sobranceiras grandes e espessas; no entanto, elas, só por si, não bastariam para lhe dar às feições o aspecto de indómita severidade que as caracterizava. Com efeito, as sobranceiras eram temíveis, mas não tão temíveis como os óculos verdes que trazia sempre em cima delas. Os que a conheciam pensavam que o grande segredo da autoridade de Madame Bauche residia nos seus óculos verdes.

Era seu hábito andar de um lado para outro dentro do estabelecimento, todos os dias, desde o pequeno almoço até a hora em que se devia ir vestir para o jantar.

Visitava quarto por quarto e casa de banho por casa de banho, dava

uma ou duas voltas à salle à manger e entrava repetidas vezes na cozinha; metia o nariz em todos os recantos e buracos, e espiolhava tudo com os seus óculos verdes; nem sempre era um grande prazer dar de cara com ela durante um destes passeios.

Costumava caminhar muito vagarosamente, em geral com as mãos atrás das costas: raro dirigia a palavra aos hóspedes, a menos que eles lha dirigissem primeiro, e, quando isso acontecia, quase nunca se afastava da conversa trivial. Se alguém tivesse qualquer coisa a dizer relativamente aos serviços da casa, ela ouviria e depois daria a sua resposta, – poucas vezes agradável de ouvir.

Tal era o caminho que seguia no mundo aquela velha grave, firme e solene, não de todo isenta de certas apaixonadas explosões, mas honesta, aliás, e não sem certa íntima benevolência e verdadeira bondade. Filhos, tinha tido muitos, uns sete ou oito. Um ou dois eram falecidos, outros haviam casado; todos viviam muito longe de casa, à exceção de um, sujeito à autoridade materna ao tempo a que nos reportamos.

Adolphe Bauche era o único dos seus filhos de quem se deviam lembrar muitos dos estrangeiros presentes e frequentadores do hotel. Era o mais novo, e, tendo nascido pouco tempo depois do regresso a Vernet de Madame Bauche, ali fora inteiramente criado. Toda a gente daqueles sítios pensava, e com razão, ser ele o filho querido da mãe – querido como nenhum dos outros filhos o tinha sido – a menina dos seus olhos, a jóia da sua vida. Naquele tempo andava ele pelos vinte e cinco anos, tendo estado ausente de Vernet havia dois por motivos que em breve saberemos. Estivera em Paris, para ver mundo, e aprender a falar francês em lugar do patois dos seus vales. Depois de sair de Paris viera para o sul, para o Languedoc, onde se demorara colhendo ensinamentos de agricultura que pensava pôr em prática nas propriedades do vale de Vernet. E agora era em breve esperado em casa, de regresso, para grande alegria da mãe.

O ela ser bondosa e afável para com o filho favorito não era grande prova da sua caridade, mas também fora boa e afável para com a criança que um vizinho deixara órfã, para mais tratando-se da filha de um estalajadeiro rival. Em Vernet tinha havido mais do que um estabelecimento de banhos, mas o proprietário do outro morrera alguns anos antes de Madame Bauche ali se ter estabelecido. A casa dele não tinha prosperado, e o seu único rebento, uma rapariguinha, ficara no mundo absolutamente sem nada.

A pequenita, Marie Clavert, foi recolhida em casa por Madame Bauche logo depois da morte do pai, não obstante esta haver sempre cordialmente odiado aquele. Marie era então de colo e Madame

Bauche aceitara o encargo de a criar sem querer saber do futuro. Mas a verdade é que cumprira sempre cabalmente os seus deveres de mãe para com a pequenita, que se tornara o ai Jesus de todo o estabelecimento, o brinquedo favorito de Adolphe Bauche – e, por fim, naturalmente, a sua primeira namorada.

E então, como era de esperar, certas coisas aconteceram em Vernet.

É claro que toda a gente daqueles sítios tinha visto, muito antes que Madame Bauche desse por isso, o que se passava e o que provavelmente aconteceria. Mas, por fim, veio-lhe ao espírito a ideia de que o seu filho Adolphe Bauche, o herdeiro de todas as suas virtudes e de todas as suas riquezas, a flor dos rapazes daquele e dos vizinhos vales, estava absolutamente decidido a casar com a pobre orfãzinha, Marie Clavert!

Que alguém se pudesse enamorar de Marie Clavert, eis o que nunca tinha passado pela cabeça de Madame Bauche. Sempre olhara a criança apenas como uma criança, uma pobre abandonada, indigna de ser considerada pelo mundo como coisa diferente daquilo que era: uma pobre Marie. Madame Bauche, graças aos seus óculos verdes, nunca reparara que Marie Clavert era uma linda criatura, cheia daqueles encantos da maturidade que os rapazes tanto apreciam. Marie era empregada por Madame Bauche numa infinidade de pequenos serviços domésticos e a velha senhora reconhecia e apreciava devidamente o seu valor. Mas, por isso mesmo, habituara-se a considerar Marie apenas com um vulgaríssimo, embora útil, bicho de cozinha. Gostava muito da sua protegida e tanto que a ouvia em assuntos relativos aos negócios da casa, coisa que não acontecia com mais ninguém. Mas a beleza, a doçura e a graça feminina de Marie tinham sido menosprezadas por «Maman Bauche», como Marie lhe chamava. Desgraçadamente, porém, não tinham sido menosprezadas por Adolphe. Este tinha apreciado, o que era naturalíssimo, tudo quanto fora indiferente à mãe; e evidentemente acabara por se enamorar.

Adolphe, como até então em muito poucas coisas fora contrariado, pensava que todas as dificuldades seriam banidas mal ele dissesse à mãe que queria casar com Marie Clavert. Mas Marie, graças ao seu instinto feminino, não pensava assim.

Tremera, e quase se arrepiara de medo, quando ele lhe confessara gostar dela; e correu a esconder-se quando Adolphe se decidiu a pedir à mãe consentimento para se casarem.

A indignação e a cólera de Madame Bauche datavam de havia dois anos antes desta história, eis por que me não parece necessário alargar-me mais sobre isso.

Começou por ser injuriosa e azeda, o que foi mau para Marie, mas depois passou a ser azeda e calada, o que foi pior. Foi logo evidentemente resolvido que Marie fosse enviada para qualquer asilo de órfãos ou de pobres desprotegidos – numa palavra, fosse para onde fosse longe dali. Que importância tinha o seu futuro, a sua felicidade, ou mesmo a sua existência? Não era o futuro e a felicidade de Adolphe que deviam ser considerados acima de tudo em Vernet?

Mas este aspecto terrivelmente crítico da questão não durou muito. La Mère Bauche escondia por debaixo dos óculos verdes um coração que era, na verdade, terno e afetuoso, e depois dos primeiros dias de cólera concluiu que alguma coisa se podia fazer por Marie Clavert. Ao quarto dia, reconheceu que a vida do hotel, a sua própria vida, não poderia continuar tão bem sem Marie como com ela. Além disto, Madame Bauche tinha um amigo com quem às vezes se costumava aconselhar em casos graves. Este amigo dissera-lhe que, desde que era preciso alguém sair de casa, muito mais atinado seria que esse alguém fosse Adolphe; que muito proveitoso lhe seria passar alguns meses longe dos vales que o tinham visto nascer; e que um ou dois anos de ausência o ensinariam a esquecer Marie, mesmo que não chegassem para que Marie o esquecesse a ele.

É talvez oportuno dizer uma ou duas palavras acerca deste amigo de Madame Bauche. Em Vernet era habitualmente conhecido por Monsieur le Capitaine, embora, de facto, nunca tivesse atingido aquele posto. Estivera na tropa e perdera uma perna quando apenas sous-lieutenant. Reformado, ficara impedido de trilhar mais além o árduo caminho que leva à glória. Nos últimos quinze anos vivera debaixo das telhas de Madame Bauche, primeiro como simples visita, fora e dentro, e depois, havia muitos anos já, tão assiduamente como ela própria.

Era tão correntemente tratado por Le Capitaine que raro se lhe ouvia o verdadeiro nome. Convém talvez saber, no entanto, que se chamava Théodore Campan. Era um homem alto, boa figura; vestia sempre fatos pretos, ordinários, é certo, mas sempre escrupulosamente limpos e escovados. Devia rondar, talvez, os cinquenta anos, conspícuos, graças à rígida firmeza da sua coluna vertebral – e de uma negra perna de pau.

Esta perna de pau, eis, talvez, o traço mais notável do seu carácter. Era ele, por suas próprias mãos, quando as ocasiões o exigiam, quem a pintava, polia ou envernizava, pelo que andava sempre negra de azeviche. Assim como o capitão era mais alto do que o vulgar, também a sua perna era mais cumprida do que costumam ser as pernas de pau. No entanto, nada parecia impedir a rígida e nimiamente escrupulosa propriedade dos seus movimentos. Não havia

nada na sua conduta comparável com a das pessoas que costumam usar pernas de pau. Para que a sua se tornasse mais distinta, cingia-a, a meio, na barriga da perna, para melhor dizermos, com uma faixa de cobre brilhante, que cintilava como oiro polido.

Tinha-se tornado costume do capitão, havia anos, recolher-se todas as tardes, por volta das sete horas, ao *sanctum sanctorum* dos aposentos de Madame Bauche, a escura salinha particular onde ela tirava as suas contas e dava balanço aos lucros, e aí se regalava na presença dela – e, para falar verdade, à sua custa – pois esta despesa nunca aparecia nas contas – com café e conhaque. Eu disse que nunca se comia nem bebia no estabelecimento depois da hora regulamentar das refeições; quando assim falava, referia-me às pessoas em geral. Isso era verdade no capítulo dos negócios; mas no capítulo da amizade o Capitaine usufruía por aquele tempo desta concessão.

Era nesses momentos que Madame Bauche discutia os seus assuntos particulares e sobre eles dava e recebia conselhos. Apesar de tudo, Madame Bauche era mortal; nem os seus óculos verdes chegavam, sem outra ajuda, para conduzi-la através de todas as calamidades da vida. Fazia então cinco anos que a gente de Vernet descobrira que La Mère Bauche ia casar com o Capitaine; e durante oito meses todo Vernet estivera cheio disso; qualquer que seja, porém, a paciência de cada um, sempre acaba por se esgotar, e, como além da chávena diária de café nada mais se verificou, o assunto acabou por esquecer – completamente desdenhado pela Mère Bauche.

Madame Bauche, contudo, embora não pensasse no seu próprio casamento, pensava muito no casamento dos outros; e naqueles últimos tempos, entre a chávena de café e o conhaque da noite, iam discutindo um projeto matrimonial. Já se sabe que o Capitaine pleiteara em favor de Marie quando rompeu o furor indignado de Madame Bauche; e por fim Marie ficou em casa, sendo Adolphe quem partiu, conforme o conselho dele. «Mas o Adolphe não pode ficar toda a vida fora de casa,» tinha Madame Bauche advogado, na sua oposição. E o Capitaine admitiu que assim fosse, embora Marie, disse ele, pudesse casar com qualquer outra pessoa antes dos dois anos decorridos. E assim principiou a história.

Com quem havia ela de casar? A esta pergunta respondeu o Capitaine, com inteira inocência, que La Mère Bauche estava em muito melhores condições para escolher do que ele, que ignorava a situação económica de Marie. Se Madame Bauche lhe quisesse conceder um pequeno dote, o caso, pensava o Capitaine, seria muito mais facilmente resolvido.

Todas estas coisas levaram meses a tratar e durante esse tempo Marie

lá foi desempenhando as suas obrigações com melancólica indiferença. Só tinha um lenitivo. Adolphe, antes de partir, havia-lhe jurado, sob a cruzinha que ela lhe dera, que nada deste mundo os separaria; mais cedo ou mais tarde, casaria com ela. Sem esta gota de água, Marie ter-se-ia sentido incapaz de abrir a boca ou de dar mais um passo.

E então, depois de madura meditação, La Mère Bauche descobriu uma saída, que ela própria comunicou ao Capitaine, depois de uma chávena de café, onde deitara mais uma colher de conhaque do que o costume. Por que não havia de ser ele o homem escolhido para casar com Marie Clavert?

Ora ali estava uma proposta verdadeiramente inesperada, pois a ideia de casar com quem quer que fosse nunca havia passado pela cabeça do Capitaine em período algum da sua vida; mas La Mère Bauche tinha maquinado as coisas de maneira que a sua proposta não fosse inteiramente inaceitável. No que tocava a dote, estava disposta a ser mais do que generosa. Como gostava muito de Marie, prontificava-se a dar-lhe fosse o que fosse exceto o seu filho, o seu Adolphe. Eis o que ela propôs.

Adolphe nunca ficaria com o estabelecimento balnear. Se o Capitaine casasse com Marie, esta, declarou Madame Bauche, seria a proprietária da casa depois da sua morte, com a condição, é claro, de se estabelecerem certas compensações aos interesses pecuniários de Adolphe.

O plano foi discutido uma centena de vezes e, por fim, levado a tal ponto que se resolveu dá-lo a conhecer a Marie, mandada vir à presença de Madame Bauche e do seu futuro marido. A pobre rapariga não manifestou desgosto perante o rígido e desajeitado noivo que lhe tinham escolhido, cuja figura era, na aparência, quase tão de madeira como a sua própria perna. Efetivamente, Marie gostava do Capitaine e tinha-o como amigo, além de que um tal casamento não seria uma exceção naqueles sítios. O Capitaine ultrapassara talvez um pouco a idade em que um homem geralmente se considera no direito de pedir a uma rapariga que lhe sirva de enfermeira e esposa, mas a verdade é que ela muito pouco tinha de seu para lhe dar, além da juventude, da beleza e da bondade.

Não lhe era possível, porém, dar o seu inteiro consentimento; pois não estava ela ainda comprometida com Adolphe? Eis por que, perante as grandes vantagens pecuniárias que lhe foram apresentadas uma por uma, e perante o derradeiro argumento exibido pela Mère Bauche, segundo o qual a mulher do Capitaine passaria a ser considerada não como uma criada mas como a segunda proprietária do estabelecimento, ela apenas pôde deixar correr as lágrimas e

murmurar que não sabia. «Serei muito bom para ti,» disse o Capitaine; «o melhor que eu puder.»

Marie pegou-lhe na rude e mirrada mão e beijou-a; depois fitou-o com suplicantes olhos, que não podiam deixar de o comover. «Não precisas de dar já uma resposta,» disse o Capitaine. «Temos muito tempo.»

Mas, não obstante toda a sua comoção, uma coisa era certa: Marie não podia casar com Adolphe. Como ele tinha dado a sua inteira adesão a esta ideia, não a podia abandonar sem perder de todo a sua posição no estabelecimento de Madame Bauche. E, além disso, a sua consciência não o aconselhava a achar razoável um tal casamento. Seria demais. Onde iria parar o mundo, se se fosse a permitir que qualquer rapariga bonita casasse com o primeiro rapaz que se enamorasse dela?

E em breve se reconheceu que o tempo urgia – que o tempo já não era muito. Dentro de três meses, Adolphe estaria de volta. E, se até lá nada estivesse resolvido, tudo podia ir ainda por água abaixo.

E então Madame Bauche fez-lhe uma última pergunta: «Já não pensas, pois não, em casar com o Adolphe?» E ao dizer isto, o costumado terror dos seus óculos verdes fez-se infinitamente maior. Marie apenas pôde responder com uma nova explosão de lágrimas.

O caso acabou finalmente por ficar assente. Marie declarou que consentiria em casar com o Capitaine desde que ouvisse da própria boca dele, Adolphe, que a não amava já. Confessou, entre lágrimas, que as suas promessas, feitas solenemente, e os seus compromissos não lhe consentiam prometer mais nada. Não era culpa sua – de qualquer maneira sem remédio já – gostar do namorado. Não era culpa sua – agora, pelo menos – estar ligada por promessas. Desde que ouvisse da sua própria boca que ele a desligava dessas promessas, então casaria com o Capitaine – ou estaria pronta a sacrificar-se por qualquer outra forma que La Mère Bauche ordenasse. Que poderia isso significar para ela?

Os óculos de Madame Bauche permaneceram imóveis, mas não o seu coração.

Marie, disse ela ao Capitaine, quando se chamasse Madame Campan, seria sua igual no estabelecimento e passaria a ser por ela considerada como uma verdadeira filha. Teria a sua chávena de café todas as tardes, jantaria na mesa grande, iria à igreja com um vestido de seda e as criadas tratá-la-iam por «madame»; uma bela carreira lhe estava reservada, se ela se deixasse desses tolos, juvenis, infantis amores por Adolphe. E todas estas grandes promessas foram repetidas a Marie pelo Capitaine.

Uma só coisa, no entanto, tinha valor neste Mundo aos olhos de Marie; o coração de Adolphe Bauche. Fora disso, nada mais existia; com isso – certa disso, esperaria pacientemente até ao dia de juízo.

Cartas foram enviadas a Adolphe durante todos estes extraordinários acontecimentos; e uma carta sua chegou dizendo que muito apreciava o amor de Marie, mas, como estava claramente demonstrado que o casamento não seria vantajoso para ele nem para ela, estava disposto a acabar com aquilo. Consentia que ela se casasse com o Capitaine e manifestava a sua gratidão à mãe pelos imediatos benefícios pecuniários que lhe oferecia. Oh, Adolphe, Adolphe! Ai de nós, ai de nós! pois não é assim o coração de tantos homens – e o de algumas mulheres!

Esta carta foi lida diante de Marie, não tendo, porém, produzido sobre ela maior efeito do que seria de esperar de qualquer seco documento legal. Naquele tempo e naquelas paragens nem os homens nem as mulheres confiavam muito em cartas; nem mesmo quando as escreviam exprimiam nelas muito dos seus sentimentos e afetos. Marie teria compreendido, tinha a certeza, só pelo olhar de Adolphe ou pelo tom da sua voz; por aí perceberia logo o que o seu namorado, de facto, queria dizer, qual o seu desejo, e aquilo que no íntimo do seu coração ele pretendia realmente que ela fizesse. Mas nada percebia daquele duro e reservado documento.

Foi por isso assente que Adolphe voltasse, comprometendo-se ela a aceitar o destino que de viva voz por ele lhe fosse aconselhado. O Capitaine, que conhecia melhor a natureza humana do que a pobre Marie, sentia-se bastante seguro da noiva. Depois de ter visto alguma coisa do mundo, Adolphe já se não devia preocupar por aí além com uma rapariga dos sítios. Dinheiro e prazer e uma certa posiçõzinha no mundo breve o deviam ter desiludido daquela paixão; e então Marie acabaria por aceitar o destino – como tantas outras raparigas na sua situação o haviam feito desde que França era França.

E eis que era chegada a tarde do tão esperado regresso de Adolphe. La Mère Bauche lá estava discutindo o caso com o Capitaine, após a sua habitual chávena de café. Nos últimos tempos Madame Bauche andava um tanto nervosa, pois começara de pensar que tinham sido inconsiderados transigindo tanto com Marie.

Afigurava-se-lhe estar absolutamente nas mãos dos dois namorados resolver se sim ou não se haviam de casar. Ora nada neste mundo era tão estranho às intenções de Madame Bauche como isso. Estava decidida a cumular de graças todas as pessoas que dependiam dela – contanto que lhe fosse sempre dado dirigir-las para onde lhe aprouvesse; mas desde que as não pudesse dirigir para onde queria,

cumulá-las-ia de tudo menos de graças. Tinha o seu código de moralidade neste capítulo. Estava pronta a fazer todo o bem que pudesse às pessoas conhecidas, com a condição de não tentarem induzi-la a consentir no casamento do Adolphe com Marie Clavert. Se tal viesse a acontecer, teria corrido de casa com Marie, com o Capitaine e até com o próprio filho.

Eis por que se tornara um tanto quezilenta e obstinada nas suas discussões com o amigo. «Não sei,» disse ela nessa mesma tarde; «não sei. Tudo pode correr bem, mas, se o Adolphe se revolta contra mim, que havemos nós de fazer então?

– Mère Bauche,» disse o Capitaine, beberricando o café e soprando o fumo do charuto, «Adolphe não se revoltará contra nós.» Muita gente tinha reparado já que o Capitaine estava mais à sua vontade naquela casa, e algo mais livre de maneiras quando falava com Madame Bauche, desde que se assentara na sua aliança matrimonial. A própria Madame Bauche observara isso, não com grande satisfação; mas, que podia ela fazer agora? Depois do casamento, pô-lo-ia no seu lugar, a despeito de todos os seus compromissos para com Marie. «Mas se ele vem dizer que gosta da rapariga?» continuara Madame Bauche. «Esteja descansada, minha amiga, que ele não dirá tal coisa. Nestes dois anos deve ter visto muitas raparigas bem mais bonitas do que ela. E, além disso, a senhora tem em seu poder a carta que ele lhe escreveu.

– Isso não quer dizer nada, Capitaine. É homem para engolir a carta com a mesma facilidade com que o senhor devora uma omeleta aux fines herbes».

O Capitaine era particularmente expedito em omeletas aux fines herbes. «Mas, Mère Bauche, não se esqueça também de que tem a bolsa nas suas mãos; ele bem deve saber que não pode engolir coisas dessas sem o seu consentimento.

– Ah!» exclamou Madame Bauche, «pobre rapaz! Não tem nada de seu cá neste mundo além do que eu lhe dou. » Mas dir-se-ia que esta reflexão não era lá muito desagradável para ela. «Agora o que o Adolphe já deve ser é um homem experimentado», prosseguiu o Capitaine. «Ele bem sabe que se não deve pôr tudo de parte neste mundo por uns simples lábios rosados. Isso são loucuras de rapaz, e o Adolphe já não é nenhum rapaz. Pode crer, Madame Bauche, tudo acabará bem.

– E, depois, aí vamos ter a Marie infeliz e doente, meia morta nos nossos braços» disse Madame Bauche.

Eis o que não era muito lisonjeiro para o Capitaine, e ele bem o percebeu. «Talvez sim e talvez não,» disse ele. «Mas, seja como for, tudo há-de passar. Aí está uma doença de que as raparigas poucas

vezes morrem – especialmente quando há mais alguém disposto a casar com elas.

– Ora!» exclamou Madame Bauche; e com esta palavra se vingou das liberdades que o Capitaine ultimamente se permitia. Ele encolheu os ombros, tomou uma pitada de rapé e, sem esperar que lhe oferecessem, serviu-se de outra colher de conhaque. Depois acabou a conferência, e na manhã seguinte, antes do almoço, chegou Adolphe Bauche.

Naquela manhã a pobre Marie mal sabia como ter-se de pé. Um ou dois meses antes, ou mesmo nos últimos dois dias, sentira uma espécie de confiança na sinceridade com que Adolphe lhe falara: mas com a aproximação do momento fatal essa confiança desvanecera-se. Compreendeu que aqueles dois velhos e espertos conselheiros andavam conspirando contra a sua felicidade, e que ela nada podia esperar de bom daqueles dois terríveis inimigos. Na véspera à noite Madame Bauche encontrara-a no corredor e beijara-a quando ela lhe dera as boas noites.

Marie pouco sabia acerca de sacrifícios, mas percebeu que aquele era um beijo sacrificial.

Naqueles tempos uma espécie de diligência com as malas postais para Olette passava de manhã cedo em Prades, eis por que enviaram um carro de Vernet para conduzir Adolphe às termas. Nunca príncipe ou princesa fora aguardado com maior ansiedade. Muito antes da hora já Madame Bauche estava levantada e vestida, tendo exclamado já umas cem vezes estar certa de que ele não viria. O Capitaine fora para a estrada e lá ia caminhando com a sua perna de pau quase tão negra e direita como um poste de candeeiro. Marie também estava levantada, mas ninguém a tinha visto. Erguera-se e saíra antes que alguém se tivesse mexido em casa; no entanto agora, que começava a haver movimento, escondera-se como uma lebre na toca.

Finalmente ouviu-se o velho char-à-banc rodar em frente da porta e Adolphe saltar dele para os braços da mãe. Estava mais gordo e bonito do que a última vez que ela o vira, com uma barba maior, fatos mais apresentáveis e, efetivamente, com mais aspecto de homem. Marie, lá da sua janelinha, também o viu e pensou que ele parecia um deus. Seria possível, murmurou de si para consigo, que uma tal divindade ainda quisesse saber dela? A mãe estava deslumbrada com o filho, que tagarelava no mais completo à vontade. Apertara cordialmente a mão do Capitaine, que ele sabia ser o marido escolhido para a namorada, e, ao entrar em casa, de braço dado com a mãe, perguntara por ela. «É que é feito da Marie?» disse ele. «A Marie! Oh! está lá em cima: vê-la-ás depois do pequeno almoço», respondeu La Mère Bauche.

E penetraram em casa, indo sentar-se a almoçar no meio dos hóspedes. Toda a gente tinha ouvido falar da história; e todos estavam alerta para ver o rapaz cujo amor ou quebra de amor eram considerados de tão grande importância. «Vai ver que tudo acaba bem», disse o Capitaine, erguendo a cabeça bem para o alto. «Penso que sim, penso que sim,» disse La Mère Bauche, que, agora que o Capitaine tinha razão, o não queria contrariar. «Eu bem sabia que tudo havia de acabar bem» disse o Capitaine. «Eu bem lhe disse que o Adolphe havia de voltar homem feito; e aí o tem homem. Olhe para ele; quer ele lá saber agora da Marie Clavert»; e o Capitaine, pondo grande eloquência no seu gesto, atirou uma pedrinha que trazia na mão para cima de um muro próximo.

E então todos se puseram a almoçar com grandes mostras de aparente alegria. E, na verdade, não sem alguma íntima alegria, pois Madame Bauche pensava ver o filho curado da sua paixão. Entretanto, Marie continuava lá em cima receosa ainda de se mostrar. «Ele já veio,» exclamou uma rapariga, criada na casa, abrindo a porta do quarto de Marie. «Bem sei,» disse Marie. «Bem o vi chegar.

– E, ai, que bonito ele vem!» disse a criada, erguendo as mãos juntas, de olhos em alvo. Marie, no íntimo do seu coração, desejaria bem que ele não tivesse metade daquela beleza, desse modo teria muito mais esperanças de que ele fosse seu. «As pessoas falavam com ele como se ele fosse o prefeito» disse a rapariga. «Quero lá saber com quem é que ele tem estado a falar,» tornou Marie; «vai-te embora e deixa-me – deves ter que fazer.» Por que é que ele não veio logo falar com ela? Porquê, se era certo ele ter sido sincero? Ai! começava a acreditar que ele o não fora. E então? Que havia ela de fazer então? E, tristemente calada, pensando no outro marido que lhe tinham escolhido, assim ficou.

Mal findou o almoço, Adolphe foi chamado ao quarto da mãe. Madame Bauche tinha discutido longamente consigo própria se devia convidar o Capitaine a assistir a esta entrevista. Por muitos motivos teria desejado que ele não estivesse presente. Não queria que o filho julgasse que ela não era capaz de gerir os seus próprios negócios e bem agradável lhe teria sido dar a perceber ao Capitaine que sua assistência lhe não era absolutamente necessária. Mas receou que os seus óculos verdes já não tivessem a influência de outros tempos sobre Adolphe, quando ele ainda não vira mundo nem se fizera homem. Podia vir a ser preciso que ao filho, homem como era agora, se opusesse outro homem. Eis por que o Capitaine foi convidado a assistir à entrevista.

É escusado contar pelo miúdo o que se passou. Estiverem os três fechados durante duas horas e saíram todos juntos. A fisionomia de

Madame Bauche era serena e agradável; as suas esperanças de vitória eram agora mais fortes do que nunca. A cara do Capitaine tinha uma máscara semelhante a dos grandes diplomatas: marchava plácido e hirtó, erguendo a perna de pau com uma facilidade e uma perícia absolutamente extraordinárias. Mas o semblante do pobre Adolphe era sombrio. Sim, sim, pobre Adolphe! Pobre, pelo menos de espírito. Comprometera-se a abandonar Marie, aceitando a liberal mesada que a mãe lhe oferecia; agora, porém, restava-lhe comunicar isto mesmo à própria Marie. «Por que não lhe diz a mãe?» dissera ele a Madame Bauche ostentando na face bem pouco daquele brio que era agora todo o orgulho dela. Mas ela explicara-lhe que fazia parte do combinado que Marie ouvisse essa resolução da própria boca dele. «Isso não tem importância,» observou o Capitaine, com o ar mais indiferente deste mundo. «A rapariga está à espera disso mesmo. Tem lá aquela infantilidade de pensar que apenas se desligara de ti quando tu próprio o consentires. Não creio que se vá mostrar impertinente.» Neste momento, Adolphe sentiu quanto lhe seria agradável poder pôr o Capitaine fora da casa da mãe.

E onde se haviam eles de encontrar? No átrio do balneário, sugeriu Madame Bauche, pois, observou ela, podiam andar à vontade de um lado para outro que ninguém aí entrava àquela hora do dia. Mas Adolphe objetou que esse sítio era muito frio, triste e melancólico.

O Capitaine lembrou a salinha de Madame Bauche; mas esta não gostou da sugestão. Ouvia-se tudo do outro lado, como ela bem sabia, e ela tinha a certeza de que a reunião não acabaria sem soluços amargos e possivelmente ruidosos. «Digam-lhe que vá para a gruta e eu lá irei ter com ela,» propôs Adolphe. E com isto todos concordaram. A gruta era uma escavação natural no alto de uma rocha debruçada sobre o estabelecimento balnear. Havia ali um alcantilado caminho em ziguezague, com degraus que nunca mais acabavam, ao longo da penedia, partindo de um jardinzinho junto à casa, que ficava mesmo debaixo da montanha. Rente à fachada do Hotel corria um rumorejante riacho que mal deixava espaço entre ele e a porta para um caminho; sobre o riacho havia uma ponte de madeira que dava passagem para o jardim, e a duzentas ou trezentas jardas da ponte principiavam os degraus por onde se subia à gruta.

No pino da época, e com tempo quente, era aquele sítio muito frequentado. Havia lá em cima uma mesa verde, quatro ou cinco cadeiras de pinho e um banco de jardim, que tinha sido removido para a parte mais funda da escavação por ter as pernas de trás um tanto escangalhadas. Uma parede de dois pés de altura aproximadamente o rodeava a toda a volta, resguardando os visitantes do precipício. De facto não se tratava propriamente de uma gruta, mas de uma pequena

escavação na rocha, como é vulgar nas penedias dos vales, por cima das nossas cabeças, a qual, graças àqueles alcantilados degraus, se transformara numa fonte de exercício e diversão para os frequentadores do Hotel.

Encostados ao muro podíamos ver o jardim em baixo, assim como o cintilante telhado de ardósia da casa de Madame Bauche, e à direita, o sombrio e silencioso cume nevado do velho Canigou, rei dos montes nos Pirenéus Orientais.

E assim Madame Bauche tratou de enviar Marie à gruta e Adolphe tratou de ir ter com ela. Estávamos na primavera; posto que não houvesse vento nem neve nos picos mais baixos, o ar ainda era fresco e cortante, não havendo o perigo de qualquer hóspede do estabelecimento se aventurar até ali. «Mande-a pôr qualquer coisa na cabeça, Mère Bauche,» disse o Capitaine, a quem não agradava que a noiva se pudesse constipar nas vésperas da boda. Madame Bauche soltou uma exclamação de desdém, como se não pensasse prestar a mais pequena atenção a tais recomendações, vindas da parte do Capitaine. No entanto, quando, uns quinze minutos depois, Marie atravessou, sorrateiramente, a pequenina ponte, levava um lenço na cabeça e ia muito embrulhada numa capa castanha escura.

A pobre Marie pouco atentava no frio, mas sentia-se contente por poder assim, de qualquer maneira, esconder a cara. Quando Madame Bauche a foi procurar ao seu quarto e, com um sorridente semblante e um beijo afável, a mandou ir a gruta, ela percebeu, ou julgou perceber, que tudo estava acabado. «Ele quer dizer-te a verdade – como estão as coisas», disse La Mère Bauche. «Queremos fazer tudo quanto pudermos, bem sabes, para te fazermos feliz, Marie.

Mas deves lembrar-te o que o Sr. Prior nos disse o outro dia. Não podemos ter tudo neste vale de lágrimas, isso ficará para quando um dia a nossa pobre alma for expurgada de todas as suas fraquezas. E agora vai, filha, e leva a tua capa.

– Pois sim, mamã.

– E o Adolphe irá ter contigo. Faz por te portares bem, como uma rapariga sensata.

– Está bem, mamã,» e assim partiu, levando no rosto outro beijo sacrificial e no coração um intolerável pressentimento de desgraça!

Adolphe saiu de casa antes dela e tendo ficado no pátio do estábulo, bem cozido com o portão, para que ela o não visse, ouviu-a atravessar vagarosamente a ponte e subir o primeiro lanço de escadas. Tinha-a visto subir muitas vezes aqueles degraus e muitas vezes a tinha seguido. Ela, ao ouvi-lo, punha-se a correr; e então ele apanhava-a,

exausta, lá no alto, beijando-a, ao vê-la sem forças para se lhe furtar, cansada pela fuga. Agora, porém, não havia corridas nem perseguições nem ocasião para se pensar em beijos.

Quanto a ele, se pudesse, desejaria bem esconder-se e evitar aquela entrevista.

Mas não tinha coragem para isso; e deixou-se ficar à espera, vacilante, uns dez minutos, trocando uma ou outra palavra com o empregado dos banhos, ali perto, exatamente para se mostrar à vontade. Mas o homem percebeu que ele o não estava. Subterfúgios destes raramente dão resultado – raramente convencem quem quer que seja. E então, daí a uns dez minutos, num andar tão vagaroso como o de Marie, Adolphe começou a subir para a gruta.

Marie tinha-o visto lá de cima, mas de maneira a não ser vista. Ele, no entanto, nem uma só vez levantara a cabeça para olhar para ela; com os olhos no chão, todo o caminho foi meditando. Quando chegou, ela estava parada no meio da gruta, cabisbaixa, as mãos atrás das costas. Tinha-se retirado da parede, de tal modo que nenhuns olhos a podiam ver a não ser os do seu falso namorado. Aí se manteve depois de ele chegar, procurando estar imóvel, mas tremendo como um vime.

Só ao atingir o alto da escada, ele decidiu o que devia fazer. Talvez, no fim de contas, o Capitaine tivesse razão; talvez ela estivesse resignada. «Marie,» exclamou ele, com uma voz que se esforçava por parecer prazenteira, «que lugar tão estranho para nos encontrarmos depois de uma tão grande separação,» e estendeu-lhe a mão. A mão apenas! Não lhe oferecia sequer um beijo. Não lhe beijava sequer a face, fraternalmente. Devemos lembrar-nos que Marie conhecia muito pouco as leis do mundo. Antes de ter sido seu namorado, ele tinha sido seu irmão.

Mas Marie pegara-lhe na mão, dizendo: «Sim, há tanto tempo já.

– E agora, que estou de volta,» começou ele por dizer, «parece que estamos bastante embaraçados. Nunca me vi numa situação destas. Seja como for, tudo há de acabar bem, estou certo.

– Talvez», disse Marie, que continuava a tremer violentamente e a olhar para o chão.

Depois seguiu-se entre eles um silêncio de um minuto, pouco mais ou menos. «Vou dizer-te do que se trata, Marie,» disse Adolphe, finalmente, deixando cair a mão, num grande esforço para sacudir de si aquele peso. «Receio bem que tenhamos sido ambos bastante patetas. Não concordas com isso também? Parece-me evidente que nunca nos poderemos casar um com o outro. Não é assim que vês as coisas?»

Marie sentiu a cabeça à roda, mas não era pessoa para desmaios. Deu três passos para trás, e amparou-se à parede da caverna. Também ela procurava pensar na melhor maneira de dirigir a sua batalha. Não haveria esperança de vitória para ela?

Não prevaleceria a eloquência, o amor? Pouco contava com a sua própria beleza; mas não poderiam as suas súplicas conseguir alguma coisa? E a referência às velhas promessas que entre eles tinham sido juradas tantas vezes com tamanha veemência e solenidade? «Nunca nos poderemos casar!» disse ela, repetindo as palavras dele. «Nunca, Adolphe? Nunca nos poderemos casar?

– Palavra de honra, querida, receio bem que não. Bem vêes como a minha mãe se opõe a isso.

– Mas podemos esperar, não podemos?

– Ah, mas é isso precisamente, Marie. Não podemos esperar. Temos de decidir isso agora, – hoje. Bem vêes que não posso fazer nada sem o dinheiro de minha mãe – e, quanto a ti, sabes bem que ela não te deixará ficar aqui senão casando tu com o velho Campan, imediatamente. É um bom tipo, embora seja velho. Se te casares com ele, como sabes, poderás ficar em casa, e isso dar-te-á direito a teres o melhor quinhão em todas estas coisas. E, quanto a mim, poderei vir aqui de vez em quando para te ver e nada me impedirá de seguir o meu caminho livremente.

– Queres então que eu case com o Capitaine, Adolphe?

– Palavra, parece-me que é o melhor que tens a fazer. Assim penso, na verdade.

– Oh, Adolphe!

– Que poderei eu fazer por ti, não me dizes? Supõe que eu ia daqui ter com minha mãe e lhe dizia que resolvera fazer de ti minha mulher, que aconteceria? Encara as coisas por este lado, Marie.

– Ela não te poderá mandar embora – tu, o seu próprio filho!

– Mas mandar-te-ia a ti; e a todo o vapor, garanto-te, palavra de honra.

– Que me importa isso a mim,» e fez um gesto com a mão, como a mostrar que lhe era indiferente que a tratassem assim. «Tanto se me dava, desde que tu ainda gostasses de mim.

– Mas que iríamos nós fazer?

– Eu trabalharia. Há mais casas além desta» e apontou para o telhado de ardósia do estabelecimento balnear de Madame Bauche. «E eu – sem cinco réis neste mundo,» disse Adolphe.

Marie caminhou para ele e tomou-lhe a mão direita entre as dela, apertando-a com efusão. Oh! com que efusão! «Terias o meu amor,» exclamou ela; «o mais profundo, o mais ardente, o melhor amor do meu coração. Por mim, não quereria mais nada, nada mais sobre a terra, desde que te tivesse a ti.» E inclinou-se-lhe contra o ombro e fitou-o profundamente nos olhos. «Mas isso é absurdo, Marie, não vês?

– Não, Adolphe, não é absurdo. Não te deixes levar por eles. Que valeria o amor de outra maneira? Oh, Adolphe, é certo gostares de mim, gostas ou não?

– Sim, gosto,» disse ele, vagarosamente – como se o não tivesse dito, se pudesse deixar de dizê-lo. E então passou-lhe o braço vagarosamente pela cintura, como se também não pudesse deixar de o fazer. «E como havia eu de não gostar?» disse a apaixonada rapariga. «Oh, gosto de ti, muito, apaixonadamente, com todo o meu coração, com toda a minha alma. Adolphe, gosto tanto de ti que te não posso deixar. Não jurei eu que seria tua? Não o jurei mais de mil vezes? Como posso eu casar com aquele homem? Oh, Adolphe, como podes tu querer que eu case com ele?» E colava-se a ele, cravava os olhos nos dele, implorava-o com a vista. «Eu não queria isso... mas... » e então Adolphe calou-se. Era difícil confessar-lhe que estava pronto a sacrificá-la ao velho por precisar do dinheiro da mãe. «Mas, o quê? É impossível, Adolphe, que queiras tal coisa. Não me juraste tu que eu seria tua mulher? Olha, olha para isto»; e tirou do peito um cordãozinho que ele lhe tinha dado em troca da cruz! «Não te lembras que o beijaste quando me juraste diante da imagem da Virgem que eu seria tua mulher? E não te lembras que eu tinha medo de jurar por tua mãe já se ter zangado tanto? E que foste tu que me obrigaste? E depois disto, Adolphe! Oh, Adolphe! Diz-me que posso ter um bocadinho de esperança. Esperarei; oh, esperarei pacientemente!»

Adolphe afastou-se dela, deu uns passos, inquieto, de um para o outro lado da gruta. Amava-a...; amava-a como todo e qualquer homem pode amar uma rapariga afetuosa e bonita. O calor da mão dela, a suavidade do seu contato, a pura e brilhante paixão resplandecendo-se nos olhos cheios de lágrimas haviam reanimado aquele débil fogo de amor que jazia no fundo da sua alma. Mas, que havia ele de fazer? E se resolvesse pôr de lado as imediatas esperanças doiradas que a mãe alimentava para ele, por onde começar, como levar a bom fim a sua obra de devoção? Marie seria expulsa de casa e ele tornar-se-ia uma vítima nas mãos da mãe e daquele inflexível soldado perna de pau; ... uma vítima sem vintém, para ali desanimado, sem uma ponta de influência ou um pouco de alegria. «Mas que havemos nós de fazer?» exclamou ele outra vez, ao encontrar de novo os olhos súplices

de Marie. «Sermos verdadeiros e honestos, e esperar,» disse ela, cingindo-se a ele e amparando-se-lhe no braço. «Eu não tenho medo; e ela não é minha mãe, Adolphe.

Não deves ter medo da tua própria mãe.

– Medo! Não, é claro que não tenho medo. Mas não sei que diabo havemos de fazer agora.

– Deixa-me dizer-lhe que não quero casar com o Capitaine; que não quero quebrar a promessa; e então poderei deixar a casa à vontade.

– Isso não pode ser.

– Pode, Adolphe, se me prometeres uma vez mais; se eu puder ouvir na tua voz uma vez mais o eco do amor. Não te lembras deste sítio? Foi aqui que me obrigaste a dizer-te que gostava de ti. E é então aqui que tu me queres dizer que fui iludida?

– Não é que eu te queira desiludir,» disse ele. «Espanta-me que sejas tão injusta para mim. Deus sabe quanto isto me contraria!

– Bem; se eu sou uma contrariedade para ti, está bem. Faz o que quiseres,» e inclinou-se para trás, contra o muro da penedia, e, cruzando os braços sobre o peito, afastou dele a vista e fitou os olhos na crista granítica do Canigou.

Adolphe começou outra vez a passear de um lado para o outro da gruta. Havia nele amor que bastava para o levar a desposá-la, amor suficiente, então, naquele momento, para a ideia do casamento dela com o Capitaine lhe parecer odiosa; suficiente, provavelmente, para fazer dele um marido menos mau, caso o destino o pusesse em circunstâncias de casar com ela; mas insuficiente para suportar o castigo que sobre ele fatalmente cairia em virtude da indignação da mãe. Além disso tinha-lhe prometido que deixaria Marie – havia dado plena adesão ao plano do casamento dela com o Capitaine. Reconhecera que o caminho traçado pela mãe era o único que lhe convinha seguir na sua qualidade de homem. Encarava a perspectiva dos seus deveres como um homem especialmente incitado a cumpri-los, graças a eloquência do Capitaine. E o velho Campan tinha ganho em absoluto a partida. Era fácil ganhar o assentimento de rapazes assim tão fracos de cabeça como de algibeira, oferecendo-lhes a perspectiva de uns duzentos francos anuais! «Vou dizer-te o que tenho a fazer,» disse ele, por fim. «Vou ver se apanho a minha mãe sozinha e pedir-lhe que deixe ficar as coisas como estão.

– Se isso o incomoda, Mr. Adolphe,» e a orgulhosa rapariga continuou, – as mãos cruzadas sobre o peito, fitando as montanhas em frente. «Não percebes o que eu digo, Marie. Não imaginas como ela e o Capitaine me atormentam.

- Mas, diz-me, Adolphe, gostas de mim?
- Bem sabes que sim, mas...
- E não me queres deixar?
- Vou pedir a minha mãe. Experimentarei se consigo que ela consinta.»

Marie não podia ter grande confiança nas promessas do namorado; no entanto, mesmo assim, embora fracas e indecisas, sempre valiam mais que um completo desengano. Por isso lhe agradeceu, prometendo-lhe, com lágrimas nos olhos, que lhe seria sempre fiel, e então propôs-lhe que descesse para casa. Seguí-lo-ia, disse ela, logo que pudesse passar despercebida.

Então olhou para ele como na esperança de descobrir-lhe sinal de um renovado amor. Mas não pode ver sinal algum. Agora, que ela ansiava sentir-lhe o contato dos lábios na face, isso lhe era negado. Adolphe seguiu o conselho que ela lhe dava; partiu sozinho num vagar ocioso; e, pouco mais ou menos meia horas depois, Marie seguiu-lhe as pisadas, e, sem ser vista, trepou para o quarto.

De novo omitiremos o que se passou entre mãe e filho; mas, nessa noite, já tarde, depois dos hóspedes se terem retirado para os quartos, Marie recebeu um recado de Madame Bauche para ir ter com ela a uma pequena sala situada no fundo da casa. Esta dependência destinava-se à sala de visitas particular, sempre que chegava qualquer estrangeiro que pretendia tais acomodações, e por isso raramente servia. Ai encontrou Madame Bauche sentada numa cadeira de braços, por detrás de uma mesinha em que havia duas velas; num sofá, junto à parede, sentava-se Adolphe. O Capitaine não estava presente. «Fecha a porta, Marie, e vem sentar-te aqui,» disse Madame Bauche. Fácil era perceber pelo tom de voz que estava irritada e severa, inflexivelmente irritada e severa, e resolvida a traduzir à letra as ameaças contidas nos seus terríveis óculos.

Marie fez o que lhe ordenaram. Fechou a porta e sentou-se na cadeira mais perto. «Marie,» disse La Mère Bauche – e aos ouvidos da pobre rapariga a voz ressoou altiva – uma chama de ira cintilou através dos óculos verdes «que significa tudo isto que me chegou aos ouvidos? Ousaste dizer que teimas em que o meu filho se comprometeu a casar contigo?» E então a majestosa mãe calou-se, à espera de uma resposta.

Marie, porém, não tinha resposta a dar. Olhou suplicante para o namorado, como a implorar-lhe que sustentasse a batalha por ela. Mas, se ela não se sentia com forças para lutar pela sua própria causa, era certo ele não o fazer por ela. A pequena capacidade de combate que havia nele fora completamente aniquilada antes da chegada dela.

«Quero uma resposta, e imediatamente,» disse Madame Bauche. «Não estou disposta a deixar-me arrastar na ignomínia e na desgraça pela pessoa que recebi por caridade. Não te apanhei eu, menina, numa valeta, e não te matei a fome quando era mais que certo teres sido levada para um asilo? É assim que mostras a tua gratidão para comigo? Não te basta teres sido alimentada, vestida e acarinhada por mim, ainda me queres roubar o meu filho? Fica pois sabendo que o Adolphe nunca casara com uma mendiga como tu.»

Marie permaneceu imóvel, aturdida com a dureza destas palavras. La Mère Bauche repreendera-a muitas vezes; tinha-a descomposto mais que uma vez, era verdade; mas sempre a repreendera como uma mãe costuma repreender uma filha. E, quando a história dos amores de Marie lhe chegara aos ouvidos, irritara-se muito; a sua ira, porém, nunca atingira aquele estado. De facto, Marie nunca tinha encarado o caso por aquele lado. Nunca lhe tinham lançado em rosto, até então, o pão que lhe haviam dado por esmola. Nunca lhe ocorrera que isso a tornaria indigna de ser mulher de Adolphe. Ali, naquele vale, toda a gente era tão aproximadamente semelhante que nunca lhe passara pela cabeça a ideia da sua própria inferioridade.

Mas agora...!

Quando a voz se calou, Marie olhou outra vez para Adolphe; mas desta vez já não com um olhar de súplica. Também ele a censuraria? Eis o que os olhos dela perguntavam agora. Não; ela não podia afirmar que assim fosse. Afigurou-se-lhe que toda a energia de Adolphe estava agora principalmente ocupada a desfazer a borla da almofada do sofá. «E agora, menina, diga-me sem tardar, se vamos acabar ou não com este disparate,» continuou La Mère Bauche; «e dir-lhe-ei desde já que não estou disposta a mantê-la em minha casa para conspirar contra o nosso bem estar e a nossa felicidade. Como Marie Clavert, não ficará aqui. O Capitaine está disposto a casar consigo; se quiser ser mulher dele, cumprirei a minha palavra para consigo, embora não o mereça. Se se recusar a casar com ele, terá de se ir embora. Quanto ao meu filho, está aqui; ele vai dizer-lhe, na minha presença, que declina inteiramente a honra que lhe ofereceu.»

E então calou-se, à espera de uma resposta, batendo na mesa com o sinete que por acaso tinha à mão; mas Marie não disse nada. O testemunho de Adolphe também fora invocado, mas Adolphe ainda não dissera palavra. «Bem, menina?» disse La Mère Bauche.

Então Marie ergueu-se e, dando volta à sala, tocou levemente no ombro de Adolphe. «Adolphe», disse ela, «é a ti que te compete falar. Farei o que mandares».

Ele despediu um longo suspiro, olhou primeiro para Marie e depois

para a mãe, estremeceu ligeiramente e murmurou: «Palavra de honra, Marie, penso que a mãe tem razão. Não nos devemos casar. É impossível, realmente.

– Bem, então está decidido,» disse Marie, voltando para o seu lugar. «E casarás com o Capitaine?» perguntou La Mère Bauche. Marie limitou-se a mover a cabeça em sinal de assentimento. «Ora aqui estamos amigas outra vez. Vem cá, Marie, dá-me um beijo. Deves compreender que tenho o dever de olhar pelo meu filho. Mas não quero estar zangada contigo, desde que isso se pode evitar. Não quero, podes crer. Quando fores Madame Campan, serás minha filha, e terás o quarto da casa que queiras... bem vêê!» E uma vez mais imprimiu um beijo na fria testa de Marie.

Como saíram da sala e se dirigiram para os seus quartos é coisa que dificilmente saberei dizer. Mas cinco minutos depois deste último beijo estavam separados. Lá Mère Bauche tinha dado uma palmada em Marie e rira-se para ela, chamando-lhe a sua boa madamezinha Campan, a sua jovem patroazinha do Hotel Bauche, acabando por se retirar para o quarto, toda satisfeita com a vitória.

Os meus leitores não devem ser muito severos para com Madame Bauche. Ela já tinha feito bastante por Marie Clavert; e quando se viu uma vez mais ao lado da sua cama, pediu a Deus que lhe perdoasse a crueldade que sentia ter mostrado para com a órfã. Mas, ao fazer estas orações, com o seu crucifixo favorito numa das mãos e a imagenzinha da Virgem diante dela, advogava os seus deveres para com o filho. Não estaria ela no direito, perguntava à Virgem, de o salvar de um mau casamento? E então prometia muitas recompensas à Virgem e a Marie: um novo enxoval para cada uma, círios para a Virgem e um relógio de ouro e uma cadeia para Marie, quando ela casasse com o Capitaine. Tinha sido cruel, reconhecia-o. Mas não seria justificável num caso daqueles? E a recompensa seria tão generosa!

Houve, porém, outro encontro naquela noite, muito curto, é certo, mas não menos significativo. Não muito depois de se terem separado, o tempo suficiente para que toda a casa estivesse em sossego, Adolphe, sentado ainda no seu quarto, meditando no dia que tinha passado, ouviu uma leve pancada na porta. «Entre,» disse ele, como costumam fazer os homens; e Marie, abrindo a porta, apareceu no limiar do quarto. No seu semblante nada havia já daquele suave aspecto de suplicante ternura que ela mostrara na gruta nem nada daquele vencido e subjugado semblante que aparentara diante da mãe. Tinha a cabeça um pouco mais erguida do que de costume e os olhos francamente fitos nele lá no fundo das suas doces sobrancelhas. Talvez ainda houvesse neles algum amor, mas era amor orgulhosamente refreado. Quando Adolphe deu com os olhos nela, teve medo. «Está

então tudo acabado entre nós, Monsieur Adolphe?» disse ela. «É verdade. Não achas que foi melhor assim, eh, Marie?

– E é tudo quanto valem os juramentos e as promessas trocadas entre nós tão solenemente?

– Então, Marie, não ouviste o que a minha mãe disse?

– Oh, cavalheiro! Eu não vim aqui pedir-lhe outra vez que goste de mim. Oh, não!

Não penso em tal coisa. Mas isto seria um ultraje se eu ficasse com ele; teria vergonha de usar isto depois de ser mulher daquele homem. Tome,» e estendeu-lhe o pequeno fio que sempre trouxera ao pescoço desde que ele lho oferecera. Ele pegou nele, abstractamente, sem saber que fazia, e poisou-o em cima do toucador. «E o senhor,» prosseguiu ela, «ainda quer conservar aquela cruz? Oh, não! Deixe-a ver. Lembrar-lhe-ia demais as suas falsas promessas.

– Marie,» exclamou ele, «não deves ser tão severa para comigo.

– Severa!» disse ela, «não. Para severidades já basta. Não quero ser severa para consigo, Adolphe. Mas dê-me a cruz; seria maldição para si se ficasse com ela.»

Adolphe abriu uma caixinha que estava em cima da mesa, tirou dela uma cruz e entregou-a a Marie. «Então, adeus,» disse ela. «Pouco mais teremos a dizer um ao outro. Compreendo agora que foi um erro ter gostado de si. Eu devia ter sido para si como qualquer das outras raparigas da casa. Mas, oh! como o poderia eu evitar?» Ele nada respondeu a isto, e ela, fechando a porta suavemente, dirigiu-se para o quarto. E assim findou o primeiro dia de Adolphe Bauche depois do regresso à casa materna.

Na manhã seguinte, o Capitaine e Marie estavam formalmente noivos. Isto foi feito durante uma cerimôniazinha, na presença de todos os hóspedes então no estabelecimento e com toda a sorte de manifestações acerca das virtudes de Marie.

Dir-se-ia que La Mère Bauche não podia ser mais cortês para com ela. Não se falou mais no facto de ela ter sido recolhida por caridade; não se falou mais na valeta. La Mère Bauche ofereceu, por suas próprias mãos, um bolo e um cálice de vinho, depois de anunciado o casamento, fez-lhe uma festa na cara e chamou-lhe a sua muito querida Mariazinha Campan. E então caíram sobre o Capitaine inúmeras atenções, todos os hóspedes desejaram felicidades a Marie e as criadas principiaram a compreender que ela era uma pessoa digna de respeito. Como tudo aquilo era diferente do áspero ataque de que ela fora alvo na noite anterior! Só Adolphe se conservou afastado, sozinho. Embora presente, não dissera palavra. Só ele não apresentara

cumprimentos.

No meio de toda esta festa a própria Marie pouco disse ou nada. La Mère Bauche percebeu-o, mas perdoou. Embora se tivesse zangado ao ter conhecimento de que Marie ousava gostar do seu filho, reconhecia, no fundo do seu coração, que um tal afecto era natural. Não pudera ter pena dela enquanto o filho estivera em perigo; mas agora sentia quanto a lamentava. Eis por que tudo eram mimos e encorajamentos para Marie, embora ela se mantivesse durante os seus afazeres quotidianos intratável e silenciosa.

Quanto ao Capitaine, tudo lhe corria bem. Era um homem experimentado. Não podia esperar ser de facto preferido com amore a um mocetão como Adolphe. Mas esperava que Marie, como qualquer outra rapariga, fizesse o que lhe convinha e que, dentro de poucos dias, voltasse ao seu perfeito juízo e se reconciliasse com a vida.

E então o casamento foi marcado para um dia muito próximo, pois, como La Mère Bauche dissera, «Para que é que servia esperar-se? Tudo estava a postos; quanto mais cedo eles se casassem, melhor». Não pensaria assim o Capitaine?

O Capitaine disse que sim.

E então interrogaram Marie. Era o mesmo para ela, disse. Estava disposta a fazer fosse o que fosse do agrado de Madame Bauche; apenas se recusava a ser ela a marcar o dia. Realmente não queria fazer nem dizer fosse o que fosse que concorresse para auxiliar aquele casamento. E concordou bastante pacificamente, senão de boa vontade, com tudo o que as outras pessoas disseram ou fizeram; e assim o casamento foi marcado para a semana seguinte àquela em que Adolphe havia regressado a casa.

Toda aquela semana se passou mais ou menos da mesma maneira. As criadas falavam à boca pequena da perversidade, da teimosia e da ingratidão de Marie em virtude de ela não se sentir agradecida ou não corresponder com gratidão às cortesias de Madame Bauche; mas La Mère Bauche não dava mostras de enfado por isso. Marie tinha condescendido, e era quanto ela desejava. E ia-se lembrando das palavras duras de que se tinha servido para ganhar aquela causa; e refletia em tudo aquilo que Marie tinha perdido. Por isso era clemente e não exigia nada – nada, a não ser o sacrifício que Marie ia fazer de acordo com os seus desejos.

E o ato consumou-se. Casaram-se no grande salão, na sala de jantar, logo depois do pequeno almoço. Madame Bauche, com um vestido novo, de seda cor de pulga, tinha um aspecto magnificientíssimo naquele momento. Ria, sorria, e parecia alegre, mesmo apesar dos óculos; logo que a cerimónia começou, apertou com firmeza na mão a

cadeia e o relógio de ouro que prometera a Marie mal o casamento se tivesse realizado.

O Capitaine estava vestido como sempre, apenas eram novas todas as peças do seu traje. Madame Bauche tinha procurado convencê-lo a vestir uma jaqueta azul, mas ele replicara estar certo de que uma tal mudança não seria do agrado de Marie.

Para falar verdade, mesmo que ele se tivesse apresentado vestido de vermelho, Marie não teria dado por isso.

Adolphe, em todo o caso, estava muito bem posto, embora não se quisesse tornar notado naquela ocasião. Marie olhava para ele a miúdo, posto que ninguém desse por isso; e seria capaz de descrever minuciosamente o traje dele, o traje, sim, e cada um dos seus olhares. «Como pode este homem,» dissera ela, por fim, de si para consigo, «estar aqui a olhar para tudo isto?»

Marie também tinha um vestido de seda. Deixara pôr em cima de si o que eles tinham querido e suportava o fardo dos seus atavios de noiva sem queixa e sem orgulho. Na sua face não havia o mais pequeno rubor ao encaminhar-se para a mesa onde estava o padre nem a mais pequena hesitação na sua voz baixa quando proferiu as respostas da praxe. Pôs a mão na do Capitaine quando foi preciso; e quando lhe enfiaram o anel no dedo, estremeceu, mas ligeiramente. Ninguém deu por isso, a não ser La Mère Bauche. «Dentro de uma semana estará afeita a isto, e então todos seremos felizes,» disse La Mère de si para consigo. «E eu... eu hei-de ser tão boa para ela!»

E assim que se realizou o casamento, o relógio foi imediatamente entregue a Marie. «Obrigada, mamã,» disse ela, preso que foi o fecho ao cinto. Se lhe tivessem dado uma almofadinha de pataco, teria sentido o mesmo regozijo.

E então vieram os bolos, os doces e os vinhos; e alguns minutos depois, Marie desaparecia. Durante uma hora ou mais esteve o Capitaine ocupado a receber as felicitações dos amigos e a manter o seu novo estado com à-vontade; mas depois principiou a mostrar desassossego por não ver a esposa junto de si. Às duas ou três horas da tarde dirigiu-se a Mère Bauche e disse: «Esta lamechice idiota não me agrada. – Seja como for, agora é tarde. Marie faria bem melhor se viesse para junto de nós e se se mostrasse satisfeita com o marido.»

Mas Madame Bauche tomou o partido de Marie. «Não deve ser tão áspero para ela,» disse. «Tem sofrido muito nestes últimos tempos e é muito nova; em compensação, Capitaine, o senhor não é nenhuma criança.»

O Capitaine limitou-se a abanar os ombros. Entretanto, Madame saiu

para ir ver ao quarto a sua protegida e voltou dizendo que ela estava com dores de cabeça. Não podia assistir ao jantar, disse Madame Bauche, mas viria à pequena reunião da noite. E perante isto o Capitaine não teve remédio senão resignar-se.

O jantar, por conseguinte, decorreu sossegadamente sem a presença de Marie, tal como um jantar de qualquer outro dia. Depois houve um intervalo durante o qual os cavalheiros foram beber café e fumar o seu charuto ao botequim, entre dois dedos de cavaco, e as senhoras arranjar os cabelos ou enfeitar os vestidos triviais com qualquer adorno. Por duas vezes, entretanto, Madame Bauche subiu ao quarto de Marie, cheia de solicitude. «Ainda não, mamã, ainda não estou bem de todo,» dizia esta, magoadamente, entre lágrimas, e por duas vezes os óculos verdes tiveram de abandonar o quarto enxugando os olhos que também não estavam secos. Ah! que tinha ela feito? Que tinha ela ousado fazer? E já não podia voltar atrás.

Então escureceu de todo nos corredores e fora de portas e os hóspedes reuniram-se no salão. La Mère entrou e saiu umas três vezes, com um andar desassossegado e um aspecto preocupado. Toda a gente começou a perceber que as coisas não corriam bem. «É capaz de estar mal,» dizia um. «Tem andado numa excitação,» disse outro; «e ele é tão velho,» murmurou um terceiro. E o Capitaine lá ia de um lado para o outro, muito direito na sua perna de pau, cheirando rapé, e fazendo por parecer indiferente; mas lá no seu foro íntimo também estava inquieto.

Num dado momento La Mère Bauche voltou outra vez, num passo mais rápido do que antes, e disse qualquer coisa, primeiro a Adolphe e depois ao Capitaine, e neste comenos ambos a seguiram fora da sala. «Não está no quarto dela?» perguntou Adolphe. «Então é que está no nosso,» disse o Capitaine. «Não está em nenhum deles,» replicou La Mère Bauche numa voz cheia de gravidade; «não está em casa!»

Eis acabadas todas as atitudes de indiferença da parte de qualquer deles. Havia neles fosse o que fosse – menos indiferença. O Capitaine pedia ansiosamente que aquilo não chegasse aos ouvidos dos hóspedes. Marie tinha sido sempre romântica, dizia ele, naturalmente saíra a passear pelas margens do ribeiro. Eles os três e o velho banheiro iriam saber dela. «Mas está negro como breu,» disse La Mère Bauche. «Levaremos lanternas,» respondeu o Capitaine. E saíram precipitadamente, pondo-se a caminhar em silêncio pela areia do jardim de modo a não serem ouvidos pelos que estavam dentro de casa, todos em busca da jovem recém-casada. «Marie! Marie!» gritava La Mère Bauche, num tom suplicante. «Volta para casa. Peço-te!

– Cale-se!» murmurou o Capitaine. «Lá dentro vão ouvi-la chamar.»

Não podia conformar-se que o mundo soubesse que casar com ele era assim uma coisa tão terrível para Marie. «Marie! Querida Marie!» voltara Madame Bauche mais alto, completamente indiferente ao que dizia o Capitaine; mas Marie não respondia. No íntimo da sua alma, La Mère Bauche desejava agora que aquele casamento estivesse desfeito.

Adolphe ia na frente, de candeia alçada, mas sem se atrever a olhar para o sítio onde era mais natural que ela estivesse refugiada.

Como havia ele de se encontrar outra vez sozinho com ela na gruta? Dos quatro, era ele o único moço. A ele competia, evidentemente, subir lá acima. «Marie!» gritou «estás aí?» assim que começou a subir vagarosamente a longa escada.

Mas mal tinha principiado a subir quando lhe chegou aos ouvidos uma espécie de rumor, assim como de uma ave que esvoaçasse, e sentiu que o ar à sua roda se tinha agitado; depois, ouviu-se um baque na mais baixa plataforma da penedia, um gemido, que se repetiu duas vezes, muito debilmente, um sussurrar de seda, e uma ligeira agitação que lhe pareceu a uns vinte passos; e então de novo tudo ficou quieto e silencioso no ar da noite. «Que foi aquilo?» perguntou o Capitaine numa voz rouca. Tinha avançado até meio do jardimzinho e estava também a umas catorze ou quinze jardas da plataforma da rocha. Adolphe, porém, não tinha forças para responder. Desmaiara e a candeia caíra-lhe das mãos e rolara até ao fundo dos degraus.

Mas o Capitaine, embora o coração se lhe tivesse congelado no peito, ainda teve forças para avançar até à rocha; e então, erguendo a lanterna à altura dos olhos, viu o que restava da sua noiva.

Quanto à La Mère Bauche, nunca mais se sentou à cabeceira da mesa, nunca mais deu sentenças aos hóspedes –, nunca mais proferiu conselhos acerca da conduta fosse de quem fosse. Durante uns sete monótonos anos para ali esteve, uma pobre entrevada, até que, por fim, lá foi para junto dos pais.

Quanto ao Capitaine – mas isso que importa? O Capitaine era feito de um rijo estofo.

E que importa, além disso, o destino de uma pessoa da laia de Adolphe Bauche?

CONTO DE NATAL – Guy de Maupassant

O dr. Bonenfant parafusava na memória, repetindo a meia voz: "Uma recordação de Natal? . . . Uma recordação de Natal? . . . "

E de súbito exclamou:

– Sim, tenho uma, e ainda por cima muito estranha, uma história verdadeiramente fantástica. Eu presenciei um milagre! Sim, minhas senhoras, um milagre, na noite de Natal. Decerto se admirarão de me ouvirem falar assim, eu que não creio em nada. E no entanto eu vi um milagre! Eu o vi com estes meus próprios olhos! Se fiquei muito surpreendido? Não. . . se eu não acredito nas suas crenças, acredito na fé, e sei que ela transporta montanhas. Poderia citar muitos exemplos, mas isso lhes causaria indignação, e eu me arriscaria a atenuar o efeito da minha história. Confessarei primeiro que, se não fiquei convencido e convertido pelo que vi, senti-me pelo menos bastante impressionado, e vou tratar de lhes contar a coisa singelamente, como se tivesse uma credulidade de campônio.

Eu era então médico rural e morava no burgo de Rolleville, em plena Normandia.

O inverno, naquele ano, foi terrível. Logo em fins de novembro, chegaram as neves, após uma semana de geada. Avistavam-se ao longe as grandes nuvens que vinham do norte; e começou a branca descida dos flocos.

Em uma noite, toda a planície foi amortalhada. As granjas, isoladas nos seus pátios quadrados, por trás das suas cortinas de grandes árvores brancas de geada, pareciam adormecer sob a acumulação daquela espuma densa.

Nenhum rumor atravessava mais a campina imóvel. Só os corvos, em bandos, descreviam longos festões no céu, na busca inútil do alimento, abatendo-se todos juntos sobre os campos lívidos e picando a neve com seus grandes bicos.

Nada mais se ouvia que o deslizar contínuo daquela poeira gelada, eternamente a cair.

Aquilo durou oito dias a fio, depois a avalanche parou. A terra tinha

sobre o dorso um manto de cinco pés de espessura.

E, durante três semanas, um céu, claro como um cristal azul de dia e, à noite, todo semeado de estrelas que pareciam de gelo, se estendeu por sobre o lençol unido, duro e lúcido da neve.

A planície, as cercas, os olmos, tudo parecia morto, trucidado pelo frio. Nem homens nem animais se aventuravam a sair; apenas as chaminés vestidas de branco revelavam a vida, oculta pelos tênues filetes de fumo que subiam verticais no ar glacial.

Ouvia-se, de tempos em tempos, estalarem as árvores, como se os seus membros de madeira se houvessem quebrado sob a casca; e, às vezes, um grande galho se destacava e caía, pois a invencível geada petrificava a seiva e quebrava as fibras.

As casas, semeadas aqui e acolá pelos campos, pareciam afastadas cem léguas umas das outras. Vivia-se como se podia. Apenas tentava ir visitar meus clientes mais próximos, expondo-me continuamente a ficar amortalhado nalgum buraco.

Apercebi-me em seguida de que um terror misterioso pairava sobre a região. Um flagelo assim, pensavam, não podia ser natural. Julgavam ouvir vozes à noite, silvos agudos, gritos que passavam.

Esses gritos e esses silvos provinham sem dúvida dos pássaros migradores que viajavam ao crepúsculo e que fugiam em massa para o sul. Mas como esclarecer gente assustada?

O pânico invadia os espíritos, e todos esperavam um acontecimento extraordinário.

A forja do velho Vatinel ficava situada nas cercanias do povoado de Épivent, à beira da estrada real, agora invisível e deserta. Ora, como lhe faltasse pão, o ferreiro resolveu ir até a aldeia. Ficou algumas horas a conversar pelas seis casas que constituem o núcleo da região, munuiu-se de pão, de novidades e de um pouco daquele medo espalhado por toda parte.

E pôs-se a caminho antes que anoitecesse.

De repente, quando costeava uma cerca, julgou avistar um ovo sobre a neve. Sim, um ovo colocado ali, branquinho como o resto do mundo. Inclinou-se: era de fato um ovo. De onde provinha? Que galinha teria saído do terreiro para pôr naquele lugar? O ferreiro espantou-se, não compreendeu coisa alguma; mas agarrou o ovo e levou-o para a sua mulher.

– Toma, minha velha, está aqui um ovo que encontrei na estrada.

A mulher sacudiu a cabeça:

– Um ovo na estrada? Com esse tempo?, andaste bebendo?

– Não, velha, e por sinal que estava perto de uma cerca, e ainda quentinho! Olha, guardei-o debaixo da camisa para que não esfriasse. Tu o comerás na janta.

O ovo foi metido na marmita onde fumegava a sopa, e o ferreiro pôs-se a contar o que diziam pelas redondezas.

A mulher escutava, pálida.

– Bem que ouvi assovios na noite passada; até pareciam vir da chaminé.

Puseram-se à mesa, tomaram primeiro a sopa e depois, enquanto o marido passava manteiga no pão, a mulher pegou o ovo e examinou-o com um olhar desconfiado.

– E se houver qualquer coisa neste ovo?

– Que queres tu que haja?

– Sei lá!

– Vamos, come, e deixa de asneiras.

Ela abriu o ovo. Era como todos os ovos, e bem fresco.

Pôs-se a comê-lo, hesitando, provando-o, soltando-o, pegando-o de novo. O marido dizia:

– E então? Que gosto tem esse ovo?

Ela não respondeu, e terminou de engoli-lo. Depois plantou no seu homem uns olhos fixos, esgazeados, alucinados; ergueu os braços, retorceu-os e, convulsionada da cabeça aos pés, rolou por terra, soltando gritos horríveis

Toda a noite debateu-se em espasmos tremendos, sacudida de infundáveis tremores, deformada por incríveis convulsões. O ferreiro, impotente para a segurar, foi obrigado a amarrá-la.

E ela gritava continuamente, com uma voz infatigável:

– Tenho o diabo no corpo! Tenho o diabo no corpo!

Fui chamado no dia seguinte. Prescrevi os calmantes conhecidos, sem obter o mínimo resultado. Ela estava louca.

Então, com incrível rapidez, apesar do obstáculo das neves altas, a novidade, uma novidade estranha, correu de granja em granja: "A mulher do ferreiro está possessa!" E chegava gente de toda parte, sem ousar penetrar na casa; escutavam de longe os seus gritos terríveis, lançados com uma voz tão forte que não pareciam de criatura humana.

O cura da aldeia foi avisado. Era um velho e ingênuo sacerdote. Veio de sobrepeliz, como para administrar a extrema-unção, e pronunciou,

estendendo as mãos, as fórmulas do exorcismo, enquanto quatro homens seguravam sobre o leito a mulher escumante e contorcida.

Mas o espírito não foi escorraçado.

E chegou o Natal, sem que se houvesse mudado o tempo.

Na véspera, pela manhã, o padre foi procurar-me:

– Eu tenho vontade – disse ele – de fazer essa infeliz assistir à missa do galo esta noite. Talvez Deus faça um milagre em seu favor, na própria hora em que nasceu de uma mulher.

Eu respondi ao cura:

– De inteiro acordo, senhor padre. Se o seu espírito for tocado pela cerimônia sagrada (e nada mais propício a impressioná-la), ela pode salvar-se.

O velho padre murmurou:

– O senhor não é crente, doutor, mas ajude-me. Poderá encarregar-se de conduzi-la?

E eu lhe prometi o meu auxílio.

Chegou a tarde, depois a noite; e o sino da igreja pôs-se a tocar, lançando a sua voz queixosa através do espaço quieto por sobre a branca extensão gelada.

Vultos negros chegavam lentamente, aos grupos, dóceis ao grito de bronze da torre.

A lua cheia iluminava de um clarão vivo todo o horizonte, tornando mais visível a pálida desolação dos campos.

Eu tomara comigo quatro homens robustos e dirigi-me à forja.

A possessa continuava a gritar, amarrada ao leito. Vestiram-na decentemente, apesar da sua desesperada resistência, e carregaram-na.

A igreja estava agora repleta, iluminada e fria; os chantres lançavam as suas notas monótonas; a sineta do menino do coro tintilava regulando os movimentos dos fiéis.

Encerrei a mulher e seus guardas na cozinha do presbitério, e esperei o momento que julgava propício.

Escolhi o instante que se segue à Comunhão. Todos os camponeses, homens e mulheres, tinham recebido o seu Deus para lhe abrandar o rigor. Pairava um grande silêncio enquanto o padre terminava o mistério divino.

Por ordem minha, a porta foi aberta, e meus quatro auxiliares trouxeram a louca.

Logo que avistou as luzes, a multidão de joelhos, o coro iluminado e o tabernáculo de ouro, ela se debateu com tal vigor que quase nos escapou e lançou clamores tão agudos que um arrepio de pânico percorreu a igreja; todas as cabeças se ergueram, alguns fugiram.

Crispada e contorcida em nossas mãos, o rosto virado, os olhos fora das órbitas, ela não tinha mais o aspecto de mulher.

O padre se havia erguido; ele esperava. Logo que a viu contida, tomou nas mãos o ostensório cingido de raios de ouro, com a hóstia branca no meio, e, avançando alguns passos, ergueu-o com ambos os braços estendidos acima da cabeça, apresentando-o aos olhares desvairados da demoníaca.

Ela continuava a gritar, com o olhar fixo naquele objeto fulgurante.

E o padre permanecia de tal maneira imóvel que o teriam tomado por uma estátua.

E aquilo durou muito tempo, muito tempo.

A mulher parecia transida de medo, fascinada; contemplava fixamente o ostensório, sacudia-se ainda com estremecimentos terríveis, mas passageiros, e sempre a gritar, mas com uma voz menos lancinante.

E passou ainda muito tempo.

Dir-se-ia que ela não podia mais baixar os olhos, que os tinha pregados na hóstia; não fazia mais que gemer; e seu corpo enrijecido amolecia, entregava-se.

Toda a multidão estava prosternada, de frente por terra.

A possessa baixava agora rapidamente as pálpebras e erguia-se em seguida, como que impotente para suportar a vista do seu Deus. Ela calara-se. E depois, de súbito, percebi que seus olhos permaneciam fechados. Ela dormia o sono dos sonâmbulos, hipnotizada, perdão, vencida pela contemplação persistente do ostensório de raios de ouro, aniquilada pelo Cristo Vitorioso.

Carregaram-na, inerte, enquanto o padre subia para o altar.

A assistência, abalada, entoou um Te Deum de ação de graças.

E a mulher do ferreiro dormiu quarenta horas seguidas e depois despertou sem nenhuma lembrança do endemoninhamento, nem do exorcismo.

– Eis aí, minha senhora, o milagre que eu vi.

O doutor Bonenfant calou-se, depois acrescentou com uma voz contrariada:

– E eu não pude recusar-me a atestá-lo por escrito.

OS ESPIÕES – E.T.A. Hoffmann

Quando se falava do último cerco de Dresden⁽⁴⁾, Anselmo, habitualmente pálido, tornava-se mais pálido ainda. Ficava de mãos postas, com os joelhos a baterem um no outro. O olhar fixo indicava a agitação que lhe ia na alma e a perturbação das suas idéias.

— Deus de bondade! — resmungava ele. Não sei como descalcei aquela bota! Não dei atenção à metralha, nem às granadas que rebentavam; o que sei é que entrei na cidade pela ponte nova. E aquele homem tão alto que encontrei! Que triste é estarmos encerrados num recinto cheio de baluartes, de parapeitos, de fortins, de caminhos cobertos! Quantos trabalhos e misérias tive de padecer! E não havia nada que trincar! Se ao folhearmos o dicionário, para matar o tempo, se encontrava a palavra comer, exclamávamos com admiração: "Comer? O que será isto?" Pessoas, outrora gordas, abotoavam a própria pele como uma camisola bem larga, como um paletó natural. Santo Deus! Se o arquivista Lindhorst fosse ainda vivo! Papowicz queria desancar-me, mas a argentina ninfa das águas salvou-me a vida... Oh Agafia!...

Anselmo tinha por costume, quando pronunciava este nome, saltar da cadeira, dar uma corrida e dois ou três pulos, e tornar depois a sentar-se.

Era completamente inútil perguntar-lhe o que significavam aqueles trejeitos e exclamações disparatadas; contentava-se com responder:

— Posso lá contar-lhes o que me aconteceu com Papowicz e Agafia, sem que me tomem por doido?

E pelos rostos dos circunstantes passava um sorriso equívoco que queria dizer:

— Ora, meu caro! Não é preciso isso, para ficarmos, certos de que o senhor não tem o juízo todo!

Numa noite sombria e silenciosa de outubro, Anselmo, que julgavam longe da localidade, entrou de improviso em casa de um amigo. Vinha profundamente terno, mais terno e mais afetuoso do que de costume, quase triste. O seu gênio turbulento e por vezes selvagem fora suavizado e domado pelo misterioso poder que se lhe apoderara do espírito.

Como era noite fechada, o amigo de Anselmo quis pedir luz, este

pegou-lhe nos dois braços, dizendo:

— Fazes-me o favor de, ao menos por esta vez, procederes segundo a minha fantasia? Não mandes vir luz. Contentemo-nos com a débil claridade do candeeiro que daquele gabinete nos envia uns pálidos raios. Podes fazer tudo o que quiseres, beber chá, fumar; mas não quebres a xícara nem atires a isca acesa para cima do meu casaco novo. Não só isso me faria zangar, como perturbaria a tranqüilidade e o silêncio deste jardim encantado, onde entrei hoje e onde estou gozando delícias mil. Vou sentar-me neste sofá.

Sentou-se e, após longa pausa, continuou nestes termos:

— Amanhã de manhã, às oito horas, faz precisamente dois anos que o conde de Lobau fez uma sortida em Dresden, com doze mil homens e vinte e quatro peças de artilharia, a fim de abrir uma passagem para as serras de Misnie...

— Por vida minha! — disse o amigo de Anselmo, rindo a bandeiras despregadas — ao ouvir-te falar em jardim encantado, esperava que se evolasse alguma aparição celeste. O que tenho eu com o teu conde de Lobau e a sua sortida? Como te podes lembrar desses números exatos: doze mil homens e vinte e quatro peças de artilharia? Desde quando é que os fatos militares se gravaram tão bem no teu cérebro?

— Ora essa! — replicou Anselmo — então já esqueceste esse tempo tão cheio de acontecimentos variados? Já não te lembras de que todos nós fomos invadidos por veleidades belicosas?... O noli turbare nos livrou dessas veleidades. Se nem sequer admitíamos que nos livrassem. Não sei que demônio nos dilacerava o peito, nos esporeava, nos excitava a batalhar. Pegamos em armas pela primeira vez, não para nos defendermos, mas para nos consolarmos buscando na morte o castigo duma vergonhosa fraqueza. Pois foi este ardor estranho que, arrancando-me às artes e às ciências, atirou comigo para o meio da selvagem e sanguinolenta peleja... e esse ardor que por vezes me inflamava nos negros dias dessa época apoderou-se precisamente de mim naquela noite... Não me era possível estar sentado diante da secretária! Vagueava pelas ruas, seguia, de tão longe quanto possível, as tropas nas suas sortidas, unicamente para ver com os meus próprios olhos, procurando uma esperança no que via, porque não ligava importância alguma aos editais mentirosos, nem às proclamações empoladas. Deu-se finalmente a batalha de Leipzig⁽⁵⁾.

A Alemanha inteira, orgulhosa e feliz por ter reconquistado a liberdade, estrondeou em gritos de alegria... e estávamos ainda acorrentados à escravidão! Pareceu-me que devia, por uma ação extraordinária, procurar conquistar a liberdade para mim e para todos os que, como eu, estavam cativos. Isto pode parecer-te extravagante,

talvez ridículo, em vista da índole que me supões, mas tive a louca idéia de incendiar, de fazer ir pelos ares um forte, onde sabia que os franceses haviam depositado grande quantidade de pólvora... O amigo não pôde deixar de sorrir daquele súbito heroísmo do pacífico Anselmo, que, não lhe podendo ver o sorriso, por causa da obscuridade, continuou a falar, depois de um momento de silêncio.

— Todos vocês me têm dito freqüentemente que uma disposição particular do meu espírito me faz dar aos acontecimentos que me impressionam, circunstâncias fabulosas em que ninguém acredita. Também a mim, ao princípio, essas circunstâncias me parecem fruto da minha imaginação; mas depressa tomam forma exteriormente ao meu ser, qual místico símbolo do maravilhoso que encontramos na vida a cada passo. Foi o que me aconteceu em Dresden, faz hoje dois anos. O dia passara-se num triste silêncio, repleto de pressentimentos nas portas havia tranqüilidade completa; não se disparou um único tiro. Às dez horas da noite, entrei num café do mercado velho. Num gabinete retirado e oculto, onde nenhum estrangeiro podia entrar, reuniam-se amigos das mesmas opiniões, animando-se, consolando-se mutuamente, expondo as suas esperanças. Foi ali que, destruindo as mentiras oficiosas, nos foram comunicadas as verdadeiras notícias das batalhas de Katzbach e de Culm; foi ali que o nosso amigo R... nos anunciou a vitória de Leipzig, que soubera não sei como. Ao passar em frente do palácio de Bruhl, habitado pelo Marechal, notara extraordinária iluminação nas salas e grande tumulto no vestibulo. Dei parte disto aos meus amigos, observando que indubitavelmente os franceses maquinavam qualquer coisa. Neste momento entrou R... com precipitação, todo afogado.

— Ouçam as notícias mais recentes, gritou-nos ele. Agora mesmo está reunido o conselho de guerra, em casa do marechal. O general Mouton, conde de Lobau, vai retirar-se para Meissen com doze mil homens e vinte e quatro peças de artilharia. A sortida realiza-se amanhã de manhã.

Discutiui-se muitíssimo e segundo a opinião de R... a ativa vigilância dos russos podia tornar aquele plano funesto para os franceses, e forçar o marechal a capitular mais depressa, pondo-se assim termo aos nossos males.

Quando voltei para casa, à meia noite, pus-me a refletir: como podia R... ter sabido, durante a reunião do conselho, o que este havia decidido?

Daí a pouco ecoou, no meio do fúnebre silêncio da noite, um estrondear abafado. Uma força de artilharia, seguida de viaturas carregadas de forragens, passava devagar pela minha frente, dirigindo-

se para o lado da ponte do Elba.

— R... tinha razão, fui obrigado a dizer comigo mesmo.

Segui o trem até ao meio da ponte, parando junto ao arco que fora pelos ares e que tinha sido substituído por um tabuleiro de macieira, de cada lado do qual se erguiam sólidas obras de fortificação com altas paliçadas e entrincheiradas de terra.

Agachei-me junto ao parapeito, para não ser notado. De súbito pareceu-me que uma das estacas da paliçada saía do seu lugar, mexendo-se em todos os sentidos, e que se inclinava para mim, murmurando em voz baixa palavras incompreensíveis. O céu estava toldado de nuvens e a escuridão espessa da noite impediam-me de ver nitidamente. Logo que a artilharia acabou de passar e que reinou na ponte um silêncio de morte, ouvi os arrancos duma respiração difícil, acompanhados de surdos gemidos; o negro pedaço de madeira pareceu crescer e um horror glacial atordoou-me os sentidos. Atemorizado por aquele pesadelo, não pude mover-me. Parecia de chumbo o meu corpo. Levantou-se o vento da noite varrendo o nevoeiro para além das serras, e a lua dardejou uns raios enfraquecidos por entre as nuvens esfarrapadas. Avistei então a pouca distância um velho muito alto, de barba e cabelo compridos e dum branco prateado. Trazia uma capa que lhe chegava só até à cintura, caindo em amplas e numerosas pregas. Tinha na mão um comprido cajado, que estendia para o rio com o braço nu. Era ele que murmurava e gemia.

Neste momento vi brilhar canos de espingardas do lado da cidade, e ouvi bulha de passos. Atravessava a ponte, em profundo silêncio, um batalhão francês. O velho acocorou-se e pôs-se a gemer, apresentando o barrete como para pedir esmola.

— Voilà Saint-Pierre qui veut pêcher, disse rindo um oficial francês.

O homem que marchava após ele parou, deitou dinheiro para o barrete do velho e disse com modo sério:

— Eh bien! Moi, pêcheur, je lui aiderai à pécher.

Vários oficiais e soldados saíram da forma e deram dinheiro ao velho. Alguns preocupados com a idéia de morte próxima, suspiravam baixinho. A cada esmola que recebia, o velho inclinava a cabeça dum modo singular, dando soluços abafados. Um oficial general, que reconheci como o conde de Lobau, passou tão perto do ancião que por um pouco não o esmagou com o cavalo coberto de espuma. O general voltou-se rapidamente para um ajudante, e, ajeitando o chapéu na cabeça, perguntou com voz forte:

— Qui est cet homme?

Os cavaleiros que o escoltavam ficaram silenciosos, mas um porta-

machado já idoso, que marchava fora da fileira com o machado ao ombro, respondeu:

— C'est un pauvre maniaque bien connu ici. On l'appelle Saint-Pierre pêcheur.

A força continuou a passar. Aquela marcha era triste e taciturna, desacompanhada dos petulantes gracejos do costume. Assim que o exército desapareceu, embrenhando-se nas trevas longínquas, o velho ergueu-se devagar e ficou de pé, com a cabeça levantada. Com o cajado erguido em atitude majestosa e imponente, parecia comandar as ondas tempestuosas, como um santo dotado da faculdade de fazer milagres. O Elba espumava, redemoinhando com furor sempre crescente numa agitação que lhe revolia os abismos.

No meio do fragor das águas, julguei ouvir uma voz abafada, que parecia vir do rio e subir até mim.

— Michaël Popowicz, Michaël Popowicz! Não vês o homem de fogo? — dizia a voz, em russo.

O velho, que resmungava não sei que oração, exclamou:

— Agafia!

Neste momento iluminou-lhe o rosto um clarão vermelho sanguíneo, que o Elba projetava em direção a ele. Turbilhões de chamas subiam para os ares, ao longe, nas serras de Misnie.

Muito perto de mim, debaixo dos madeiros da ponte, ouviu-se um marulhar semelhante ao que produz um nadador, e lobriguei um vulto, que trepou com dificuldade por um barrote e saltou o parapeito com espantosa agilidade.

— Agafia! — disse o velho — minha filha! Foi Deus que assim o quis!

— Como? Dorothea aqui! — exclamei eu.

Ia continuar, mas senti os seus braços a apertarem-me, arrastando-me com força.

— Oh! Em nome de Deus, segue-me, meu caro Anselmo, senão matam-te! murmurou a moça, que acabava de sair das águas.

Estava defronte de mim, a tremer, quase morta de frio. Os compridos cabelos negros espalhavam-se pelos ombros, e a roupa molhada colava-se ao corpo esbelto. Caiu no chão, extenuada de fadiga, e disse com doçura:

— Faz tanto frio ali dentro! Cuidado, não digas nada, meu caro Anselmo, senão matam-nos!

Iluminava-lhe o rosto o clarão das fogueiras longínquas. Era bem ela, Dorothea, a bonita aldeã, que, quando a sua aldeia fora saqueada e lhe

assassinaram o pai, se refugiara em casa do dono da hospedaria, onde eu estava alojado.

— Seria excelente pessoa, dizia amiúde o hospedeiro, se a desgraça a não tivesse tornado estúpida.

O homenzinho tinha razão. A rapariga só dizia coisas ininteligíveis. Um sorriso apagado e desagradável alterava-lhe a fisionomia, que devia ter sido encantadora. Trazia-me todas as manhãs o café ao quarto, e tive ocasião de notar, como fato para mim positivo, que as suas maneiras, a sua carnação, a sua tez, não eram as duma camponesa.

— Ora, senhor Anselmo, dizia-me o hospedeiro, a rapariga é filha dum rendeiro e, o que é mais, nasceu na Saxônia.

Ao vê-la molhada até aos ossos, trêmula, respirando a custo e meio deitada a meus pés, tirei logo a capa e cobria com ela.

— Aquece-te, disse-lhe baixinho, aquece-te, querida Dorothea, senão morres. Mas o que fazias dentro deste rio gelado?

— Cala-te, cala-te! — respondeu a rapariga, afastando a gola da capa que lhe tapava o rosto, e deitando para trás os cabelos gotejando água. Vamos para aquele banco de pedra. Meu pai não nos ouve. Está conversando com Santo André⁽⁶⁾.

Fomos devagarinho até ao lugar indicado. Sentia-me dominado por extraordinária comoção. Excitado pelo horror e pela admiração, tomei a moça nos braços. A pobrezinha sentou-se nos meus joelhos sem dificuldade. Passou o braço em torno do meu pescoço, e senti a água fria, que lhe escorria dos cabelos, cair-me pelas costas. Mas as gotas de água que caem num brasido aumentam-lhe a intensidade. Sentia-me invadido pelo fogo do amor e do desejo.

— Anselmo, balbuciou a moça, tu és um honrado mancebo. Quando cantas, o som da tua voz entra-me no coração, e além disso és tão delicado! Não me atraíças, não é assim? Quem te arranjará depois o café? Ouve, quando chegar a fome, quando nada tiveres que comer, entro no teu quarto de noite, sozinha, sem que ninguém o saiba, e faço-te no fogão manjares deliciosos. Tenho farinha, farinha fina, escondida no meu quarto de cama. Comeremos ambos excelentes bolos de núpcias, muito branquinhos.

Tinha estado a rir, mas, quando pronunciou estas palavras, soluçava.

— Ah! continuou ela, há de ser como em Moscovo! Oh meu Alexis! Meu belo noivo! Nada, nada! Lá sai das ondas! Não te espera a tua noiva fiel?

Baixou a cabeça e a voz foi enfraquecendo gradualmente. A respiração

entrecortou-se de suspiros. Pareceu adormecer. Olhei para o velho. Lá estava, de braços cruzados, dizendo num tom lúgubre:

— Meus valentes irmãos! O homem do fogo faz-lhes sinal. Olhem para ele. Com que força sacode as fulgurantes madeixas da sua barba de chamas! Com que afã estende pela turba as suas colunas de fumarada! Não lhe ouvem o retumbar dos passos? Não os anima o seu sopro inflamado? Marchem para o lugar onde brilham as fagulhas. Corram, meus valentes irmãos!

A voz de Popowicz tinha silvos como os do vento ao aproximar-se o furacão. Em quanto falava, continuavam a chamejar os sinais nas serras de Misnie.

— Ampara-me, Santo André, ampara-me! balbuciou a rapariga adormecida.

Acometida por subitâneo terror, levantou-se, abraçou-me fortemente com o braço esquerdo, e murmurou-me ao ouvido:

— Anselmo, antes quero matar-te!

E vi brilhar uma faca na sua mão direita. Repeli-a aterrado, e dei um grito.

— Insensata, que fazes?

— Não, continuou sem responder, não tenho ânimo para isso, mas agora estás perdido.

O velho bradou nesta ocasião:

— Com quem estás falando Agafia?

E, sem me dar tempo para refletir, veio ter ao pé de mim, de bordão levantado e jogou-me uma tal pancada que me partiria o crânio, se Agafia não me tivesse puxado para trás com violência. O pau fez-se em pedaços na calçada e Popowicz caiu de joelhos.

— Marche! Marche! — gritavam de todos os lados.

Fui obrigado a erguer-me de repente e a abrir passagem, para não ser esmagado pela artilharia e pelas viaturas que recolhiam.

Na manhã seguinte os russos repeliavam das serras o infeliz general e obrigavam-no a refugiar-se na praça.

— É extraordinário, dizia-se, os russos conheciam o projeto do inimigo. As fogueiras acesas nas serras de Misnie fizeram convergir as suas tropas para os lugares onde os franceses esperavam derrota-los, por encontrarem pouca resistência.

Passaram-se muitos dias e Dorothea já não me trazia o café. O hospedeiro, pálido de medo, contou-me que vira Dorothea e o mendigo louco da ponte do Elba serem conduzidos por uma forte

escolta desde a casa do marechal até à cidade nova.

— Oh Deus! — disse nesta altura o amigo de Anselmo — foram descobertos e executados?

Mas Anselmo respondeu, sorrindo de modo singular:

— Não. Agafia calou-se e, depois da capitulação, recebi das suas mãos um bonito bolo de núpcias, que ela própria cozinhou.

E foi tudo o que Anselmo contou a respeito daquela extraordinária aventura. Ninguém pode arrancar-lhe mais palavra.

HOMEM, O ANIMAL INSONE – E.M. Cioran



Quem quer que tenha dito que o sono é o equivalente da esperança teve uma intuição penetrante da assustadora importância não só do sono mas também da insônia! A importância da insônia é tão colossal que sou tentado a definir o homem como sendo o animal que não pode dormir. Por que chamá-lo de animal racional, se há outros igualmente razoáveis? Mas não existe outro animal em toda a criação que queira dormir e não possa. O sono é esquecimento: o drama da vida, suas complicações e obsessões se desfazem completamente, e cada despertar é um novo começo, uma nova esperança.

Assim a vida mantém uma agradável descontinuidade, a ilusão de uma permanente regeneração. A insônia, por sua vez, dá à luz um sentimento de tristeza irrevogável, de desespero e agonia. O homem saudável – o animal – apenas chapinha na insônia: ele nada sabe sobre esses que dariam um reino por uma hora de sono inconsciente, esses que se horrorizam tanto diante de uma cama quanto diante de uma mesa de tortura. Há um vínculo estreito entre a insônia e o desespero. A perda da esperança vem com a perda do sono. A diferença entre o paraíso e o inferno: pode-se sempre dormir no paraíso, mas nunca no inferno. Deus puniu o homem tirando-lhe o sono e dando-lhe o conhecimento. Não é a privação do sono uma das torturas mais cruéis praticadas nas prisões? Os loucos sofrem enormemente com a insônia, daí as suas depressões, o seu desgosto com a vida, e os seus impulsos suicidas. Não é a sensação –típica das alucinações acordadas – de mergulhar num abismo uma forma de loucura? Os que cometem suicídio atirando-se de pontes para dentro dos rios ou de edifícios sobre os calçamentos, motiva-os por certo um desejo cego de cair e a atração ofuscante das profundezas abismais.

Minha alma é caos, como pode então ser? Tudo está em mim: procura e encontrarás. Sou um fóssil que data do princípio do mundo: nem todos os seus elementos cristalizaram completamente, o caos inicial ainda transparece. Sou a absoluta contradição, o clímax das antinomias, o último limite das tensões; em mim tudo é possível, pois sou aquele que no momento supremo, diante do nada absoluto, gargalhará.

O ELIXIR DA LONGA VIDA – Honoré de Balzac

Nos começos da vida literária do autor, um seu amigo, morto há muito tempo, deu-lhe o assunto para este estudo, que mais tarde encontrou numa coleção publicada nos princípios deste século. Segundo as suas conjecturas, trata-se de uma fantasia devida a um tal Hoffman, de Berlim, publicada nalgum almanaque alemão e esquecida pelos editores das suas obras.

A «Comédia Humana», é suficientemente rica de imaginação para que o autor possa confessar um inocente plágio. Não se trata, portanto, de uma dessas brincadeiras à moda de 1850, em que todos os escritores inventavam atrocidades para regalo das meninas da época.

Assim, quando tiverdes chegado ao engenhoso parricídio de D. Juan, tentai adivinhar a conduta que teriam, em circunstâncias mais ou menos semelhantes, as pessoas honestas que, no Século XIX, recebem uma pensão vitalícia sob o pretexto de um catarro ou as que alugam casa a uma velha para o resto dos seus dias. Ressuscitariam essas pessoas os seus providenciais credores? Por outra, desejaríamos que juízes conscienciosos determinassem o grau de semelhança que pode existir entre D. Juan e os pais que casam os seus filhos na mira de ambicionadas heranças.

A sociedade humana que, no entender dos filósofos, caminha na via do Progresso, considera como um passo para o bem individual a arte de esperar pela morte de alguém abastado. Esta expectativa deu lugar a profissões tidas por honestas, mercê das quais se vive à custa de futuros defuntos. Há mesmo aqueles que têm como condição social aguardar o falecimento de parentes ricos. Parecem agachar-se todas as manhãs para chocarem os seus futuros cadáveres e fazem disto, todas as noites, o seu confiado travesseiro. São, por vezes, gente digna, como eminências, coadjutores, empregados supranumerários ou associados dessas instituições de previdência chamadas tontinas. Juntemos-lhes aqueles indivíduos empenhados em adquirir uma propriedade cujo preço excede as suas posses, mas que calculam a frio as probabilidades de vida que restam a seus pais ou sogros, octogenários ou septuagenários, dizendo consigo: «Antes de três anos herdarei necessariamente, e então...» Qualquer assassino repugna-nos menos que tais espíões da Morte. O assassino cedeu, talvez, a um movimento de loucura; poderá arrepender-se, reabilitar-se.

Mas os ditos espíões são sempre espíões, na cama, à mesa, fazendo a sua vida quotidiana. São vis em cada momento que passa. E que espécie de

assassino seria tão mesquinho como os referidos espiões? Acaso não reconheceis na sociedade humana uma turba de entes levados pelas nossas leis, costumes e usos a pensar constantemente na Morte dos seus, a desejarem-na? Calculam o preço dum funeral enquanto compram tecidos caros para as suas mulheres, quando pensam ir ao teatro ou tomar uma carruagem de aluguer. Chegam a assassinar deste modo no próprio momento em que os próprios filhos, com enternecedora inocência, lhes apresentam, à noite, as fronte para receberem um beijo, proferindo: «Boa noite, pai». Veem a todo o momento olhos que desejariam fechar e se reabrem todas as manhãs à luz, como os de Belvidero neste estudo. Só Deus sabe o número de parricídios que se cometem em pensamento!

Toda a civilização europeia assenta sobre a lei da Herança, como sobre um eixo, que seria loucura fazer desaparecer. No entanto, não poderíamos, como nas máquinas que fazem o orgulho da nossa Era, aperfeiçoar tal engrenagem?

Se o autor utilizou esta forma de preâmbulo ao Leitor – num trabalho em que se esforça por usar todas as formas literárias, foi para introduzir uma nota relativa a alguns estudos, incluindo o presente. De resto, cada um destes trabalhos é baseado em ideias mais ou menos novas, cuja expressão lhe parece útil. O autor poderá mesmo arrogar-se à prioridade de certas locuções que passaram depois para o domínio da Literatura e assim se vulgarizaram. A data de publicação de cada estudo não deve pois ser indiferente ao leitor que deseja fazer justiça ao seu autor.

A leitura proporciona-nos amizades ignoradas – e que bom amigo não é um nosso leitor? Em contrapartida há amigos nossos que não lêem qualquer das nossas obras!

O autor espera saldar uma dívida dedicando esta obra aos seus leitores desconhecidos.

Num sumptuoso palácio de Ferrare, certa noite de inverno, D. Juan Belvidero recebia festivamente um príncipe da casa de Este. Nessa época uma tal recepção constituía espetáculo maravilhoso que só os tesouros reais ou o fausto dum grande senhor poderiam proporcionar.

Sentados à volta de rica mesa iluminada por velas perfumadas, sete mulheres alegres trocavam frases ligeiras, num ambiente de admiráveis obras primas de decoração, com os mármore brancos sobressaindo de paredes de estuque vermelho, a contrastarem com preciosas tapeçarias turcas. Vestidas de cetins e resplandecendo ouro e pedrarias que fulguravam menos que os seus olhos, todas falavam de paixões intensas e diversas como os seus tipos de beleza. Só não diferiam nas palavras nem nas ideias, a que o ar, um olhar, certos gestos prestavam um comentário libertino, sensual, melancólico ou

zombeteiro.

Uma afirmava: «Os meus encantos sabem aquecer o coração gelado dos homens já idosos».

E outra: «Gosto de estar recostada em coxins, para pensar, com embriaguez, nos meus adoradores».

Uma terceira, noviça nesta espécie de banquetes, sentia-se inclinada a corar: «No fundo do meu coração, dizia, sinto um remorso. Sou católica e receio o Inferno, mas amo tanto, oh! tanto!, que poderei sacrificar pelo meu amor a Eternidade!».

A quarta, esvaziando uma taça de vinho de Chio, exclamava: «Viva a alegria! Eu encarno uma existência nova em cada dia que passa. Esquecida do passado, ébria ainda dos meus sucessos quotidianos, todas as noites esgoto uma vida de felicidade, trasbordante de amor».

Aquela que estava sentada junto de Belvidero fixava-o com olhar ardente. Conservava-se silenciosa e pensava: «Se o meu amante me abandonasse, nem por isso me entregaria a excessos para o matar!» Logo sorriu, mas a sua mão convulsa destruíra uma caixa de amêndoas, em ouro, maravilhosamente cinzelada.

– Quando será Grão-Duque? perguntou a sexta mulher ao Príncipe, com expressão de alegria cruel nos lábios e um brilho de bacante nos olhos.

– E tu, dize-me, quando morrerá o teu pai ? – indagou a sétima, lançando o seu raminho de flores a Belvidero, com um delicioso gesto traquinas. Era uma rapariga de ar inocente, habituada a divertir-se com as coisas sagradas.

– Ah! não me falem disso! – exclamou o jovem e belo D. Juan. Há neste mundo um único pai eterno, e a desgraça quer que seja o meu!

As sete cortesãs de Ferrare, os amigos de Belvidero e o próprio Príncipe soltaram uma exclamação de horror.

Duzentos anos depois, no tempo de Luís XV, as pessoas de bom tom ter-se-iam rido daquele dito de espírito. Mas, talvez que as almas conservassem ainda, no começo dum festim, a sua lucidez. Apesar do clarão das velas, do fremir das paixões, do aspecto dos vasos de ouro e prata, dos vapores do álcool e da presença de encantadoras mulheres, subsistiria ainda no fundo dos corações um pouco do respeito pelos sentimentos humanos e as coisas divinas, que luta até a orgia o afogar nas últimas gotas dum vinho espumoso.

No entanto, já as flores se estiolavam, os olhos desumanizavam-se e a embriaguez chegava, segundo a expressão de Rabelais, à ponta dos pés. E neste momento de silêncio abriu-se uma porta e, como no

banquete de Baltazar, o Diabo surgiu sob a aparência de velho criado, de cabeça encanecida, o andar vacilante e as sobrelanceiras contraídas. Fez a sua entrada com ar triste e com o olhar murchou as grinaldas, amorteceu o brilho das pratas douradas, o viço das pirâmides de frutos, o esplendor da festa, o vermelho dos rostos e a cor dos coxins amarfanhados pelos níveis braços das mulheres; lançou, enfim, a tristeza no estonteamento, proferindo em voz cava estas palavras sombrias: – Senhor, vosso pai está a morrer.

D. Juan ergueu-se lançando aos seus convidados um gesto que poderia traduzir-se por: «Desculpem-me, isto não sucede todos os dias». A morte dum pai não surpreende os jovens entre os esplendores da vida ou as loucas expansões dum festim. É tão brusca nos seus caprichos como uma bacante nos seus desdêns, embora, mais fiel do que estas, nunca iluda ninguém.

No momento em que D. Juan fechou a porta da sala do banquete e caminhou por uma extensa galeria, tão álgida como escura esforçou-se por tomar uma atitude hipócrita porque, pensando na sua dignidade de filho, tinha posto de lado a alegria juntamente com o guardanapo. A noite estava lóbrega. O discreto serviçal que conduzia D. Juan ao aposento paterno iluminava mal o seu amo, de maneira que a Morte, ajudada pelo frio, o silêncio e a obscuridade pôde suscitar na sua alma, talvez por uma reação da embriaguez, algumas reflexões graves. Assim interrogou o seu passado e ficou cabisbaixo como um acusado caminhando para o tribunal.

Bartolomeu Belvidero, pai de D. Juan, era um nonagenário que passara a maior parte da vida em grandes transações comerciais. Tendo percorrido as mais frequentes vezes as regiões enfeitadas do Oriente, adquirira avultadas riquezas e, segundo dizia, conhecimentos mais preciosos que o ouro e os diamantes, a que já então nenhuma importância ligava. «Prefiro um dente a um rubi e o poder ao saber», declarava sorrindo. Este excelente pai gostava de ouvir D. Juan contar-lhe as estúrdias da juventude e dizia, com ar chocarreiro: «Meu querido filho, faz todas as asneiras que te possam divertir». Devia ser o único velho que sentia prazer diante dum jovem, pois iludia assim a sua velhice com a contemplação de uma vida tão radiosa como era a de D. Juan.

Aos sessenta anos Belvidero apaixonara-se por um anjo de beleza e de inocência. O filho fora o único fruto desse tardio e breve amor. Havia quinze anos que o velho chorava a morte da sua querida Joana. A numerosa criadagem e o filho atribuíam a esta dor os hábitos singulares que o ancião contraía. Refugiado na álea menos

confortável do palácio, de onde raramente saía, o próprio D. Juan não entrava ali sem a sua prévia autorização. Quando este estranho anacoreta passeava pelo palácio ou nas ruas de Ferrare, parecia procurar qualquer coisa que lhe faltava, caminhando abstrato, hesitante, meditabundo, como que em luta com uma ideia ou uma recordação. Enquanto o filho dava festas e o palácio ressoava com as expansões da sua alegria, enquanto os cavalos escarvavam nas cocheiras ou os pajens discutiam jogando os dados pela escadas, Bartolomeu Belvidero comia diariamente sete onças de pão e só bebia água. Se consentia em servir-se de um prato de galinha era para dar os ossos a um cão-de-água preto, seu fiel companheiro. Não o incomodava o ruído. Quando doente, se o som duma corneta ou o latido dos cães o estremunhavam, contentava-se em dizer: «Ah!, é D. Juan que volta!»

Jamais existiu um pai tão compreensivo e indulgente. Por isso o jovem Belvidero, habituado a tratá-lo sem cerimónia, tinha todos os defeitos das pessoas amimadas, vivendo com seu pai como uma cortesã caprichosa com amante velho, conseguindo o perdão de qualquer impertinência com um sorriso, vendendo o seu bom humor e deixando-se amar. Reconstituindo no pensamento o quadro dos seus anos de mocidade, D. Juan compreendeu que lhe seria difícil descobrir uma razão de queixa do autor dos seus dias.

Agora, ao atravessar a galeria que o levava ao quarto de Bartolomeu moribundo, sentiu despertar um remorso no fundo do coração e inclinava-se a perdoar-lhe ter vivido tanto tempo. Nutria sentimentos de piedade filial, como um ladrão que preza a honestidade ante a possível posse de um milhão bem roubado. Em breve entrou nas desconfortáveis e enormes salas que compunham os aposentos do pai. Depois de experimentar os efeitos de uma atmosfera húmida, em que o cheiro a mofo se exalava das velhas tapeçarias e dos armários cobertos de pó, encontrou-se no quarto do velho, diante do seu leito nauseabundo, junto da lareira apagada. O candeeiro disposto sobre a mesa gótica projetava, a intervalos desiguais, manchas de luz mais ou menos intensas sobre o leito e mostrava o rosto do ancião sob aspectos que variavam. O frio entrava pelas frinchas das janelas mal fechadas e a neve, fustigando as vidraças, produzia um ruído surdo. Esta cena contrastava tão chocantemente com a que D. Juan acabava de abandonar, que ele não pôde deixar de estremecer. Percorreu-o um arrepio quando, ao aproximar-se da cama, um clarão do candeeiro provocado por uma lufada do vento, iluminou a cabeça do velho. Tinha as feições descompostas e a pele, colada aos ossos, apresentava tons esverdeados, que a brancura da almofada tornava ainda mais horríveis.

Contraída pela dor, a boca entreaberta e desdentada deixava escapar uns gemidos lúgubres, que pareciam prolongados pelos uivos da tempestade. Não obstante estes sinais de destruição, dimanava daquela cabeça uma força sem limites. Dir-se-ia um espírito superior em luta com a Morte. Os olhos encovados pela enfermidade conservavam uma fixidez singular. Parecia que Bartolomeu procurava abater com o seu olhar um inimigo postado junto do leito. A sua mirada, fixa e gélida, tornava-se tanto mais terrível porquanto a cabeça se mantinha imóvel como os crânios lívidos que se veem nas mesas de anatomia. O corpo, desenhado por inteiro pela cobertura da cama, denunciava a mesma fixidez nos membros. Tudo morrera nele menos os olhos. O ralo que se escapa da sua boca tinha qualquer coisa de mecânico.

D. Juan procurou vencer um retraimento para se aproximar do moribundo, ostentando ainda ao peito o raminho de flores oferecido pela cortesã, trazendo assim para junto da morte de seu pai os perfumes da festa e o cheiro do vinho.

– Divertias-te? – murmurou o velho ao deparar com ele.

Nesse instante a voz pura, suave da cantora que deliciava os convivas, acompanhada pelos acordes dum violino, fez esquecer os uivos do temporal ressoando no quarto fúnebre. D. Juan desejaria bem que não se tivesse feito ouvir ali tão crua afirmativa à pergunta do moribundo.

Este prosseguiu:

– Não te quero mal por isso, meu filho...

Tais palavras, repassadas de doçura, feriram D. Juan que, no íntimo não perdoou essa pungente bondade paternal: – Que remorso, pai! – suspirou hipocritamente.

– Pobre Juanin – insistiu o moribundo com voz lúgubre. – Fui sempre tão indulgente para ti que não poderás desejar a minha morte.

– Oh! – exclamou D. Juan, se fosse possível restituir-lhe a vida, daria para isso uma parte da minha! «Estas coisas podem sempre dizer-se», pensou discretamente. «Parece que estou a prometer o mundo à minha amante».

Mal tinha completado este pensamento o cão ladrou. Aquele ladrado cheio de perspicácia fez estremecer D. Juan.

Afigurou-se-lhe ter sido compreendido pelo animal.

– Sabia muito bem, meu filho, que podia contar contigo – continuou Bartolomeu. Viverei pois, e ficarás satisfeito.

Viverei, mas sem roubar um só dos dias que te pertencem. «Já delira!», comentou para si o filho.

Depois acrescentou, em voz alta:

– Sim, querido pai, viverá pelo menos tanto como eu, porque a sua imagem nunca se apagará no meu coração.

– Não se trata dessa espécie de vida – replicou o velho, reunindo as poucas forças para se erguer um pouco pois sentia-se abalado por uma dessas suspeitas que só despertam sob o travesseiro dos agonizantes.

– Escuta, Juanin – prosseguiu, enfraquecido por aquele último esforço: desejo tanto morrer como tu privares-te de amantes, de vinho, de cavalos, de cães, enfim de dinheiro... «Assim o creio», conjecturou ainda D. Juan, ajoelhando à cabeceira do leito e beijando uma das mãos daquele quase cadáver: – Pai, querido pai – disse, temos de nos submeter à vontade de Deus.

– Deus, sou eu! – resmungou o velho.

– Não blasfeme! – suplicou o jovem, deparando no pai com uma expressão de ameaça. Tenha cuidado, porque recebeu já a extrema-unção, e eu nunca me resignaria vendo-o morrer em pecado!

– Queres ou não escutar-me?! – vociferou o agonizante, rangendo os maxilares.

D. Juan calou-se. Caiu no quarto um silêncio sinistro. Por entre os silvos surdos do granizo, lá fora os acordes do violino e o canto melodioso ouviam-se novamente, ténues como a luz dum dia que desponta. O ancião sorriu: – Agradeço-te teres convidado cantoras e músicos. Há festa, mulheres jovens e belas, brancas e de cabelos negros, os melhores prazeres da vida... Dize-lhes que fiquem, porque eu vou renascer. «É já o auge do delírio!», pensou o filho, quando

Bartolomeu lhe disse de súbito:

– Descobri o meio de ressuscitar. Olha: Procura na gaveta da mesa; poderás abri-la carregando no botão que esta oculto pelo entalhe que figura um grifo.

– Pronto, meu pai.

– Bem. Tira de lá o frasquinho de Cristal.

– Está aqui...

– Gastei vinte anos... – ia o moribundo a contar, mas sentiu que o seu fim chegava e esforçou-se por acrescentar: – Logo que eu tenha soltado o último suspiro, fricciona-me todo o corpo com esse líquido, e eu ressuscitarei...

– Há muito pouco – notou D. Juan.

Entretanto, Bartolomeu, se já não podia falar, tinha ainda a faculdade de ouvir e ver. As palavras do filho fizeram-lhe voltar a cabeça num

movimento brusco.

Ficou com o pescoço torcido como o duma estátua de mármore condenada pelo escultor a olhar eternamente de lado. As suas pupilas dilatadas tinham tomado uma imobilidade odiosa. Estava morto.

Expirara ao perder a sua última e única ilusão. Ao procurar a sua derradeira salvação no coração do filho, encontrara neste um túmulo mais profundo do que o preparado pelos homens para jazida dos seus mortos. Os cabelos eriçaram-se-lhe de pavor, só o seu olhar pareceu exprimir ainda alguma coisa. Era já como um pai que se erguia do sepulcro para suplicar vingança a Deus.

– Pronto! O homenzinho acabou... – cuidou D. Juan.

Na ânsia de observar o misterioso frasco à luz do candeeiro à semelhança de um apreciador que examina a sua garrafa no fim do repasto, olhava perplexamente para o pai e o frasco. A seu lado, o cão-de-água observava da mesma maneira, ora o frasco ora o dono morto.

O candeeiro projetava clarões movediços. O silêncio tornara-se mais solene. O violino e a voz da cantora tinham emudecido. O jovem estremeceu, parecendo-lhe que o defunto se mexera. Intimidado pela fixidez acusadora dos seus olhos, foi cerrar-lhes como teria fechado uma persiana batida pela rajada em noite invernosa.

Conservou-se de pé, imóvel, perdido num caos de pensamentos. De súbito um ruído seco, lembrando o duma mola emperrada, cortou a mudez. Surpreendido D. Juan quase deixou cair o frasco. Inundou-o um suor mais frio do que aço de punhal. O galo de madeira pintada do relógio familiar surgiu e cantou três vezes.

Era daqueles maquinismos engenhosos, de que se serviam os sábios da época para despertarem à hora fixada para as suas lucubrações. A aurora avermelhava já as janelas. D. Juan tinha passado dez horas a refletir.

O velho relógio era mais fiel do que ele ao cumprimento dos seus deveres para com Bartolomeu.

Aquele mecanismo compunha-se de corda, alavanca e rodas dentadas, enquanto ele tinha o músculo peculiar aos homens, que se chama coração. Para não se arriscar a perder o precioso líquido, D. Juan voltou a guardá-lo, ceticamente, na gaveta da mesinha gótica. Nesse instante ouviu nas galerias do palácio um tumulto confuso. Eram vozes indistintas, risos abafados, todo o rumor dum grupo alegre procurando conter-se. Finalmente, a porta abriu-se e o Príncipe, com os restantes convidados aparecerem com a desordem estonteada dos dançarinos surpreendidos pela claridade da manhã, quando o sol luta

ainda com a pálida chama das velas. Vinham para dar ao jovem herdeiro as condolências da etiqueta.

– Terá o nosso D. Juan tomado a peito esta morte? – perguntou o Príncipe ao ouvido da Brambilla.

– Talvez – respondeu ela, porque o pai era um homem extremamente bondoso.

As meditações noturnas de D. Juan tinham-lhe gravado no rosto uma tal expressão que o grupo se sentiu perplexo. Os homens permaneceram hirtos. As mulheres, com os lábios ressequidos pelo álcool, as faces maceradas pelos beijos, ajoelharam e rezaram. O órfão não pôde deixar de estremecer à vista das alegrias contidas, dos risos desfeitos, dos cantos sumidos, da juventude apagada, da beleza desvanecida, de tudo aquilo que personificava o melhor da vida perante a Morte. Porém naquela amável Itália do tempo, o Pecado e a Religião, conjugavam-se de tal maneira que se confundiam.

O Príncipe apertou afetuosamente a mão a D. Juan e todos os rostos esboçaram simultaneamente uma idêntica expressão, meio triste, meio indiferente. Depois toda esta fantasmagoria protocolar desapareceu, deixando mais vazio o aposento mortuário. Era bem a imagem da Vida.

Ao descer a escadaria, o Príncipe confiou a Rivabarella:

– Quem teria julgado assim o nosso D. Juan, um fanfarrão da impiedade?... Afinal, adorava o pai!

– Reparou no cão?... – indagou Brambilla.

– Aí temos o nosso amigo fabulosamente rico – sugeriu, suspirando, a Bianco Cavatolino.

– Que importa...? – desdenhou a orgulhosa Veronese, que destruíra, com mão nervosa a dourada caixinha de amêndoas.

– Não te importo...? – clamou o Duque. Pois com os seus escudos será tanto um príncipe como eu!

A princípio D. Juan, cedendo a mil pensamentos, hesitou entre vários partidos a tomar. Depois de ter avaliado os tesouros acumulados por seu pai, voltou, de noite, para o quarto fúnebre, a alma esmagada sob feroz egoísmo. Encontrou todos os serviçais ocupados em ordenar os paramentos do catafalco em que o falecido senhor seria exposto no dia seguinte, ao centro duma sumptuosa câmara ardente – espetáculo de grande curiosidade, que toda a Ferrara viria admirar.

A um sinal de D. Juan, os criados detiveram-se interditos e trémulos.

– Deixem-me só – ordenou com a voz alterada. Continuarão depois de eu sair.

Quando os passos do velho Mordomo, que foi o último a retirar-se, deixaram de se ouvir sobre as lajes, D. Juan fechou precipitadamente a porta e disse consigo: – Experimentemos...

O corpo de Bartolomeu fora deitado sobre uma longa mesa.

Para ocultarem o odioso espetáculo de um cadáver a que extrema decrepitude e magreza davam o aspecto de simples esqueleto, os embalsamadores tinham envolvido num lençol todo o corpo, exceto a cabeça. Esta espécie de múmia jazia no meio da dependência, com o sudário a desenhar-lhe vagamente as formar esguias e agudas. No rosto já apareciam largas manchas violáceas, que indicavam a necessidade de se apressar o embalsamamento. Apesar de escudado pelo seu cepticismo, D. Juan hesitou em desrolhar o frasquinho de cristal.

Tremia tanto quando se aproximou da cabeça do defunto que se sentiu constrangido a aguardar um momento. Porém, este jovem, bem cedo corrompido completamente pelos costumes duma corte dissoluta, foi encorajado por uma ideia digna do famoso Duque de Albin, ao mesmo tempo que era aguilhoado pela curiosidade.

Dir-se-ia que o próprio Diabo lhe segredava estas palavras, que lhe ecoavam no coração: «Humedece um dos olhos». Pegou num pano e, depois de o embeber avaramente no precioso líquido, passou-o ao de leve sobre a pálpebra direita do cadáver. O olho abriu-se...

– Ah! – exclamou D. Juan, enclavinando os dedos no frasco, tal como apertamos, em sonhos, a haste de que nos suspendemos num precipício.

Via aquele olho pleno de vida, como olho de criança na cabeça dum morto, a luz cintilando no seu humor líquido juvenil, apenas velada por belos cílios negros, trazendo à memória essas singulares claridades que o viajante avista nos campos desertos, em noites de Inverno.

Aquele olho resplandecia, parecia querer precipitar-se para D. Juan, pensava, acusava, condenava, ameaçava, vociferava, mordida. Todas as paixões humanas se agitavam nele, as súplicas mais ternas, a cólera dos reis, o amor de uma donzela pedindo misericórdia aos seus algozes. Tinha, por fim, a mirada profunda que um homem lança aos outros do último degrau para o cadafalso. Havia tanta vivacidade naquele fragmento de vida que D. Juan recuou, apavorado. Passeou pelo aposento sem ousar fixar aquele olho, que ele revia no chão, nas tapeçarias, por toda a parte.

Toda a dependência estava semeada de pontos luminosos, fulgurantes de vida, de inteligência. E todos esses pontos que eram outros tantos olhos, perseguiam, cercavam D. Juan. «Será capaz de viver mil anos»,

calculou ele incontinentemente, ao voltar junto do pai, levado por uma atração diabólica a contemplar aquela centelha de luz vivente.

De súbito a pálpebra fechou-se e voltou a abrir-se ágil, como a de uma mulher que concede. Se uma voz lhe tivesse dito: «Sim», D. Juan não se sentiria mais aterrado.

– Que fazer? – pensou.

Ainda teve coragem para tentar cerrar aquela pálpebra, mas os seus esforços foram inúteis.

– Será um parricídio esmagá-lo? – perguntou-se diante do olho.

– Sim – fez-lhe este compreender com uma piscadela irónica.

D. Juan debruçou-se para o esmagar. Uma grossa lágrima rolou pelas faces encovadas do cadáver e caiu sobre a mão do filho.

A lágrima queimou-o. Sentou-se, fatigado por uma luta que lhe lembrava a de Jacob com o anjo.

Por fim levantou-se, murmurando:

– Contanto que não haja sangue...

Depois, procurando a todo o transe não se acobardar, esmagou o olho, servindo-se de um pano e voltando o rosto.

Um gemido inesperado, angustioso, surpreendeu-o.

Era o cão que morria uivando.

– Conheceria o segredo do velho? – indagou-se, deitando uma olhadela ao fiel animal.

D. Juan Belvidero passou depois aos olhos do mundo por um filho piedoso. Mandou construir um monumento de mármore do mais branco sobre o túmulo de seu pai, confiando as figuras que o ornariam aos mais célebres artistas da época. Só se sentiu perfeitamente tranquilo no dia em que a estátua paterna, ajoelhada aos pés da Religião, impôs o seu peso enorme sobre a sepultura em que enterrou o único remorso que ainda poderia sobressaltar-lhe o coração nos momentos de maior lassidão.

Depois de feito o inventário das riquezas acumuladas pelo velho orientalista, tornou-se avarento. Acaso não tinha ele de garantir duas vidas com o seu dinheiro?

O olhar tornou-se-lhe perscrutador, alongando-o pela sociedade humana e melhor compreendendo o mundo por avistá-lo através de um túmulo. Analisou os homens e os seus atos para não se importar, de uma vez para sempre, com o passado representado pela História, o presente, encarnado pelas leis e o futuro, desvendado pelas religiões. Tomou o espírito e a matéria, misturou-os num cadinho e, nada aí

encontrando que valesse a pena, tornou-se, autenticamente, D. Juan.

No segredo das ilusões humanas, jovem e belo, lançou-se para a vida, desprezando o mundo para melhor dele se apoderar. Assim, a sua felicidade não poderia ser a ventura burguesa que se contenta com o cozido trivial, uma confortante botija de água quente na cama, no inverno, um candeeiro para a noite e umas pantufas novas em cada trimestre. Apoderou-se da existência como um símio que apanha uma noz e, sem perda de tempo, trata espertamente de desembaraçar o fruto da casca inútil, para lhe saborear a polpa. A poesia e os sublimes arroubos das paixões deixaram de o interessar. Procurou evitar, o erro de certos homens poderosos que, supondo que as almas ingênuas crêem nas almas fortes, das ideias efêmeras.

Poderia bem caminhar, como eles, com os pés sobre a terra e a cabeça a tocar os céus: contudo, preferia refestelar-se e devorar de beijos os lábios, duma mulher meiga, fresca e perfumada, já que, semelhante à Morte, extinguindo impudentemente tudo por onde passava, exigindo só o amor que possuía, um amor à oriental, que lhe proporcionasse apenas amores longos e fáceis. Amando na Mulher só a fêmea, adoptou a ironia como a atitude própria da sua alma. Quando nos seus braços as amantes subiam ao paraíso, perdidas num êxtase de embriaguez, acompanhava-as, meio grave, meio expansivo, tão sincero como um estudante alemão. Dizia sempre – Eu, enquanto a louca apaixonada dizia – Nós. – Sabia admiravelmente deixar-se cativar por uma mulher. Tinha sempre o domínio suficiente para a fazer acreditar que tremia como o estudantinho do liceu que segreda à primeira rapariga com quem volteia num baile: «Gosta de dançar?». Mas não sabia menos utilizar uma espada dura e abater comendadores.

Ocultava-se zombaria na sua simplicidade e riso nas suas lágrimas, chorando tão bem como a esposa que diz ao marido: «Dá-me uma carruagem ou morrerei de tísica!». Para o negociante o mundo é um acumulado de mercadorias e um bom montante de notas de Banco; para a maior parte dos jovens é uma mulher; para algumas mulheres, um homem; para certos espíritos, um salão, um meio de intrigas, um bairro ou uma cidade inteira. Para D. Juan o mundo era ele! Modelo de graça e de brandura, espírito sedutor, soube sempre levar a água ao seu moinho. Simulando deixar-se conduzir, nunca ia além do limite onde queria ser levado. Quanto mais observava mais ia duvidando. Ao analisar os homens, descobriu que, muitas vezes, a coragem não passava de temeridade, e a prudência, de cobardia; a delicadeza era patetice e a generosidade, astúcia; a justiça, um crime, e a probidade, uma convenção.

Descobriu, ainda, que, por um singular destino, as pessoas

verdadeiramente honestas, delicadas, justas, prudentes e corajosas não mereciam a menor consideração social.

– Que cruel ironia! – dizia de si para consigo. Não, é certamente, obra de Deus.

Então, renunciando a um mundo melhor, nunca mais se descobriu ao ouvir pronunciar nomes sagrados e considerou as imagens das igrejas como simples obras de arte. Assim, conhecendo o mecanismo das sociedades humanas, procurava não ferir demasiado os preconceitos, por não se sentir tão forte como os carrascos, mas iludia as leis sociais com subtilidade e espírito. Foi a encarnação de D. Juan, de Molière; do Fausto, de Goethe; do Manfred, de Byron e do Melmoth, de Maturin. Grandes figuras criadas pelos maiores Génios europeus, cantadas em acordes de Mozart e, talvez, um dia, em árias de Rossini. Entes terríveis, que o príncipe do Mal eterniza e de que se encontram alguns exemplares através dos séculos, quer quando tais personagens entram em negociações com os homens, encarnadas em Mirabeau, quer se contentem em agir sobrepetidamente, como Bonaparte ou em abraçar o mundo numa ironia, como Rabelais. Mas o Génio, ainda mais profundo, de D. Juan Belvidero, resumiu, com antecipação, todas essas figuras criadas pela genialidade.

A sua foi uma perpétua zombaria, em que envolveu os homens, as coisas, as instituições e as ideias.

Tendo conversado em boa familiaridade, durante meia hora, com o papa Júlio II sobre a Eternidade, ao concluir disse-lhe, sorrindo:

– Se é em absoluto necessário escolher, prefiro crer em Deus a acreditar no diabo; o poder, aliado à bondade, pode proporcionar-nos melhor refúgio do que aliado à potência do Mal.

– Sim concordou o Pontífice, mas o Senhor quer que façamos penitência neste mundo...

– Pensais então sempre nas vossas indulgências? – tornou Belvidero. Pois bem, eu tenho reservada, para me arrepender da primeira vida, uma outra completa existência...

– Ah! se compreendes assim a velhice – insistiu Júlio II – arrisca-te a ser canonizado...

D. João sorriu; a terminar:

– Depois da vossa elevação ao Papado tudo é possível.

E foram ver os operários ocupados na construção da imensa basílica consagrada a São Pedro.

– O Apóstolo genial que constituiu o nosso duplo poder – acrescentou o Papa Belvidero, merece este monumento. Mas, por vezes, durante a

noite, penso que um novo dilúvio apagará tudo isto e será forçoso recomeçar.

D. Juan e o Pontífice riram, compreendendo-se. Um tolo teria ido, no dia seguinte, divertir-se com Júlio II em casa de Rafael ou na deliciosa Vila Madama, mas Belvidero foi vê-lo officiar pontificalmente, para se convencer das suas dúvidas. Num banquete, o Rovére teria podido desmentir-se e comentar o Apocalipse.

Mas esta lenda não foi criada para fornecer elementos aqueles que desejem escrever memórias sobre a biografia de D. Juan. Destina-se a provar às pessoas honestas que Belvidero não morreu no seu duelo com uma figura de pedra, como querem fazer-nos acreditar alguns biógrafos.

Quando atingiu os sessenta anos, Belvidero fixou-se em Espanha. Aí, mais avançado em idade, desposou uma jovem e encantadora andaluza. Por cálculo, não foi bom esposo nem bom pai. Tinha concluído que nunca seremos tão ternamente amados como pelas mulheres a quem damos menos atenções. Dona Elvira, santamente criada por uma velha tia, nos confins da Andaluzia, a algumas léguas de San-Lucar, era toda dedicação e graça.

D. Juan pressentiu que seria mulher para lutar durante muito tempo contra uma paixão antes de lhe ceder. Assim esperou poder conservá-la virtuosa até à sua morte. Foi um divertimento arriscado, uma como que partida de xadrez que reservou para jogar quando já fosse velho. Decidiu, pois, subordinar todos os seus atos ao êxito da comédia que deveria ter o desfecho no seu leito de morte. Assim a sua fortuna permaneceu enterrada no palácio de Ferrare, onde ia raramente. O resto dos seus bens empregou-os em viajar, no prolongamento da sua vida – artimanha esta que deveria ter ocorrido também a seu pai. Porém, tal astúcia não foi para ele de grande proveito.

O moço Filipe Belvidero, seu filho, saiu-lhe um espanhol tão conscienciosamente religioso quanto o pai era ímpio.

Isto, talvez, em obediência ao provérbio: “Pai avarento, filho pródigo.”

O abade de San-Lucar foi escolhido para director espiritual da Duquesa de Belvidero e de Filipe. Era este eclesiástico um santo homem, de admirável estatura, bem proporcionado, belos olhos e rosto à Tibério, fatigado pelos jejuns, empalidecido pelas macerações e dia a dia tentado, como são os solitários. O já então idoso D. Juan esperava talvez poder ainda matar um anacoreta antes de terminar o primeiro prazo da sua vida.

Mas, ou porque o abade fosse de temperamento tão forte como ele, ou

por que Dona Elvira possuísse menos ardência ou mais prudência do que a Espanha habitualmente concede às mulheres, Belvidero viu-se constrangido a passar os seus dias calmo como um velho reitor de aldeia, sem escândalos caseiros. Por vezes sentia prazer em apanhar a mulher ou o filho em falta para com os seus deveres religiosos e ordenava-lhes imperiosamente que cumprissem as suas obrigações de fiéis da Santa Sé Apostólica. Finalmente, raro era tão feliz como quando ouvia o afável cura de San-Lucar, Dona Elvira e Filipe entretidos em discutir um caso de consciência.

Entretanto, apesar dos cuidados extremos que dedicava à sua pessoa, os dias da sua decrepitude chegaram; e, com os achaques da idade, vieram as imprecações da impotência, tanto mais desesperadora quanto mais vivas eram as recordações da sua ardente juventude e de sua voluptuosa maturidade. Aquele homem para quem o maior divertimento era obrigar os outros a acreditarem nas leis e nos princípios de que desdenhava, adormecia à noite atormentado por um talvez... Modelo de bom-tom, aquele duque, ousado numa orgia, soberbo mas cortês, espirituoso junto das mulheres, a quem vergava pelo coração como um campónio verga uma haste de vime, enfim aquele homem de Génio, tinha um defluxo renitente, uma ciática arreliadora, uma gota feroz. Via os dentes irem-se-lhe como, ao fim duma festa noturna, as mulheres mais brancas e melhor vestidas se retiraram, uma a uma, abandonando a sala deserta e desguarnecida. Depois, as suas mãos afoitas tremeram, as pernas esbeltas vacilaram e, uma noite, a apoplexia apertou-lhe a garganta com as suas mãos aduncas e gélidas. Tornou-se, desde então, quezilento, áspero. Censurava a dedicação do filho e da mulher, atribuindo os seus cuidados enternecidos, desvelados, ao facto de ele ter empregado toda a sua fortuna em rendimento vitalício. Elvira e Filipe choravam lágrimas amargas e redobravam de carícias para com o maldoso velho, que, em voz enfraquecida, que procurava tornar afetuosa, dizia:

– Meus amigos, minha querida esposa, perdoam-me, não é verdade? Atormento-vos um pouco. Ah!, meu Deus! porque te serves de mim para pôr à prova estas santas criaturas? Eu, que devia ser a sua alegria, não passo do seu martírio...

Assim os acorrentava à cabeceira do seu leito, fazendo-lhes esquecer meses de rezinga e de crueldade, naquela hora em que lhes desvendava os inesperados tesouros da sua espiritualidade e da sua falsa ternura.

Este seu modo paternal resultou infinitamente melhor do que o outro usado por seu pai. Por fim o seu estado agravou-se de tal maneira que, para o meterem na cama, era necessária uma manobra tal como a de meter uma embarcação num canal perigoso. E chegou o dia da

morte. Tão brilhante e céptica personagem, em quem só a inteligência parecia escapar à mais terrível de todas as destruições, viu-se entre um médico e um confessor, as suas maiores antipatias. Mas mostrou-se jovial. Para ele não existia qualquer luz cintilando para além da cortina que ocultava o futuro. Sobre essa tela, opaca para os outros e diáfana para ele, as belas, arrebatadoras delícias da mocidade moviam-se como sombras.

Foi numa bela noite de verão que D. Juan sentiu que a Morte se aproximava. O céu de Espanha tinha uma admirável pureza, as laranjeiras perfumavam o espaço; as estrelas irradiavam uma viva claridade. A natureza parecia oferecer-lhe provas irrefutáveis da sua próxima ressurreição. Um filho carinhoso, dedicado, contemplava-o com amor e respeito.

Cerca das onze horas desejou ficar só com tão cândida criatura: – Filipe – disse-lhe com voz de um afeto e uma ternura tais que o moço estremeceu, chorou de felicidade ao ouvir o pai pronunciar assim o seu nome. – Escuta, meu filho – continuou o moribundo. Sou um grande pecador.

Por isto toda a vida pensei na Morte. Outrora fui amigo do grande papa Júlio II. Esse ilustre pontífice receou que os meus excessos me levassem a cometer qualquer pecado mortal entre o meu último suspiro e o momento em que me ministrassem os santos óleos. Para que assim não sucedesse fez-me presente de um frasco contendo água santa que, noutros tempos, jorrava dos rochedos do deserto. Guardei segredo sobre esta concessão da Igreja mas fui autorizado pelo dito Papa a, in extremis, revelar tudo a meu filho. Encontrarás esse frasco na gaveta da mesa gótica, que nunca deixei afastar da minha cabeceira... O frasquinho também te poderá ser útil, querido Filipe. Jura-me, pois, pela tua salvação, que executarás pontualmente as minhas determinações! ...

Filipe fitou o pai. D. Juan conhecia bem a expressão dos sentimentos humanos para não morrer em paz sem reconhecer fidelidade nos olhos do filho, para mais lembrando-se de que seu pai morrera de desespero soletando-lhe nos olhos as intenções:

– Merecias melhor paternidade, Filipe – prosseguiu D. Juan.

Assim ousou confessar-te, meu filho, que, no momento em que o abade de San-Lucar me administrava o Sagrado Viático, eu pensava na eterna incompatibilidade de dois poderes tão fortes como o de Deus e o Diabo...

– Oh!, meu pai!

– E dizia comigo: quando Satã fizer a paz com a divina onipotência, deverá, sob pena de ser um grande réprobo, estipular o perdão dos seus sequazes. Este pensamento não me largou mais. Porque eu irei para o Inferno, meu filho, se não cumprires à risca os meus últimos desejos...

– Oh!, diga-mes sem demora, meu pai!

– Pois bem. Logo que eu tenha expirado, talvez daqui a poucos minutos, pegarás no meu corpo ainda quente e estendê-lo-ás sobre uma mesa, no meio deste quarto.

Depois apagarás o candeeiro. A claridade das estrelas devera bastar-te. Então despede-me e, enquanto fores rezando padre-nossos e ave-marias, elevando a tua alma a Deus, terás o cuidado de humedecer, com essa água miraculosa, os meus olhos, os lábios, toda a cabeça, em primeiro lugar e, em seguida, sucessivamente, os membros e o tronco. Entretanto, filho, toma bem nota de que o poder de Deus é tão grande que não deverás estranhar coisa alguma!

Nesta altura, D. Juan, que sentia a morte chegar, acrescentou com voz temível:

– Segura bem o frasco!

Depois expirou suavemente nos braços do filho, que vertia copiosas lágrimas naquelas faces irónicas e lívidas.

Era cerca de meia-noite quando D. Filipe Belvidero colocou o cadáver sobre a mesa. Beijou-lhe a fronte e os cabelos encanecidos e apagou o candeeiro. A claridade suave do luar que iluminava o campo com revérberos caprichosos mal permitiu ao piedoso mancebo distinguir o corpo do pai, como uma alongada mancha branca no seio da sombra. Embebeu um pano no líquido e, recolhido em oração, ungiu a cabeça do querido defunto, em profundo silêncio. Ouvia indistintos rumores, mas atribuí-os ao cicio da brisa na copa das árvores. Mal acabava de molhar o braço direito do morto quando lhe pareceu que outro braço veio apertar-lhe tenazmente o pescoço. Sentindo-se estrangulado, soltou um grito dilacerante e deixou cair o frasco, que se quebrou.

Os criados acorreram trazendo luzes.

O grito tinha-os aterrado como se a trombeta do Juízo Final tivesse abalado os ecos do mundo. Num momento o quarto encheu-se de gente. A criadagem, trémula, encontrou D. Filipe desmaiado mas seguro pelo braço forte de seu pai, que o estrangulava. Depois – caso sobrenatural! – os circunstantes depararam com a cabeça de D. Juan tão jovem e bela como a de Antinos; uma cabeça de cabelos negros, olhos brilhantes, boca vermelha, e que se agitava horivelmente sem

poder mover o corpo esquelético a que pertencia.

Um velho serviçal gritou:

– Milagre!

E todos aqueles espanhóis repetiram, em uníssono:

– Milagre!

Suficientemente religiosa para não se fiar nos mistérios da Magia, Dona Elvira mandou chamar o abade de San-Lucar. O pároco assim que pôde constatar o milagre, pensou logo aproveitar-se do extraordinário facto, como homem esperto e abade que só desejava aumentar os rendimentos da freguesia. Declarando imediatamente que D. Juan seria canonizado, infalivelmente, marcou a cerimónia para a epifania para o seu convento, que daí em diante – declarou – San-Juan de Lucar.

A estas palavras, a cara do defunto teve um esgar irónico.

A inclinação dos espanhóis por este género de solenidades é tão conhecida que não será difícil conceber a pompa das cerimónias religiosas em que o cura de San-Lucar celebrou a trasladação do bem-aventurado D. Juan Belvidero para a sua igreja.

Alguns dias depois da morte daquele ilustre senhor, o milagre da sua ressurreição incompleta foi tão largamente comentado, de povoação em povoação, num raio de cinquenta léguas à volta de San-Lucar, que, num grande espectáculo de peregrinação, os curiosos acorreram de todos os lados, atraídos pela perspectiva de um Te Deum solenemente cantado à luz dos círios. A antiga mesquita, agora igreja do convento de San-Lucar, maravilhoso edifício construído pelos mouros e cujas abóbadas escutavam, havia séculos, o nome de Jesus em substituição do de Allah, não pôde conter a multidão que vinha assistir ao ato. Apertados como formigas num formigueiro, os fidalgos, com suas capas de veludo e belas espadas à cinta, conservavam-se junto dos pilares, quase sem espaço para dobrar o joelho que só ali se dignavam dobrar. Encantadoras camponesas com as vasquinhas a moldarem-lhe as formas airoas, davam o braço a velhos encanecidos.

Moços, de olhos ardentes, eram vistos ao lado de velhas arrebicadas. Avistavam-se ainda, entre a multidão, parzinhos jovens radiantes de alegria, namoradas curiosas trazidas pelos bem-amados, algumas casadinhas de fresco, e, finalmente, crianças receosas pela mão das mães.

Toda aquela gente estabelecia flagrantes contrastes, carregada de flores, colorida, despertando um surdo rumor na quietação da noite.

As grandes portas da igreja descerraram-se. Os que haviam chegado tarde de mais ficaram no adro, assistindo de longe, pelos portais escancarados, a um espetáculo de que as reduzidas cenas das óperas modernas nunca poderão dar uma pálida ideia. Devotos e pecadores empenhados em ganhar as boas graças dum novo santo, acenderam em seu louvor milhares de círios na vasta igreja, flâmulas interesseiras que emprestavam aspectos de magia ao majestoso templo. As escuras arcarias, as colunas e os seus capitéis, as capelas profundas, resplandecendo de ouro e prata, as galerias, os rendilhados mouriscos, os mais subtis pormenores daquela arquitetura delicada, desenhavam-se num exuberante clarão, como as figuras caprichosas dos grandes brasidos ardentes.

Era um mar de luzes, dominado ao fundo pelo coro dourado sobranceiro ao altar-mor, rivalizando, em esplendor, com o Sol nascente. Com efeito, o brilho dos áureos lampadários, dos candelabros argênteos, dos panejamentos, das imagens e dos «ex-voto» parecia esmorecer ante o relicário que continha o corpo de D Juan. Os restos mortais do ímpio resplandeciam de pedrarias, flores, ouro, plumas brancas como asas de anjo e substituíam, sobre o altar, um painel de Cristo. À sua volta numerosas flamas erguiam no ar clarões rutilantes.

O bom abade de San-Lucar, com paramentos pontificais, a mitra ornada de pedras preciosas, de sobrepeliz e báculo de ouro, sentava-se, como monarca, num cadeirão de luxo imperial, no meio do seu cabido, composto de impassíveis anciãos encanecidos, vestidos de alvas e que o rodeavam, como as santas figuras que os pintores agrupam, nos seus painéis, à volta do Eterno.

O grande chantre e os dignitários do capítulo, ostentando as vistosas insígnias das suas prerrogativas eclesiásticas, iam e vinham por entre nuvens de incenso.

Quando chegou a hora da solene consagração, os sinos tangeram e todos dirigiram ao Altíssimo a primeira hossana de louvor, que iniciou o Te-Deum. Clamor sublime! Eram vozes puras, cristalinas, de mulheres em êxtase, confundidas com vozes masculinas, fortes e graves, num coro tão poderoso que o órgão não conseguia dominá-lo com o vibrar dos seus largos acordes.

Só as notas agudas dos meninos do Coro e as dos barítonos suscitavam a ideia da infância e da força naquele fantástico concerto de vozes humanas unidas num sentimento de amor: – Te Deum laudamus!

Do âmago do vasto templo enxameado pela multidão ajoelhada, aquele coro cresceu como uma claridade que cintilasse repentinamente na noite e o silêncio como que foi cortado por um

ribombar. As vozes ascendiam com as nuvens do incenso que toldavam as majestáticas maravilhas arquitectónicas em diáfanos véus azulados.

Tudo era magnificência, perfume luz e polifonia.

No momento em que o grave hino de gratidão e de amor atingiu o altar-mor, D. Juan, suficientemente cortês para nada levar a mal, esboçou um lívido sorriso e envaideceu-se no interior do relicário.

Porém o Diabo, lembrando-lhe o risco de passar assim por um homem vulgar, por um santo, um bonifrates ou um Pantaleão, perturbou a grande polifonia de amor com um bramido, a que se juntaram as mil vozes do Inferno.

A Terra abençoava, e o Céu maldizia. O templo estremeceu sobre os seus remotos alicerces.

– Te Deus laudamus ! – clamava a multidão.

– Vão para todos os diabos, estúpidos animais que sois! Deus! Deus! Que sois vós com o vosso Deus encanecido?

E uma torrente de imprecações correu como caudal de lavas ardentes, arremessadas por uma erupção do Vesúvio.

– Deus Sabaoth!... Sabaoth! – bramiam os crentes

– Insultais a majestade do Inferno! – tornou D. Juan, rangendo os maxilares.

Momentos depois o seu braço ressuscitado, saindo do relicário, ameaçou a turba com um gesto de desespero e de ironia.

– O santo abençoa-nos! – gritaram as velhas, as crianças e as noivas, crêdulamente.

Desta maneira somos muitas vezes iludidos nas nossas crenças. Mas o homem superior ri-se dos que o louvam e louva, muitas vezes, aqueles de quem se ri no seu íntimo.

No momento em que o pároco, prosternado ante o altar, entoava: Sancte Johannes, ora pro nobis...» ouviu distintamente a palavra – imbecil!

– Que se passa ali? – exclamou o coadjutor ao ver o relicário mover-se.

O Santo antes parece o Diabo – retorquiu o prior.

Nesse instante a cabeça vivente de D. Juan separou-se violentamente do seu corpo inerte e foi cair sobre a cabeça do esbelto e jovem oficiante: – Lembra-te de D. Elvira! – gritou aquela cabeça mordendo o abade.

Este deixou escapar um grito de dor, que interrompeu a solene cerimónia. Todos os padres acudiram e rodearam o seu superior hierárquico.

– Pateta! Dize agora que existe um Deus! – rugiu ainda a voz infernal, quando o abade, atingido no crânio pela mordedura, expirava.

A PESTE BUBÔNICA – Boccaccio

1313 – 1375

Passava já o ano 1348 da fecunda encarnação do filho de Deus, e a cidade de Florença, nobre entre as de maior fama na Itália, foi presa de uma mortal epidemia.

Obra de influências astrais, consequência das nossas baixezas que Deus, na sua justificada cólera, houvesse atirado sobre os homens, a fim de punir os respectivos crimes, a verdade é que a peste se declarara anos antes no Oriente, onde vitimara incontáveis vidas. Prosseguindo imparável a sua marcha, propagou-se, para mal nosso, ao Ocidente. Nenhuma medida sanitária resultou. Se bem que se tenham dado ordens específicas aos encarregados das limpezas na cidade para redobram de zelo; se bem que a todos os doentes fosse proibida a entrada na cidade e se multiplicassem as ordens quanto à higiene; se bem que se houvesse recorrido às súplicas e orações na forma de procissões, e ainda às de cariz diferente, em que os fiéis quase renegam Deus, tudo foi inútil. Mal se declarara a Primavera do ano a que fiz referência, o horrível flagelo manifestou de maneira surpreendente as suas implacáveis devastações.

Todavia, não aconteceu como no Oriente, onde o sangrar do nariz constituía prenúncio infalível de morte próxima; fossem mulheres, fossem homens, na nossa terra produziam-se inchaços nas virilhas ou nas axilas, quando a epidemia se declarou. Os tamanhos desses inchaços variavam, tornando-se alguns semelhantes a maçãs, outros a um ovo, etc .. Deu-se-lhes a designação de bubões. E passando dos locais em que inicialmente se haviam declarado, os bubões, para melhor semear a morte, rapidamente se declararam nas mais diferentes partes do corpo.

Passado algum tempo, os sintomas tiveram nova modificação e surgiram na forma de manchas escuras ou lívidas localizadas nos braços, nas pernas ou em qualquer outra parte do corpo, por vezes de grande envergadura e espaçadas, por outras pequenas e muito próximas entre si. Da mesma forma que inicialmente o bubão fora indício e ainda se mantinha de morte certa, também as manchas tinham idêntico significado para os que as contraíam. Tratar a doença, ou precavê-la, era coisa impossível. Nem receita médica, nem médico

algun, conseguiam combatê-la, ou dar qualquer alívio aos pacientes condenados. O mal em si vencia os remédios? Seria culpa dos médicos?

Para além daqueles que estavam devidamente diplomados, crescera de forma incrível o número de pessoas de ambos os sexos que exerciam "medicina" sem o mais ínfimo conhecimento prévio. Seria com esta ignorância que se encontraria o antídoto capaz de vencer a doença, descobrindo primeiro a origem do mal? Verdade seja dita, todavia, que as curas eram raras. Três dias após os primeiros sintomas, fossem eles de que natureza fossem, a vítima morria. Havia casos de evolução mais acelerada ainda, mas na generalidade o paciente nem sofria de febres ou tampouco de qualquer perturbação física aparente, para além dos sintomas já descritos.

A epidemia foi sempre crescendo, em razão dos contatos dos indivíduos contaminados com aqueles que ainda estavam sãos, tal como as chamas se propagam na vizinhança de lenha seca ou de matérias gordurosas. Todavia, o que mais propagou o mal não foi o contato dos práticos, devidos ou indevidos, com os doentes, que depois transmitiam a morte às pessoas sãs; foi também, e principalmente, o mais simples dos contatos com roupas ou utensílios dos contaminados, pois através desses objetos a peste transmitia-se como o vento. Tomem atenção para o prodígio que vou contar-vos.

Se não o tivesse visto com os meus próprios olhos, aliás como a muitas outras coisas, dificilmente me atreveria a acreditá-lo, e muito menos ainda a relatá-lo, ainda que a informação me tivesse chegado de pessoas cujo crédito fosse irredutível. O flagelo em causa transmitia-se de uns para os outros com tal intensidade e com uma naturalidade tão espontânea, que não passava apenas de homem para homem, antes se verificava assiduamente um fenómeno muito mais estranho. Fosse um objeto pertença de um doente ou vítima do mal, tocado por ente sem qualquer relação com os humanos e a criatura ficava imediatamente contagiada e, além disso, morria num curtíssimo espaço de tempo.

Atentemos naquilo que entre muitas outras coisas – conforme já vos disse – os meus olhos viram um dia. Na via pública haviam sido abandonados os andrajos de um infeliz, vítima da epidemia. Neles afocinharam dois porcos – é um habito desses animais – e trataram de despedaçá-los com as patas e os dentes. Logo em seguida apresentam sintomas de envenenamento, denunciando vertigens e caindo por terra, mortos, sobre os andrajos que em má hora haviam arremetido.

Casos como este, e outros ainda bem piores, provocaram, entre os que sobreviviam ainda, obsessões e pânicos de vária ordem, os quais, na

generalidade, culminavam numa mesma cruel atitude: a fuga ao contaminado e a tudo o que o rodeava. Intimamente, cada um pensava ser esta a única forma de obter a própria salvação.

Havia quem pensasse que um viver sóbrio, a abstenção de tudo quanto parecesse supérfluo, eram condição imposta para o combate a tão terrível ataque. Assim, formavam o seu clã e mantinham-se afastados dos outros. Reclusos voluntários, agrupados em casas onde não havia doentes e nas quais a vida sempre era mais agradável, ingerindo com a maior moderação alimentos delicados e requintados vinhos, negando todo e qualquer deboche, sem permitir a quem quer que fosse que lhes falasse, recusando crédito a qualquer notícia exterior acerca de mortes ou de doentes, ocupavam-se com a música e outros entretenimentos austeros.

Outros, porém, procediam de modo bem diverso. Pensavam estes que o melhor remédio contra vaga tão atroz seria entregarem-se completamente à bebida e aos prazeres, expandir a alegria pelas ruas da cidade, trazendo canções nos lábios e satisfazendo tanto quanto possível apetites e paixões, escarnecendo e minorando os acontecimentos mais tristes. A fim de aplicarem tais princípios, saltitavam dia e noite de taberna em taberna, entregando-se ao vinho, sem conta nem medida. Todavia, nas residências particulares faziam ainda pior, caso se lhes afigurasse que no respectivo interior encontrariam os meios para se distraírem. Aliás, era fácil. Toda a gente perdera já a esperança de sobreviver, e não deixava apenas os bens ao abandono, como até as suas próprias pessoas. Assim, a maior parte das casas pertencia já ao domínio público; e quem lá se havia imprópriamente instalado procedia como se fora o proprietário, e desnecessário será dizer-se que não só agia com a brutalidade lógica de tal situação, como ainda queria, a todo o custo, apartar-se dos empestados.

Face à extraordinária aflição e miséria em que a cidade se atolava, fácil foi, infelizmente, que o prestígio e a autoridade das leis divinas e humanas se esboroassem e caíssem por completo. Os ministros da lei e seus guardas estavam doentes, ou incapazes de contar com auxiliares passíveis de lhes permitir qualquer observância das suas funções. Todos podiam, pois, agir de acordo com os respectivos caprichos momentâneos.

A par destes indivíduos, praticantes dos dois tipos de vida já referidos, havia muitos que preferiam um meio termo. Sem a mesma preocupação dos primeiros em restringir a função alimentar, também não se entregavam a excessos de bebida, e tampouco caíam no

deboche dos segundos. Tudo faziam com conta, peso e medida, na direta razão das suas necessidades. Ao contrário dos que se encerravam dentro das casas, deambulavam pelos arredores da cidade, tão depressa mostrando flores que empunhavam, como ervas aromáticas e várias especiarias. Por vezes, levavam-nas ao nariz, e pareciam deleitar-se com a preservação do cérebro por meio da aspiração de perfumes, uma vez que a própria atmosfera dir-se-ia atacada e envenenada pelo pestilento cheiro dos cadáveres, dos próprios doentes e dos remédios. Outros, manifestavam maior crueldade, mas talvez mais prudência, também. Afirmavam ser a fuga o mais seguro meio de defesa contra os germes do mal. Imbuídos desta convicção, preocupavam-se apenas consigo próprios, e grande número de homens e de mulheres abandonavam a cidade, deixando atrás de si os parentes, os bens móveis e imóveis que eram sua pertença em demanda das províncias vizinhas; ou, quando muito, até aos arredores de Florença. Dir-se-ia crerem que a cólera de Deus, servida pelo Flagelo, se dispensaria, onde quer que eles estivessem, de atacar as iniquidades dos homens, e que, uma vez desencadeada, essa cólera se limitaria a abater-se sobre os que haviam ficado adentro dos muros da cidade. Talvez que os fugitivos pensassem que ninguém se arriscaria a ficar na cidade e que havia chegado para Florença o dia do Juízo Final.

Ora, se o simples fato de ser seguido um ou outro método não significava forçosamente a morte, o certo é que nenhum conseguia escapar ao seu destino, e fossem quais fossem os princípios seguidos, eram muitos os que ficavam atingidos, e fosse onde fosse. E eles próprios, até porque caíam também doentes, haviam servido de exemplo aos que continuavam sãos. Será necessário salientar que os cidadãos de Florença fugiam uns dos outros, e que nenhum se preocupava com os vizinhos? As visitas familiares, se e quando aconteciam, eram raras e só de longe em longe. A calamidade incutira tanto terror entre os homens e as mulheres, que irmão abandonava o irmão, tio desprezava o sobrinho, irmã esquecia o irmão, e bastas vezes o mesmo acontecia até em relação a mulher e marido. E o que é pior ainda e quase inaceitável – pais e mães evitavam visitar e dar auxílio aos filhos, tal como se eles não mais lhes pertencessem.

Para os doentes de ambos os sexos – o número era incalculável – não havia apoio algum além da caridade dos amigos e bem poucos foram aqueles privilegiados dessa forma. Restava ainda a avareza dos criados. Dados os enormes ordenados que lhes ofereciam, muitos mantinham-se ainda ao serviço. Todavia, e mau grado os aliciantes salários, não aumentara o número de serviçais, ao passo que todos, homens ou mulheres, procediam de rude modo e, na grande maioria

dos casos, não tinham qualquer prática do serviço doméstico. Limitavam as suas funções à entrega aos amos daquilo que eles pediam, e a assisti-los quando chegava a morte. E mesmo assim, precisamente por causa do alto preço com que lhes pagavam os seus serviços, corriam amiudadamente para a sua própria perdição.

Ora, uma vez que vizinhos, parentes e amigos desprezavam os doentes, e devido ao crescente rrear de criadagem, foi estabelecida uma prática jamais conhecida entre os florentinos. Fosse qual fosse a elegância, a beleza ou a categoria social de uma mulher atingida pela praga, não tinha ela o mínimo escrúpulo em ser assistida pelo homem, fosse que homem fosse, jovem ou velho, e tampouco de lhe mostrar, sem o mínimo pudor, todas as intimidades do seu corpo, exatamente como teria feito se assistida por uma mulher. E natural terá sido que, entre aqueles que acabaram por se curar, tais práticas originassem costumes mais dissolutos.

Os abandonados causavam a morte em muitas pessoas que, a serem socorridas a devido tempo, talvez pudessem ter sido salvas. E porque os doentes não recebiam os devidos cuidados, e a epidemia não deixasse de alastrar, os cidadãos que morriam dia e noite somavam número tão elevado que se teria ficado abismado ao ouvi-lo; e mais abismado ainda, se do caos se fosse testemunha. Por fim, forçados pela necessidade, foram estabelecidos entre os que sobreviviam costumes totalmente opostos aos antigos.

Era costume e persiste ainda nos nossos dias – que senhoras, primas ou vizinhas de um morto, se reunissem na casa do defunto para juntar as suas lágrimas àquelas que vertiam os parentes mais próximos. Também frente à casa mortuária vizinhos e muitos outros burgueses reuniam-se em grupo, com a família do defunto. Os padres também estavam presentes, em número equivalente à categoria social do morto. Em seguida, pessoas da mesma condição do defunto carregavam o féretro aos ombros e levavam-no para igreja escolhida antes da morte. Todavia, uma vez iniciada a epidemia em toda a sua violência, estas práticas ou cessaram de todo em todo, ou pelo menos em grande parte. Em sua substituição outras foram estabelecidas. Grande número de pessoas falecia sem que ao seu redor houvesse a presença costumada de numerosa assistência feminina. Outras morriam sem quaisquer testemunhas. E raras foram as que morreram sem que lhes faltassem as piedosas lamentações e os amargos cânticos de todos os seus. Agora, ao riso e às brincadeiras costumados de um grupo a quem a festa torna eufórico, haviam sucedido os antigos ritos. Esquecidas da sua natural piedade quanto às coisas próprias da saúde, as mulheres, e em geral faziam-no satisfeitas, curvavam-se perante os

novos costumes. Assim, muito raros foram aqueles cujos corpos surgiram à entrada da igreja acompanhados por dez ou doze vizinhos.

Todavia, nem mesmo nesses casos se tratava de pessoas distintas nem de burgueses cotados, antes não se sabe que espécie de coveiros oriundos da ralé, que se haviam arvorado papa-defuntos e cujos serviços foram regamente pagos. Agarravam no caixão, levavam-no à pressa, e não iam para a igreja que o morto escolhera antes de morrer, mas sim, e geralmente, para aquela que ficava mais perto. À frente deste estranho cortejo seguiam sacerdotes, entre quatro e seis, gritando um escasso salmo, que por vezes nem sequer existia. Auxiliados pelos papa-defuntos, e sem se preocuparem com a efetivação de um ofício longo e solene, depunham o caixão, o mais depressa possível, na primeira cova vazia que encontravam.

De resto, a gente humilde e, talvez até grande parte da classe média, oferecia um espetáculo de uma miséria muitíssimo mais dolorosa. A miséria (ou então qualquer vaga esperança de chegar à salvação) mantinha dentro de casa a maioria das pessoas. Não se afastavam do bairro e, assim, eram milhares os que diariamente caíam doentes. Porque não tinham ninguém que os socorresse ou os servisse, obviamente morriam sem redenção. Muitas dessas pessoas expiravam de dia ou de noite em plena via pública; e grande número de outras, apesar de morrerem em casa, davam a conhecer aos vizinhos a sua própria morte, através de um infecto cheiro de carne em decomposição. Por todos os lados viam-se desses cadáveres, e os cadáveres de outros que por todos os lados caíam mortos.

Entretanto, via-se entre os vizinhos dos mortos a seguinte atitude ditada pelo terrível perigo representado pela putrefação dos corpos e pelo descuido com que alguns defuntos foram conservados em casa: Os próprios vizinhos, sempre que possível e com a ajuda de alguns serventes, tiravam os corpos do interior das casas e expunham-nos frente às respectivas portas. Quem por essas localidades passasse especialmente de manhã veria um considerável número de cadáveres.

Mais tarde, vinham os caixões e, se o pedido da urna ficava sem efeito, depunha-se o corpo sobre uma tábua. Aconteceu mais do que uma vez um caixote servir de transporte a um, a dois ou a três cadáveres. Era igualmente normal que as mesmas tábuas contivessem marido e mulher, dois ou três irmãos, pai e filho, enfim, qualquer par deste tipo. Haverá alguém que possa enumerar quantas vezes dois padres, empunhando a cruz, ao acompanharem um enterro, não foram seguidos por três ou quatro caixões levados pelos carregadores? Julgando ter apenas um morto para sepultar, os sacerdotes, por vezes, deparavam com sete ou oito ou mais ainda. Nem assim, todavia, os infelizes eram louvados com as lágrimas, com os carpires ou cortejo.

Ora, esse mérito tornara-se tão banal, que as pessoas ficavam tão preocupadas com o desaparecimento de uma outra, como hoje o desaparecimento de uma cabra preocupa as pessoas. Então, o que a vida comum e a fraca sucessão das nossas desgraças nem sequer aos homens mais avisados ensinara a suportar despreocupadamente, foi conseguido pela amplitude da catástrofe, a qual, como se verificou então, ensinou as mentes mais simples a não dar significado às coisas de grande importância.

Face à massa de cadáveres a que já me referi, cujos transportes convergiam todos os dias e a quase todas as horas para todas as igrejas, em breve os cemitérios se tornaram incapacitados para tanta sepultura, sobretudo na observância da antiga tradição, que obrigava a doação a cada um dos cadáveres de um local próprio. Mas como chegasse o dia em que todas as tumbas estavam ocupadas, abriram-se nos cemitérios contíguos às igrejas algumas valas mais profundas, para o interior das quais foram atirados, às centenas, os recém-chegados cadáveres. Tal como nas amuradas dos navios a mercadoria é empilhada em diversas camadas, também os cadáveres em causa eram cobertos com uma pazada de terra, e imediatamente atiravam sobre eles outros cadáveres, até que se atingisse a superfície da vala.

Privemo-nos de passar uma revista pormenorizada a todos os males que atingiram a cidade, mas direi que esses dias tão desastrosos para Florença nem tampouco pouparam os campos vizinhos. Esqueçamos as aldeolas, afinal cidades mais pequenas, mas nos lugarejos que pontilhavam a planície não havia o socorro de um médico, nem tampouco criados que pudessem prestar qualquer auxílio. Nas estradas, nos campos ou nas residências, os infelizes camponeses e as respectivas famílias morriam de noite e de dia, mais como animais do que como seres humanos. Presas de uma indiferença em nada inferior à dos habitantes da cidade quanto às práticas quotidianas, abandonavam os seus bens e dir-se-ia esperar a qualquer hora a chegada da morte; e em vez de cuidarem do rendimento dos rebanhos, das terras e de tudo quanto exige esforço de preparação, pois o dia seguinte não lhes interessava, pensavam apenas em gastar o que haviam ganho até então. Consequentemente, bois, burros, ovelhas, cabras, porcos, frangos e mesmo cães – os mais leais amigos do homem – eram expulsos dos próprios recintos e, entregues a si próprios, erravam pelos campos (cujas searas não haviam ainda sido ceifadas, nem tampouco mondadas). Muitos desses animais, a exemplo dos seres racionais, comiam bem ao longo do dia e à noite regressavam à herdade, sem que fosse necessário ter-se erguido o chamamento do pastor.

Deixemos, porém, o campo, e regressemos à cidade. Que mais se poderá dizer? A crueldade do céu – e talvez a dos homens – foi tão rígida, foi tal a violência da epidemia que grassou de Março até Julho, a multidão de doentes foi tão mal socorrida, ou mesmo abandonada numa indigência tal – devido ao medo que inspirava às pessoas não atingidas – que é calculável com segurança em mais de cem mil o total de pessoas que perderam a vida adentro dos muros de Florença. E antes desta calamidade é bem possível que ninguém calculasse ter a nossa cidade tal quantidade de gente. Quantos palácios, quantas belas casas, quantas habitações igualmente cheias de criados, de senhores e de damas, ficaram sem ninguém, até mesmo sem o mais humilde servidor! Quantas famílias ilustres, quantas importantes mansões, quantas famosas fortunas, ficaram sem herdeiros legítimos! Quantos senhores nobres, damas belíssimas e graciosos jovens, aos quais não apenas a Faculdade, mas também Galeno, Hipócrates e mesmo Esculápio, teriam passado atestados de robusta compleição física, se sentaram para a refeição matinal na companhia dos pais, dos camaradas e dos amigos, para nessa mesma noite se sentarem à ceia com os antepassados, já no outro mundo!

Todavia, até eu sinto uma certa repugnância em relatar-lhes todos os pormenores de tamanha miséria. E de agora em diante evitarei focar qualquer tema, seja ele qual for, desde que possa silenciá-lo.

UM CAVALEIRO NO CÉU – Ambrose Bierce



Por uma tarde ensolarada do outono de 1861, um soldado jazia deitado sob uns loureiros junto a certa estrada no oeste de Virgínia. Estava deitado de bruços, as pontas dos pés tocando o chão, a cabeça apoiada no antebraço esquerdo. A mão direita, estendida, segurava frouxamente o rifle. Não fosse a disposição algo metódica de seus membros, e um vago movimento rítmico da cartucheira no dorso do cinturão, se poderia pensar que estivesse morto. Dormia em seu posto de vigilância. No entanto, se detectado, morreria imediatamente, sendo a morte a penalidade legal para esse crime.

A moita de loureiros na qual jazia o criminoso situava-se no ângulo de uma estrada que, após ascender a pino em direção ao sul até aquele ponto, dobrava bruscamente para oeste, correndo sobre o cimo por talvez uma centena de jardas. Daí virava para o sul outra vez e ziguezagueava para baixo através da floresta. Na saliência daquele segundo ângulo havia uma grande rocha achatada, que se projetava para o norte por sobre o vale profundo de onde subia a estrada. A rocha coroava um alto precipício: uma pedra atirada de lá cairia por uns bons mil pés antes de atingir o topo dos pinheiros. O ângulo onde se encontrava o soldado ficava na outra ponta do precipício. Se estivesse desperto, teria uma ampla visão não só do curto trecho de estrada e do rochedo eminente, mas também de toda a face do abismo por baixo dele. Poderia ter uma vertigem ao olhar.

Árvores cobriam a paisagem por toda parte, falhando apenas ao pé do vale, ao norte, onde havia um pequeno descampado; através dele fluía um regato que mal se avistaria da orla do vale. Essa área descoberta pareceria pouco maior que um pátio de entrada comum, mas tinha de fato muitos acres de extensão. Seu verde era mais vivo do que o da floresta circundante. Para além dele erguia-se uma linha de gigantescos despenhadeiros, semelhantes àquele em que nos postamos agora para observar essa cena selvagem, e em meio a eles a estrada, de algum modo, conseguia galgar até o cimo. Com efeito, a configuração do vale era tal que, deste ponto de observação, pareceria inteiramente enclausurado; e se poderia perguntar de que maneira a mesma estrada que levava para fora dele penetrava nele, e de onde vinham e para onde iam as águas do regato que atravessavam a

campina a mais de mil pés abaixo.

Cenário algum seria tão selvagem e difícil, mas os homens farão dele um teatro de guerra. Ocultos na floresta, ao pé daquela ratoeira militar, onde meia centena de homens guarnece as saídas teriam obrigado um exército inteiro a se render por inanição, havia cinco regimentos da Infantaria Federal. Tinham marchado durante todo o dia e durante toda a noite anterior e agora descansavam. Ao cair da noite retornariam à estrada, subiriam até o lugar onde sua sentinela irresponsável estava dormindo e, descendo pelo outro lado, se lançariam sobre o acampamento inimigo por volta da meia-noite. Depunham esperança na surpresa, pois a estrada conduzia à retaguarda do acampamento. Em caso de fracasso, sua posição teria sido perigosa em extremo. E certamente falhariam, se algum acidente ou vigilância notificasse o inimigo a respeito desse movimento.

A sentinela adormecida na moita de loureiros era um jovem de Virgínia, chamado Carter Druse. Era filho único de pais ricos e tinha desfrutado das facilidades, do cultivo e do alto padrão de vida que a riqueza e o gosto são capazes de proporcionar na região montanhosa a oeste de Virgínia. Sua casa ficava a poucas milhas do local onde ele estava agora. Certa manhã ele se levantou da mesa, após o café, e disse, em tom compenetrado e grave:

– Pai, um regimento da União chegou a Grafton. Vou me juntar a ele.

O pai ergueu a cabeça leonina, olhou em silêncio para o filho durante um momento e respondeu:

– Bem, vá, meu senhor. E, aconteça o que acontecer, faça aquilo que você concebe como sendo o seu dever. A Virgínia, para a qual você é um traidor, deve passar sem você. Se vivermos até o fim da guerra, falaremos mais tarde sobre o assunto. Sua mãe, como o médico informou a você, se encontra numa situação bastante crítica. No máximo, poderá estar entre nós por mais algumas semanas, mas esse tempo é precioso. Seria melhor não perturbá-la.

Então Carter Druse, fazendo uma reverência ao pai, que correspondeu à saudação com uma cortesia altiva em que se ocultava um coração partido, deixou o lar de sua infância para se alistar. Pela consciência e pela coragem, por atos de devoção e de audácia, ele logo se tornou respeitado entre os camaradas e os oficiais.

E era a essas qualidades e a certo conhecimento da região que devia agora ter sido selecionado para a presente e perigosa tarefa na posição extrema. Entretanto a fadiga foi mais forte que sua resolução, e ele adormeceu. Que bom ou mau anjo veio num sonho despertá-lo de seu estado criminoso, ninguém saberá.

Sem o menor movimento, sem um som, no profundo e lânguido silêncio da tarde, algum mensageiro invisível do destino tocou com o dedo os olhos de sua consciência; sussurrou no ouvido de seu espírito a misteriosa palavra do despertar que nenhum lábio humano jamais pronunciou, nenhuma memória humana jamais recordou. Ele levantou devagar a fronte, que se apoiara no braço, e olhou através da camuflagem dos ramos de loureiro, fechando instintivamente a mão sobre a coronha do rifle.

Sua primeira sensação foi a de um extremo deleite artístico. Num portentoso pedestal, o precipício – imóvel na extremidade da rocha superior e nitidamente recortado contra o céu –, via-se uma estátua equestre de impressionante dignidade. A figura do homem completava a figura do cavalo, rígida e marcial, mas com o repouso de um deus grego esculpido no mármore que limita a sugestão de atividade. O traje cinzento se harmonizava com o fundo aéreo; o brilho metálico dos equipamentos e dos jaezes era amenizado e suavizado pela sombra; a pele do animal não tinha pontos de luz excessiva. Uma carabina drasticamente amputada estava presa ao cocuruto da sela, segura em seu lugar pela mão direita que a sustinha pelo gatilho; a mão esquerda, segurando a rédea, estava invisível. Silhuetado contra o céu, o perfil do cavalo se recortava com a nitidez de um camafeu; olhava através das alturas em direção aos precipícios lá adiante. O rosto do cavaleiro, voltado para outra banda, deixava entrever apenas um princípio de têmpora e de barba.

Olhava para baixo até o fundo do vale. Aumentado pela sua elevação contra o céu e pela sensação patente, que o soldado experimentou, da grandeza de um inimigo próximo, o grupo pareceria de um tamanho heroico, quase colossal.

Por um instante Druse teve uma sensação estranha, meio indistinta, de ter dormido até o fim da guerra e de estar olhando para um nobre trabalho de arte erguido sobre aquele píncaro para comemorar os feitos de algum passado heroico do qual ele teria sido um participante inglório. A sensação foi dispersada por um sutil movimento do grupo: o cavalo, sem mover as patas, afastara o corpo ligeiramente da borda, sendo que o homem permaneceu imóvel como antes. Cada vez mais desperto e consciente da situação, Druse apertou a coronha de seu rifle contra o queixo e enfiou com cuidado o cano por entre os arbustos. Armou o cão, olhando através da mira, e visou um ponto vital no peito do cavaleiro. Um toque no gatilho, e tudo estaria bem com Carter Druse. Nesse instante, o cavaleiro voltou a cabeça e os olhos na direção de seu adversário oculto – pareceu fitar mesmo em seu rosto, em seus olhos, em seu coração bravo e apaixonado.

Será tão difícil matar um inimigo na guerra – um inimigo que

surpreendeu um segredo vital à segurança de alguém e de seus camaradas – um inimigo mais formidável pelo que sabe do que todo um exército por seus números? Carter Druse empalideceu: seus membros tremeram, falharam; e ele viu o grupo escultural à sua frente, como figuras negras que subiam, caíam, oscilavam em arcos de círculos sobre um céu de sonho.

Sua mão se afastou da arma, sua cabeça caiu lentamente até que o rosto repousou sobre as folhas em meio às quais ele jazia. A intensidade da emoção quase fez desmaiar esse soldado corajoso e robusto.

Não durou muito. No momento seguinte seu rosto se ergueu da terra, suas mãos retornaram ao rifle, seu indicador buscou o gatilho. Mente, coração e olhos estavam limpos, conscientes, e a razão era clara. Não havia esperança de capturar aquele inimigo. Alarmá-lo teria sido apenas remetê-lo de imediato ao acampamento com sua notícia fatal. O dever do soldado era estrito: o homem tinha de ser alvejado por emboscada – sem aviso, sem preparação espiritual, quando muito com uma prece tácita, antes de ser liquidado. Mas não – há uma esperança: ele pode não ter descoberto nada, talvez esteja apenas admirando a sublimidade do cenário. Se permitido, daria meia volta e galoparia descuidado em direção ao lugar de onde viera. Com certeza, será possível julgar, no instante de sua retirada, o quanto saberá. Pode até ser que a fixidez de sua atenção – Druse voltou a cabeça e olhou para as profunduras lá embaixo, como quem olha da superfície para o fundo de um mar translúcido. Viu galgar através da campina verdejante uma linha sinuosa de figuras de homens e de cavalos – algum comandante imbecil estaria permitindo aos soldados de sua escolta dar água aos animais à vista aberta e plena de uma dúzia de picos!

Druse desviou os olhos do vale e os fixou outra vez sobre o grupo de homem e cavalo no céu, e outra vez através da mira do rifle. Mas desta vez seu alvo estava no cavalo. Em sua memória, como um mandado divino, soaram as palavras de seu pai quando partiu: “Aconteça o que acontecer, faça aquilo que você concebe como sendo o seu dever.” Estava calmo agora. Seus dentes se fecharam com firmeza, mas não rigidamente. Seus nervos estavam tranquilos como os de um bebê que adormeceu; sequer um tremor agitava um único músculo de seu corpo. Sua respiração, suspensa até então no ato de mirar, tornou-se regular e lenta. O dever prevaleceu. O espírito disse ao corpo: “Paz, fique quieto.” Atirou.

Um oficial da Força Federal, o qual, num espírito de aventura ou de busca de conhecimento, tinha deixado o bivaque escondido no vale e, um tanto a esmo, abrira caminho até a extremidade mais baixa de um

pequeno espaço aberto ao pé do precipício, considerava o que teria a ganhar se levasse mais longe a exploração. À distância de um quarto de milha em frente, mas aparentemente ao alcance de uma pedrada, elevava-se da franja dos pinheiros a gigantesca face da rocha, atingindo uma altura tal que lhe daria vertigem olhar para cima em direção à linha escarpada e aguda que se recortava contra o céu. Seu perfil se apresentava claro e vertical contra o azul do céu, indo até um ponto mais abaixo, acompanhado das colinas distantes, pouco menos azuis, e daí seguia até os topos das árvores na sua base. Levantando os olhos para a estonteante altitude do cimo, o oficial teve uma visão estarrecedora – um homem montado a cavalo descia para o vale através do ar!

O cavaleiro mantinha-se a prumo, bem ao modo militar, sentado firme na sela, segurando com força as rédeas para controlar sua montaria num salto tão impetuoso. De sua cabeça desnuda flutuavam longos cabelos, saindo dela como fumaça. As mãos estavam ocultas pela nuvem da crina levantada. O corpo do animal permanecia nivelado, como se as quatro patas encontrassem o apoio da terra. Seus movimentos eram como os de um galope selvagem, mas cessaram enquanto o oficial olhava, todas as patas lançando-se para a frente, como no ato de pousar após um salto. Mas isso era um voo!

Cheio de espanto e terror devido à aparição do cavaleiro no céu – e quase se acreditando já o escriba escolhido de algum novo Apocalipse –, o oficial se viu subjugado pela intensidade de suas emoções. Suas pernas falharam, e ele caiu. Quase no mesmo instante, ouviu o ruído dos galhos se partindo – um som que não produziu eco –, e tudo se aquietou.

O oficial se levantou, tremendo. A sensação familiar de uma canela esfolada lhe restituiu a faculdades ofuscadas. Recompondo-se, correu para baixo, afastando-se do sopé do penhasco, para um ponto onde esperava encontrar o homem, o que não adiantou. No instante fugidio de sua visão, sua imaginação fora de tal maneira arrebatada pela graça, facilidade e intencionalidade aparente da maravilhosa performance que não lhe ocorreu que a linha de marcha da cavalgada aérea era diretamente para baixo e que os objetos de sua busca poderiam ser encontrados bem ao pé do penhasco. Meia hora depois ele retornou ao acampamento.

Esse oficial era um sábio, que conhecia muito bem a hora de não contar uma verdade incrível. Não disse nada sobre o que vira. Mas, quando o comandante lhe perguntou se, em sua batida, descobrira qualquer coisa de vantajosa para a expedição, respondeu:

– Sim, senhor, não existe estrada para este vale a partir do sul.

O comandante, que bem sabia, sorriu.

Depois de atirar, o soldado Carter Druse recarregou o rifle e retomou a vigilância. Mal se passaram dez minutos, e um sargento dos federais engatinhou com cautela até ele. Druse não se voltou, nem olhou para ele, mas permaneceu imóvel, sem dar sinal de reconhecimento.

– Você atirou? – murmurou o sargento.

– Sim.

– Em quê?

– Num cavalo. Estava sobre aquela pedra – bem ali. Mas não está mais lá. Voou para o precipício.

A cara do homem estava branca, mas ele não mostrava outros sinais de emoção. Tendo respondido, desviou os olhos e não disse mais nada. O sargento não entendeu.

– Olhe aqui, Druse – disse, depois de um silêncio –, é melhor não fazer mistério. Ordeno que dê o relato.

Havia alguém sobre o cavalo?

– Sim.

– Então?

– Meu pai.

O sargento se levantou e se afastou.

- Deus do céu! – disse.

A OBRA DE ARTE – Anton Tchekhov

Sacha Sminorf, filho único de sua mãe, entrou no consultório do Dr. Cochelkof levando debaixo do braço um embrulho de jornal. "Olá, amiguinho! – saudoso doutor. Como vai passando? Está bem?"

Sacha, virando os olhos, a mão colocada sobre o peito, respondeu-lhe com voz agitada: "Minha mãe manda-lhe suas saudações... Sou filho único de minha mãe e o senhor salvou-me a vida, curando-me de uma moléstia perigosa... Não sabemos como demonstrar nosso agradecimento."

– Está bem, está bem, amiguinho! – interrompeu o doutor satisfeito. Fiz o que qualquer outro teria feito em meu lugar.

– Sou filho único de minha mãe... Somos gente pobre e não dispomos de meios suficientes para remunerá-lo pelo trabalho... Estamos muito envergonhados... Todavia... mamãe e eu... filho único e minha mãe... rogamos que aceite este objeto como testemunho de nosso agradecimento... É um objeto caro... de bronze antigo... uma obra de arte..."

– Para que? Não é preciso. – interrompeu o doutor.

– O senhor não pode negar-nos este favor – replicou Sacha, desfazendo o embrulho. Seria desgostar mamãe e a mim... É uma coisa linda... uma antiguidade... Herdamo-la de papai e ficou guardada como recordação... Meu pai comprava antiguidades, revendendo-as a colecionadores... Minha mãe e eu trabalhamos comisso agora.

Sacha desembalhou o objeto, colocando-o triunfalmente sobre a mesa. Era uma candelabro de bronze antigo e trabalhado artisticamente, apresentando duas mulherzinhas, completamente despidas, em umas posturas que não posso descrever por falta de engenho e arte. As mulherzinhas sorriam e pareciam, não fosse a obrigação de sustentar as palmas, querer saltar do pedestal e armar um escândalo superior a qualquer imaginação.

O doutor lançou um olhar ao presente e coçou a cabeça:

– É, na realidade, uma obra de arte, mas... é demais. A expressão destas mulheres é licenciada ao extremo...

– Por que o entende assim, senhor?

– O diabo em pessoa não teria executado tal coisa. Colocar isto em cima de uma mesa é macular toda a casa.

– Que maneira de julgar a arte, doutor? – replicou Sacha. É elevadamente artístico, repare bem. Tem tanta beleza, que a alma se eleva às regiões da imortalidade... Contemplando semelhante obra de arte esquece-se de tudo o que é terrestre... Olhe, olhe quanta vida, quanta expressão!...

– Tudo isto compreendo e vejo perfeitamente – interrompeu o doutor. Porém, meu amigo, além de ser pai de família, aqui vêm crianças, entram senhoras...

– Naturalmente. Para o povo talvez esta obra de arte tenha outra significação. Mas o senhor, doutor, deve considerá-la acima do vulgar; além disso, recusando este presente, ofenderá minha mãe e eu. Sou filho único de minha mãe... O senhor salvou-me a vida... Entregamos-lhe o objeto mais precioso que temos, lamentando ainda faltar-nos o outro par...

– Agradecido, meu amigo; Muito obrigado mesmo... Meus respeitos à sua mãe. Contudo, na realidade, ponha-se na minha situação: os meninos brincam aqui, assenhoras vêm... Bem, deixe-o!... Você não compreende...

– Muito bem – exclamou Sacha satisfeito. Ponha o candelabro aqui, ao lado deste jarro. Que pena faltar o par! Que lástima! Adeus, doutor!

Ao ficar só, o doutor permaneceu longo tempo, passando a mão pela frente, a refletir.

– Não há duvida de que é uma obra de arte. Seria uma pena levá-la... Hum!... É um problema... A quem a darei?

Depois de muito pensar, lembrou-se de seu amigo, o advogado Uhof, a quem devia por lhe haver ganho um processo.

– Ótimo! – exclamou. Não quererá, como amigo, cobrar em dinheiro e seria acertado presenteá-lo com isto. Levar-lhe-ei agora mesmo essa diabrura. Com ele ficará a propósito, pois é solteiro e malandro...

O doutor vestiu-se imediatamente, embrulhou o candelabro e dirigiu-se para a casa do amigo.

– Olá! – disse ao entrar. Alegro-me de o haver encontrado em casa... Vinha agradecer-lhe pelo trabalho... e, já que não quer receber honorários, aceite este objeto. Tome!... É admirável!...

Uhof ficou encantado com o presente.

– Uma joia! – disse rindo. Que demônios! Quem inventou isto?

Magnífico! Soberbo! Onde o encontrou?

Depois de se haver extasiado, Uhof olhou medrosamente a porta, acrescentando:

– É admirável, mas não posso ficar com o seu presente. Não posso aceitá-lo.

– Por quê?– inquiriu assustado o doutor.

– Porque... minha mãe vem aqui... vêm clientes... e, além do mais, envergonhar-me-ia até perto dos criados.

– Oh!... Você não pode me fazer uma coisa destas! – exclamou o doutor agitando os braços. Uma obra de arte! ... Veja que movimento... que expressão! ... Recusando, ficarei ofendido... Se elas tivessem, ao menos, umas folhinhas..."

Mas o doutor não o escutava. Moveu a mão em sinal de despedida e, satisfeito, deixou o advogado. Voltou para casa encantado por livrar-se do presente. Ao encontrar-se só, o advogado contemplou o candelabro pelos quatro lados; tocou-o e, como o doutor, ficou longo tempo pensando no que faria com aquilo.

– É uma magnífica obra de arte! Como sinto não ficar com ela! Mas, como vou guardá-la? O melhor seria dá-la a alguém... Já encontrei. Já encontrei! À noite dá-la-ei de presente ao cômico Chachkin, que estreará hoje.

Naquela mesma noite o candelabro foi entregue ao cômico Chachkin, cujo camarim foi tomado de assalto pelos espectadores, que vinham felicitá-lo pela interpretação da peça, em murmúrios e risos semelhantes a relinchos de cavalos. Quando alguma das artistas se aproximava e batia na porta, perguntando se podia entrar, o cômico invariavelmente respondia: "Não, menina, não! Estou me vestindo..."

Depois do espetáculo o cômico esfregava as mãos e encolhia os ombros, perguntando-se:

– Que farei com esta droga? Vivo em uma casa particular e recebo artistas. Se fosse uma fotografia, seria possível ocultá-la numa das gavetas da escrivaninha...

– Venda-a, senhor!" – Aconselhou o barbeiro ajudando-o a vestir-se. Aqui perto mora uma velha que compra antiguidades... pergunte por Smirnova: é muito conhecida.

Assim fez o cômico. Dois dias depois, o doutor Cochelkof estava em seu consultório a reflexionar sobre os ácidos biliosos, quando a porta se abriu com estrondo, dando passagem a Sacha Smirnof. Toda a sua figura resplandecia de felicidade... Em uma das mãos trazia alguma

coisa embrulhada em jornais:

– Doutor! – disse radiante. – Imagine a minha alegria! Encontramos o par do seu candelabro. Minha mãe está absolutamente feliz... Sou filho único de minha mãe... O senhor salvou-se a vida.

Sacha, cheio de agradecimento, colocou o candelabro diante do doutor que, boquiaberto, quis dizer alguma coisa, mas não pôde pronunciar nem sequer uma palavra: aturdira-se por completo, paralisado.

2BRO2B, TO BE OR NOT TO BE —

Kurt Vonnegut



Era tudo perfeitamente impecável. Não havia prisões, nem bairros de barracas, nem asilos para loucos, nem aleijados, pobreza ou guerras. Todas as doenças tinham sido vencidas. E a velhice também. A morte, excetuando por acidente, era uma aventura para voluntários. A população dos Estados Unidos tinha estabilizado nos quarenta milhões de almas.

Numa bela manhã, no Chicago Lying-in Hospital, um homem chamado Edward K. Wehling, Jr. esperava que a mulher desse à luz. Era o único homem à espera. Já não nascia muita gente todos os dias. Wehling tinha cinquenta e seis anos, era um mero rapaz, entre uma população cuja idade, em média, era de cento e vinte e nove anos.

Os raios-X tinham revelado que a mulher ia ter trigêmeos. As crianças seriam os seus primeiros filhos.

O jovem Wehling estava encolhido na cadeira, com a cabeça nas mãos. Estava tão amarrotado, tão quieto e tão descolorido que estava praticamente invisível. A camuflagem era perfeita, dado que a sala de espera tinha, também ela, um ar desmazelado e desmoralizado. Cadeiras e cinzeiros tinham sido afastados das paredes. O chão estava forrado com panos de proteção de pintura, cheios de borrões de tinta.

A sala estava a ser redecorada. Estava a ser redecorada como memorial a um homem que se voluntariara para morrer.

Um homem idoso e sardónico, com cerca de duzentos anos de idade, estava sentado nos degraus de um escadote, a pintar um mural de que não gostava. Nos velhos tempos, quando as pessoas envelheciam visivelmente, a sua idade seria tomada por uns trinta e cinco anos. O envelhecimento tocara-o a esse ponto, antes de a cura para o envelhecimento ter sido descoberta.

O mural em que estava a trabalhar representava um jardim muito arrumado. Homens e mulheres de branco, médicos e enfermeiras, reviravam o solo, plantando sementes, pulverizavam os insetos, espalhavam fertilizante. Homens e mulheres com uniformes roxos arrancavam ervas daninhas, cortavam plantas que estivessem velhas e doentes, limpavam as folhas e levavam os restos para queimadores de lixo.

Nunca, nunca, nunca — nem mesmo na Holanda medieval, nem no velho Japão — um jardim fora mais formal, nem melhor tratado. Cada planta tinha toda a terra, luz, água, ar e alimento de que precisava.

Um funcionário do hospital percorreu o corredor, cantarolando baixinho uma canção popular:

*Se não gostas dos meus beijos, querida,
Eis o que farei:
Irei ter com uma rapariga de roxo,
Direi adeus a este triste mundo.*

*Se não queres o meu amor,
Para que hei-de ocupar tanto espaço?
Saírei deste velho planeta,
Deixarei um bebé amoroso tomar o meu lugar.*

O funcionário olhou para o mural e para o pintor.

— Parece tão real... — disse ele. — Consigo quase imaginar que estou ali no meio do jardim.

— E o que o leva a pensar que não está? — respondeu o pintor. Fez um sorriso satírico. — Chama-se “O Feliz Jardim da Vida”, sabe?

— Isso é muito simpático da parte do Dr. Hitz — disse o funcionário.

Estava a referir-se a uma das figuras masculinas de branco, cuja cabeça era um retrato do Dr. Benjamin Hitz, obstetra-chefe do hospital. Hitz era um homem ofuscantemente elegante.

— Muitas caras ainda por preencher — disse o funcionário. Queria dizer que as caras de muitas das figuras do mural ainda estavam em branco. Todos os espaços em branco iriam ser preenchidos com retratos de pessoas importantes do hospital, ou de pessoal da Delegação de Chicago da Agência Federal de Terminação.

— Deve ser bom, ser capaz de criar imagens que se parecem com alguma coisa — disse o funcionário.

O rosto do pintor contorceu-se num esgar de desdém.

— Pensa que tenho orgulho neste borrão? — perguntou. — Pensa que isto é a minha ideia de como a vida é realmente?

— E qual é a sua ideia de como a vida é realmente? — respondeu o funcionário.

O pintor apontou para um pedaço do pano protetor no chão.

— Aí tem uma boa imagem do que ela é — disse. — Emoldure isso e terá um raio de uma imagem bem mais honesta do que esta.

— Você é um velho rabugento, não é? — respondeu o funcionário.

— E isso é crime? — disse o pintor.

O funcionário encolheu os ombros.

— Se não gosta disto, Avozinho... — disse o homem. E terminou o pensamento com a charada do número de telefone que as pessoas que não queriam viver mais deviam ligar. O zero era pronunciado como «not». O número era: «2 B R O 2 B». *To be or not to be* — ser ou não ser.

Era o número de telefone de uma instituição cujas fantasiosas alcunhas incluíam: «*Máquina de Lavar*», «*Terra dos Cucos*», «*Fábrica de Conservas*», «*Caixa do Gato*», «*Despiolhação*», «*Saída fácil*», «*Adeus, Mamã*», «*Arruaceiro Feliz*», «*Beija-me Depressa*», «*Pierre Sortudo*», «*Salto de Ovelha*», «*Não chores mais*» e «*Para quê preocupar-se?*»

To be or not to be era o número de telefone das câmaras de gás municipais da Agência Federal de Terminação.

O pintor torceu o nariz na direção do funcionário.

— Quando eu decidir que é altura de partir — disse —, não será pelo «*Salto de Ovelha*».

— Um faça-você-mesmo, hem? — disse o funcionário. — Coisa suja, Avozinho. Porque não tem alguma consideração pelas pessoas que depois terão de limpar a porcaria que fará?

O pintor exprimiu através de uma obscenidade a sua falta de preocupação com as atribulações dos seus sobreviventes.

— O mundo bem pode aguentar um bom bocado mais de porcaria, se quer que lhe diga.

O funcionário riu-se e seguiu o seu caminho.

Wehling, o pai à espera, murmurou qualquer coisa sem levantar a cabeça. E depois ficou em silêncio novamente.

Uma mulher possante, enorme, entrou na sala de espera, sobre saltos altos aguçados. Os sapatos, as meias, o sobretudo, o saco e o boné, tudo era roxo, daquele roxo a que o pintor chamava «*a cor das uvas no Dia do Juízo Final*». O medalhão na malinha roxa era o selo da Divisão de Serviço da Agência Federal de Terminação: uma águia alcandorada sobre um portão de acesso limitado.

A mulher tinha muito pêlo facial — na verdade, um bigode

indesmentível. Uma coisa curiosa das hospedeiras das câmaras de gás era que, por muito belas e femininas que fossem quando eram recrutadas, todas começavam a ter bigode ao fim de uns cinco anos.

— É para aqui que devo vir? — perguntou a mulher ao pintor .

— Isso depende muito de qual seja o assunto que a traz cá — respondeu o pintor. — Não está prestes a ter um bebê, pois não?

— Disseram-me que deveria posar para uma pintura qualquer — respondeu ela. — Chamo-me Leora Duncan.

Ficou à espera.

— E trata da saúde a pessoas — disse ele.

— Como? — perguntou ela.

— Esqueça — respondeu ele.

— Isso é realmente uma bela imagem — disse ela. — Parece mesmo o céu, ou algo assim.

— Ou algo assim — disse o pintor. Pegou numa lista de nomes que tinha no bolso do fato-macaco. — Duncan, Duncan, Duncan... — disse, examinando a lista. — Sim... Aqui está você. Ganhou o direito a ser imortalizada. Vê aqui algum corpo sem rosto onde gostaria que eu metesse a sua cabeça? Ainda temos uns quantos de primeira escolha.

A mulher estudou o mural inexpressivamente.

— Caramba... — disse ela. — Parecem-me todos iguais. Não sei nada sobre arte.

— Um corpo é um corpo, não é? — respondeu ele. — Muito bem... Como mestre em belas-artes, recomendo este corpo, aqui — e apontou para uma figura sem rosto, de uma mulher que levava ramos mortos para um queimador de lixo.

— Bem — disse Leora Duncan —, isso é mais o pessoal da Remoção, não é? Quero dizer, eu estou no Serviço, não trato da remoção.

O pintor bateu as palmas, com um deleite fingido.

— Diz que não sabe nada sobre arte, e logo a seguir mostra que sabe mais disto do que eu! É claro que a porta-ramos está errada para uma hospedeira! Uma podadora, uma apanhadora de ervas-daninhas... Isso é que é mais o seu estilo — apontou para uma ramo morto de uma macieira. — Que tal aquela? — perguntou. — Não gosta dela?

— Caramba... — respondeu ela, corando e ficando muito humilde. — Isso... Isso põe-me mesmo ao lado do Dr. Hitz.

— E isso perturba-a? — perguntou o pintor.

— Ora essa, não! — respondeu ela. — É só porque... é uma honra tão

grande.

— Ah, admira-o, não é? — disse ele.

— Quem não o admira? — perguntou ela, adorando o retrato de Hitz. Era o retrato de um Zeus bronzeado, de cabelos brancos e onnipotente, com duzentos e quarenta anos de idade. — Quem não o admira... — repetiu. — Foi o responsável pela instalação da primeira câmara de gás em Chicago.

— Nada me daria mais prazer — disse o pintor — do que colocá-la ao lado dele para sempre. A cortar um ramo podre... Parece-lhe apropriado?

— Isso é mais ou menos o que eu faço — respondeu ela. Tinha vaidade naquilo que fazia. O que fazia era pôr as pessoas confortáveis enquanto as matava.

Enquanto Leora Duncan posava para o seu retrato, entrou na sala de espera o próprio Dr. Hitz. Tinha dois metros e dez, e irradiava importância, feitos e alegria de viver.

— Ora bem, Miss Duncan! Miss Duncan! — disse ele, e largou uma piada. — Que faz aqui? Aqui não é de onde as pessoas partem. Aqui é onde chegam!

— Vamos ficar na mesma pintura, juntos — respondeu ela, timidamente.

— Muito bem! — disse o Dr. Hitz com entusiasmo. — E já agora, que bela pintura, não é?

— Sinto-me muito honrada por aparecer nela consigo, sem dúvida — respondeu ela.

— Deixe que lhe diga — continuou ele — que me sinto honrado por estar ali consigo. Sem mulheres como você, este maravilhoso mundo que temos não seria possível.

Fez-lhe a continência e avançou para a porta que dava para as salas de parto.

— Adivinhe só o que acaba de nascer — disse.

— Não sei... — respondeu ela.

— Trigêmeos! — declarou ele.

— Trigêmeos! — repetiu Leora.

Estava espantada por causa das implicações legais de se ter trigêmeos. A lei dizia que nenhum recém-nascido poderia sobreviver a não ser que os pais da criança conseguissem encontrar alguém que se

voluntariasse para morrer. Trigêmeos, se se quisesse quem vivessem todos, significava encontrar três voluntários.

— Os pais têm três voluntários? — perguntou Leora Duncan.

— A última coisa que ouvi dizer — respondeu o Dr. Hitz — foi que tinham um, e estavam a tentar desencantar mais dois.

— Não me parece que tenham conseguido — disse ela. — Ninguém fez marcação conosco. Todo o dia tivemos apenas indivíduos singulares... A não ser que alguém tenha telefonado depois de eu ter saído. Qual é o nome?

— Wehling — disse o pai que esperava, endireitando-se na cadeira, de olhos vermelhos e cansados. — Edward K. Wehling, Jr., é esse o nome do feliz pai em potência — levantou a mão direita, olhou para um ponto qualquer da parede e soltou uma gargalhadinha sarcástica. — Presente! — disse.

— Ah, Mr. Wehling — disse o Dr. Hitz. — Não o tinha visto.

— O homem invisível... — disse Wehling.

— Acabaram de me telefonar a dizer que os seus trigêmeos já nasceram — disse o Dr. Hitz. — Estão todos bem, e a mãe também. Estava agora mesmo a caminho para os ir ver.

— Hurra! — disse Wehling ocamente.

— Não parece muito feliz — comentou o Dr. Hitz.

— Que homem no meu lugar não estaria feliz? — disse Wehling. Fez um gesto com as mãos, simbolizando uma simplicidade despreocupada. — A única coisa que tenho de fazer é escolher qual dos meus trigêmeos viverá, depois entregar o meu avô materno ao «*Arruaceiro Feliz*» e voltar aqui com um recibo.

O Dr. Hitz tornou-se bastante severo com Wehling, erguendo-se como uma torre acima dele.

— Não acredita no controle da população, Mr. Wehling? — perguntou.

— Acho que é perfeitamente impecável — respondeu Wehling, sarcasticamente.

— Gostaria de voltar aos velhos tempos em que a população da Terra era de vinte mil milhões, prestes a tornar-se quarenta mil milhões, e depois oitenta mil milhões, e depois cento e sessenta mil milhões? Sabe o que é um bago, Mr. Wehling? — disse Hitz.

— Ná... — respondeu Wehling, enfadado.

— Um bago, Mr. Wehling, é um dos pequeníssimos grãos da polpa de uma amora — respondeu o Dr. Hitz.

— Sem o controle da população, os seres humanos estariam agora empilhados sobre a superfície do planeta como bagos numa amora! Pense nisso!

Wehling continuou a olhar fixamente para o mesmo ponto da parede.

— No ano 2000 — disse o Dr. Hitz —, antes de os cientistas terem intervindo e criado a lei, não havia sequer água potável suficiente no mundo para todos, e nada para comer a não ser algas... E mesmo assim, as pessoas insistiam no seu direito a reproduzirem-se como coelhos. E no seu direito a, se possível, viverem para sempre.

— Eu quero aqueles miúdos — disse Wehling calmamente. — E quero-os aos três.

— Claro que quer — disse o Dr. Hitz. — Isso é humano.

— E também não quero que o meu avô morra — continuou Wehling.

— Ninguém fica realmente feliz por levar um parente para *a Caixa do Gato* — disse o Dr. Hitz com suavidade, solidário.

— Gostava que as pessoas não lhe chamassem isso — disse Leora Duncan.

— O quê? — perguntou o Dr. Hitz.

— Gostava que não lhe chamassem «*Caixa do Gato*» e coisas assim — respondeu ela. — Dá uma impressão errada às pessoas.

— Tem toda a razão — disse o Dr. Hitz. — Desculpe-me — corrigiu-se e deu às câmaras de gás municipais a sua designação oficial, uma designação que jamais alguém usava em conversa: — Deveria ter dito «*Estúdios de Suicídio Ético*».

— Soa muito melhor — disse Leora Duncan.

— Este seu filho... seja qual deles for que decida manter, Mr. Wehling — continuou o Dr. Hitz — vai viver num planeta feliz, espaçoso e limpo, graças ao controle da população. Num jardim como o deste mural aqui — abanou a cabeça. — Há dois séculos, quando eu era um jovem, isto era um inferno que ninguém pensava que pudesse durar mais vinte anos. Agora, séculos de paz e de abundância desenrolam-se diante de nós até onde a imaginação for capaz de abarcar.

Sorriu como um iluminado.

O sorriso desapareceu assim que viu que Wehling sacara de uma pistola. Wehling matou o Dr. Hitz com um tiro.

— Já há lugar para mais um... e um dos grandes — disse.

Depois, matou Leora Duncan.

— É apenas morte — disse-lhe enquanto ela caía. — Ora aí está. Espaço para dois!

E depois matou-se a si próprio, dando lugar para todo os três filhos.

Ninguém veio a correr. Ninguém, aparentemente, ouvira os tiros.

O pintor estava sentado no topo do escadote, olhando pensativamente para baixo, para a triste cena.

O pintor ponderou sobre o triste quebra-cabeças da vida a exigir nascer e, depois de nascida, a exigir ser frutífera... Multiplicar-se e ser vida o máximo de tempo possível — e fazer tudo isso num planeta muito pequeno, que teria de perdurar para sempre.

Todas as respostas em que o pintor conseguia pensar eram sombrias. Mais sombrias até, certamente, do que *a Caixa do Gato, o Arruaceiro Feliz, o Vai com Jeito*. Pensou em guerra. Pensou em pragas. Pensou em fome.

Sabia que nunca mais voltaria a pintar.

Deixou cair os pincéis nos panos de proteção do chão. E depois decidiu que também ele já estava suficientemente farto de viver no Feliz Jardim da Vida, e desceu lentamente do escadote.

Pegou na pistola de Wehling, verdadeiramente decidido a matar-se.

Mas não teve coragem.

E então viu a cabina telefônica num canto da sala. Foi até lá, e marcou o número fácil de lembrar: «2 B R O 2 B».

— Agência Federal de Terminação — disse a voz muito calorosa de uma hospedeira.

— Qual é a hora mais próxima possível para uma marcação? — perguntou, falando muito cuidadosamente.

— Provavelmente, conseguiremos acomodá-lo ao fim da tarde de hoje, senhor — disse ela. — Talvez até possa ser mais cedo, se tivermos algum cancelamento.

— Muito bem — disse o pintor. — Marque-me uma hora então, por favor — e deu-lhe o nome, soletrando.

— Obrigada, senhor — disse a hospedeira. — A sua cidade agradece-lhe, o seu país agradece-lhe; o seu planeta agradece-lhe. Mas os agradecimentos mais profundos de todos são das futuras gerações.

em Indiana, EUA, em 1922, e alistou-se como soldado na II Guerra Mundial, onde foi capturado como prisioneiro de guerra, uma experiência que viria a marcar profundamente a sua escrita. Conhecido pelos seus ideais humanitários, e por obras muito admiradas na ficção científica, é o autor de “Matadouro Cinco”, “Mother Night”, “Jailbird” e “The Sirens of Titan”, entre muitos outros. Faleceu em 2007.

O VAMPIRO – Jan Neruda



O barco a vapor trouxe-nos de Constantinopla até à costa da ilha de Prinkipo, onde desembarcámos.

Não eram muitos os passageiros. Havia uma família polaca, pai, mãe, filha e o noivo desta, e nós os dois. Oh, sim, e não posso esquecer-me de que quando já estávamos na ponte de madeira que liga o Corno Dourado a Constantinopla, se juntou a nós um grego, um rapaz bastante jovem.

Era provavelmente um artista, a avaliar pela pasta que trazia debaixo do braço. Os cabelos longos, pretos e ondulados, flutuavam-lhe até aos ombros, o rosto era pálido e os olhos negros estavam profundamente enterrados nas órbitas.

O rapaz despertou o meu interesse desde o início, principalmente pela sua delicadeza e conhecimentos das condições locais. Só que falava demasiado e acabei por me afastar dele.

A família polaca era bastante mais agradável. O pai e mãe eram pessoas bondosas e simpáticas, o noivo um rapaz jovem e bonito, de modos diretos e refinados. Dirigiam-se a Prinkipo para passar os meses de Verão por causa da filha, que se encontrava um pouco combalida.

A bonita e pálida rapariga estava ou a recuperar de uma doença grave ou então uma doença séria estava a acercar-se dela. Apoiava-se no noivo quando caminhava e ficava sentada com bastante frequência para descansar, enquanto uma pequena tosse seca e persistente interrompia os seus murmúrios. Sempre que tossia, o seu acompanhante parava atenciosamente a caminhada. Olhava sempre para ela com um ar de comiseração soffredora, mas ela devolvia-lhe o olhar e dizia:

– Não é nada. Estou feliz!

Ambos acreditavam na saúde e na felicidade.

Por recomendação do grego, que se separou de nós assim que chegámos ao cais, a família instalou-se no hotel da colina. O encarregado do hotel era um francês e todo o edifício estava confortável e artisticamente equipado, seguindo o estilo francês.

Tomámos o pequeno-almoço juntos e quando o calor do meio-dia esmoreceu um pouco, decidimos subir para as colinas, onde no bosque de pinheiros siberianos nos deliciámos com a vista.

Mal tínhamos acabado de encontrar um lugar adequado para nos instalarmos quando o grego reapareceu. Cumprimentou-nos levemente, olhou em redor e sentou-se a poucos passos de nós.

Abriu a pasta e começou a desenhar.

– Acho que ele se sentou propositadamente de costas para as rochas para que não pudéssemos ver os seus desenhos – disse eu.

– E nem precisamos de os ver – disse o jovem polaco. – Temos à nossa frente paisagem sufi ciente para admirar. – Um pouco depois, acrescentou: – Parece-me que nos está a retratar como uma espécie de pano de fundo. Bem, é deixá-lo!

Tínhamos realmente paisagem suficiente para onde olhar. Não existe canto do mundo mais bonito ou mais feliz do que Prinkipo! A mártir política, Irene, contemporânea de Carlos Magno, viveu ali durante um mês, quando estava no exílio. Se pudesse ali viver durante um mês, viveria feliz com as memórias daquele lugar para o resto dos meus dias!

Jamais esquecerei aquele único dia que passei em Prinkipo.

O ar era tão límpido como um diamante, tão suave e meigo que a nossa alma pairava nele, elevando-se na distância. À direita, para lá do mar, elevavam-se os acastanhados picos asiáticos; à esquerda, ao longe, estendiam-se as violáceas costas íngremes da Europa. A vizinha Chalki, uma das nove ilhas do Arquipélago do Príncipe, erguia-se com as suas florestas de ciprestes até à pacífica altura como um sonho lamentoso, coroada por uma grandiosa estrutura – um asilo para aqueles cujas mentes estavam doentes.

O Mar de Marmára agitava-se suavemente e exibia todas as cores, como uma opala brilhante. Ao longe, o mar era branco como o leite, depois rosado, entre ambas as ilhas brilhava em tons alaranjados e por baixo de nós era maravilhosamente azul-esverdeado, como uma safira transparente. Era resplandecente na sua própria beleza. Não se avistavam grandes navios – apenas duas pequenas embarcações com a bandeira da Inglaterra corriam velozes ao longo da costa. Uma delas era um barco a vapor do tamanho de uma torre de vigia, a outra tinha cerca de doze remadores e quando os seus remos se erguiam em simultâneo da água, caíam deles pingos de prata derretida. Os golfinhos confiantes nadavam em seu redor e mergulhavam com longos e arqueados voos à superfície da água. O céu azul era ocasionalmente cruzado pelas calmas águias que planavam, medindo a distância entre os dois continentes.

Toda a encosta que se estendia por baixo de nós estava coberta de

rosas em flor cuja fragrância inundava o ar. A música viajava até nós através do ar límpido, vinda do café perto do mar e ligeiramente abafada pela distância.

O efeito era encantador. Ficámos todos sentados em silêncio, deixando que as nossas almas embebessem completamente aquela imagem do paraíso.

A jovem rapariga polaca estava deitada na relva, com a cabeça apoiada no colo do noivo. O seu rosto pálido, oval e delicado, estava agora ligeiramente tingido com uma cor suave e dos seus olhos azuis começaram a cair subitamente lágrimas. O noivo entendeu, curvou-se e beijou cada uma das lágrimas. A mãe dela comoveu-se também e chorou e eu – até eu – senti uma estranha pontada.

– Aqui, o corpo e a mente têm de melhorar – murmurou a rapariga. – Que terra feliz é esta!

- Deus sabe que não tenho inimigos, mas, se os tivesse, seria capaz de os perdoar aqui - Exclamou o pai com a voz trêmula.

E ficámos mais uma vez em silêncio.

Estávamos todos com uma disposição maravilhosa – todo o cenário era indescritivelmente doce! Cada um de nós sentia um mundo de felicidade dentro de si e todos partilharíamos a felicidade com o resto do mundo. Todos sentíamos o mesmo – e por isso ninguém perturbou ninguém. Mal tínhamos reparado no grego que, passado cerca de uma hora, se levantara, fechara a pasta e com um ligeiro aceno de cabeça anunciara a sua partida. Nós ficámos.

Finalmente, depois de várias horas, quando a distância se começava a tingir de um tom violeta-escuro, tão magicamente bonito a sul, a mãe recordou-nos que estava na altura de partir. Levantámo-nos e caminhámos até ao hotel com os passos soltos e descontraídos que caracterizam as crianças despreocupadas.

Sentámo-nos sob a bonita varanda coberta do hotel.

Mal tínhamos acabado de nos sentar quando começámos a ouvir sons de briga e impropérios. O nosso grego estava a discutir com o encarregado do hotel e nós ficámos à escuta, por pura diversão.

A diversão não durou muito tempo.

– Se eu não tivesse mais hóspedes – rosnou o encarregado do hotel, subindo os degraus na nossa direção.

– Diga-me por favor, senhor – pediu o jovem polaco quando o encarregado se aproximou, – mas quem é aquele cavalheiro? Como se chama ele?

– Oh – quem sabe como se chama o sujeito? – Resmungou o encarregado do hotel, olhando venenosamente para baixo. – Nós chamamos-lhe o Vampiro.

– É um artista?

– Mas de que rico mister! Ele só desenha cadáveres. Assim que alguém morre em Constantinopla ou aqui na vizinhança, ele tem, no próprio dia, um retrato completo do falecido. O sujeito pinta-os com antecedência e nunca se engana – é como um abutre!

A velha mulher polaca gritou assustada.

Nos seus braços, repousava a filha, branca como a cal. Tinha desmaiado.

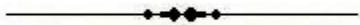
Num só impulso, o noivo desceu os degraus. Com uma mão agarrou o grego e com a outra a pasta dos desenhos.

Corremos atrás dele. Os dois homens reboavam pela areia. O conteúdo da pasta espalhou-se por todo o lado.

Num dos desenhos, feito a carvão, estava a jovem rapariga polaca, de olhos fechados e com uma coroa de murta na cabeça.

Jan Nepomuk Neruda (1834 – 1891) nasceu em Praga e foi um jornalista, autor e poeta checo, um dos representantes mais notáveis do Realismo Checo, assim como membro da “Escola de Maio”.

O FANTASMA INEXPERIENTE – H.G. Wells



Meu pensamento volta-se, constantemente, para a derradeira história que Clayton contou, lembrando-a em todos os seus pormenores. Ele passara a maior parte do tempo no sofá, junto à lareira, estando a seu lado Sanderson, fumando um daqueles cachimbos especiais, que trazem seu nome gravado. Evans e Wish, este o famoso e tão modesto ator, faziam parte do reduzido grupo.

Era um sábado de manhã, e havíamos chegado ao clube todos juntos, exceto Clayton, que ali pernoitara, o que motivou esta história. jogáramos golfe até ao escurecer e, depois de cear, caíramos naquele estado de bem aventurança, quando se fica em condições de ouvir qualquer fantasia que nos contem. E assim que Clayton iniciou sua extraordinária narrativa, quisemos tachá-lo de mentiroso. A princípio, julgamos que se tratasse, apenas, de uma de suas anedotas reais, no que ele era mestre.

— Já sabem que passei a noite sozinho, aqui? interrogou ele, depois de ter ficado muito tempo fitando as fagulhas que saíam das brasas, reanimadas por Sanderson.

— Com os criados... - emendou Wish.

— Sim, mas que dormem na outra ala - retrucou Clayton, que, antes de prosseguir, soltou mais algumas baforadas do charuto. E, sem perder sua habitual fleuma, declarou, calmamente: — Apanhei um fantasma.

— Um fantasma! - exclamou Sanderson. - E onde está ele?

Evans, que passara quatro semanas na América e era grande admirador de Clayton, gritou com sua voz anasalada: — Você agarrou mesmo um fantasma, Clayton? Extraordinário! Vamos, conte, logo, como tal aconteceu!

Clayton pediu que fechássemos a porta e, olhando para mim, à guisa de desculpa, disse: — Não quero chamar ninguém de bisbilhoteiro, mas não desejo divulgar a história e assustar nossos excelentes servidores. Os cantos escuros e os estranhos adornos da arquitetura do prédio dão margem à imaginação... E o fantasma a que me refiro, quero que saibam, era um fantasma incomum. E talvez nunca mais volte...

— Mas... você não o prendeu? - perguntou Sanderson.

— Faltou-me ânimo para tanto - respondeu Clayton.

Enquanto nós desatamos a rir, Sanderson dava mostras de surpresa e Clayton parecia perturbado.

— Parece mesmo singular, - disse, sorrindo contrafeito - mas a verdade é que lidei realmente com um fantasma, tão certo quanto estar aqui conversando com vocês. Nada de gracejos, sei bem o que falo.

Sanderson mamava seu cachimbo, com mais vigor, concentrando seus olhos congestionados em Clayton e, após expelir uma espessa coluna de fumaça, resmungou algo a que Clayton não prestou atenção.

— Nunca me ocorrera uma aventura tão singular. Os amigos já conhecem minha descrença a esse respeito, mas, quando menos pensava nisso, apanho um fantasma, num dos cantos do prédio.

Mergulhou de novo em reflexões e puxou do bolso outro charuto.

— Conversou com ele? - perguntou Wish, curioso.

— Uma hora, mais ou menos.

— E que lhe contou? - indaguei, chegando mais perto dos incrédulos.

— O coitado pareceu-me encabulado...

— Ele chorou? - perguntou outro.

Clayton suspirou, ao pensar nessa circunstância.

— Sim, coitadinho, chorava que dava dó.

— E onde o apanhou? - quis saber Evans, com seu sotaque americano.

— Jamais poderia ter imaginado que um fantasma fosse uma coisa tão lamentável, prosseguiu Clayton, ignorando a pergunta.

E, após essas palavras, deixou-nos de novo em suspenso, fingindo que declarava em encontrar os fósforos e acendia, depois, o charuto.

— Apenas, consegui aproveitar uma oportunidade disse, afinal, como que respondendo à pergunta anterior.

E, como ninguém o interrompesse, prosseguiu:

— Posso afirmar que, mesmo sem o seu corpo, o caráter de uma pessoa permanece invariável, embora constantemente nos olvidemos disso. Indivíduos de vontade firme e forte dão espectros de firme e forte vontade. A maioria desses fantasmas obsedados que andam por aí deve ter uma ideia fixa qualquer, como qualquer maníaco, e se demonstram mais obstinados que um burro. O meu pobre fantasma, porém, era diferente.

Levantou subitamente os olhos, de maneira estranha, e seu olhar pesquisou todos os cantos do recinto.

— Afirmo-o com a minha melhor boa-fé, pois é a pura verdade. Logo de início, percebi que se tratava de um débil mental. - Soltou umas baforadas e continuou. - Agarrei-o no fim do longo corredor. Ele me dava as costas e, por isso, eu o vi antes que me percebesse.

Certifiquei-me imediatamente de que era um espectro, tanto era transparente e esbranquiçado. Através de seu tórax, eu distinguia o reflexo dos vidros da janelinha. Pelo seu físico e atitudes, deduzi-lhe a fraqueza. Ele não sabia, absolutamente, o que iria fazer.

Segurava um dos adornos da janela, com uma das mãos, e a outra passava-a constantemente pela boca. Desta maneira...

— Qual seu aspecto?

— Muito magro. Seu pescoço parecia formar duas calhas, nas costas, aqui e aqui. Cabeça pequena, cabelos despenteados, orelhas disformes. Ombros imperfeitos e mais estreitos que os quadris. Usava um colarinho caído, casaco curto, calças remendadas, à altura dos joelhos, e mais alguns rasgões, logo abaixo. Tal seu aspecto. Eu ia subindo sossegadamente as escadas, sem levar luz, já que as velas costumam ficar cá embaixo, e ali existe uma lâmpada. Ao subir, vi-lhe os chinelos. Estaquei de súbito, ao notá-lo. . . e examinei-o. Não me incutiu medo algum. Creio que, na maior parte de casos assim, o indivíduo não se assusta tanto como se poderia supor. Somente fiquei intrigado e surpreso.

— "Meu Deus!" exclamei, para mim mesmo. "Finalmente, vejo um fantasma! E justamente eu, que nunca acreditei nisso!"

— Hum! - rosnou Wish.

— Ao chegar ao patamar, o fantasma deu pela minha presença. Virou de novo a cabeça e dei com a cara de um jovem, nariz fino, bigode ralo e um esboço de barbicha. Ficamos alguns instantes a olhar um para outro. Olhava-me por cima do ombro. Afinal, pareceu recordar-se de suas altas funções. Esticou-se, virou-se de completo, espichou o rosto, estendeu a mão, no clássico estilo dos espectros, e veio para meu lado. Deixou cair seu pequeno queixo e emitiu um prolongado, mas fraco "Bu! No..." Como veem, nada de apavorante. Eu havia ceado muito bem e esvaziado uma garrafa de champanha, e, depois de ter ficado sozinho, tomara mais alguns copinhos de uísque, por isso me encontrava mais firme que uma rocha e não mais amedrontado do que se tivesse visto uma rã.

— Bu! - retribuí-lhe eu. - Deixe de ser bobo. Você não tem nada que fazer aqui.

Notei que ele estremecia.

— Buuu! - repetiu.

— Bu! Vá para o diabo! Você é sócio cá do clube? Mexeu-se algo, como que querendo sair do caminho, mas seu aspecto parecia abatido.

— Não... não sou sócio do clube, - respondeu o espectro, ante a insistente interrogação de meus olhos. - Sou um fantasma.

— Muito bem, mas isso não o autoriza a frequentar o Clube Mermaid. Está procurando alguém por aqui?

Dito isto, acendi logo minha vela, para que ele não julgasse que meu tremor era de medo e não por causa do uísque que eu ingerira. Perguntei-lhe: — Que está fazendo aqui?

O espectro deixou pender os braços, parando de rosnar, e ali se ficou, meio sem jeito, acabrunhado, nítida imagem de um fantasma frouxo, inocente, sem vontade de ação.

— Estou dando uma voltinha... - respondeu, afinal.

— Seu lugar não é aqui, procure outras paragens.

— Eu sou um fantasma... - murmurou, como desculpa.

— Pode ser, mas aqui não é seu lugar. Este é um clube particular, bastante respeitável. Aqui, vêm, com frequência, pessoas com crianças, pajens, e, se alguma delas o encontrar por aí, pode ficar louca de susto. Não pensou ainda nisso?

— Não me havia ocorrido ainda essa hipótese, senhor.

— Pois devia ter pensado. Creio que não possui nenhum motivo ponderável para vir aqui, pois não? Suponho que não morreu assassinado nem sofreu morte violenta.

— Oh, não, meu senhor... mas, como esta casa é velha, possui seus enfeites de madeira, julguei...

— O pretexto é demasiado pueril - interrompi-o, fitando-o firme. - Foi um erro, sua vinda aqui - ajuntei, com amistosa superioridade.

Disfarcei, procurando fósforos nos bolsos, e olhei francamente para ele.

— Sabe que faria eu, em seu lugar? Procuraria evaporar-me, sumir daqui, antes do galo cantar.

Tais palavras deixaram-no perturbado.

— Na verdade, meu senhor...

— Eu me evaporaria - repeti, com insistência.

— Mas, então... eu não posso...

— Não pode, não?

— Não, porque me esqueci de algo. Tenho andado vagando por aqui, desde a última meia-noite, escondendo-me nos armários dos quartos desocupados... e já meio desorientado, tonto. Fiquei desconcertado, pois nunca rondara, antes.

— Ficou desconcertado?

— Sim, senhor, não me saio nunca bem. Parece que olvidei alguma coisa... e não consigo lembrar-me de quê...

— Essa circunstância impressionou-me bastante - afirmou Clayton. - Ele olhava para mim, tão desanimado, que me deixou incapaz de continuar mantendo aquele tom altivo e fanfarrão que adotara.

— Isso é muito singular - disse-lhe.

Nesse instante, julguei ouvir rumor, no andar inferior.

— Vamos para meu quarto e conte-me tudo, porque, até agora, nada compreendi. Convidei-o.

Procurei puxá-lo por um braço, mas, está claro, foi como se tentasse segurar uma nuvem de fumaça. Penso que até me esquecera o número do quarto. Assim, entrei em vários aposentos, antes de descobrir o meu, e foi sorte estar ali sozinho, naquela parte do prédio.

— Bem, agora, sente-se e conte-me sua história - disse-lhe, sentando-me também. -

Pelo que vejo, meu amigo, meteu-se numa enrascada.

O fantasma declarou não desejar sentar-se e que preferia ficar andando pelo quarto.

Não me opus e, dali a instantes, estávamos numa prosa animada. Assim que me libertei dos vapores do uísque, comecei a ter noção do caso absurdo, fantástico, em que me enredara. À minha frente, se encontrava, meio transparente, o tradicional fantasma, sem outro ruído a não ser o de sua voz sideral, e seu nervoso vaivém pelo quarto, recoberto de tapetes. Através do seu corpo, eu podia vislumbrar o reluzir dos candelabros de cobre, o resplendor dos abajures e os quadros nas paredes, ao passo que ele me ia narrando sua desditosa e breve odisséia. Sua feição não era lá muito honrada, mas podem crer que falava a verdade, tanto era transparente.

— Como? - interrogou Wish, levantando-se de pronto.

— Que quer saber? - perguntou, por sua vez, Clayton.

— Porque era transparente... não podia deixar de dizer a verdade? ... Não estou entendendo nada - explicou Wish.

— Muito menos eu - ajuntou Clayton, com incrível seriedade. -

Contudo, era essa minha impressão. Juro até que não se afastou por nada da pura verdade. Contou-me como morrera - descera a um porão londrino, para verificar um escapamento de gás, com uma vela na mão. E, quando isso ocorreu, exercia as funções de professor, numa escola particular de Londres.

— Pobre homem... - lamentei eu.

— Também fiquei com pena dele, e mais ele falava mais me comovia. Não tinha objetivo algum na vida e ficara fora dela. Falou-me, com desprezo, sobre seu pai, sua mãe, a respeito de seu professor, na escola, e de todos quantos conhecera no mundo. Tinha sido exageradamente impressionável e nervoso. Ninguém o havia apreciado verdadeiramente e muito menos o compreenderam, conforme contou. Penso que não chegou a ter nenhum amigo sincero nem jamais obtivera êxito algum. Mantivera-se alheio das diversões e fracassara em vários exames.

Alegou que esquecia tudo, quando entrava na sala de exames. Estava noivo, naquela época, prestes a casar-se com outra pessoa igualmente impressionável, quando o escapamento de gás pôs termo aos seus amores.

— E onde foi você parar, depois da morte? - perguntei-lhe. - Não será em...

— A respeito disto, foi algo confuso. Parecia encontrar-se numa espécie de estado impreciso, intermediário, num lugar reservado às almas demasiado inexistentes para coisas tão positivas como o pecado e a virtude. Não soube explicar direito. Era bastante egoísta e indiferente para fornecer-me uma ideia clara quanto ao lugar ou região em que se encontrava. Muito além das coisas, estivesse onde estivesse, ele caíra, suponho, no meio de uma série de espíritos da mesma natureza; fantasmas de jovens londrinos, fracos, com os mesmos prenomes, entre os quais se devia falar muito em rondar. Sim, sair e rondar.

Parece que, para esses fantasmas, o "rondar" fosse uma grande aventura e a maior parte deles não parava de falar nisso. Instigado, curioso, meu fantasma resolvera sair e ... rondar.

— Ora, será isso possível? - perguntou, descrente, Wish.

— São as conclusões que tirei - respondeu Clayton, modestamente. - É bem possível que eu também me encontrasse num estado d'alma pouco favorável para discernir, mas essa impressão foi ele que me deu. Não cessava de andar de um lado para outro, falando com voz fininha do seu mísero ego, porém sem nunca emitir uma declaração nítida e firme, do princípio até ao fim. Era bem mais minucioso, ingênuo e

monótono do que se estivesse vivo e real. Se estivesse vivo, aliás, não o teria deixado em meu quarto. Teria saído dali a pontapés!

— Sim, - concordou Evans - há tipos dessa espécie.

— Mas que possuem tantas propriedades de ser fantasmas como os demais. O que lhe dava algum interesse era sua convicção de lhe ser impossível desaparecer. A confusão que resultara de sua aventura deprimira-o de maneira incrível. Disseram-lhe que aquilo seria um mero passeio, e viera para cá esperando que assim fosse, mas encontrou apenas mais um fracasso a ajuntar aos de seu longo rol. Confessou-me, e acreditei, que jamais tentara coisa alguma, na vida, que não houvesse resultado num desastre e que isso continuaria acontecendo, pela eternidade afora. Caso tivesse encontrado simpatias, talvez... Não terminou e ficou a olhar para mim. Disse-me, ainda, que, por mais incrível que pareça, ninguém lhe havia dispensado nunca a dose de simpatia que eu lhe demonstrava. Adivinhei logo aonde queria chegar e decidi libertar-me dele, no mesmo instante. Pode ser que isso seja brutalidade de minha parte, mas, ser o único amigo sincero, o confidente de um desses débeis egoístas, seja ele homem ou fantasma, era algo superior à minha resistência física. Levantei-me de supetão.

— Não se iluda – disse-lhe. - O melhor que lhe resta a fazer é ir-se embora, sair imediatamente. Reúna suas forças e experimente.

— Não consigo... - murmurou.

— Experimente! - intimei-o.

E ele experimentou.

— Experimentou?! - exclamou Sanderson. - E de que modo?

— Com passes - respondeu Clayton.

— Com passes?

— Sim, uma série de complicados movimentos, executados com as mãos. Fora assim que viera, e, assim, devia ir-se embora. Meu Deus! Que trabalho lhe custou!

— Mas, com uma série de passes ... - comecei.

— Meu amigo, - interrompeu Clayton, voltando-se para mim e dando uma entonação especial às palavras - você quer que tudo seja bem explicado. Sei, apenas que ele executou esses passes. Após muitos esforços, conseguiu realizá-los perfeitamente, sumiu.

— Você prestou atenção nos passes? Indagou Sanderson, lentamente.

— Sim, - respondeu Clayton, que parecia refletir. Foi uma coisa extraordinariamente inédita. Estávamos ali, ambos, o vago e

transparente fantasma e eu, naquele silencioso quarto, naquela casa silente e vazia, numa silenciosa noite de sexta-feira, na pequena cidade. Não se ouvia o menor ruído, exceto nossas próprias vozes e um ligeiro arfar, que produzia o espectro ao executar seus gestos. Estávamos iluminados pela vela do quarto e por outra, que havia no aparador. Nada mais. Uma ou outra vez, as velas produziam, durante alguns segundos, uma chama alta e esquia. E, então, se passaram coisas estranhas.

— Não, não posso... - gemia o fantasma. - Nunca mais.

Sentou-se subitamente numa cadeira e começou a soluçar. Deus meu! Que modo horrível de chorar!

— Reúna suas forças! - disse-lhe.

Tentei dar-lhe umas palmadinhas nas costas, porém minha maldita mão atravessou por ele. Nesse instante, devem compreender, já não me sentia tão... firme como quando chegara à escada. Notava perfeitamente tudo quanto ocorria de incomum. Recordo-me de que retirei a mão dele, com um leve estremecimento, e que fui até à mesa do aparador.

— Reúna suas forças, - repeti - e experimente.

E, no intuito de animá-lo e auxiliá-lo, procurei experimentar, também.

— Como! - exclamou Sanderson. - Os passes?

— Exatamente, os passes.

— Mas - disse eu, levado por uma ideia que não sabia traduzir.

— Muito interessante - comentou Sanderson, batendo a cinza do cachimbo. - Quer dizer que esse fantasma lhe revelou...

— Sim, fez tudo quanto pode para revelar o segredo da maldita barreira.

— Mas não o conseguiu, - interveio Wish, - nem poderia fazê-lo, pois, do contrário, você também teria sumido.

— Essa é precisamente a questão - concordou Clayton, olhando, pensativamente, para as chamas.

Houve um breve silêncio.

— E, afinal, conseguiu? - perguntou Sanderson.

— Finalmente, conseguiu-o. Envidei enormes esforços para que não desanimasse, mas, enfim, conseguiu-o. .. e bastante bruscamente. Estava já desesperado, tivemos uma cena, todavia, de súbito se levantou e pediu-me que fizesse todos os movimentos lentamente, para que os pudesse ver. Creio, confiou-me, que, se pudesse ver bem, descobriria o que não estava certo. E tal ocorreu.

— Agora já sei! - exclamou enquanto me observava os movimentos.

— Sabe o quê? - perguntei-lhe.

— Sim, já sei - repetiu, ajuntando, a seguir, mal-humorado. - Se fica assim a olhar para mim, nada posso fazer. Na verdade, não posso. E é por isso que até agora nada fiz. Sou de tal modo nervoso que o senhor me desconcerta.

Entabulamos uma discussão. Certamente, eu queria ver como fazia, mas ele era mais teimoso que um burro, e eu me senti, de súbito, exausto, sem forças.

Virei-me para o espelho do armário próximo da cama.

Iniciou uma série de movimentos, muito rápidos. Procurei acompanhá-lo pelo espelho, para ver qual deles tinha esquecido. Seus braços e mãos rodopiavam, assim e assim, e depois veio, precipitadamente, o gesto final, - o corpo erguido e os braços abertos - e nesta atitude ficou. E, de repente, não mais o vi! já ali não se encontrava! Rodei sobre meus calcanhares e olhei. Nada! Eu estava só, diante da chama das velas, e com o espírito vacilante. Que teria acontecido? Tudo teria sido um sonho?. . . E aí, num tom absurdo de remate final, o relógio do patamar julgou chegado o momento de dar UMA hora. Assim: Ping! E eu me encontrava tão sério e tão atento quanto um juiz, sem vestígios de minha champanha nem de meu uísque. Mas, presa de estranha sensação, compreendem? Horivelmente estranha! Singular! Santo Deus!

Olhou um momento para a fumaça do charuto e acrescentou:

— E foi tudo quanto aconteceu.

— E, depois, foi deitar-se? - indagou Evans.

— Que mais poderia fazer?

Olhei Wish, bem dentro dos olhos. Queríamos gracejar, mas havia algo na voz e nos gestos de Clayton que se opunha ao nosso desejo.

— E os passes? - perguntou Sanderson.

— Creio que seria capaz de executá-los, neste momento.

— Oh! - exclamou Sanderson, puxando um canivete e raspando a cinza do cachimbo. -

Por que não os faz, agora?

— Vou fazê-los já! - disse Clayton.

— Nada conseguirá - profetizou Evans.

— Mas, se conseguir. . . - observei.

— Ouça, eu preferiria que o não fizesse - disse Wish.

— Por quê? - interveio Evans.

— Eu preferiria que o não fizesse, repetiu Wish.

— Mas, se já aprendemos bem ... voltou Sanderson, enchendo de fumo o cachimbo.

— De qualquer modo, eu preferiria que não o fizesse! insistiu Wish.

Discutimos com Wish, o qual afirmava que, permitir a Clayton executar tais gestos, era como que brincar com algo de sério, de misterioso.

— Mas você não vai acreditar nisso, vai? - disse eu.

Wish lançou um olhar de esguelha a Clayton que, com os olhos presos ao fogo, refletia sobre qualquer determinação de seu espírito.

— Eu creio... pelo menos, mais da metade, sim, acredito... - respondeu Wish, em tom sério.

— Clayton, - falei - você é um inventor de histórias bom demais, para nós todos. Quase tudo quanto você contou estava certo. Mas... essa coisa de desaparecer... não me convenceu muito. Vamos, fale, trata-e de um conto terrorífico?

Clayton ficou de pé, sem prestar atenção às minhas palavras, pondo-se ao centro do tapete, bem na frente de mim. Por alguns minutos, olhou pensativamente para os próprios pés e passou, depois, a fitar intensamente a parede oposta, com expressão decidida.

Ergueu lentamente ambas as mãos à altura dos olhos e, assim, começou...

Agora, muito bem, Sanderson era maçã e pertencia à loja dos Quatro Reis, que, com tanta pericia, se dedica ao estudo e esclarecimento de todos os mistérios da maçonaria passada e presente. E, entre os pesquisadores dessa loja, Sanderson não era de maneira alguma dos mais insignificantes. Acompanhava os movimentos de Clayton, com invulgar interesse, refletido em seus olhos avermelhados.

— Não vai indo mal - observou, quando Clayton terminou. - Na verdade, você consegue fazer isso de maneira assombrosa. Falta, todavia, um pequeno detalhe.

— Já sei! - respondeu Clayton. - E penso que lhe poderei dizer qual.

— Sim?

— Veja, este - disse Clayton, fazendo um movimento, que consistia em retorcer as mãos e atirá-las para a frente.

— Exatamente.

— Quero que saibam que este era o que ele não conseguia executar bem, mas, como VOCÊ ...

— Eu não entendo quase nada desse negócio e, principalmente, como pode você inventá-lo - retrucou Sanderson - esse gesto, porém, eu o conheço, está claro. - Refletiu um instante e continuou: - Em resumo, trata-se de uma série de sinais relativos a certo ramo de maçonaria esotérica ... Com certeza, você os conhece... pois, do contrário ... como?

Tornou a refletir mais ainda, e prosseguiu:

— Não penso que haja mal algum em revelar-me o sinal exato. Além disso, se você já o conhece, melhor para si, mas, se o não conhece, fica tudo na mesma.

— Eu nada sei, além do que me ensinou o pobre, naquela noite - declarou Clayton.

— Então, tanto faz - murmurou Sanderson, pousando o cachimbo, cuidadosamente, no modilhão. Em seguida, passou a executar rápidos movimentos, com as mãos.

— É assim? - perguntou Clayton, imitando-o.

— Isso mesmo! - certificou Sanderson. voltando a pegar o cachimbo.

— AGORA, - disse Clayton - sou capaz de executar a série toda... bem.

Encontrava-se de pé, diante do fogo, que ia morrendo, e sorria para nós. Contudo, pareceu-me haver certa hesitação naquele sorriso.

— Vou começar... - preveniu-nos.

— Em seu lugar, eu não começaria, - observou Wish.

— Nada poderá acontecer - afirmou Evans. - A matéria é indestrutível. Você não irá pensar que uma invenção dessas seja capaz de lançar Clayton para o mundo das sombras.

Teria graça! Quanto a mim, Clayton, pode bracejar à vontade, até que seus braços se separem dos punhos.

— Não concordo com isso - atalhou Wish, que se levantou e pôs a mão no ombro de Clayton. - Saiba que quase me fez acreditar em sua história, por isso, não quero que faça tal coisa.

— Valha-me Deus! - exclamei - Parece que Wish está assustado!

— Sim, estou - confessou Wish, com veemência real, ou notavelmente fingida. - Penso que, se fizer tais gestos esotéricos, acabará desaparecendo.

— Nada disso acontecerá! - exclamei. - Os homens somente podem sair deste mundo por um caminho, e Clayton ainda tem mais de trinta

anos à sua frente. Você não julga que...

Wish interrompeu-me, todo agitado. Saiu de entre nossas poltronas e, parando junto à mesa, gritou: — Clayton, você está maluco!

Clayton voltou-se sorrindo, com um brilho humorístico no olhar.

— Wish tem razão - disse - e vocês; todos estão equivocados. Desaparecerei. Levarei até ao fim estes passes, e, quando o derradeiro movimento rasgar o ar ... pronto! Este tapete ficará vazio, a sala ficará inundada de mudo assombro, e um cavalheiro de noventa e cinco quilos, decentemente trajado, mergulhará em cheio no mundo das sombras! Tenho certeza disso, e vocês também não tardarão em tê-la. Desisto de continuar a discussão por mais tempo. Que se faça a prova!

— NÃO! - intimou Wish, dando mais um passo à frente.

Mas estacou, e Clayton ergueu as mãos, mais uma vez, para repetir os passes do fantasma.

Naquele instante, nos encontrávamos numa deplorável tensão de espírito, principalmente por causa da atitude de Wish. Permanecíamos imóveis, olhares fixos em Clayton, e eu, pelo menos, experimentava uma estranha sensação de tensão e rigidez, como se, desde a nuca aos músculos, meu corpo fosse de aço. Nesse ínterim, com uma gravidade imperturbável e serena, Clayton se inclinava, movimentava-se e agitava as mãos e braços, à nossa frente. Ao aproximar-se o fim, nossa tensão nervosa se tornou insustentável e percebi que rangiam os dentes. O derradeiro movimento, como já disse, consistia em abrir completamente os braços, com o rosto voltado para cima. Quando, finalmente, iniciou esse gesto, cheguei a conter a respiração. Podia ser uma coisa ridícula, evidentemente, mas vocês já irão conhecer a impressão que causam essas histórias de fantasmas. E notem, ainda, que isso acontecia numa casa fora de comum, escura e antiga. Chegaria, depois de tudo, a ... ?

Durante um estarrecedor momento, Clayton permaneceu naquela posição, de braços abertos e cara virada para o alto, firme e resplandecente, sob o fulgor da lâmpada. Todos nós nos quedamos em suspenso durante aquele lapso de tempo, que nos pareceu um século, e, depois, brotou de nossas gargantas um som que era, ao mesmo tempo, um suspiro de infinito alívio e um NÃO! tranquilizador, pois, que, visivelmente... Clayton... não desaparecia. Tudo aquilo não passara de uma mentira. Clayton nos contara uma história banal, infantil, e quase nos fizera acreditar nela. Nada mais que isso! ... Mas, exatamente naquele momento a fisionomia de Clayton se transformava.

Mudou-se completamente. Tal como se transforma uma casa

iluminada, quando se lhe apagam subitamente as luzes, assim se transformou seu semblante. Seus olhos se vidraram bruscamente, o sorriso se lhe gelou nos lábios, subitamente exangues, e ele continuou de pé, imóvel. E assim se conservou, balançando-se suavemente.

Mas, aquele momento valeu, também, por um século. E, pouco depois, as cadeiras bailavam, objetos caíam ao chão, e todos nós nos sentíamos em movimento. Os joelhos de Clayton deram a impressão de que iam dobrar-se e ele tombou para a frente, ao passo que Evans dava um pulo e o amparava nos braços...

Isso nos deixou atônitos. Durante o espaço de um minuto, creio que nenhum de nós disse nada coerente. Estávamos vendo; no entanto, custávamos a acreditar... Sai de minha estupefata admiração para me encontrar ajoelhado junto ao corpo estendido. Seu casaco e sua camisa estavam rasgados, e Sanderson lhe auscultava o coração.

Esse gesto, tão simples, podia ter sido deixado para mais tarde, para quando estivéssemos menos emocionados, pois não tínhamos pressa alguma em compreender. O cadáver permaneceu ali cerca de uma hora, mas ainda se conserva em minha memória, negro e desconcertante como então. Clayton passara, efetivamente, para aquele mundo que se encontra tão perto, e, ao mesmo tempo, tão distante de nós. Clayton fora para lá, realmente, pelo único caminho que pode seguir um mortal. Mas, que para lá seguiu unicamente graças aos conjuros daquele inexperiente fantasma ou repentinamente atacado de apoplexia, no decorrer de uma história banal, - como o médico-legista nos deu a entender - é o que não posso precisar. De qualquer maneira, trata-se de um dos muitos enigmas que hão de permanecer sem explicação até que estejamos em condições de compreender todas as coisas misteriosas que nos cercam. Tudo quanto posso garantir, porém, é que, no próprio momento, no instante exato em que Clayton acabava de executar aqueles passes esotéricos, transfigurou-se, cambaleou e tombou no chão, bem diante de nós... morto!

FILHO DO SANGUE – Richard Matheson



Durante meses, Jules foi visitar o morcego-vampiro e conversou com ele. O animal tornou-se a sua única alegria. Um símbolo vivo dos seus sonhos.

Quando ouviram falar da condição de Jules, os vizinhos do seu bairro pensaram que ele era louco.

Há algum tempo que suspeitavam.

Ele era capaz de os fazer tremer apenas com um olhar. Não era natural uma voz rouca, gutural, como a dele, pertencer a um físico tão franzino. A pele pálida perturbava os putos: parecia cair-lhe no corpo uns números acima... E ele detestava a luz do Sol.

Os vizinhos do bairro pensavam que as ideias dele eram um pouco estranhas.

É que Jules queria ser vampiro.

Todos concordavam ser verdadeiro que na noite em que Jules viera ao mundo o vento desenraizara as árvores. Que ele nascera com três dentes.

Que ele mordeu o seio da mãe com esses dentinhos para beber sangue durante as mamadas.

Que ele ria e ladrava no berço pela noite dentro.

Que começara a andar aos dois meses de idade e que se punha a olhar embevecido para a Lua Cheia sempre que ela brilhava.

Eram coisas deste gênero que as pessoas diziam.

Os pais andavam sempre preocupados com ele: conheciam bem as imperfeições do único filho.

Achavam que tinha nascido cego até o médico lhes contar que ele apenas possuía um olhar inexpressivo. Que Jules, com uma cabeça assim tão grande, ou daria em gênio ou em idiota. Os pais acreditavam que ele estava a tornar-se num idiota.

Já tinha feito cinco anos quando falou pela primeira vez. Certa noite, sentado à mesa antes de começar a jantar, disse “Morte” em voz alta.

Os pais angustiaram-se, divididos entre o amor parental e a repulsa.

Com o passar dos anos tinham sintonizado essas duas emoções num sentimento intermédio. Achavam que Jules não dava conta, assim como ainda não tinha aprendido, certamente, o que significava a palavra “Morte”.

Mas ele sabia.

A partir dessa noite, ele reuniu um vocabulário extensivo que surpreendeu toda a gente que o conhecia. Não só absorveu cada palavra que ouviu, mais os nomes que leu em revistas, livros e anúncios publicitários, como inventou as próprias palavras.

Como noitoke! Ou amorte. Imensas palavras que fundiu umas com as outras. Expressavam coisas que ele sentia, mas que era incapaz de explicar.

Tinha o hábito de se sentar na varanda para ver as outras crianças a brincar à macaca ou a jogar basebol com um cabo de vassoura e uma bola de borracha. Deixava-se ficar sentado a olhar para elas e ia inventando palavras novas.

Jules conseguiu manter-se livre de sarilhos até fazer doze anos.

Até ter sido descoberto a despir o Oliver Jones num beco. E ter sido apanhado a dissecar um gatinho em cima da cama.

Esses escândalos foram esquecidos com o passar dos anos, mas pode-se dizer que ele atravessou a infância a meter nojo às pessoas.

Frequentou a escola, mas nunca estudou.

Precisou sempre de repetir os anos duas vezes; às vezes, três. Os professores sabiam que ele nunca chegaria a ser nada, mesmo que fosse um excelente aluno a ler e a escrever. No resto era uma nódoa.

Foi aos doze anos de idade, num Sábado, que Jules foi ao cinema e viu Drácula. Quando o filme chegou ao fim ele saiu agitado da sala de cinema; numa pilha de nervos passando entre meninas e meninos bem-comportados.

Correu para casa e trancou-se na casa de banho durante duas horas.

Os pais bateram com força na porta, ameaçando deitá-la abaixo, mas ele não a abriu.

Finalmente, saiu e sentou-se à mesa na sala de jantar. Trazia um penso no polegar e um sorriso largo no rosto.

Na manhã seguinte foi à biblioteca. Sentou-se nos degraus da entrada o dia todo à espera que ela abrisse, mas era Domingo. Resignado, voltou para casa. Baldou-se às aulas na manhã seguinte e regressou.

Encontrou o livro Drácula. Não podia levá-lo para casa porque não era

sócio e para se fazer sócio teria de pedir aos pais para fazer a inscrição. Escondeu o livro dentro das calças, fugiu da biblioteca e nunca o devolveu.

Sentou-se no jardim e leu-o de enfiada.

Quando terminou já era quase noite. Voltou à primeira página e recomeçou a leitura, iluminado pelos candeeiros de rua no caminho para casa.

Fez ouvidos moucos à gritaria dos pais, furiosos por ele ter faltado à escola e não ter vindo jantar com eles. Jantou a comida fria, subiu para o quarto e acabou de ler o livro pela segunda vez.

Os pais perguntaram-lhe onde encontrara aquele livro e ele respondeu que estava caído na rua. Nos dias que se seguiram, Jules leu-o vezes sem conta. Deixou de ir à escola. À noite, quando já se encontrava ferrado no sono, a mãe entrava-lhe no quarto e levava o livro com ela para o ler com o pai. Foi numa noite dessas que descobriram as frases sublinhadas a lápis pelo filho.

Frases como: *“Os lábios dela estavam molhados com sangue fresco e brilhante que lhe escorria pelo queixo e pingava sobre o fino sudário de linho, manchando-o de carmim.”*

Ou: *“Quando o sangue começou a esguichar ele prendeu-me os pulsos, apertando-os, e, com a outra mão, agarrou-me o pescoço e abocanhou a ferida...”*

A mãe leu as frases destacadas e atirou com o livro pela conduta do lixo. Quando acordou Jules descobriu que não tinha o livro e gritou! Torceu o braço da mãe atrás das costas até ela lhe dizer onde o tinha escondido. Desceu até à cave a correr e procurou na pilha de lixo até o encontrar. Com as mãos sujas de borras de café e claras de ovos saiu de casa e foi até ao jardim para ler o livro mais uma vez.

Durante um mês inteiro leu-o avidamente.

Aprendeu-o de cor e salteado: era capaz de se lembrar tão bem da história que deitou o livro fora. Já não precisava de ler, bastava-lhe pensar.

As cartas com as faltas enviadas pela escola começaram a chegar a casa. A mãe perdeu a cabeça, fez uma chinfrineira e Jules voltou às aulas por uns tempos.

Queria escrever uma composição.

Escreveu-a na aula numa das manhãs seguintes.

Quando toda a turma acabou de escrever, a professora perguntou aos

alunos qual deles desejava ler a composição em voz alta.

Jules levantou o braço.

A professora ficou surpreendida, mas sentiu pena dele. Quis estimulá-lo. Mostrou-lhe um sorriso amarelo e disse:

– Muito bem. Prestem atenção. O Jules vai-nos ler a composição dele.

Jules levantou-se. Estava excitado. A folha de papel tremia-lhe nas mãos.

– O Que Eu Quero Ser...

– Anda para aqui, querido.

Jules pôs-se à frente da turma e leu outra vez.

A professora continuava sorridente.

– O Que Eu Quero Ser. Por Jules Drácula.

O sorriso murchou.

– Quando for grande quero ser vampiro.

A boca da professora transformou-se numa coisa torta. Arregalou os olhos.

– Quero viver para sempre e vingar-me de todos os parvos que me tratam mal. Quero transformar todas as raparigas em vampiras. Quero ter o cheiro da morte.

– Jules!

– Quero ter um bafo fedorento que cheire a terra morta, a criptas e a caixões. A caixões doces.

A professora arrepiou-se; abraçou-se sem querer acreditar no que estava a ouvir. Olhou para a turma. Os miúdos estavam sem pinga de sangue; alguns rapazes riam, mas as meninas não estavam a achar graça nenhuma.

– Quero ser gélido e podre com as veias cheias de sangue roubado.

– Já... hrrumph... chega! – A professora pigarreou alto e mandou-o parar de ler.

Jules continuou desesperado, elevando o volume da voz:

– Quero morder os pescoços das minhas vítimas com os meus dentes afiados e terríveis. Quero...

– Jules! Senta-te, já!

– Quero cortar-lhe a carne com os meus dentes como se eles fossem lâminas e abrir-lhes as veias, – leu Jules com ferocidade.

A professora levantou-se. A turma tremia; já ninguém se estava a rir.

– E depois quero beber o sangue: deixá-lo escorrer-me para a boca e senti-lo quente na garganta.

A professora agarrou-o pelos braços, mas ele sacudiu-a e fugiu para um canto. Protegido atrás de uma cadeira gritou:

– Quero lambê-las. Beijá-las! Quero sangue de raparigas!

A professora esticou-se e puxou-o de trás da cadeira. Ele arranhou-a e gritou enquanto ela o puxou até ao gabinete do diretor.

‘É o que eu quero ser! É o que eu quero ser!’

‘É o que eu quero ser!’

Não foi bonito.

Jules foi posto de castigo no quarto sem poder sair. A professora e o diretor sentaram-se com os pais dele e contaram-lhes o que acontecera com vozes sepulcrais.

Todo o bairro falava do mesmo assunto. A maioria dos pais não quis acreditar, pensaram que os filhos estavam a brincar. Depois começaram a achar que tinham sido uns péssimos pais, pois haviam criado filhos com uma imaginação tão mórbida.

Por isso, escolheram acreditar...

Depois desse episódio toda a gente passou a vigiar Jules com mão-de-ferro. Evitavam falar com ele. Os pais tiravam os filhos dos passeios quando o viam a aproximar-se e toda a gente começou a inventar histórias sobre ele.

Jules disse à mãe que nunca mais voltaria a pôr os pés na escola e que nada o conseguiria fazer mudar de ideias.

A escola continuou a enviar-lhe as faltas para casa.

Quando algum assistente escolar vinha bater à porta, Jules fugia de casa pelo telhado e corria por cima das casas.

Passou-se um ano.

Jules deambulava em busca de uma coisa: mas não sabia o quê. Espreitou nos becos. Procurou nos caixotes do lixo. Nos parques de estacionamento.

Investigou à direita e à esquerda, em cima e em baixo. E no meio.

Não era capaz de encontrar aquilo que buscava.

Quase nunca dormia. Nunca falava. Sempre com a cara voltada para o chão, esquecera as palavras secretas que tinha inventado.

Até que!

Um dia, no parque, Jules entrou no Jardim Zoológico.

Sentiu um choque quando viu o morcego-vampiro dentro de uma grande gaiola.

Os olhos flamejantes do quiróptero fixaram-se nele e Jules viu-lhe os dentes desbotados arreganharem-se num sorriso.

A partir desse momento, Jules passou a visitar o Jardim Zoológico todos os dias para contemplar o morcego-vampiro. Falava com ele e chamava-lhe Conde. Sentia no coração que aquele animal era um homem que se tinha transformado.

A sua mente renovou-se naquele instante.

Voltou à biblioteca e roubou um livro sobre a vida selvagem.

Encontrou uma página que falava sobre aquela espécie de morcego. Arrancou-a e deitou o livro fora.

Aprendeu o texto de cor.

Aprendeu como o morcego-vampiro fazia as feridas nas vítimas. Que se empanurrava em sangue, lambendo-o como um gato bebe leite. Que se deslocava no chão com as patas traseiras e as asas em movimentos aracnídeos. E qual o motivo pelo qual apenas bebia sangue e nada mais.

Durante meses, Jules foi visitar o morcego-vampiro e conversou com ele. O animal tornou-se a sua única alegria. Um símbolo vivo dos seus sonhos.

Um dia, Jules reparou que no fundo da enorme gaiola do morcego-vampiro havia um arame solto.

Olhou em volta, piscando muitas vezes os olhos de pupilas negras. Não viu ninguém. Estava mau tempo e pouca gente se encontrava no Jardim Zoológico naquele dia. Jules puxou o arame da gaiola.

Moveu-se um pouquinho.

Viu um homem sair da casa dos macacos.

Escondeu a mão e afastou-se, assobiando.

Mais tarde, à noite, quando os pais pensavam que ele estava a dormir, passou descalço pelo corredor.

Podia ouvir o pai a rressonar. Despachou-se, calçou os sapatos e correu para o Jardim Zoológico.

Sempre que o segurança desaparecia, para mais uma volta, Jules puxava o arame. Acabou e começou a puxar outro.

Continuou a puxar até ele ficar quase solto.

Antes de regressar a casa, voltou a engatar os arames no sítio para que ninguém visse que estavam desprendidos.

Jules permaneceu esse dia diante da gaiola do Conde, a rir e a dizer-lhe que, em breve, ele estaria livre.

Contou ao Conde todas as coisas que sabia.

Que iria treinar como se descia pelas paredes com a cabeça para baixo.

Disse-lhe para não se preocupar. Que ele estaria cá fora dali a pouco. Então poderiam ir à caça de raparigas para lhes beber o sangue.

À noite, Jules voltou ao Jardim Zoológico.

Puxou para fora o restos dos arames e conseguiu entrar por um pequeno buraco para dentro da gaiola.

Estava muito escuro.

De joelhos, aproximou-se do pequeno ninho de madeira onde o morcego-vampiro descansava e pôs-se à escuta, esperando ouvir os guinchos.

Enfiou o braço no ninho e chamou o Conde.

Deu um salto quando sentiu uma picadela num dedo.

O rosto macilento iluminou-se de prazer e Jules agarrou o morcego-vampiro, peludo e exaltado, puxando-o contra o peito.

Saiu da gaiola com ele e fugiu do Jardim Zoológico. Correu para fora do parque e entrou nas ruas silenciosas.

A madrugada estava a ir-se embora. A primeira luz do dia pintava o céu de cinzento. Jules não podia voltar para casa. Tinha de encontrar outro sítio.

Meteu por um beco e trepou uma cerca.

Agarrou o animal com segurança: continuava curvado sobre o sangue que lhe escorria do dedo.

Atravessou um pátio deserto e encontrou uma barraca abandonada. Estava cheia de lixo: latas, caixotes de cartão ensopados de humidade e excrementos.

Jules certificou-se que o morcego-vampiro não tinha por onde fugir e fechou a porta da barraca.

Sentia o coração aos pulos e as pernas a tremer.

Largou o morcego-vampiro! Voou para um canto e agarrou-se ao teto de madeira. Jules abriu a camisa à bruta. Os lábios tremiam-lhe:

sorriu como um maníaco.

Meteu a mão no bolso e tirou a faca de abrir os envelopes que roubara de cima da secretária da mãe. Cortou um dedo com ela e o sangue molhou-lhe a mão toda.

– Conde! Conde!, – gritou, excitado. – Bebe o meu sangue! Bebe-me! Bebe-me!

Arquejou sobre as latas abandonadas e, atabalhado, tentou apanhá-lo. Escorregou. O morcego-vampiro bateu as asas e sobrevoou-o, indo pousar do outro lado da barraca.

Jules começou a chorar. Rangeu os dentes.

O sangue escorrera-lhe pelo braço para o peito. Tremeu, delirante. Cambaleou e avançou em direcção ao morcego-vampiro. Tropeçou e sentiu-se a ser cortado por uma lata afiada.

Empinou-se e agarrou o morcego-vampiro.

Encostou-o à garganta e sentou-se no chão frio e úmido.

Suspirou.

Gemeu e bateu no peito. O estômago começou-lhe a andar às voltas. O morcego-vampiro lambeu-lhe o sangue em silêncio.

Jules sentiu-se a desfalecer.

Pensou no passado. A angústia. Os pais. A escola. Drácula. Sonhos. Tudo por este momento.

Este momento glorioso.

Abriu os olhos de repente.

O interior fétido da barraca flutuava-lhe diante dos olhos.

Não conseguia respirar. Abriu a boca para tragar o ar e engoliu tudo o que conseguiu. Sabia a merda. Fê-lo tossir. O corpinho franzino dele encolheu-se no chão frio e húmido.

O cérebro enevoou-se.

Camadas de dormência como lençóis em cima de uma cama.

De repente, a mente clareou. Um terrível momento de lucidez.

Sentiu a dor aguda.

Percebeu que estava seminu, sentado em cima de um monte de lixo numa barraca abandonada, a deixar que um morcego-vampiro lhe bebesse o sangue.

Amotinou-se, com um grito, e atirou com o morcego-vampiro para longe. Voltou logo a seguir, guinchando; batendo-lhe com as grandes asas pretas no rosto.

Jules levantou-se com dificuldade.

Avançou para a porta, mas mal conseguia ver o que tinha em frente do nariz, pressionou a palma da mão na garganta para estacar o corrimento de sangue.

Conseguiu abrir a porta.

Arrastando os pés para um pátio das traseiras, acabou por cair com a cara em cima da relva danificada.

Quis chamar alguém para o ajudar.

Só conseguiu balbuciar um murmúrio.

Ouviu o bater de asas do morcego-vampiro.

O ruído aproximou-se. E desapareceu.

Silêncio.

Sentiu mãos grandes e fortes levantá-lo com delicadeza.

Moribundo, Jules conseguiu ver um homem alto, de pele escura, cujos olhos relampejavam como fochos de uma fogueira.

– Meu filho – disse o homem.

Richard Burton Matheson foi autor, argumentista e as suas obras incidiram principalmente nos gêneros da fantasia, terror e ficção científica. Foi autor de uma das mais emblemáticas noveletas de vampiros: Eu Sou a Lenda. Nascido em Nova Jersey, de pais noruegueses, Matheson cresceu em Brooklyn e graduou-se na Brooklyn Technical School em 1943. Alistou-se e passou a Segunda Guerra Mundial como soldado de infantaria. Em 1949 obteve o bacharelado em jornalismo na University of Missouri-Columbia e mudou-se para a Califórnia em 1951. Casou-se em 1952 e teve quatro filhos, três dos quais (Chris, Richard Christian e Ali) são autores de ficção científica e argumentistas.

O VIOLINISTA – Selma Lagerlöf



Era inegável que Lars Larsson, o tocador de Olerud, na sua velhice, era humilde e modesto. Porém, não fora sempre assim. Na mocidade, tinha sido de tal maneira vaidoso e soberbo que fazia pena.

Dizem que foi numa só noite que se transformou completamente. Foi assim:

Passeava Lars Larsson, com o seu violino debaixo do braço, numa linda noite de sábado, já bastante tarde. Regressava de uma festa onde ao som do seu violino tinha feito dançar novos e velhos. Ia por isso muito alegre.

Ninguém tinha podido parar enquanto o seu arco estava em movimento. Havia por toda a casa um entusiasmo tal, que lhe parecia ver mesas e cadeiras fazerem parte da dança.

- Com certeza que nunca houve por aqui um músico assim - pensava ele. - Mas quantos obstáculos tive de vencer para chegar ao que hoje sou! Na minha infância, não era nada agradável os meus pais mandarem-me guardar carneiros e vacas.

Eu, num sonho, tudo esquecia para fazer vibrar as cordas do meu violino. Que pobreza! Na minha casa não queriam comprar-me um violino autêntico. O meu instrumento era urna caixinha de madeira com umas cordas esticadas. Durante o dia ficava só na floresta e assim não era muito digno de pena; porém, à noite, ao voltar, era diferente com o rebanho extraviado. Quantas vezes o meu pai me disse que eu era um maroto, que nunca faria nada com jeito!

No sítio da floresta que Lars Larsson atravessava, um regato buscava caminho. Era a custo que avançava em terreno tão ruim: dividia-se em pequenas cascatas e no entanto dava a ideia de não chegar a qual quer parte. Ao contrário, o caminho pelo qual o músico seguia era o mais direito possível. Assim, tinha ele, de vez em quando, de atravessar uma pequena ponte sobre o regato sinuoso. O músico era portanto forçado a cruzar constantemente o regato, o que de certo modo lhe agradava.

Tinha a sensação de não estar sozinho na floresta, de ir acompanhado.

A noite estava clara; o sol ainda não tinha nascido, mas mesmo assim a luz era muita. Sentia-se, porém, que ainda não era bem de dia. As coisas tinham outra cor. As árvores estavam acinzentadas e o céu todo

branco, mas via-se tão bem como se fosse meio dia. Lars Larsson, parado numa das pontes, olhando o riacho, podia ver perfeitamente qualquer bolha de ar que subisse do fundo da água.

- Revejo a minha própria vida, olhando um regato selvagem como este - pensou o músico. Ao abrir caminho por entre os obstáculos que se levantaram diante de mim, mostrei a mesma firmeza. Meu pai, duro como uma rocha, embargava-me o caminho. Minha mãe envolvia-me carinhosamente, como entre verdura, tentando reter-me. Porém, consegui desprender-me de ambos e parti para a vida. «Decerto! Julgo que minha mãe ainda chora por mim. Não me importo! Não se pusesse no meu caminho; devia perceber que eu queria ser alguém.

Deitou ao riacho umas folhas que tirou de uma moita, com um gesto nervoso.

- Foi assim que me soltei de tudo o que me prendia - disse, olhando as folhas que a corrente levava. - A minha mãe saberá que sou agora o melhor violinista de toda a Vermlândia?

Deu uns passos apressados até encontrar outra vez o regato. Parou de novo para ver a água.

O regato aqui, fazia um barulho ensurdecedor. O músico ficou muito admirado de, por ser de noite, se ouvirem sair da água sons diferentes dos que se ouviam de dia.

Nem o mais leve ruído de folhas, nem um gorjeio de aves. Nem o tilintar de campainhas na floresta, nem ranger de rodas na estrada. Apenas se ouvia a queda da água e mais distintamente do que de dia. Parecia que se mexiam no fundo da água as coisas mais extraordinárias. Primeiro, o som de mós enormes moendo trigo; depois, vinha um som cristalino como o embater de copos numa festa, outras vezes um sussurro dava a ideia que se estava no largo duma igreja, à saída, quando as pessoas travam entre si conversas animadas.

- Isto é realmente uma espécie de música - disse para consigo Lars Larsson - ainda que não valha muito. Acho eu que a ária que compus noutra dia tinha mais interesse.

Mas quanto mais ouvia a cascata, mais lhe apreciava a música.

- Fazes progressos - gritou ele. - Com certeza percebeste que quem te ouve é o melhor violinista de toda a Vermlândia.

Precisamente no momento em que dizia estas palavras, julgou ouvir sons metálicos, saídos do fundo da água, como se lá em baixo alguém afinasse um instrumento.

- Oh! É o Neck em pessoa que aí vem! Ouço-o afinar o violino. Pois agora veremos se tocas melhor do que eu! gritou Lars Larsson a rir. -

Mas não posso ficar aqui o resto da noite à espera que te resolvas a começar - continuou, virado para a cascata. - Por agora tenho de ir, mas paro na primeira ponte para ver se tens coragem de te medir comigo.

Seguiu o seu caminho e enquanto o regato prosseguia também o seu na floresta, o músico voltou a pensar nas coisas antigas:

- Pergunto a mim mesmo o que será feito do córrego que rodeia o pátio da nossa granja. Bem gostava de tornar a vê-lo.

De vez em quando devia ir a nossa casa para saber como vive minha mãe agora sem o meu pai, que já não existe. Mas tenho tantos afazeres que me parece que não é possível. Devido às minhas ocupações de agora, acho eu, não consigo interessar-me por mais nada além do meu violino; durante toda a semana não há uma noite em que esteja disponível.

Pouco depois encontrou de novo o regato, o que lhe fez mudar o rumo às ideias. Aparecia agora em ondas profundas e calmas em vez de cascata tumultuosa. Parecia, sob a folhagem cinzenta da noite, de um negro luzente, levando ainda tufos de espuma branca, recordação das cascatas passadas.

O músico deteve-se no meio da ponte e começou a rir; só ouvia sair da água um ruído muito fraco, intervalado.

- Eu bem dizia que o Neck não vinha para o desafio; não há dúvida que é um músico de valor, mas o que há a esperar de um ser que fica impassível no seu regato sem nunca ouvir nada de novo? Ele sabe que está aqui alguém que percebe disso melhor do que ele e assim mantém-se reservado.

Depois de dizer isto, seguiu o seu caminho perdendo de vista o regato.

Entrou numa parte da floresta que sempre lhe tinha parecido sinistra. O chão estava coberto por montões de pedras onde se moviam raízes de pinheiros torcidas e nuas. Era com certeza ali que estavam escondidos os espíritos maus e perigosos, se é que os havia na floresta.

Metendo-se por aquelas pedras de aspecto bravio, arrepiou-se de medo e pensou que não tinha sido muito acertado ufanar-se ante o Neck.

Teve a impressão de que as raízes, muito grossas, lhe faziam gestos como se o ameaçassem.

- Tem cuidado! Tu que supões ter mais força do que Neck! - diziam elas.

Lars Larsson sentiu que o coração se lhe apertava de aflição. Quase não podia respirar e tinha as mãos frias. Parou no meio do caminho e tentou falar consigo mesmo:

- Não houve músico algum na cascata. Isso não passa de conversa. Assim, não tem importância o que eu disse.

E olhava à volta da floresta como se esperasse a confirmação das suas palavras.

Se já fosse dia, talvez que uma pequenina folha lhe dissesse, numa piscadela de olho, que não há perigo na floresta; mas, como ainda era noite, as árvores silenciosas e mal encaradas pareciam esconder toda a espécie de perigos.

Lars Larsson pensava, horrorizado, que tinha uma vez mais de atravessar o regato que não se separava do caminho a não ser mais adiante. Perguntava a si mesmo o que lhe faria o Neck, quando passasse a última ponte. Era possível que saísse da água uma enorme mão negra para o levar para o fundo.

Estava de tal maneira exaltado que achava preferível voltar; mas encontraria de novo o regato e se deixasse o caminho para se embrenhar na floresta, tão complicado era o seu curso, mesmo assim o encontrava.

Não sabia o que fazer, estava desorientado. Enleado por aquele regato terrível, não via possibilidade de lhe escapar.

Avistou, por fim, lá ao longe a última ponte. Na margem oposta, em frente, via-se um moinho que dava a ideia de estar abandonado. Via-se a grande mó suspensa sobre a água; as janelas cobertas de musgo, a comporta estragada no chão e nas águas-furtadas, vazias, tinham crescido mimosos fetos.

- Antigamente encontraria gente aqui e assim não correria perigo - pensou o músico.

Contudo, acalmou ao ver que andara ali a mão do homem e, ao atravessar o regato, quase não tinha medo. Nada lhe aconteceu; o Neck não lhe queria mal e irritou-se consigo mesmo por se ter exaltado por coisa nenhuma.

Sentindo-se absolutamente seguro, mais alegre ficou ao ver que se abria a porta do moinho e de lá saía uma jovem que vinha agora ao seu encontro.

Tinha o aspecto de uma camponesa: blusa larga, saia curta, lenço de algodão na cabeça e pés descalços. Abeirou-se do músico e disselhe com simplicidade:

- Dançarei para ti, se quiseres tocar para mim.

- Da melhor vontade – respondeu ele, voltando-lhe a boa disposição, visto não haver perigo. - Não há inconveniente algum; nunca deixei de tocar para uma bela rapariga que quer dançar.

À beira da represa, ajeitou-se sobre uma pedra e, ajustando o violino ao queixo, começou a tocar.

A rapariga deu uns passos, mas parou de repente.

- O que estás a tocar não anima a gente.

O músico substituiu a ária; mudou para outra mais viva, mas a rapariga continuava descontente.

- Com uma ária tão fraca, como poderei dançar?

Lars Larsson começou então a tocar a ária mais viva que sabia.

- Se esta não te satisfizer, será necessário chamar um músico mais competente do que eu.

Ao dizer isto, teve a sensação de que uma mão começava a manejar o arco, acelerando o ritmo.

Saiu então do instrumento uma ária como nunca se tinha ouvido. O movimento era tal, que se se lançasse uma roda a toda a velocidade, não o poderia acompanhar.

- Isso é que é uma ária para dançar! - gritou a rapariga, começando a girar.

Mas o músico nem a olhava. A ária que ele próprio tocava surpreendeu-o de tal maneira que cerrou os olhos para escutar melhor.

Quando pouco depois os abriu, a rapariga tinha desaparecido, mas não ficou muito admirado por isso: continuou a tocar por tempo indefinido porque nunca ouvira música como aquela.

- Agora julgo que devo parar - disse ele, querendo largar o arco.

Porém, este continuava em andamento. Ia para cá e para lá sobre as cordas, obrigando a mão e o braço a seguirem o seu movimento. E a mão que segurava o violino e manjava as cordas também não se podia desprender.

- Como será o fim disto? Serei forçado a ficar aqui até ao dia de juízo final? - perguntava a si mesmo, exasperado.

E o arco continuava a dançar desenfreadamente lembrando, como por encanto, árias sem fim. Surgia um trecho novo, constantemente, de tanta beleza, que o pobre do músico era forçado a concordar que a sua sabedoria de nada valia. E isso atormentava-o muito mais do que o cansaço.

- O que usa o meu violino é muito competente e eu não tenho passado de um trapalhão. Agora é que eu sei o que é tocar!

Por breves instantes, com o entusiasmo da música, esqueceu a sua pouca sorte, mas de súbito sentiu os braços doridos de fadiga e o

desespero tomou, de novo, conta dele.

- Hei-de tocar este violino até morrer, não o poderei largar! Bem compreendo que é esse o desejo de Neck.

E, sempre a tocar, começou a chorar com pena de si mesmo.

- Era melhor ter ficado na casota de minha mãe. Para que serve todo o meu valor, se tenho de acabar assim?

Ficou na mesma horas sem fim. Chegou a manhã, rompeu o sol, os passarinhos começaram a cantar e ele tocava sem descanso.

O dia que se seguiu era domingo; por isso Lars Larsson teve de ficar só ao pé do velho moinho. Ninguém seguiu a estrada da floresta: iam todos para as aldeias que ornavam a estrada real ou para a igreja do vale.

O sol ia cada vez mais alto no céu; passou-se a manhã. Os pássaros não cantavam, mas ouvia-se o ruído das agulhas dos pinheiros.

Lars Larsson tocava, tocava; nem o calor daquele dia de verão o detinha.

O sol desapareceu, a noite chegou, mas o seu arco não precisava de descanso e o braço continuava em movimentos febris.

- Não há dúvida que isto só acabará com a morte e será o justo castigo do meu orgulho.

Já noite alta viu que uma pessoa se aproximava por entre a floresta; era uma velhinha curvada, de cabelos brancos e rosto enrugado.

- Que coisa extraordinária! - pensou o músico. Julgo conhecer esta velha. - É possível que seja a minha mãe? É possível que ela esteja tão branca, tão velha?

Para fazê-la parar, chamou-a em voz alta:

- Mãe, mãe, chega aqui!

- Certifico-me agora, com os meus próprios ouvidos, que és o melhor violinista de toda a Vermlândia - disse ela - e compreendo que não te importes com uma velha como eu.

- Mãe, mãe, não passes! - gritou Lars Larsson. Não sou exímio tocador, não passo de um patife. Chega aqui para eu te falar!

Então a mãe ao aproximar-se viu como se encontrava, mortalmente pálido, os cabelos ensopados em suor e das unhas corria-lhe sangue.

- Mãe, caí em desgraça, devido à minha vaidade e agora tenho de morrer a tocar.

Todo o ressentimento que tinha contra o filho desapareceu e a mãe sentiu então uma grande pena dele.

- Perdoo-te, sim!

Mas querendo provar-lhe que lhe perdoava sinceramente, invocou o nome do Senhor para confirmar o perdão.

Lars Larsson sentiu então a testa cobrir-se-lhe de suor frio e tomou conta dele um medo horrível.

- Perdoo-te em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Então o arco parou, o violino caiu por terra e o violinista, salvo e liberto, levantou-se.

Quebrara-se o encanto na altura em que a sua velha mãe cheia de pena por vê-lo tão desgraçado, pronunciou o nome do Senhor.

A NOIVA DO CAVALO-HOMEM -

Lord Dunsany



Na manhã do seu ducentésimo quinquagésimo ano, Shepperalk, o centauro, foi à arca dourada, onde estava guardado o tesouro dos centauros, e, retirando de lá o precioso amuleto que seu pai, Jyshak, em sua juventude, martelara no ouro da montanha e incrustara de opalas barganhadas com os gnomos, ajeitou-o sobre a cintura, para, sem dizer palavra, deixar a caverna de sua mãe. E levou consigo também aquele clarim dos centauros, aquele famoso corno de prata, que em sua época tinha intimado à rendição dezessete cidades do Homem, e que durante trinta anos zurrara para muralhas estreladas no cerco a Tholdelblarna, a cidadela dos deuses, época na qual os centauros empreenderam sua fabulosa guerra e não podiam ser vencidos por força de nenhum exército, mas se retiraram lentamente numa nuvem de poeira ante o milagre final dos deuses, o qual Estes sacaram, em Sua necessidade desesperada, do Seu último arsenal. Apanhou-o e afastou-se, e sua mãe apenas suspirou e o deixou ir.

Ela sabia que hoje ele não beberia das águas da corrente que provinha dos terraços de Varpa Niger, as terras interiores das montanhas, que hoje ele não pararia para admirar o pôr-do-sol e depois retornar trotando à caverna, para dormir sobre juncos colhidos às margens de rios que o Homem ignora. Ela sabia que com ele aconteceria como tinha acontecido com o seu pai há muito tempo, e também com Goom, o pai de Jyshak, e também com os deuses num passado ainda mais remoto. Assim, apenas suspirou e o deixou ir.

Mas ele, saindo da caverna que era o seu lar, passou pela primeira vez além do pequeno riacho e, contornando a curva dos penhascos, viu refulgir diante de si a planície mundana. E o vento do outono que alourava o mundo, soprando das encostas da montanha, bateu frio contra suas ancas nuas. Ele ergueu a cabeça e aspirou. “Sou um cavalo-homem agora!”, gritou bem alto. E, saltando de rochedo em rochedo, galopou entre vales e funduras, entre leitos de rios e vestígios de avalanches, até chegar às léguas indomáveis da planície, deixando atrás de si, para sempre, as montanhas atraminaurianas.

Seu destino era Zretazoola, a cidade de Sombelene. Que lendas acerca da beleza sobre-humana de Sombelene ou sobre as maravilhas de seu mistério teriam fluído através da planície mundana até o fabuloso

berço da raça dos centauros, as montanhas atraminaurianas, eu não sei dizer. No entanto, no sangue do homem há uma vaga, uma antiga corrente marinha, que é de algum modo aparentada ao crepúsculo, a qual traz até ele rumores de beleza provenientes de todas as lonjuras, tais como vestígios flutuantes de ilhas ainda não descobertas nos chegam pelo mar. E essa vaga torrencial que visita o sangue do homem vem dos quadrantes fabulosos de sua linhagem, do legendário, do antigo. Leva-o para as florestas, para as colinas. Ele ouve a canção ancestral. Assim pode ter sido que o sangue legendário de Shepperalk se agitou nessas montanhas fabulosas, nos extremos do mundo, ao ouvir rumores que somente o airoso crepúsculo conheceria e que apenas ao morcego confidenciaria, pois Shepperalk era mais lendário ainda do que o homem. O certo é que ele se encaminhou, desde o princípio, para a cidade de Zretazoola, onde morava Sombelene em seu templo, embora a planície mundana, seus rios e montanhas se interpusessem entre o lar de Shepperalk e a cidade que buscava.

Quando os pés do centauro tocaram pela vez primeira a grama daquela macia terra de aluviões, ele soprou alegremente o corno de prata, saltitando e corcoveando, e galopou feliz através das léguas. As distâncias vinham até ele como uma donzela com sua lâmpada, uma nova e bela maravilha; o vento ria ao passar por ele. Ele baixava a cabeça para sentir o aroma de uma flor, e levantava-a para ficar mais perto de estrelas jamais vistas. Deleitou-se, atravessando reinos; alcançou rios em sua carreira. Como vos direi – a vós que viveis nas cidades –, como vos direi o que ele sentiu ao galopar? Sentiu-se forte como as torres de Bel-Narana, leve como esses palácios de gaze que a aranha encantada constrói entre o céu e o mar ao longo das costas de Zith, ligeiro como algum pássaro que se apressa de manhã para cantar entre os pináculos de uma cidade antes de vir o dia. Era o companheiro devotado do vento. De alegre, era uma canção. Os raios de seus ancestrais lendários, os deuses primitivos, começavam a se misturar ao seu sangue; seus cascos trovejavam. Veio às cidades dos homens, e todos os homens tremeram, pois se lembraram das guerras antigas e míticas, e agora aborreciam novas batalhas e temiam pela raça do homem. Nem por Clio essas guerras são lembradas, a história não as conhece, mas e daí? Nem todos nós já nos assentamos aos pés de historiadores, mas todos aprendem fábulas e mitos sobre os joelhos de suas mães. E não houve ninguém que não temeu guerras estranhas quando viu Shepperalk voltar e correr ao longo das vias públicas. Assim ele passava de cidade em cidade.

À noite ele se deitava apaziguado sobre os juncos de algum pântano ou floresta. Antes da aurora, levantava-se triunfante e, no escuro, bebia abundantemente de algum rio; e afastando-se trotaria até algum

lugar elevado para ver o nascer do sol e saudar o levante com os ecos de sua jubilosa trompa. E, deuses!, o sol levante acorreria aos ecos, e as planícies iluminadas pelo brilho novo do dia, e as léguas se esparramando em volta como águas que jorram do alto, e esse alegre companheiro, o vento bulhento e risonho, e os homens e os medos dos homens e suas pequenas cidades; e, após isso, grandes rios e vastidões e novas colinas enormes, e então novas terras para além delas, e mais cidades dos homens, e sempre o velho companheiro, o glorioso vento. De reino em reino ele passou, e no entanto seu fôlego não se alterava. “É uma coisa áurea galopar sobre boa turfa quando se é jovem”, dizia o jovem cavalo-homem, o centauro. “Ah, ah”, dizia o vento das colinas, e os ventos da planície respondiam.

Sinos bimbalhavam sobre torres frenéticas, sábios consultavam alfarrábios, astrólogos perquiriam o portento nas estrelas, os velhos faziam profecias sutis. “Ele não é veloz?”, diziam os jovens. “E como é feliz!”, diziam as crianças.

Sucedendo-se, as noites o punham para dormir, e os dias iluminavam seu galope, até que chegou às terras dos homens atalonianos que vivem nos limites da planície mundana, e delas passou às terras da lenda outra vez, tais quais aquelas onde se criara no outro lado do mundo, e que bordejam a margem do mundo e se mesclam ao crepúsculo. E ali um pensamento impositivo se manifestou em seu coração infatigável, pois sabia estar perto de Zretazoola, a cidade de Sombelene.

O dia tinha avançado quando se aproximou da cidade, e nuvens coloridas de entardecer corriam baixas sobre a planície à sua frente. Ele galopava em direção à sua névoa dourada, e quando ela ocultava de seus olhos a imagem das coisas, os sonhos despertavam em seu coração, e ele ponderava romanticamente sobre todos esses rumores que costumavam chegar até ele vindos de Sombelene, conduzidos pela camaradagem das coisas fabulosas. Ela morava (dizia, em segredo, o entardecer ao morcego) num pequeno templo à margem solitária de um lago. Um bosque de ciprestes ocultava-a da cidade, de Zretazoola dos caminhos íngremes. E em frente ao seu templo jazia o seu túmulo, seu triste sepulcro lacustre de porta sempre aberta, para que sua beleza estonteante e os séculos de sua juventude não alimentassem entre os homens a heresia de que a adorada Sombelene fosse imortal: pois apenas a sua beleza e a sua linhagem eram divinas.

Seu pai tinha sido meio centauro e meio divino, sua mãe era a filha de um leão do deserto e daquela esfinge que guarda as pirâmides; e ela era mais mística do que Mulher.

Sua beleza era um sonho, era uma canção, o único sonho de toda uma

vida sonhado entre orvalhos encantados, a única canção cantada para alguma cidade por um pássaro imortal que alguma tempestade do Paraíso tivesse arrebatado para longe de suas plagas natais. Aurora após aurora nascendo sobre montanhas de romance, ou crepúsculo após crepúsculo nunca poderiam igualar a sua beleza. Todos os vagalumes não saberiam o segredo entre eles, nem todas as estrelas da noite. Os poetas nunca a cantaram, nem o anoitecer imagina o que ela significa; a manhã a invejava, e era interdita aos amantes.

Ela não fora desposada, não fora jamais cortejada. Os leões não vinham cortejá-la porque temiam sua força, e os deuses não ousavam amá-la porque sabiam que ela devia morrer.

Isso foi o que o entardecer sussurrou ao morcego, isso foi o sonho no coração de Shepperalk, enquanto trotava cego através da bruma. E, de repente, apareceu sob os seus cascos, na escuridão da planície, a depressão das terras lendárias, e Zretazoola aninhada na depressão, a banhar-se ao sol do entardecer.

Rápida e habilmente ele desceu pelo despenhadeiro e, entrando em Zretazoola através do portão externo que olha diretamente para as estrelas, passou num galope pelas ruas estreitas. Muitos acorreram às sacadas enquanto ele galopava, muitos enfiaram a cabeça para fora das janelas, e esses são mencionados na velha canção. Shepperalk não se deteve para saudações ou para responder às advertências das torres marciais. Ele atravessou o portão que levava através da terra como o raio de seus ancestrais e, tal como Leviatã saltando sobre uma águia, levantou-se das águas entre o templo e o túmulo.

Com os olhos semicerrados, subiu galopando os degraus do templo e, vendo muito obscuramente através das pálpebras, agarrou Sombelene pelos cabelos, ainda não ofuscado pela sua beleza, e assim a arrastou para fora. Então, saltando com ela sobre o abismo sem fundo onde as águas do lago caem para o esquecimento através de um buraco no mundo, levou-a para não se sabe onde, a fim de ser seu escravo para todos os séculos que são concedidos à sua raça.

Três grandes sopros ele deu, enquanto ia, naquela trompa de prata que é o imemorial tesouro dos centauros. Esses foram os seus sinos nupciais.

UM LOUCO? – Guy de Maupassant

Quando me contaram: "Sabe que Jacques Parent morreu numa casa de saúde?", um doloroso calafrio, um calafrio de medo e angústia me percorreu pelos ossos; e revii bruscamente, depois de tanto tempo, aquele corpulento e estranho louco, talvez, maníaco inquietador, medonho mesmo.

Era um homem de quarenta anos, alto, magro, meio curvo, com olhos de alucinado, olhos negros, tão negros que não se lhe distinguiam as pupilas, móveis, inquietas, enfermas, angustiantes. Aquele ser singular, perturbador, que emanava, que lançava em redor de si um vago mal-estar, da alma, do corpo, uma dessas incompreensíveis reações nervosas que fazem crer em influências sobrenaturais.

Ele possuía um sestro aborrecido: a mania de esconder as mãos. Porque jamais ele as deixava errar como nós fazemos sobre todos os objetos, em cima das mesas. Jamais ele agarrava as coisas com aquele gesto familiar que todos temos. Jamais ele as conservava nuas, aquelas mãos ossudas, magras, algo febricitantes.

Ele as afundava nos bolsos, sob as axilas, ao cruzar os braços. Diziam que receava que elas praticassem, à sua revelia, algum gesto proibido, que cometessem alguma ação vergonhosa ou ridícula, caso as deixasse livres em seus movimentos.

Quando era obrigado a servir-se delas, para os usos comuns da vida, fazia-o por movimentos bruscos, rápidos impulsos dos braços, como se não lhes quisesse dar tempo de agir por si próprias, de fugirem à sua vontade, de executarem outros movimentos. À mesa, servia-se do copo, do garfo ou da faca tão rapidamente que nunca se tinha tempo de prever o que iria fazer antes que ele completasse o gesto.

Então, certa noite, tive a explicação da surpreendente doença de sua alma.

Ele vinha passar, de tempos em tempos, algum dia comigo no campo, e, naquela noite, apareceu-me particularmente agitado.

Uma tempestade desenhava-se no céu, abafado e negro, depois de um dia de calor atroz. Nenhum sopro de ar movia as folhas. Um calor de forno oprimia os rostos, fazendo os peitos ofegarem. Eu me sentia mal, agitado, e desejava ir para a cama.

Quando percebeu que me levantava para sair, Jacques Parent segurou,

me pelos braços, num gesto sobressaltado.

— Oh, não, fique mais um pouco! - exclamou.

Fitei-o com surpresa, e murmurei:

— Essa tempestade próxima abala-me os nervos.

Ele gemeu, ou melhor, berrou:

— E a mim, então? Oh, fique, rogo-lhe, pois não posso estar sozinho!

Pareceu-me desvairado.

Perguntei-lhe:

— Que tem você? Perdeu a cabeça?

— Sim, em alguns momentos, como em noites assim, noites plenas de eletricidade. . . eu tenho... eu tenho... tenho medo... tenho medo de mim mesmo ... Não me compreende? É que sou dotado de um poder ... não, de uma potência... de uma força... Enfim, não sei explicar o que seja, mas existe em mim uma ação magnética tão extraordinária que me apavora, que me faz temer a mim mesmo, como lhe disse há pouco.

E, ao falar, sentia estranhos arrepios, suas mãos vibravam, ocultas, por baixo do paletó.

E eu mesmo me senti logo invadido de um temor confuso, poderoso, horrível. Tive vontade de partir, salvar-me, de nunca mais vê-lo, de jamais tornar a ver aqueles olhos errantes pousarem em mim, e depois se afastarem, fixarem-se no teto, à procura de algo, de algum canto sombrio onde se firmarem, como se ele quisesse ocultar, também, seu temível olhar.

Balbuciei a custo:

— Você nunca me disse isso.

E ele retrucou:

— E quer que conte isso a qualquer um? Vamos, ouça, esta noite não mais me posso calar. E apraz-me, realmente, que você fique sabendo de tudo. Sim. - até poderá socorrer-me, se for preciso.

— O magnetismo! Sabem lá o que é? Não. Ninguém o sabe. Todavia, o constatam. Reconhecem-no os próprios médicos, que o praticam. Um dos mais ilustres, Charcot, professa-o; então, sem dúvida, existe.

Um homem, um ser, possui o poder terrível e incompreensível de adormecer, com a força de sua vontade, outro ser, e, durante o sono deste, rouba-lhe o pensamento, ou melhor, sua alma; a alma, esse santuário, esse recesso do Eu, a alma, esse segredo que o homem julga impenetrável, a alma, esse refúgio dos indecifráveis pensamentos, de

tudo que ocultamos, de tudo quanto amamos, de tudo que desejamos furtar aos olhos humanos.

E ele a abre, viola-a, escancara-a, mostra-a em público! Não é isso atroz,.criminoso, infame?

— Porque, como se pode fazer tal coisa? Quem poderá sabê-lo?

Tudo é mistério. Nós não nos comunicamos com as coisas senão por meio de nossos miseráveis sentidos, incompletos, frágeis, tão débeis que mal têm o poder de verificar o que nos rodeia. Tudo é mistério. Pense na música, essa arte divina, essa arte que nos arrebatava a alma, que a transporta, que a embriaga, que a enlouquece; e que e ela, então?

Nada!

Você não me compreende? Ouça. Dois corpos se chocam. O ar vibra. Essas vibrações são, mais ou menos, numerosas, mais ou menos rápidas, mais ou menos fortes, segundo a natureza do choque. Agora, nós temos no ouvido uma pequena membrana, que recebe essas vibrações do ar e as transmite ao cérebro, em forma de som. Imagine que um copo de água se transforme em vinho em sua boca. O tímpano realiza essa incrível metamorfose, esse surpreendente milagre de transformar o movimento em som. E isso é tudo.

A música, essa arte complexa e misteriosa, exata como a álgebra e vaga como um sonho, essa arte feita de matemáticas vibrações, resulta, portanto, da estranha propriedade de uma membrana. Se não existisse essa membrana, o som também não existiria. Porque ele, em si, não passa de uma vibração. Sem o ouvido, se tornaria ele em música? Não!

Pois bem, nós somos rodeados de coisas que Jamais perceberemos, porque nos faltam os órgãos necessários que no-las revelem.

O magnetismo pode ser uma dessas coisas, talvez. Nós não podemos senão pressentir-lhe o poder, mal tentamos timidamente sentir a proximidade dos espíritos, sem poder explicar esse novo segredo da natureza, porque não possuímos o instrumento revelador.

Quanto a mim - Quanto a mim, sou dotado de um poder espantoso. Dir-se-ia haver outro ser encerrado em mim, que deseja, sem cessar, evadir-se, agir à minha revelia, um ser que se move, que me rói, que me possui. Quem é ele? Nada sei, mas somos dois em meu pobre corpo, e é ele, o outro, que frequentemente é o mais forte, como acontece esta noite. Basta-me apenas olhar para as pessoas para adomecê-las. como se lhes houvesse ministrado ópio. Basta-me estender as mãos para produzir coisas... coisas horríveis. Você quer saber? Sim, você quer saber! Meu poder estende-se não só sobre os

homens mas também sobre os animais e, mesmo... sobre os objetos. E isso me atormenta e me apavora. Quantas vezes me assaltou o desejo de vazar os olhos e decepar as mãos! Mas eu quero... quero que você saiba de tudo! Venha! Vou mostrar-lhe aquilo... não sobre criaturas humanas, que isso todos sabem fazer, vê-se: em toda parte, mas sobre... sobre... um animal. Chame Mirca!

Ele caminhava a passos largos, feito um alucinado, e suas mãos saíram dos bolsos. Elas surgiram assustadoras, como se ele houvesse desnudado duas espadas.

Eu lhe obedecia maquinalmente, subjugado, vibrando de terror, mas devorado por uma espécie de desejo impetuoso de ver, de saber. Abri a porta e assobieei para minha cadela, que dormia no vestíbulo. Ouvi-lhe logo o raspar das unhas junto às escadas e ela surgiu alegre, balançando o rabo.

Em seguida, fiz-lhe sinal para deitar-se numa poltrona; ela obedeceu e Jacques começou a olhar para ela, afagando-a.

A princípio, a cadela parecia inquieta: estremecia, virava a cabeça. a fim de evitar o olhar fixo do homem, tomada de um medo sempre crescente. De repente, principiou a tremer, como tremem os cães. Todo seu corpo palpitava, sacudido de longos arrepios, e quis fugir dali. Mas Jacques pousou a mão sobre o crânio do animal, que emitiu, ao ser tocado, um desses longos uivos que se ouvem à noite pelos campos.

Sentei-me, também assustado, estarrecido, tanto, como se estivesse enjoando a bordo de um barco em mar agitado. Eu via os móveis caindo, moverem-se pelas paredes. E gaguejei:

— Chega, Jacques, chega!

Mas ele não mais me escutava, olhava para Mirza com um olhar fixo, contínuo, assustador. Ela cerrou os olhos enquanto deixava tombar a cabeça como se houvesse adormecido. Jacques olhou para mim.

— Está feito, agora você já viu.

E, atirando seu lenço para o outro lado do quarto, gritou: — Traga-mo!

O animal então se levantou e, tropeçando, cambaleando, como se estivesse cego, mexendo suas patas a custo, como os paráliticos fazem com suas pernas, seguiu na direção do lenço, que parecia uma mancha branca no chão. Ela tentou várias vezes pegá-lo na boca, mas mordida aos lados, sem atingi-lo, como se não o visse. Afinal alcançou-o e voltou para nosso lado, sempre. Parecendo um cão presa de sonambulismo.

Era um espetáculo horrível de ver. Jacques ordenou: — Deite-se!

Ela deitou-se. Então, ele lhe tocou a testa e disse: — Uma lebre! Pega, pega!

— E o animal, sempre de lado, tentou correr movendo-se como se estivesse dormindo, e emitia, sem abrir muito a goela, pequenos latidos de ventríloquos.

Jacques parecia ter enlouquecido. O suor jorrava-lhe da testa. Gritou: — Morda, morda seu patrão!

A cadela teve dois ou três terríveis sobressaltos. Eu teria jurado que ela estava resistindo à ordem, que relutava. Ele repetiu: — Morda-o!

Então, levantando-se, a cadela veio para meu lado. e eu recuei para junto da parede, fremindo de medo, o pé levantado para repeli-la.

Mas Jacques ordenou:

— Aqui, depressa!

Ela obedeceu-lhe. Então, com suas mãos enormes, ele pôs-se a esfregar a cabeça do animal, parecendo desembaraçá-lo de invisíveis liames.

Mirza reabriu os olhos:

— Pronto, está acabado, - disse Jacques.

Não ousei sequer tocá-la, e enxotei-a até à porta, por onde saiu. Caminhava lentamente, insegura, esgotada, e ouvi suas unhas novamente arranharem o chão.

Jacque; dirigiu-se a mim novamente:

— E isso não é tudo. O que mais me espanta, eis aqui, tome! Os objetos me obedecem também.

Ele tinha posto sobre a mesa uma espécie de corta, papel, de que me servia para cortar as páginas dos livros. Estendeu a mão para o objeto, que parecia rastejar, aproximando-se lentamente; e de súbito eu vi, sim, o corta-papel estremecer, depois agitar-se, deslizar suavemente, sozinho, sobre a madeira, rumo à mão que o aguardava, colocando-se-lhe entre os dedos.

Pus-me a gritar de terror. Também acreditei ter enlouquecido, mas o agudo de minha voz logo me acalmou.

Jacques recomeçou:

— Todos os objetos vêm, assim, à minha ordem. É por isso que oculto as mãos. Que será isso? Magnetismo, eletricidade, ímã? já não sei mais nada, porém, isso é horrível. E compreende você, também, por que é horrível? Quando estou só, assim que me encontro só, não posso impedir-me de atrair tudo quanto me rodeia. E passo dias inteiros

mudando as coisas de lugar, não deixando nunca de experimentar esse abominável poder, como para verificar se ele não me deixou!

Ele havia metido de novo suas enormes mãos nos bolsos e olhava para as trevas, além da vidraça. Um pequeno ruído, um leve movimento pareceu sacudir a folhagem, por entre o arvoredor.

Era a chuva que começava a cair.

Murmurei:

— É espantoso!

Fie acrescentou:

— É horrível.

Um estrondo percorreu a folhagem, semelhante a uma rajada de vento. Era o aguaceiro, a pancada d'água, chovia torrencialmente.

Jacques começou a respirar a plenos pulmões, soerguendo o tórax.

— Deixe-me, - disse - a chuva vai acalmar-me. Neste momento, desejo ficar só.

PORQUE EU COMI MINHA MULHER

– Michael Gira



Eventualmente tudo se funde — tudo é orgânico. É impossível distinguir uma coisa da outra. Quando sua mente está esvaziada do egoísmo, ela se esmigalha e se dissolve na água. Se eu cortar meu corpo e concentrar corretamente, eu não sentirei nada. Cada vez que meu coração bate, ele estremece violentamente e açoita sem eixo, empurrando na base de meu cérebro. Memórias movem-se pela coagulada e putrefata floresta dentro de minha cabeça e esmagam o presente com seus pés. Minhas memórias não me pertencem. Elas são tão desconhecíveis como a lacraia remexendo suas pernas no canto escuro debaixo da pia. Quando uma imagem se move pelo meu sistema nervoso, é com a ganância predatória de um intruso. Meu corpo está deitado aberto, transparente, indefeso. Cada segundo de tempo corresponde a um inseto alimentando-se de meu sangue.

Quando minha mulher e eu juntávamos nossos corpos, eu caí em seu corpo e vesti sua pele como uma cobertura de borracha. Ela me protegeu do que está lá fora. Agora que ela está morta, eu estou certo de que logo serei comido. Eu sou um corpo sem pele, meus músculos estão secando ao sol. Eu me sinto encolhendo.

Eu a usei como um processo, um sistema no qual nós podíamos nos misturar com a matéria além de nossos pensamentos egoístas. Quando sua mão acariciava minha perna, quando sua boca molhava minha pele, o estímulo que eu experimentava era a primeira onda de um fluxo que iria derradeiramente apagar a nós dois. Eu a amo mais do que necessito de minha própria identidade. Apesar de seu corpo repousar aqui sobre a mesa em minha frente, eu não preciso abrir meus olhos para vê-la em detalhes, para senti-la fisicamente saturar meus sentidos. O amor permite a micróbios e vírus passarem pelo meu corpo sem resistência. Ao amá-la, eu perco a vontade de viver. Se eu comer seu corpo agora, eu a tomarei de volta para mim. Mas a cada pedaço que engolir, eu estarei removendo uma equivalente quantidade de mim mesmo.

Sua fragrância depreende tremeluzindo numa nuvem acima dela, e dá ao ar o sabor do mel. Seus seios começam a escorregar o monte de suas costelas, apodrecendo, não mais firmes em arrogância ou inflados com a promessa de fertilidade. Os bicos, que eu havia tomado eu

minha boca, chupado e mordido, estão de pé como em desafio contra o volume em retirada de seu peito abaixo e ao lado. A gravidade está empurrando-a para dentro de si mesma como areia movediça. Sua barriga está movendo-se, emitindo obscuras encantações demoníacas de dentro de suas profundezas ao formar gazes ao decompor-se.

Olhando logo abaixo para sua boca aberta, eu posso ainda lembrar-me do gosto, do sabor levemente acaramelado de sua saliva, e sentir a resistência borrachosa de sua língua deslizando na minha boca, circunscrevendo meus dentes, embrulhando-se em minha língua. Mas agora, uma caverna aberta em seu rosto mostra o couro grosso e morto de sua língua, como o cadáver de um mamífero na praia, que arrastou-se para o interior de sua boca para esconder-se do sol e dos enxames de moscas. Seus lábios, que já foram um fruto raro cujo suco eu chupava, estão agora enrugados e rachados como um damasco seco.

Seus olhos me fitam, cauterizando meu rosto com ácido corrosivo. Minhas lágrimas escorrem devagar para o canto de meus olhos, espessas como querosene.

Sete dias atrás, ela se parou secretamente na entrada de nosso quarto a me observar, enrolado na cama lendo, desatento a sua presença, até que ela silenciosamente aproximou-se exalando um ar quente em minha nuca.

Agora sua carne está aqui, desprovida de gesto ou empatia, reduzida a um mero processo, como fermento reagindo à água. As moléculas que compreendem seu corpo estão movendo-se, separando-se uma das outras, reorganizando-se e dissipando-se na circundante corrente de biologia, não estando mais mantendo-se unidas pelo material adesivo de sua vontade individual. Eu sinto meu próprio corpo espumando-se junto a partículas, material genético, átomos, parasitas...

O cheiro de seu sexo arrasta-se para dentro do útero de dentro do meu cérebro onde gesta, formando uma memória perfeita, um centro vermelho e duro de luxúria impossível que faz brilhar e esquentar meus pensamentos.

Eu me curvo à ela para um último beijo fútil. O interior de sua boca excreta uma grudenta cola branca que cheira como se viesse de um lugar no fundo da terra — uma reserva de composto animal escondido numa tumba escura. Eu pego uma faca de cozinha serrilhada e removo seus dedos cuidadosamente, guardando os fluídos que escorrem numa toalha de banho branca. Eu como estes possuídos fragmentos de sua alma com um cuidado empírico, transfixado por seus olhos fixos. Estou intoxicado com o fim de sua memória e a transmissão de seu gosto, odor, e textura para dentro de minha mente e do meu corpo.

Com o passar das semanas, cada dia traz a ingestão de um outro pedaço de sua essência. Quando a substância de seu corpo me invade, eu sou transformado numa entidade além de mim mesmo, e também além dela. Essa evolução é apenas o primeiro passo na minha própria e lenta decomposição, enquanto me fundo com infinitos organismos que, em troca, se alimentarão de mim, e que, por fim, irão misturar-me na atmosfera...

RATOS DO CEMITÉRIO – Henry Kuttner

O Velho Masson, zelador de um dos mais antigos e relaxados cemitérios da cidade de Salem, vivia eternamente às voltas com os ratos. Há gerações atrás, tinham vindo eles dos molhes, dos cais, e se instalaram no cemitério, uma verdadeira colônia de enormes ratos.

Quando Masson passou a ocupar o atual cargo, após o desaparecimento inexplicável do outro zelador, decidira dar-lhes caça. A princípio, deitara-lhes armadilhas, envenenara comida, que largava pelos buracos, e, mais tarde, experimentara matá-los com uma espingarda, mas nada conseguiu. Os ratos continuavam, multiplicavam-se, infestando o cemitério, com suas hordas inextinguíveis.

Eram enormes, mesmo para o "mus decumanus", que as vezes chega a medir quinze polegadas, excluindo-se o rabo cinza e rosa. Masson entrevira alguns tão grandes quanto gatos e, quando, certa vez, os coveiros remexeram em suas tocas, os mal odorosos túneis eram tão largos, que permitiriam a passagem de um homem agachado.

Vieram de distantes portos Salem, trouxeram consigo. Os navios, que gerações atrás para os cais arrebatados de estranhas cargas.

Masson frequentemente se admirava do tamanho desses túneis. Lembrava-se vagamente de lendas perturbadoras, que ouvira ao chegar àquela Salem, antiga e povoada de contos de feitiçaria - narrativas de uma vida inumana, moribunda, que se dizia ter existido em tocas esquecidas, nas profundezas da terra. Os velhos dias em que Cotton Mather perseguira os cultos diabólicos, que veneravam Hécate e a Magna Mater, orgias infernais, tinham passado. Mas, escuras e tétricas casas de torres pontiagudas ainda se inclinavam perigosamente umas para as outras em ruelas estranhas. E segredos blasfemos atestavam que, nas suas cavernas e adegas subterrâneas, celebravam-se ainda os ritos negros, que desafiavam a sanidade mental. Meneando gravemente a cabeça branca, os mais velhos afirmavam que havia. Poucas cousa piores que ratos infestando a terra esburacad dos antigos cemitérios de Salem.

E, aqui, voltamos à curiosa questão dos ratos. Masson odiava e respeitava os ferozes roedores, pois conhecia o perigo que se

desprendia de seu pêlo luzidio e caninos aguçados. Não entendia, porém, o horror que os mais velhos ressentiam pelas casas abandonadas de viventes e infestadas de ratos. Ouvira vagos rumores sobre - espectrais, que perambulam pelos subterrâneos e cujo poder se exerce sobre ratos, a organizá-los como um verdadeiro exército. Os ratos, murmuravam os mais velhos, são os mensageiros entre este mundo e o outro, que se oculta sob a terra de Salem. Cadáveres tinham sido roubados de seus túmulos, para os festins subterrâneos, assim diziam.

Masson não cuidava muito dessas histórias. Não confraternizava com seus vizinhos e tudo fazia, na verdade, para ocultar a existência dos ratos aos intrusos. Investigações, pensava ele, não sem razão, significariam a abertura de inúmeros túmulos. E, conquanto alguns caixões e corroídos, esvaziados mesmo, pudessem ser atribuídos à ação dos ratos, Masson achava difícil explicar os corpos atirados, que jaziam em algumas das tumbas.

O ouro, o mais puro, é usado na obturação de dentes, o esse ouro não é removido por ocasião do sepultamento. Roupas, está claro, são outro assunto, pois o agente funerário se encarrega de que seu cliente vista as mais baratas possíveis. Mas o ouro não. E, mais ainda: estudantes de Medicina e médicos de reputação duvidosa estão sempre à cata de cadáveres e não se incomodam absolutamente em conhecer a origem desse fornecimento.

Por isso, Masson, até agora, conseguira impedir as investigações. Negara firmemente a existência dos ratos, embora estes lhe roubassem frequentemente a presa. Masson pouco se incomodava com o que acontecesse aos corpos, depois que neles tivesse exercido sua operação, e os ratos, exoravelmente, arrastavam, o cadáver, através do buraco, roíam na parede do caixão.

O tamanho desses buracos, às vezes, preocupava Masson. Acrescia, ainda, a estranha circunstância dos sarcófagos serem sempre abertos na parte correspondente às extremidades, nunca no cimo ou nos lados. Poder-se-ia crer que trabalhavam sob as ordens de algum líder impassível e extraordinariamente inteligente.

Neste momento, Masson achava-se de pé, em uma cova descoberta, atirando para o lado os últimos montes de terra. Chovia, uma garoa miúda e fria, que, por semanas a fio, castigava a terra. O cemitério parecia um lamaçal amarelo, de que se destacavam as tumbas, como monstros desordenados.

Os ratos haviam-se retirado para suas tocas e fazia dias que Masson não punha os olhos sequer num. Seu rosto barbudo e de expressão dura estava totalmente enrugado. O caixão que pisava era de madeira.

O corpo tinha sido sepultado dias antes, mas Masson ainda não ousara desenterrá-lo.

Um parente do morto viera ao cemitério, por diversas vezes, arrostando o mau tempo.

Confiava, porém, agora, em que não apareceria a horas tão tardias, por maior que fosse a sua dor, pensava Masson, a fazer caretas das mais horríveis. Descansou por instantes.

Da colina, em que estava situado o velho cemitério, divisava as luzes de Salem, tremeluzindo, através da neblina. Tirou uma lanterna do bolso. Precisaria de luz, agora.

Empunhou a pá, inclinou-se e examinou a fechadura do caixão.

Parou abruptamente. Sua atenção foi despertada por um leve mexer, sob seus pés, como se algo se movesse dentro do caixão. Um medo supersticioso tomou conta dele, detendo-lhe a respiração, até que percebeu o significado daqueles ruídos. Os ratos tinham-no precedido, despojando-o de sua presa.

Num paroxismo de ódio, Masson arrebitou as ligaduras do caixão, enfiando a ponta da pá entre a tampa e o esquite: propriamente dito. Iluminou-o com a lanterna.

A chuva caiu de encontro ao cetim branco, do forro. O caixão estava vazio. Masson percebeu movimento na extremidade do sarcófago e dirigiu a lanterna para ela. Um buraco enorme deixava entrever um sapato preto, que se arrastava vagarosamente, e o homem compreendeu que os ratos o haviam precedido de apenas alguns minutos.

Caiu sobre os joelhos e tentou agarrar o sapato, deixando tombar a lanterna dentro do caixão. O sapato não foi, alcançado e ele ouviu um guincho agudo, excitado. Tomou novamente a lanterna, iluminando o buraco.

Era bem grande. Tinha que ser, ou o cadáver não poderia ter sido arrastado por ali.

Masson espantou-se ainda uma vez ante o tamanho de ratos, que podiam agüentar com o cadáver de um homem, mas a certeza do remover, que carregava no bolso, confortou-o.

Provavelmente, se o cadáver fosse de uma pessoa comum, Masson o deixaria entregue aos raptos e jamais se aventuraria naquela toca, mas estava bem lembrado de que o cadáver vestia uma camisa de linho finíssimo e que seu alfinete de gravata era de pérola. Sem quase refletir, pendurou a lanterna na cinta e engatinhou no buraco.

Era apertado. mas conseguiu passar. Bem à sua frente, podia ver os

sapatos que andavam por sobre a terra úmida das profundezas do túnel. Engatinhou o mais rapidamente que pode, às vezes tendo que se arrastar de barriga, por falta de altura.

O ar era irrespirável. Se não alcançasse o corpo em um minuto, decidiu Masson, voltaria. Terrores subconscientes começavam a fazer-lhe companhia, sem que pudesse evitar, mas o ódio impelia-o para a frente. Arrastou-se, atravessando túneis, que se entroncavam. As paredes eram limosas e por duas vezes bolas de lama caíram sobre e atrás dele. Da segunda vez, parou. Não enxergava. Desatou a lanterna da cinta e iluminou a escuridão.

Torres de terra amontoavam-se atrás dele e o perigo sua posição, de repente, tornou-se real, pavoroso. Com medo de ficar sepultado vivo, resolveu abandonar a perseguição, embora quase alcançado o cadáver e o ser invisível, que o arrastava. Mas, não pensara em uma cousa. O túnel era muito estreito, para permitir que ele se virasse. O pânico assaltou-o, mas lembrou-se: de um túnel que atravessara havia instantes e de costas; entrou nele girando aos poucos, até poder prosseguir de frente. Rápido tentou encontrar o caminho de volta. conquanto " Joelhos estivessem machucados e trêmulos.

Uma dor aguda paralisou-lhe a perna. Um dente agudo se enterrara em sua carne.

Masson se bateu freneticamente. Ouviu guinchos excitados e o mover de muitos pés.

Iluminando com a lanterna, Masson prendeu a respiração, num choque causado pelo susto, ao perceber uma dúzia de enormes ratos, que o contemplavam firmemente, seus olhos rasgados, brilhando àquela luz. Eram enormes, tão grandes como gatos, e atrás deles entreviu uma sombra negra, que deslizou suavemente. Masson estremeceu ante o descomunal daquela cousa invisível.

A luz os detivera momentaneamente, mas, agora, se aproximavam, os dentes alaranjados devido à iluminação. Masson conseguiu sacar a pistola do bolso e mirou cuidadosamente. Sua posição era péssima. Firmou os pés nas paredes limosas, para não desperdiçar o tiro.

O ruído espantoso da explosão ensurdeceu-o por instantes e a fumaça provocou-lhe tosse. Quando pode ver e ouvir novamente, os ratos tinham desapareci o. Recolocou a pistola no lugar e quis prosseguir a caminhada de volta, mas, entre guinchos e arrastar de pés, já estavam de novo em cima dele.

Treparam em suas pernas, mordendo e guinchando loucamente. Masson estremeceu, ao procurar o revólver. Atirou sem mirar e unicamente a sorte o livrou de arrancar o próprio pé. Desta vez, os

ratos não foram longe, mas Masson corria o melhor que podia, pronto para atirar ao primeiro ruído suspeito.

Novo ruído de pés e o homem iluminou, com a lanterna, atrás de si. Um enorme rato cinzento parou e vigiou-o. Seus longos bigodes moviam-se e o rabo, escabroso e sem pêlos, balançava de um lado para outro. Masson gritou, e o rato afastou-se.

Proseguiu, detendo-se ante um túnel negro, bem à altura de seu cotovelo, bloqueado por uma massa, que julgou, por instantes, ser terra, desmoronada do teto, para logo verificar, horrorizado, que se tratara de um corpo humano.

Era uma múmia marrom, enrugada, e, por pior que aquilo lhe parecesse, a coisa se movia.

Arrastava-se na sua direção e, à luz da lanterna, a cara horrenda mergulhou na sua. Era um esqueleto de muitos anos, a viver uma vida diabólica. Não tinha olhos, mas buracos, que, inexplicavelmente, brilhavam, através de sua cegueira. E aquilo gritava à medida que avançava para Masson, a boca entreaberta e retorcida. Masson enregelou de pavor e nojo.

Antes que aquele horror o tocasse, Masson enterrou-se no túnel ao lado. Ouviu um arranhar de garras atrás dele, olhando de esguelha, gritou, gritou, enquanto mais enterrava no buraco estreito. Arrastou-se desajeitadamente, sentindo que pedrinhas agudíssimas lhe dilaceravam as mãos e os joelhos. A sujeira penetrara-lhe os olhos, mas não ousava parar.

Engatinhava, blasfemando, respirando com dificuldade e rezando histericamente.

Guinchando triunfalmente, os ratos chegaram-se a ele, a fome horrenda escrita nos olhos. Masson quase sucumbiu ante os dentes agudos, mas conseguiu afastá-los. A passagem estreitava-se cada vez mais. No paroxismo do terror, Masson deu pontapés, gritou.

Achou-se, engatinhando, sob enorme pedra, incrustada no teto, que pesava cruelmente nas suas costas. Moveu-se Um pouco, quando foi atingido por seu corpo. Uma ideia atravessou a mente quase enlouquecida do homem. Se pudesse arrancar a pedra e bloquear o túnel!

A terra estava úmida, devido às chuvas e, de cócoras, Masson começou a escavar em torno da pedra. Os ratos se aproximavam cada vez mais. Via-lhes os olhos que brilhavam, a cada tremeluzir da lanterna. A pedra começava a ceder.

Um rato se aproximou - o monstro, que já entrevira. Cinzento e leproso, avançava, com os dentes alaranjados à mostra, rebocando

aquela cousa morta; que guinchava à medida que se arrastava. Masson esforçou-se, trabalhando, desesperado, e sentiu que a pedra ia cair. Rápido, continuou a arrastar-se pelo túnel.

Atrás, a pedra ruiu fragorosa, e ouviu-se súbito guinchar de agonia. Torrões de pedra caíam sobre as pernas de Masson, que custava a livrar-se deles. Todo o túnel ia desmoronando!

Respirando com dificuldade, amedrontado, Masson impeliu-se para a frente, percebendo que a terra úmida queria engoli-lo. O túnel estava-se estreitando de tal maneira que já não podia usar mais as mãos e pernas para se mover.

Deitou-se de barriga no chão, coleando como uma enguia, mas de repente, quando experimentou erguer-se, descobriu que o teto se achava apenas a centímetros de suas costas. O pânico assaltou-o.

Quando o horror cego lhe bloqueara o caminho, atirara-se desesperado para um túnel lateral, túnel que parecia não ter saída! Só agora entendia. Estava num caixão, um caixão vazio, cuja extremidade, como de costume, tinha sido roída pelos ratos.

Experimentou voltar-se de costas, mas não pôde. Se ao menos pudesse levantar a tampa do caixão! Impossível. E, se pudesse escapar do sarcófago, como faria para remover a cinco pés de terra?

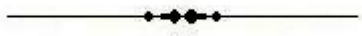
Masson arfava. O ar irrespirável, fétido, era de um calor infernal. Num paroxismo de terror, arranhou, raspou o cetim do forro, até que este se despedaçou. Com os pés, tentava cavar o monte de terra desmoronada, que lhe bloqueava a saída. Se ao menos pudesse mudar de posição, se pudesse encontrar um pouco de ar... ar...

Agonia amarela, morna, espalhou-se por seu rosto e turvou-lhe os olhos. Sua cabeça parecia intumescer, crescendo, aumentando, sempre mais.

E, de repente, ouviu o guinchar triunfal dos ratos. Pôs-se a gritar feito louco, mas já não conseguia afastá-los. Por momentos, buscou histericamente um refúgio dentro de sua estreita e estranha prisão, e depois aquietou-se, tentando respirar.

Seus cílios desceram sobre os olhos, a língua preta lançou-se fora da boca e ele mergulhou na escuridão da morte, enquanto os ratos, desatinados, banqueteavam-se em suas orelhas.

PROVÉRBIOS DO INFERNO – Willian Blake



No tempo de sementeira, aprende; na colheita, ensina; no inverno, desfruta.

Conduz teu carro e teu arado sobre a ossada dos mortos.

O caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria.

A prudência é uma rica, feia e velha donzela cortejada pela Impotência.

Aquele que deseja e não age engendra a peste.

O verme perdoa o arado que o corta.

Imerge no rio aquele que ama a água.

O tolo não vê a mesma árvore que o sábio vê.

Aquele cuja face não fulgura jamais será uma estrela.

A Eternidade anda enamorada dos frutos do tempo.

À laboriosa abelha não sobra tempo para tristezas.

As horas de insensatez são medidas pelo relógio, as de sabedoria, porém, não há relógio que as meça.

Todo alimento sadio se colhe sem rede e sem laço.

Toma número, peso & medida em ano de mungua.

Ave alguma se eleva a grande altura, se se eleva com suas próprias asas.

Um cadáver não revida agravos.

O ato mais alto é priorizar o outro.

Se o tolo persistisse em sua tolice, sábio se tornaria.

A tolice é o manto da malandrice.

Prisões se constroem com pedras da Lei; Bordéis, com tijolos da Religião.

A vanglória do pavão é a glória de Deus.

O cabritismo do bode é a bondade de Deus.

A fúria do leão é a sabedoria de Deus.

A nudez da mulher é a obra de Deus.

Excesso de pranto ri. Excesso de riso chora.

O Rugir de leões, o uivar dos lobos, o furor do mar em procela e a espada destruidora são fragmentos de eternidade, demasiado grandes para o olho humano.

A raposa culpa o ardil, não a si mesma.

Júbilo fecunda. Tristeza engendra.

Vista o homem a pele do leão, a mulher, o velo da ovelha.

O pássaro um ninho, a aranha uma teia, homem amizade.

O tolo, egoísta e risonho e tolo, sisudo e tristonho, serão ambos julgados sábios, para que sejam exemplo.

O que agora se prova outrora foi imaginário.

O rato, o camundongo, a raposa e o coelho espream as raízes: o leão, o tigre, o cavalo e o elefante espream os frutos.

A cisterna contém: a fonte transborda.

Uma só ideia impregna a imensidão.

Dize sempre o que pensas e o vil te evitará.

Tudo em que se pode crer é imagem da verdade.

Jamais uma águia perdeu tanto tempo como quando se dispôs a aprender com a gralha.

A raposa provê a si mesma, mas Deus provê ao leão.

De manhã, pensa. Ao meio dia, age. Ao entardecer, come. De noite, dorme.

Quem consentiu que dele te aproveitasses, este te conhece.

Assim como o arado segue as palavras, Deus recompensa as preces.

Os tigres da ira são mais sábios que os cavalos da instrução.

Da água estagnada espera veneno.

Jamais saberás o que é suficiente, se não souberes o que é mais suficiente.

Ouve a crítica do tolo! É um direito régio!

Os olhos de fogo, as narinas de ar, a boca de água, a barba de terra.

O fraco em coragem é forte em astúcia.

A macieira jamais pergunta à faia como crescer; nem o leão ao cavalo como apanhar sua presa.

Quem reconhecido recebe, abundante colheita obtém.

Se outros não fossem tolos, seríamos nós.

A alma imersa em deleite jamais será maculada.

Quando vês uma guia, vês uma parcela do Gênio; ergue a cabeça!

Assim como a lagarta escolhe as mais belas folhas para pôr seus ovos, o sacerdote lança suas maldições sobre as alegrias mais belas.

Criar uma pequena flor é labor de séculos.

Maldição tensiona: Bênção relaxa.

O melhor vinho é o mais velho, a melhor água, a mais nova.

Orações não aram! Louvores não colhem!

Alegrias não riem! Tristezas não choram!

A cabeça, sublime; o coração, Paixão; os genitais, Beleza; mãos e pés, Proporção.

Como o ar para o pássaro, ou o mar para o peixe, assim o desprezo para o desprezível.

O corvo queria tudo negro; a coruja, tudo branco.

Exuberância é Beleza.

Se seguisse os conselhos da raposa, o leão seria astuto.

O Progresso constrói caminhos retos; mas caminhos tortuosos sem Progresso são caminhos de Gênio.

Melhor matar um bebê em seu berço que acalentar desejos irrealizáveis.

Onde ausente o homem, estéril a natureza.

A verdade jamais será dita de modo compreensível, sem que nela se creia.

O DESAFIO DO ALÉM – C. L. Moore, A. Merritt, H. P. Lovecraft, Robert E. Howard e Frank Belknap Long



Esse conto trata-se de uma colaboração entre um grupo de famosos autores do Fantástico e do Sobrenatural conhecidos de H.P. Lovecraft, na qual cada um dos autores elabora uma parte da história e a remete ao escritor subsequente, que tem de continuar a história daí em diante – também pode ser visto como uma espécie de competição, ou desafio da capacidade do autor de seguir a história de forma apropriada. Essa modalidade de escrita é conhecida como “round robin”

[C.L. Moore]

Em meio à névoa do sono, George Campbel abriu os olhos e ficou espiando durante alguns minutos, através da abertura na tenda, para a noite pálida de agosto, erguendo-se apenas o bastante para se perguntar pelo que o teria despertado. Havia nesses ares claros e cortantes das florestas canadenses um soporífico tão potente quanto qualquer droga. Campbel jazeu imóvel por um momento, atravessando de volta, lentamente, as fronteiras deliciosas do sono, consciente de uma agradável fadiga, uma sensação incomum de músculos bem usados – repouso, após a labuta, na noite doce e clara da floresta.

Voluptuosamente, enquanto sua mente afundava de novo no esquecimento, ele pensou mais uma vez que três longos meses de liberdade o aguardavam – libertação das cidades e da monotonia, libertação do magistério e da universidade e dos estudantes sem quaisquer resquícios de interesse pela geologia com a qual ele ganhava seu sustento buzinando-a todos os dias em seus ouvidos obstinados. Libertação do...

Súbito, a deliciosa sonolência se despedaçou à sua volta. Lá fora, em algum lugar, um som de lata batendo contra lata invadiu sua paz. George Campbel se ergueu de um salto e apanhou a lanterna. Então sorriu e baixou-a outra vez, forçando os olhos através da fraca luminosidade noturna para constatar que, lá fora, um animalzinho negro e anônimo da noite vagueava em meio aos vasilhames caídos.

Ele esticou um braço comprido e buscou uma pedra em frente à porta da tenda para jogar. Seus dedos se fecharam em torno de uma pedra grande, e ele recuou a mão no movimento de lançar.

Mas nunca a lançou. A coisa que encontrara na noite era bastante estranha. Quadrada, lisa como cristal, obviamente artificial, com as arestas arredondadas. A estranheza das superfícies da rocha em seus dedos era tão notória que ele apanhou de novo a lanterna e acendeu a luz sobre o objeto que tinha nas mãos.

Toda a sonolência se esvaiu quando ele observou o que tinha encontrado ao tatear distraidamente na escuridão. Era transparente como cristal de rocha aquele cubo esquisito e polido. Quartzo, sem dúvida alguma, mas não na sua forma hexagonal cristalizada, como é comum. De alguma maneira – ele não podia imaginar o método –, tinha sido esculpida em forma de um cubo perfeito, com as faces desgastadas de cerca de quatro polegadas. Pois estava incrivelmente desgastado. O cristal, bastante duro, tornara-se arredondado até que seus cantos quase desaparecessem e o objeto comesse a assumir os contornos de uma esfera. Eras e eras de desgaste, anos quase incontáveis deviam ter transcorrido sobre aquela coisa estranha e clara.

Mas o mais curioso era aquela forma que ele podia entrever obscuramente no coração do cristal; pois incrustado no centro havia um pequeno disco feito de uma substância clara e desconhecida, com alguns caracteres entalhados sobre a superfície que o cristal recobria. Caracteres em forma de cunha, a evocar vagamente a escrita cuneiforme.

George Campbel franziu o cenho e, perplexo, observou de perto o pequeno enigma que tinha nas mãos.

Como uma coisa daquelas podia ter sido incrustada dentro do puro cristal? Uma lembrança remota de antigas lendas que diziam ser o cristal de quartzo gelo que se solidificara demais a ponto de não poder derreter novamente flutuou em sua mente. Gelo – e caracteres cuneiformes – sim, não tinha esse tipo de escrita se originado entre os sumérios, os quais vieram do norte nos remotíssimos começos da história para se estabelecer no vale da Mesopotâmia primitiva? Então, retomou o controle sobre seus sentidos e sorriu. O quartzo, por certo, tinha se formado nos períodos geológicos mais primários, quando não havia nada em parte alguma além de impactos e rochas empilhadas. O gelo não viria senão dezenas de milhões de anos depois de aquela coisa ter se formado.

E, no entanto, aquela escrita... Feita à mão, certamente, embora os caracteres não fossem familiares a não ser pela vaga sugestão das

notações cuneiformes. Ou poderia ter havido, no mundo paleozóico, seres capazes de linguagem e em condições de gravar aquelas cunhas intrigantes sobre o disco no centro do quartzo? Ou... Poderia uma coisa daquelas ter caído lá do espaço, como um meteoro, sobre o rochedo informe de um mundo ainda não solidificado? Poderia...

Então ele se conteve e sentiu seus ouvidos arderem sob as imprecisões de sua própria imaginação. O silêncio e a solidão e a estranha coisa em suas mãos estavam conspirando para pregar peças em seu senso de realidade. Ele deu de ombros e depositou o cristal na beirada do colchão, apagando em seguida a luz. Talvez a manhã e uma cabeça fresca pudessem trazer-lhe uma resposta para as questões que agora lhe pareciam insolúveis.

Mas o sono não veio facilmente. Por uma coisa, ele percebeu, quando apagou a luz: era que o pequeno cubo tinha brilhado por um momento, como se contivesse luz própria, antes de se desvanecer na escuridão circundante. Ou talvez ele estivesse errado. Talvez tivessem sido apenas os seus olhos ofuscados que deram a impressão de ver a luz desaparecer devagar, bruxuleando nas entranhas enigmáticas do objeto com uma persistência esquisita.

Ele permaneceu ali, inquieto, por um longo tempo, a revolver e a revolver em sua mente essas perguntas sem resposta. Havia alguma coisa no cubo de cristal que, para além de um passado imensurável – talvez da aurora mesma de toda história –, propunha um desafio que não o deixaria dormir.

[A. Merritt]

Permaneceu ali, pareceu-lhe, durante horas. Sua mente fora capturada pela luz hesitante, pela luminescência que se mostrara tão relutante em desaparecer. Era como se alguma coisa no coração do cubo tivesse despertado, se mexesse preguiçosamente, se tornasse subitamente alerta... e começasse a observá-lo.

Pura fantasia, tudo isso. Ele se agitou, impaciente, e acendeu a luz sobre o relógio. Perto de uma hora; três horas mais, e já seria manhã. O facho baixou e caiu sobre o morno cubo de cristal. Ele o manteve em foco por alguns minutos. Então o tomou e o observou.

Não havia dúvidas agora. Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, ele viu que o estranho cristal brilhava com diminutas luzes furtivas em seu interior, como se fossem fios de relâmpagos safirinos. Estavam bem no centro e pareceram-lhe provir do disco pálido com suas gravações perturbadoras. E o disco ele mesmo começava a

crescer... as marcações mudando de forma... O cubo estava crescendo... Seria uma ilusão gerada pelos pequeninos relâmpagos?...

Ouviu um som. Era quase o fantasma de um som, tais como os fantasmas de cordas de harpas tangidas por dedos fantasmais. Ele se curvou mais. Provinha do cubo...

Havia um vagido na vegetação rasteira, uma agitação de corpos e um lamento agonizante, tal como o de uma criança que nasce e que logo se cala. Alguma pequena tragédia de selvageria – matador e presa. Ele deu alguns passos em direção ao bulício, mas não pôde ver nada. Tomou de novo a lanterna e iluminou a tenda. Sobre o solo havia uma pálida cintilação azulada. Era o cubo. Ele se abaixou para apanhá-lo; então, obedecendo a um aviso obscuro, retirou de volta a mão.

E de novo ele viu: o brilho decaía. Os pequenos raios cor de safira brilhavam intermitentemente, recuando de volta para o disco de onde tinham vindo. Não havia nenhum som.

Ele se sentou, observando a luminescência aumentar e diminuir, aumentar e diminuir, mas cada vez se tornando mais turva. Ocorreu-lhe que seriam necessários dois elementos para produzir o fenômeno. O próprio raio elétrico e a sua atenção absorta. Sua mente devia viajar ao longo do brilho, prender-se no coração do cubo, cuja pulsação oscilava, até que... O quê?

Ele sentiu um arrepio de vida, como se proveniente do contato com alguma coisa alienígena. Era alienígena, ele sabia, não vinha desta Terra. Não da vida desta Terra. Ele conteve um tremor, apanhou o cubo e o levou para dentro da tenda. Não era quente nem frio; a não ser pelo peso, ele não teria consciência de o estar segurando. Colocou-o sobre a mesa, mantendo o facho da lanterna desviado dele; então foi até a porta da tenda e fechou o cortinado.

Retornou à mesa, puxou a cadeira de acampamento, e assestou o facho diretamente sobre o cubo, dirigindo-o o máximo que pôde para o seu centro. Dirigiu toda a sua vontade, toda a sua concentração, por meio dele, enfocando a vontade e a vista sobre o disco tal como fizera com a luz.

Como se obedecendo a um comando, os relâmpagos safirinos explodiram. Saltaram do disco para o corpo do cubo de cristal; em seguida ricochetearam de volta, banhando todo o disco e as gravações. De novo estas últimas começaram a se transformar, mudando, movendo-se, avançando e recuando sob a claridade azul. Não eram mais cuneiformes. Eram coisas – objetos.

Ouviu a música murmurante, o dedilhar de cordas de harpa. O som se tornou mais e mais alto, e agora todo o corpo do cubo vibrava ao

ritmo delas. As faces do cristal começaram a amolecer, tornando-se nebulosas, como se formadas de uma névoa de diamantes. E o próprio disco estava crescendo – as formas mudando, dividindo-se e multiplicando-se, como se alguma porta tivesse sido aberta e multidões de fantasmas entrassem por elas. Mais e mais brilhante se tornava a pulsação da luz.

Ele sentiu um pânico repentino, tentou desviar sua vista e sua vontade, deixou cair a lanterna. O cubo não precisava mais do facho... e ele não podia se esquivar... não podia se esquivar? Ora, ele mesmo estava a ser sugado por aquele disco que era agora um globo dentro do qual dançavam formas inomináveis ao som de uma música que banhava o globo com um brilho constante.

Não havia tenda. Havia apenas uma vasta cortina de névoa cintilante atrás da qual refulgia o globo... Ele se sentiu mergulhar na névoa, tragado por ela como por um vento forte – mergulhar diretamente no globo.

[H. P. Lovecraft]

Quando a luz nevoenta dos sóis azulados se tornou mais intensa, os contornos do globo oscilaram à frente e se dissolveram num caos pululante. Seu palor e seu movimento e sua música – tudo se misturou numa névoa envolvente, dando-lhe uma cor pálida de aço e imprimindo-lhe um movimento ondulante. E os sóis de safira, também, se derreteram imperceptivelmente numa infinidade acinzentada de pulsações disformes.

Ao mesmo tempo, a sensação de se mover para a frente e para fora se tornou intolerável, incrível e cosmicamente veloz. Qualquer padrão de velocidade conhecido na Terra pareceria pouco, e Campbel compreendeu que um voo desses na realidade física significaria morte instantânea para qualquer ser humano. Tal como era – nessa hipnose estranha e infernal de pesadelo –, a impressão quase visual de ser arremessado como um meteoro chegava a paralisar sua mente. Conquanto não houvesse pontos reais de referência no vazio cinzento, pulsante, ele sentiu que estava se aproximando da velocidade da luz e mesmo ultrapassando-a. Finalmente sua consciência sucumbiu, e uma treva benfazeja engoliu tudo.

Foi muito subitamente, e em meio à escuridão mais impenetrável, que os pensamentos e as ideias de George Campbel se recompuseram. Quantos momentos ou anos ou eternidades tinham se passado desde sua queda através do vazio cinzento ele não podia estimar. Sabia

apenas que parecia estar imóvel e sem dores. Com efeito, a ausência de toda sensação física era a qualidade mais evidente em sua situação.

Fazia até a escuridão parecer menos escura e compacta, sugerindo que ele era mais uma inteligência desencarnada num estado para além das sensações físicas do que uma criatura corpórea cujos sentidos tivessem sido privados de seus objetos costumeiros de percepção. Ele podia pensar aguda e rapidamente – quase sobrenaturalmente –, sem no entanto formar qualquer ideia acerca de sua situação.

Meio por instinto, reparou que não estava mais em sua tenda. Decerto, devia ter despertado lá de um pesadelo para um mundo igualmente escuro, porém sabia que não era isso. Não havia nenhuma cama de acampamento debaixo dele; ele não tinha mãos para sentir os cobertores ou a superfície da lona – nenhuma abertura através da qual pudesse vislumbrar a noite pálida lá fora... Alguma coisa estava errada, medonhamente errada.

Recuando em seus pensamentos, reviu o cubo fluorescente que o tinha hipnotizado e tudo o que se seguira. Compreendera que sua mente estava indo, mas não fora capaz de retornar. No último momento houvera um medo pânico e perturbador, um medo subconsciente para além mesmo daquele causado pela sensação do voo demoníaco. Tinha vindo de alguma vaga recordação momentânea ou remota – o quê, ele não pôde dizer de imediato. Um grupo de células na parte de trás de sua cabeça parecera descobrir uma qualidade nebulosamente familiar no cubo, e essa familiaridade vinha carregada de um sombrio terror.

Agora ele tentava lembrar por que a familiaridade e o terror.

Aos poucos lhe ocorreu. Certa vez, há muito tempo, em conexão com seu trabalho de geólogo, lera a respeito de qualquer coisa parecida com esse cubo. Tinha a ver com aqueles discutíveis e inquietantes fragmentos de argila chamados de os Cacos de Eltdown, escavados de estratos pré-carboníferos no sul da Inglaterra havia trinta anos. Sua forma e inscrições eram tão inusitadas que alguns especialistas sugeriram artificialidade, fazendo as mais desvairadas conjecturas acerca de sua origem. Provinhavam, por certo, de um tempo em que os seres humanos ainda não existiam no globo – mas seus contornos e aspectos eram terrivelmente intrigantes. Foi assim que receberam tal nome.

Não foi, contudo, nos escritos de algum cientista sisudo que Campbel vira essa referência a um globo de cristal contendo um disco. A fonte era bem menos respeitável e infinitamente mais vívida. Por volta de 1912 um clérigo de Sussex, profundo conhecedor de assuntos ligados ao ocultismo – o reverendo Arthur Brooke Winters-Hal –, alegara ter identificado as gravações nos Cacos de Eltdown com os assim

chamados “hieróglifos pré-humanos” tão insistentemente encarecidos e esotericamente manuseados em certos círculos místicos, e publicara a expensas próprias o que dizia ser uma “tradução” das desconcertantes “inscrições” primais – uma “tradução” ainda frequente e seriamente citada por escritores ocultistas. Nessa “tradução” – uma brochura surpreendentemente longa se comparada ao número limitado dos “cacos” existentes – é que aparecia a narrativa, de autoria supostamente pré-humana, na qual figurava a presente referência assustadora.

Segundo a história, habitava um mundo – e, provavelmente, incontáveis outros mundos – do espaço exterior uma ordem de poderosas criaturas em forma de vermes, cujos conhecimentos e cujo controle da natureza ultrapassavam tudo o que a imaginação terrestre poderia conceber. Bem cedo tinham dominado a arte das viagens interestelares e assim povoaram cada planeta habitável em sua própria galáxia – exterminando as raças que encontravam.

Para além dos limites de sua própria galáxia – que não era a nossa – não podiam navegar em pessoa, mas em sua busca de conhecimento através do espaço e do tempo descobriram uma maneira de abrir certos atalhos intergaláticos com suas próprias mentes. Confeccionavam objetos peculiares – cubos estranhamente energizados de um cristal peculiar contendo talismãs hipnóticos e protegidos por envelopes esféricos, resistentes ao espaço, feitos de uma substância desconhecida – que podiam ser expelidos para além dos limites de seu universo e que só reagiriam à atração de matéria sólida e fria.

Esses objetos, alguns dos quais pousariam necessariamente em vários mundos habitados nos universos exteriores, formavam as pontes etéreas necessárias para a comunicação mental. A fricção atmosférica incendiaria a cápsula protetora, expondo o cubo e deixando-o sujeito a ser descoberto por mentes inteligentes do mundo onde caísse. Por sua natureza intrínseca, o cubo atrairia e fixaria a atenção. Isso, conjugado com a ação da luz, era suficiente para colocar em ação as suas propriedades especiais.

A mente que notasse o cubo seria tragada para dentro dele pela força do disco e seria enviada através de um fio de energia obscura para o lugar de onde o cubo viera, o mundo remoto dos exploradores espaciais em forma de vermes, atravessando estupendos abismos entre as galáxias. Recebida numa das máquinas com a qual o cubo estivesse sintonizado, a mente capturada permaneceria suspensa sem corpo ou sentidos até que fosse examinada por alguém da raça dominante. Então seria, por um processo obscuro de intercâmbio, esvaziada de todo o seu conteúdo. A mente do explorador poderia agora ocupar a

estranha máquina, enquanto a mente cativa ocuparia o corpo vermicular do explorador. Em seguida, num outro intercâmbio, a mente do explorador saltaria através dos espaços ilimitados para o corpo vazio e inconsciente do cativo no mundo transgalático, animando o hospedeiro alienígena na medida do possível e explorando o novo mundo na forma de um de seus naturais.

Finda a exploração, o aventureiro usaria o cubo e seu disco para realizar o retorno, e às vezes a mente capturada seria devolvida intacta ao seu mundo distante. Nem sempre, porém, a raça dominadora era tão generosa. Às vezes, quando uma raça potencialmente importante e capaz de realizar viagens espaciais era encontrada, o povo vermicular usaria o cubo para capturar e aniquilar mentes aos milhares e extirparia assim a raça por razões diplomáticas, usando as mentes exploradoras como agentes de destruição.

Noutros casos, seções do povo vermicular ocupariam permanentemente o planeta transgalático, destruindo as mentes capturadas e dizimando os habitantes remanescentes em condições de ocupar corpos alienígenas. Nunca, entretanto, poderia a raça mãe ser duplicada em tais casos, desde que o novo planeta não conteria todos os materiais necessários para as realizações do povo vermicular. Os cubos, por exemplos, só podiam ser feitos no planeta lar.

Apenas alguns dos inumeráveis cubos lançados chegavam eventualmente a pousar e a encontrar resposta num mundo habitado, desde que não havia tal coisa como direcioná-los para metas além da visão e do conhecimento. Apenas três, dizia a história, teriam alguma vez pousado em mundos habitados deste nosso universo particular. Um deles teria alcançado um planeta na periferia da galáxia há dois milhares de bilhões de anos, enquanto outro aterrissara há três bilhões de anos num mundo próximo ao centro da galáxia. O terceiro – e o único que se sabe ter alguma vez entrado no sistema solar – alcançou nossa própria Terra há certa de cento e cinquenta milhões de anos.

Era principalmente desse último que a “tradução” do doutor Winters-Hal tratava. Quando o cubo atingiu a terra, escreveu ele, a espécie terrestre dominante era uma raça de seres enormes, em forma de cones, que ultrapassavam todas as anteriores ou posteriores em realizações e inteligência. Essa raça era tão avançada que teria de fato enviado mentes ao exterior, através do tempo e do espaço, para explorar o cosmo, tendo tomado consciência do que acontecera quando o cubo caiu do céu e certos indivíduos sofreram transformações mentais ao olharem para ele.

Certos de que os indivíduos modificados representavam mentes invasoras, os líderes da raça os destruíram, mesmo ao preço de terem

deixado as mentes desalojadas em exílio no espaço alienígena.

Haviam tido experiência mesmo com transições mais estranhas. Quando, mediante uma exploração mental do espaço e do tempo, formaram uma ideia aproximada do que era o cubo, eles cuidadosamente isolaram a coisa da luz e da vista, considerando-a uma ameaça. Não quiseram destruir uma coisa tão rica em possibilidades de experimentação posterior. De vez em quando, furtivamente, algum aventureiro afoito e inescrupuloso obteria acesso a ele e testaria seus poderes perigosos, a despeito das consequências, mas todos esses casos foram descobertos e tratados com segurança e drasticamente.

Dessas intrusões malignas o único resultado mau foi que a distante raça vermicular descobriu, a partir dos novos exilados, o que aconteceu com seus exploradores na Terra e tomaram um ódio violento pelo planeta e por todas as suas formas de vida. E o teriam despovoado, se pudessem, tendo mesmo enviado cubos adicionais através do espaço na esperança malsã de atingi-lo acidentalmente em locais desguarnecidos, mas tal evento jamais aconteceu.

As criaturas terrestres em forma de cone mantiveram o único cubo existente guardado num santuário especial, como uma relíquia e uma base para experimentos, até que, depois de eras, ele se perdeu em meio ao caos da guerra e da destruição da grande cidade polar onde era mantido. Quando, há cinquenta milhões de anos, os seres enviaram suas mentes através do futuro infinito com o intuito de evitar o perigo inominável do interior da terra, o paradeiro do cubo sinistro proveniente do espaço se tornou desconhecido.

Tudo isso, de acordo com o erudito ocultista, constava dos Cacos de Eltdown. O que agora tornava o relato tão furtivamente amedrontador para Campbel era a minúcia e a exatidão com que o cubo alienígena fora descrito. Todos os detalhes eram dados: dimensões, consistência, o disco central com os hieróglifos, os efeitos hipnóticos. Enquanto matutava no assunto em meio às trevas de sua estranha situação, começou a se perguntar se toda a sua experiência com o cubo de cristal – de fato, a própria existência do mesmo – não seria apenas um pesadelo despertado por alguma caprichosa lembrança subconsciente dessa velha peça de literatura extravagante e charlatã. Se fosse assim, o pesadelo devia estar em andamento, já que seu presente estado de desincorporação nada tinha de normal.

Quanto tempo durou essa rememoração e essa reflexão confusa Campbel não saberia dizer. Tudo em seu estado era tão irreal que as dimensões e mensurações ordinárias se tornaram sem sentido. Pareceu uma eternidade, mas talvez não tivesse demorado tanto, até que

aconteceu a primeira e brusca interrupção. O que ocorreu foi tão estranho e inexplicável quanto a escuridão que veio antes. Houve uma sensação – mais da mente do que do corpo –, e subitamente Campbel sentiu que seus pensamentos eram varridos ou sugados, de uma maneira tumultuada e caótica, para fora de seu controle.

Lembranças fluíram desordenadas e confusas. Tudo o que ele sabia – todo o seu passado pessoal, tradições, experiências, conhecimento, sonhos, ideias e inspirações – se escoou abrupta e simultaneamente, com uma velocidade estonteante e uma abundância que em breve o tornou incapaz de seguir o fio de cada conceito separado. O desfile de todos os seus conteúdos mentais tornou-se uma avalanche, uma cachoeira, um vórtice. Era tão horrível e vertiginoso quanto seu voo hipnótico através do espaço quando o cubo de cristal o atraiu. Finalmente, esvaziou sua consciência e trouxe o puro esquecimento.

Outro vazio imensurável – e então um lento ressurgir das sensações. Desta vez era físico, não mental. Luz azulada, e um som lento e distante. Havia impressões táteis; ele podia sentir que estava deitado sobre alguma coisa, embora houvesse uma atordoadora estranheza no sentimento dessa postura. Ele não podia conciliar a pressão da superfície de apoio com os seus próprios contornos – ou com os contornos de uma forma humana. Tentou mover os braços, mas não obteve resposta definida a essa tentativa. Em vez disso, havia pequenas e ineficazes contrações nervosas por toda a área que parecia ser o seu corpo.

Tentou abrir mais os olhos, mas descobriu-se incapaz de controlar o seu mecanismo. A luz azulada chegava de um modo difuso, nebuloso e não podia ser em parte alguma enfocada voluntariamente e com definição.

Gradualmente, porém, imagens visuais indecisas e peculiares começaram a se formar. Os limites e características da visão não eram aqueles com os quais estava acostumado, mas ele podia relacionar vagamente a sensação com o que conhecera como sendo a visão. Quando tal sensação atingiu certo grau de estabilidade, Campbel notou que ainda devia estar a viver as agonias de um pesadelo.

Parecia estar num cômodo de extensão considerável – de altura mediana, mas com uma área bastante ampla. Em cada face – e era como se ele pudesse ver todas as faces ao mesmo tempo – havia fendas altas e estreitas que sugeriam portas e janelas combinadas. Havia mesas baixas e pedestais singulares, mas nenhuma mobília de natureza ou proporções normais. Através das fendas jorravam cascatas de luz safirina, e para além delas se podiam ver, nebulosamente, as faces e os telhados de edifícios fantásticos parecidos com cubos

empilhados. Nas paredes – nos painéis verticais que havia entre as fendas – viam-se estranhas inscrições de caracteres desconhecidos e inquietantes. Demorou um pouco para Campbel descobrir por que o perturbavam tanto – e então ele viu que eram, repetidos em certos aspectos, precisamente iguais a alguns dos hieróglifos do disco no cubo de cristal.

O verdadeiro elemento de pesadelo foi, porém, algo mais do que isso. Começou com a coisa viva que de repente entrou por uma das fendas, avançando decididamente em sua direção e segurando uma caixa de metal de proporções bizarras e superfícies vítreas e espelhadas. Pois tal coisa não tinha nada de humana – nada de terrena –, nem mesmo nada de algum mito ou sonho humano. Era um verme ou centopéia gigantesca, de cor cinzenta clara, com a largura de um homem e o comprimento de dois, exibindo uma cabeça em forma de disco, aparentemente destituída de olhos, guarnecida de cílios e com um orifício central avermelhado. Deslizava sobre seus pares de patas traseiras. Ao longo de sua espinha dorsal havia um curioso pente arroxeadado e uma cauda em leque formada por um tipo de membrana cinzenta que arrematava o todo grotesco. Havia um anel de pontas vermelhas e flexíveis em torno ao seu pescoço, e das contorções dessas pontas provinham estalidos e zunidos num ritmo medido e deliberado.

Aqui, de fato, estava o pesadelo em sua quintessência – a fantasia caprichosa em seu ápice. Mas não foi ainda essa visão de delírio que fez com que George Campbel tombasse outra vez na inconsciência. Houve uma outra coisa – um toque final, insuportável – que o levou a isso. Quando o inominável verme avançou com sua caixa iridescente, o homem deitado captou, na superfície espelhada, um vislumbre do que deveria ser o seu próprio corpo. No entanto – horivelmente consciente de suas sensações desordenadas e desconhecidas – não era de todo o seu próprio corpo que ele viu refletido no metal polido. Era, em vez disso, o aspecto asqueroso, cinza pálido, de uma das grandes centopéias.

[Robert E. Howard]

Desse último mergulho na inconsciência ele emergiu com um entendimento pleno de sua situação. Sua mente estava aprisionada no corpo de um dos amedrontadores nativos do planeta alienígena, enquanto, em alguma parte do outro lado do universo, seu próprio corpo hospedava a personalidade do monstro.

Ele teve de superar um terror irracional. Olhada de um ponto de vista cósmico, por que sua metamorfose deveria causar-lhe horror? A vida e

a consciência eram as únicas realidades do universo. A forma não importava. Seu corpo atual era hediondo apenas para os padrões terrestres. O medo e a repulsa afogaram-se na excitação de uma aventura titânica. O que era o seu corpo anterior senão um invólucro, que a morte um dia lançaria fora de qualquer maneira?

Ele não tinha ilusões sentimentais sobre a vida da qual tinha sido exilado. O que lhe dera ela senão trabalho, pobreza, frustração contínua e repressão? Se esta vida que o aguardava não lhe oferecesse mais, pelo menos não lhe oferecia menos. A intuição lhe dizia que oferecia mais – muito mais.

Com a honestidade que se torna possível apenas quando a vida é desnudada até os seus fundamentos, teve consciência de que se lembrava com prazer apenas das delícias físicas de sua vida anterior. Mas há muito ele já havia exaurido todas as possibilidades físicas contidas naquela vida terrena. Esgotaram-se os estímulos da Terra. Mas na impressão deste corpo novo e alienígena ele pressentia as promessas de deleites estranhos e exóticos.

Uma exultação selvagem o invadiu. Ele era um homem sem mundo, livre de todas as convenções ou inibições da Terra ou deste planeta estranho, livre no universo de todo recalque artificial. Ele era um deus!

Com grande satisfação, pensou em seu velho corpo a se mover entre os negócios e a sociedade na Terra, com um monstro alienígena a olhar através das janelas que eram os olhos de George Campbell para pessoas que fugiriam dele se soubessem.

Que ele caminhasse pela Terra e matasse e destruísse à vontade. A Terra e suas raças não tinham mais qualquer significado para George Campbell. Lá ele tinha sido apenas uma entre bilhões de não-entidades, fixada em seu lugar por uma acumulação montanhosa de convenções, leis e costumes, fadada a viver e a morrer em seu sórdido nicho. Mas num salto cego ele se elevara acima da realidade comum. Isto não era a morte, mas um renascimento – o nascimento de uma mentalidade amadurecida, dona de uma liberdade recém-descoberta que pouco se importava com o cativeiro físico em Yekub.

Sobressaltou-se. Yekub! Era o nome deste planeta, mas como ele soubera? Então ele sabia, tal como sabia o nome daquele cujo corpo agora ocupava: Tothe. A memória, inscrita profundamente no cérebro de Tothe, brotava nele como sombras do conhecimento que Tothe possuía. Gravadas bem fundo nos tecidos físicos do cérebro, falavam obscuramente, como instintos implantados, a George Campbell, e sua consciência física se apoderava deles e os traduzia para mostrar-lhe o caminho não apenas para a segurança e a liberdade, mas para o poder

a que sua alma – lavada de seus impulsos primitivos – aspirava. Não viveria como um escravo em Yekub, mas como um rei! Tal como os bárbaros antigos tinham se sentado no trono de impérios senhoriais.

Pela primeira vez voltou sua atenção para os arredores. Ainda estava deitado sobre aquela espécie de colchão no meio daquele cômodo fantástico, e o homem-centopéia estava à sua frente, segurando o objeto de metal polido e estalando as pontas em seu pescoço. Desse modo ele falava, Campbel sabia, compreendendo de algum modo o que era dito, por meio dos processos de pensamento herdados de Tothe, enquanto descobria que a criatura era Yukth, senhor supremo da ciência.

Mas Campbel não deu ouvidos, pois tinha feito seu plano desesperado, um plano tão inusitado para os costumes de Yekub que estaria além da compreensão de Yukth, pegando-o totalmente despreparado.

Yukth, tal como Campbel, via o fragmento de metal pontiagudo numa mesa próxima, mas para Yukth era apenas um instrumento científico. Sequer sabia que poderia ser usado como uma arma. A mente terrestre de Campbel forneceu o saber e a ação que se seguiu, levando o corpo de Tothe a fazer movimentos que nenhum homem de Yekub jamais fizera antes.

Campbel arrebatou a lasca pontuda e atacou, cortando brutalmente para cima. Yukth recuou e tombou; suas entranhas jorraram para o piso. Num instante, Campbel já deslizava para a porta. Sua velocidade era espantosa, exultante, primeiro cumprimento da promessa de novas sensações físicas.

Enquanto corria, guiado inteiramente pelo conhecimento instintivo implantado nos reflexos físicos de Tothe, era como se ele fosse sustentado em suas patas por uma consciência particular. O corpo de Tothe o transportava através de uma via que fora percorrida milhares de vezes antes, quando animado pela mente de Tothe.

Correu por um corredor sinuoso, subiu por uma escada, atravessou uma porta, e os mesmos instintos que o tinham levado ali lhe diziam que encontrara o que procurava. Descobriu-se num recinto circular, com um teto abobadado do qual jorrava uma luz lívida e azulada. Uma estranha estrutura se erguia no meio do piso de cores irisadas, camada sobre camada, cada qual de uma cor diferente e vívida. A última camada era um cone púrpura, de cujo ápice subia uma névoa azul em direção a uma esfera que pairava no ar – uma esfera que brilhava como se fosse marfim translúcido.

Isso, diziam as memórias gravadas de Tothe a Campbel, era o deus de Yekub, conquanto a razão pela qual o povo de Yekub o temia e o reverenciava tivesse sido esquecida há milhões de anos. Um verme-

sacerdote se achava entre ele e o altar que nenhuma mão ou carne jamais haviam tocado. Tocá-lo seria uma blasfêmia que nunca, em tempo algum, ocorrera a qualquer habitante de Yekub. O verme-sacerdote jazeu paralisado de horror até que o fragmento de metal de Campbel lhe arrancasse a vida.

Com suas pernas de centopeia, Campbel galgou as camadas do altar, indiferente aos seus estremecimentos súbitos, indiferente à transformação que começou a ocorrer na esfera flutuante, indiferente à fumaça que agora se acumulava em nuvens azuis. A sensação de poder o embriagava. Não temia as superstições de Yekub mais do que temia as da terra. Com aquele globo nas mãos, ele se tornaria rei de Yekub. Os homens-vermes não se atreveriam a lhe negar coisa alguma quando se tivesse apoderado de seu deus. Ergueu uma mão até a esfera – não mais da cor de marfim, mas vermelha como sangue...

[Frank Belknap Long]

O corpo de George Campbel saiu da tenda para a noite pálida de agosto. Movia-se de maneira lenta e trêmula em meio aos vultos de enormes árvores, caminhando por uma senda na floresta recoberta por folhas de pinheiro docemente aromáticas. O ar era seco e frio. O céu era uma tigela invertida de prata gelada, salpicada de pontos brilhantes, e à distância, ao norte, a aurora boreal estendia faixas de fogo.

A cabeça do caminhante oscilava grotescamente para um lado e para o outro. Dos cantos de sua boca semiaberta escorriam grossos fios de espuma ambarina, a qual estremecia na brisa noturna. Ele caminhou ereto a princípio, como um homem caminharia, mas gradualmente, à medida que a tenda desapareceu, sua postura se modificou. Seu torso começou quase imperceptivelmente a vergar-se, e seus membros a encurtar.

Num distante mundo do espaço exterior, a criatura centípede que era George Campbel estreitava ao peito um deus cuja cor era vermelha como sangue e atravessava, contorcendo-se como um inseto, um salão irisado e, através de maciços portais, saía para a luz brilhante de sóis alienígenas.

Perambulando por entre as árvores da Terra numa atitude que sugeriria o trotar de um animal, o corpo de George Campbel se encaminhava para um destino irracional. Longos dedos terminando em garras arrastavam folhas do tapete de olorosas agulhas de pinheiro, enquanto avançava em direção a uma vasta extensão de

água iluminada.

No distante mundo extragaláctico do povo de vermes, George Campbel se movia por entre blocos ciclóticos de alvenaria negra, descendo por longas avenidas guarnecidas de samambaias, enquanto segurava o deus vermelho e redondo.

Houve um grito áspero de animal em meio à vegetação perto do lago iluminado na Terra, onde a mente de uma criatura vermicular ocupava um corpo que se movia por instinto. Dentes humanos cravaram-se em macio pelo animal, rasgaram carne de animal preto. Uma pequena raposa prateada meteu suas garras, numa retaliação frenética, num pulso humano coberto de pele e se debateu aterrorizada, enquanto seu sangue jorrava. Lentamente, o corpo de George Campbel se levantou, a boca manchada pelo sangue fresco. Com os membros superiores agitando-se de um modo estranho, caminhou para as águas do lago.

Enquanto a criatura multiforme que era George Campbel rastejava por entre os blocos negros de pedra, milhares de formas vermiculares se prostraram na névoa cintilante que o precedia. Um poder divino parecia emanar do seu corpo rastejante quando se movia com um movimento lento e ondulante em direção ao trono de um império espiritual que transcenderia todas os potentados da terra.

Um caçador exausto, vagueando por entre as densas florestas da Terra próximo à tenda onde a criatura vermicular ocupara o corpo de George Campbel , veio até as águas iluminadas do lago e discerniu qualquer coisa a boiar ali. Tinha estado perdido na floresta durante toda a noite, e o cansaço já o cobria como uma capa de chumbo sob a luminosidade pálida da lua.

Mas a forma era uma provocação que ele não podia ignorar. Achegando-se à margem, ele se ajoelhou sobre o solo úmido e esticou o braço em direção ao volume flutuante. Lentamente, puxou-o para a terra.

Ao longe, no espaço infinito, a criatura em forma de verme que segurava o deus brilhante e vermelho subia ao trono que luzia como a constelação de Cassiopéia sob uma abóbada de hiper-sóis. A grande deidade que ele segurava no alto energizava seu corpo vermicular, queimando num fogo branco de espiritualidade ultramundana os últimos vestígios de animalidade.

Na Terra, o caçador olhou com horror indizível para a face enegrecida e peluda do afogado. Era uma face bestial, de contornos repulsivamente antropóides, e de sua boca retorcida e deformada escorria uma baba escura.

“Aquele que buscou o seu corpo nos abismos do tempo ocupará uma habitação incontrolável”, disse o deus vermelho. “Ninguém que nasceu em Yekub pode dominar o corpo de um humano.

“Em toda a Terra, criaturas vivas se submetem umas às outras, e se regalam com indescritível crueldade sobre os seus próprios parentes. Nenhuma mente-verme pode controlar um bestial corpo humano quando este decide se libertar. Apenas as mentes dos homens, instintivamente condicionadas através de dez mil gerações, podem conter os instintos humanos. Seu corpo se destruirá a si mesmo na Terra, buscando o sangue de seus semelhantes, buscando a água fria onde possa chafurdar à vontade – buscando sua eventual destruição, pois o instinto de morte é mais poderoso nele do que os instintos de vida, e se destruirá a si mesmo procurando retornar à lama de onde emergiu.”

Assim falou o deus vermelho e redondo de Yekub a George Campbel num longínquo segmento do contínuo espaço-temporal, enquanto este último, purgado de todo desejo humano, se sentou num trono e regeu um império de vermes mais sábia, cordial e bondosamente do que qualquer homem da Terra jamais regeu um império de homens.

- {1} mês das chuvas no calendário adotado durante a Revolução Francesa.
- {2} pintor e gravador francês.
- {3} um dos rios do inferno. Sua água fazia esquecer o passado àqueles que dela bebessem.
- {4} O autor assistiu a este cerco. No dia 9 de outubro de 1813 o conde Lobau refugiou-se com as suas tropas na cidade, que tinha uma guarnição francesa de 25000 homens sob o comando do marechal Gouvion-Saint-Cyr. Um corpo de exército russo, comandado pelo conde de Tolstoi, bloqueou a cidade até 11 de novembro, dia em que os franceses, obrigados pela fome, tiveram de capitular.
- {5} Esmagado quase pela campanha da Rússia, Napoleão, depois das batalhas de Lutzen e de Bautzen, podia ter assinado uma paz honrosa, mas repeliu as condições que o congresso de Praga lhe oferecia e foi vencido em Leipzig pelos aliados que invadiram a França e entraram em Paris.
- {6} Um dos padroeiros da Rússia.